

Peças Teatrais de Raimundo Alberto

- V.1 -

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Dramaturgia Amazônida



Organizadores: Bene Martins, Mailson Soares e Raphael Andrade

PEÇAS TEATRAIS DE RAIMUNDO ALBERTO

ORGANIZADORES
BENE MARTINS, MAILSON SOARES E RAPHAEL ANDRADE



Belém
2025

Copyright © 2025

Autor: Raimundo Alberto. (E-mail: raimundoalberto@gmail.com)

ISBN: (e-book) 978-85-64189-89-9

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)

Gilmar Pereira da Silva (Reitor)

Loiane Prado Verbicaro (Vice-Reitor)

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS- GRADUAÇÃO (PROPESP)

Maria Iracilda da Cunha Sampaio

(Pró-Reitora)

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE (ICA)

Isis de Melo Molinari Antunes (Diretora)

Adriana Valente Azulay (Diretora Adjunta)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES (PPGARTES)

Prof. Dr. Alex Ferreira Damasceno

(Coordenador)

Prof. Dr. Francisco Pereira Smith Júnior

(Vice-Coodenador)

EDITORA PPGARTES*

Prof^a. Dr^a Graziela Ribeiro Baena

(Coordenadora)

Larissa Lima da Silva

(Assistente Editorial)

COMITÊ CIENTÍFICO DA EDITORA

Prof^a. Dr^a. Graziela Ribeiro Baena

(ICA, Universidade Federal do Pará)

(Presidente)

Prof^a. Dr^a. Ana Cláudia do Amaral Leão

(ICA, Universidade Federal do Pará)

**Profª. Drª. Ana Mae Tavares Bastos
Barbosa**
(ECA, Universidade de São Paulo;
Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Afonso Medeiros Souza (ICA,
Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva (FBA,
Universidade do Porto)

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Benedita Afonso Martins
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Larissa Latif Plácido Saré
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Laura Malosetti Costa
(IA, Universidad Nacional San Martin)

Profª. Drª Liliam Cristina Barros Cohen (ICA,
Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Luíza Monteiro e Souza
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª Mayrla Andrade Ferreira dos Santos
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Maria das Vitórias Negreiros do Amaral
(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Profª. Drª. Maria dos Remédios de Brito
(IFCH, Universidade Federal do Pará)

Profª. Drª. Rejane Coutinho
(IA, Universidade Estadual Paulista)

Profª. Drª Simeí de Amorim Santos Andrade
(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof.^a Dr.^a Valzeli Figueira Sampaio
(ICA, Universidade Federal do Pará)

FICHA TÉCNICA DESTA EDIÇÃO:

Projeto Gráfico: Raphael Andrade

Editoração Eletrônica: Heyslanne Lima (bolsista PIBIC) e Raphael Andrade

Foto da Capa: Zacky Barreto

Ficha Catalográfica: Rosemarie de Almeida Costa

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária da ETDUFPA

A334p Alberto, Raimundo
 Peças Teatrais de Raimundo Alberto – v. 1 [recurso eletrônico] /
 Raimundo Alberto; Organizadores Bene Martins, Mailson Soares e
 Raphael Andrade. — Belém: Programa de Pós-Graduação em
 Artes/UFPA, 2025. — (Coleção Teatro do Norte Brasileiro.
 Dramaturgia Amazônida). — Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF;
 300 p.).

 Modo de acesso: Internet
 <http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

 ISBN (E-book) 978-85-64189-89-9

 1. Literatura brasileira - teatro. 2. Teatro brasileiro. 3. Arte e
 pesquisa. I. Martins, Bene, org. II. Soares, Mailson, org. III. Andrade,
 Raphael, org. IV. Título.

CDD – B869.92

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726

SUMÁRIO

ALGUMAS PALAVRAS DO AUTOR	8
PREFÁCIO	10
É TEMPO DE MURICI, CADA UM CUIDE DE SI...	14
MÃE D' ÁGUA	81
OS MANSOS DA TERRA	130
A ÚLTIMA PASTORINHA	163
O CAMPEONATO DOS POMBOS	250
POSFÁCIO	293

ALGUMAS PALAVRAS DO AUTOR

O Teatro é uma arte de carne, suor e emoções, a partir de apenas um ator (como Téspis e sua carroça, considerado o pai do Teatro Grego, ou os monólogos e “stand-ups” em voga, atualmente, em nosso país) mesmo quando, tão somente, sobre “as duas tábuas e uma paixão” de Lope de Vega, o grande clássico do Teatro Espanhol.

Apesar de a Grécia ser considerada seu berço e haver referências anteriores no Antigo Egito, a arte teatral, enquanto manifestação de contar histórias com o corpo e a voz, surgiu, ao meu ver, tal como a Pintura, nas artes rupestres, a Música e a Dança, com os primeiros ancestrais da Humanidade. Ao voltar de uma caçada, tais precursores narravam seus feitos, à tênue luz de uma fogueira, valendo-se de movimentos corporais e de outro instrumento cênico, a mímica.

O texto, naquilo que hoje concebemos como dramaturgia, passou a ser escrito e aprimorado na Antiguidade Grega, que nos legou clássicos até hoje admiráveis, como Édipo Rei ou Antígona de Sófocles, Lisístrata, de Aristófanes, e na Romana, com obras como as de Plauto e Terêncio.

Infelizmente, na dramaturgia nacional, para termos um mínimo de valorização de nosso trabalho (embora, quando empenhados em produzir a melhor obra possível, encaremos um labor metuculoso e extenuante) e, uma vez que, embora um texto possa ser agradável para um certo número de leitores, ele só se complete na encenação, encontramos alguns fatores alheios à própria arte de escrever: achar produtores, atores/atrizes ou diretores/diretoras que produzam, os quais, atraídos pela peça, resolvam encená-la (no que, muitas vezes, não é pela qualidade textual, mas pelo interesse em ter algum retorno desse investimento); o próprio autor valer-se de recursos próprios, patrocínios ou concorrer em editais, para suas próprias encenações; a dependência de algo muito raro em nosso país – a pesquisa de textos nacionais, nos arquivos da SBAT, nas bibliotecas públicas ou de escolas de Teatro; a repetida preferência por autores brasileiros consagrados, como Nelson Rodrigues ou Ariano Suassuna (em que lhes pese o talento e genialidade), ou autores estrangeiros com sucesso em Londres ou New York; um certo preconceito por autores novos ou desconhecidos, duvidosos de sucesso; ou haver poucos projetos de dedicação ao registro da memória cênica nacional.

Portanto, meus profundos agradecimentos à Professora. Bene Martins e à equipe do Projeto de Pesquisa: *Memórias da Dramaturgia Amazônica: construção de acervo dramático*, com a enorme admiração por todo o labor dedicado a este resgate e permanência do memorial dramático da Amazônia, que proporciona nos valer, com este instrumento contemporâneo do e-book, a chance de maior divulgação de nossas obras teatrais.

Raimundo Alberto – 20.08.2025.

PREFÁCIO

ENTRE MITOS, RIOS E VOZES: A DRAMATURGIA AMAZÔNIDA DE RAIMUNDO ALBERTO

Bene Martins [1]

Mailson Soares [2]

Raphael Andrade [3]

Uma vez o Onofre me disse:
“Hina, às vezes eu penso que este país não existe.
Ele é um produto da minha imaginação!”¹

Este prefácio requer uma contextualização do porque estarmos trabalhando na publicação das peças de Raimundo Alberto, ora reunidas em e-book, neste v.1/2024. Primeiro, pela importância dos seus escritos para teatro. Segundo, tivemos o prazer de homenageá-lo no *V Seminário de Dramaturgia Amazônida*, maio de 2014. Evento anual, artístico, acadêmico, iniciado em maio de 2010. Os seminários advêm da principal finalidade do Projeto de *Pesquisa Memórias da Dramaturgia Amazônida: construção de acervo dramático*, qual seja, a de divulgar o acervo e manter a proposta de, a cada ano, prestar homenagem a um ou uma dramaturga, convidar artistas, pesquisadores de fora e de Belém para que, junto ao público, dialoguem sobre dramaturgia em geral. A programação do evento conta, ainda, com lançamento de livros e apresentações de peças teatrais. Nazareno Tourinho, homenageado do Primeiro, puxou o cordão das cortinas para que outros (as) ocupassem o palco e as cenas dos próximos seminários.

Assim o fizemos, o segundo, homenageou Ramon Stergmann; o terceiro, Levi Hall de Moura; o quarto, João de Jesus Paes Loureiro; o quinto, Raimundo Alberto e assim seguimos com a mesma proposta até o X/2024 que homenageou nosso Paulo Faria.

Foi nesse contexto que, em maio de 2014, conheci o dramaturgo, escritor paraense Raimundo Alberto. Ele foi convidado para proferir palestra de abertura do *V Seminário*

¹ Excerto extraído do texto “É tempo de murici, cada um cuide de si...”

de *Dramaturgia Amazônida* e receber nosso reconhecimento por sua obra. A palestra versou sobre *Regionalismos e universalidade do teatro – dos palcos da minha aldeia à ribalta global*. Uma das finalidades do projeto de pesquisa é a de publicar peças do acervo, a começar pelos convidados dos projetos.

Assim, já publicamos obra completa de Nazareno Tourinho; cinco volumes de peças do Ramon Stergmann; obra completa de Levi Hall de Moura e a partir desta publicação, reuniremos em vários volumes a obra do Raimundo Alberto. Vários volumes sim, porque uma das particularidades dos escritores veteranos é a de escrever peças longas, a exemplo das cinco peças reunidas neste v.1/2024. Outras cinco quase prontas no v. 2/2025 e assim seguiremos até chegar ao total, segundo o autor, são mais de quarenta peças de sua autoria. Ufa! Bons tempos em que os homens de teatro conseguiam escrever a mancheias! E, para retomar a epígrafe, fala de personagem da peça *É tempo de murici...*, diríamos que esse país, onde tantos absurdos acontecem, também é riquíssimo, justamente porque nosso imaginário burla as feiuras e nos traz belezas infindas, como o leitor verá nas peças do escritor Raimundo Alberto. Este volume conta, ainda com mais uma homenagem ao autor, no posfácio escrito por outro homem de teatro, nosso ator, diretor teatral, professor, pesquisador, doutor Paulo Santana. Paulo escreveu sobre sua relação de trabalho, amizade e admiração pela produção do amigo, Raimundo Alberto.

As páginas que ora se abrem diante de nós guardam o vigor de uma dramaturgia que pulsa no íntimo da experiência individual e, ao mesmo tempo, se lança na arena coletiva da memória social. O dramaturgo Raimundo Alberto, nestes cinco textos reunidos em seu primeiro volume, nos conduz por percursos em que a vida cotidiana, os mitos e as contradições históricas do Brasil — sobretudo amazônico e urbano — se transfiguram em cena, palavra e canto.

Em *É tempo de murici, cada um cuide de si...*, ergue-se um retrato ácido e tragicômico do lar urbano brasileiro em tempos de consumo, solidão e desencanto.

Entre falas cruzadas, anúncios televisivos e lembranças da fazenda perdida, Gracinda e Honorina encarnam a memória de uma classe em decadência, cercada por invasões materiais e simbólicas que corroem seus afetos e sua dignidade. O humor paródico, atravessado por slogans publicitários e ditos populares, desvela a precariedade de um “lar doce lar” sustentado pela ilusão do progresso, expondo, sob o riso, a crítica social à alienação, à desigualdade e à violência cotidiana *Mãe d’Água*, por sua vez, articula mito, memória e denúncia, inscrevendo-se no entrecruzamento da tradição oral amazônida e da dramaturgia contemporânea. Ao tensionar a figura da Uiara e dos Caruanas com a

experiência histórica da exploração ribeirinha, a obra ergue uma poética de resistência em que o encantamento não é fuga, mas metáfora da sobrevivência e da transformação sócio-cultural-econômica. O canto ritual, a oralidade cabocla e a crítica social entrelaçam-se para criar um teatro que é, ao mesmo tempo, documento da vida ribeirinha e ficção simbólica do imaginário amazônida.

O texto de Os mansos da terra retorna o olhar ao chão, à luta e ao destino dos que sempre foram relegados à margem. A peça, de tessitura social e ética, entrelaça oralidade sertaneja, religiosidade popular e paisagem amazônida para refletir sobre violência, fé e resistência. Em personagens arquetipos, como o jagunço Manecão Serafim, o convertido Ribamar/Zé de Riba e a insurgente Denora, emergem as contradições do Brasil profundo, marcado pelo coronelismo, a luta pela terra e pela promessa de justiça, sempre adiada. Cordel, tragédia e auto bíblico convivem nesse texto, em que a palavra se alterna entre faca e oração, entre dilúvio e seca, tensionando os limites entre guerra e paz.

Em *A Última Pastorinha*, o autor recria a tradição dos autos natalinos, fundindo canto, dança e fé em uma dramaturgia popular que alterna solenidade e comicidade. As pastoras, em coro, oferecem flores e louvores ao Menino Jesus, enquanto a figura de Pipira introduz o riso e a imperfeição como parte da devoção. O refrão repetido transforma a cena em ladainha encenada, reforçando o caráter ritual e comunitário. A peça torna-se, assim, celebração religiosa e invenção estética, documento de memória e poética coletiva, reafirmando a vitalidade do teatro popular brasileiro que congrega fé, festa e humanidade. Por fim, em *O Campeonato dos Pombos* (1973), Raimundo Alberto oferece uma fábula musical que, sob a fantasia de aves em competição, revela metáforas de um Brasil diverso e contraditório. Entre sátiras, paródias e danças populares, a peça convida o público infantil a rir das vaidades e farsas, ao mesmo tempo em que valoriza a coragem humilde da pombinha Diacuí, símbolo de resistência e esperança. Mais que um torneio aéreo, trata-se de um voo coletivo em que o teatro se torna mensagem de amizade, solidariedade e crítica social.

Reunidos neste primeiro volume, esses cinco textos compõem não apenas um conjunto dramático, mas um amplo e variado mosaico cultural de nosso tempo.

Entre o mito e a política, entre a memória e a denúncia, Raimundo Alberto nos convoca a olhar para dentro e para fora, para a cena teatral e para a vida. Sua escrita é ato de resistência e de beleza, gesto de quem transforma a experiência histórica em poesia teatral.

Que este livro não seja lido apenas como registro, mas como chamado: que suas peças inspirem novas encenações, novos olhares e novas perguntas. Pois, como nos sussurra o próprio saber do teatro, a vida só se renova quando ousamos colocá-la em cena.

Nota 1

Bene Martins é Professora titular da UFPA. Possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná e Pará (1987), mestrado em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997) e doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Pós-doutorado em Estudos de Teatro, 2016, Universidade de Lisboa-PT. É professora da Faculdade de Dança; do Programa de Pós-graduação em Artes (Ppgartes), da Universidade Federal do Pará. Atua, principalmente, nos seguintes temas: memória, aspectos culturais da Amazônia, identidades, imaginário, trocas interculturais, produção textual para cena, leituras dramatizadas, dramaturgia, avaliadora de peças/roteiros de minisséries televisivas. Coordenadora do Projeto de Pesquisa: *Memórias da dramaturgia amazônida: construção do acervo dramaturgico*. Organizadora da obra completa: Peças Teatrais de Nazareno Tourinho, 2014; da coletânea Teatro do Pará, 2015, entre outras publicações oriundas do projeto. Estágio pós-doutoral em Lisboa, realizado com apoio CAPES. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Artes (Ppgartes) UFPA (Dezembro/2016 a maio/2017). Coordenadora do projeto de pesquisa: *Dramaturgias da dança e estudos do corpo*, 2022, e do projeto de extensão: Acervo de críticas cinematográficas. In: Coleção Memórias da cinefilia amazônida (2022 a 2024). E-mail: behneafonso@gmail.com

Nota 2

Mailson de Moraes Soares é doutorando em Letras (UFPA). Mestre em Educação (UEPA). Membro da Coordenadoria de Residências Estudantis da UFPA. Ator e cenógrafo formado pela ETDUFPA. Diretor teatral e dramaturgo, colaborador do Projeto de Pesquisa "Memórias da Dramaturgia amazônida: construção de acervo dramaturgico (UFPA). Membro do Núcleo de Pesquisa CUMA - Cultura e Memórias amazônicas (UEPA). Membro do Grupo de Pesquisa NARRARES - Narrativas de Residência (UFPA); pesquisador da cultura afro-brasileira e dramaturgia amazônida. E-mail: mailson17ator@gmail.com

Nota 3

Raphael Andrade é Multiartista, professor das artes e pesquisador Amazônida. Doutorando e mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes ICA/UFPA), sob financiamento da CAPES. Integra a linha de pesquisa Interfaces Epistêmicas em Artes, na qual articula saberes performáticos, práticas devocionais e epistemologias periféricas. Detém quatro especializações lato sensu. Graduiu-se em Licenciatura em Teatro (UFPA, 2019) e é egresso do Curso Técnico em Ator, no eixo de Produção Cultural e Design (ETDUFPA, 2017). Atua na educação básica como docente de Artes e Atendimento Educacional Especializado (AEE), articulando acessibilidade, estética e formação sensível. É fundador, diretor artístico e produtor cultural do Grupo Âmbar de Arte e Cultura, núcleo transdisciplinar de investigação e criação que opera nas fronteiras entre teatro, re-performance, intervenção urbana e visualidades sagradas. É autor dos livros *Crítica Teatral (In)convencional* (2023), *Iconografia Teatral/Performática Amazônida* (2023), *O Sagrado Dissidente* (2024) e *Crítica Teatral (In)convencional - dez anos depois* (2025), cujas obras constelam narrativas iconográficas e críticas insurgentes sobre a cena e a fé na Amazônia. Realizou incursões investigativas e intervenções urbanas em Belém, São Paulo, Portugal, Itália e Vaticano. Em 2021, representou a UFPA na Université Paris 8 de Vincennes em Saint-Denis, em intercâmbio voltado à hibridização teórico-performativa e à insurgência de epistemes outras no campo das artes. E-mail: 7.andrade@gmail.com

**É TEMPO DE MURICI,
CADA UM CUIDE DE
SI...**

É TEMPO DE MURICI, CADA UM CUIDE DE SI...²

1972

Drama em dois atos

PERSONAGENS

Gracinda
Honorina
Onofre

e, em possível revezamento de papéis:

Abut
Korv
Uru
Convidados da festa (05)
Jornalista de TV
Severino do Olho
Cantor de rock and roll
Garota-propaganda
Passageiros de coletivo (05)
Cláudia Dolores
Câmera man
Animador de auditório
Candidato na TV
Candidata na TV
Martha de Sweetheart
Atriz de telenovela
Ator de telenovela (mesmo ator de Onofre)
Paquera
Colegas do banco (02)
Sálvio Anjos
Entrevistadora
Jornalista de TV 2
Foliões do final (05)
Índios (03)

² Rio, julho de 1971 a setembro de 1972.

Revista em abril de 1981 e, com mínimas alterações dramáticas e textuais, para a presente edição, em julho de 2025.

AÇÃO

Rio de Janeiro. Década de 70 do século XX.

CENÁRIO

O Autor sugere que a maior parte dos móveis, utensílios e objetos (cama, geladeira, quadros etc.), excetuando os absolutamente necessários, como mesas e cadeiras, sejam representados por meros painéis, panos, peças de telão, isopor ou similares, tudo pintado em uma só dimensão. O aparelho de TV, porém, será um retângulo, com moldura e tela de fundo falso, de dimensões com pelo menos 2m de altura por 1m de largura. Bastante criatividade, enfim, que evidencie uma impoção não realista da montagem e sirva, não só para agilização e ritmo do espetáculo, quanto para mobilidade às ações de ABUT, KORV e USU, os personagens “abutres”.

NOTA DO AUTOR

Meados de 1971. Na maravilhosa cidade do Rio de Janeiro, um jornal marrom publicava o caso da moça que envenenou sua mãe e a si própria, porque ambas se achavam na total miséria, apesar de estarmos em plena fase do chamado “milagre brasileiro”, tão noticiado pela mídia governista, quanto falso na realidade econômica e social em vigor (*).

Esta peça já existia na cabeça e nas anotações, inclusive a mini ceia do penúltimo quadro, quando um fato da vida real veio imitar a minha arte: uma rica senhora, na “Noite Feliz”, após preparar uma ceia solitária, resolveu se atirar do seu apartamento sobre o asfalto da avenida. Escapou apenas com uma perna quebrada e ainda pediu cigarro, aos atônitos espectadores.

O texto reflete muito das minhas inquietações políticas, sociais e existenciais neste atual contexto histórico. O personagem ONOFRE, embora totalmente fruto da minha imaginação e de algumas vivências, tem muito a ver comigo, espécie de alterego não completo, mas bem pleno de mim, nesta época em que “realmente vivemos em tempos sombrios” (Bertold Brecht). A peça busca retratar a realidade do nosso Tempo, o cotidiano mal vivido que nos leva a questionar, a cada instante: por quê?

O Autor.

Rio de Janeiro, 16/09/1972.

Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), infelizmente apoiada por quase toda a Mídia, pelo Empresariado nacional e estrangeiro e parte do povo de então.
(Nota do Autor – julho de 2025).

SINOPSE

Drama, com alguns momentos de humor, sátira e realismo mágico, enfoca a história de GRACINDA, rica descendente de fazendeiro, e sua filha solteirona, HONORINA, as quais, alguns anos após suas vindas para o Rio de Janeiro, vão empobrecendo cada vez mais, até à miséria e consequente solidão. O bem mais precioso para elas é um aparelho de TV, batizado de Medusa Regina, adquirido em crediário e com muitas prestações inadimplentes, por meio da qual elas realizam interações mágicas e delirantes. ONOFRE, um colega de trabalho de HONORINA, que odeia o Sistema vigente, ainda mais quando este é a base da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), é o último elo de amizade entre as duas mulheres e a sociedade.

Para possível aproveitamento, em eventual encenação

“Os naturais da terra são gente que nenhum conhecimento têm de Deus, nem de ídolos e nada sabem da Glória nem de inferno, acreditando eles que, depois de mortos, vão descansar em um bom lugar. Um dos defeitos desses aborígenes é não terem Rei a quem obedeçam, nem moradia certa. De seu natural, não são muito domésticos e são ainda rudes, incultos e inclinados sempre para o pecado e a sensualidade. Comem carne humana, matam seus contrários e têm muitas mulheres. São também muito contínuos em seus vinhos. São inconstantes no começado e lhes falta temor e sujeição. São dóceis, todavia, quando com não muitos discursos, facilmente se lhes meterá algo na cabeça, e que não sejam, sobretudo, os maus costumes e os maus exemplos de uns tantos degredados de Além-Mar para esta colônia. Matam os seus adversários sem crueldade e se o fazem, é pelo exemplo dos franceses e dos portugueses. Amam os seus filhos, embora não lhes deixe herança. São benfazejos e caritativos e todos que lhes entram em casa, comem com eles sem lhes dizer nada... (...) “Só fazem a guerra por vingança e ódio, nunca pela cobiça, pois desconhecem a propriedade, já que vivem da caça, da pesca e do que a terra dá...”

(Trecho de relatos de jesuítas no Brasil, então Pindorama, século XVI).

Esta peça só poderá ser encenada, no todo ou em partes, com anuência do Autor ou de seus representantes legais, via SBAT – SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES.

ATO I

(Uma vela reduz o mundo a uma esteira e duas cuias pintadas. Penumbra em volta. Honorina acaricia os cabelos de sua mãe. Ambas vestem camisolos brancos, encardidos e remendados, mas comungam sorrisos de ternura. Tim tim. Erguem as cabaças aos lábios e, justo quando vão sorver o conteúdo, o silêncio é violentamente quebrado pelo som de uma cuica. Seguem-se tambores, pandeiros, ruídos de trânsito lá fora. Luz. Enquanto as duas atrizes se preparam, com figurinos normais, para uma recepção doméstica, entram os demais atores, com máscaras (parciais ou inteiras) e figurinos bizarros, não realistas. Dançam e cantam, trazendo móveis e objetos para compor o cenário.)

TODOS

Manda o choro para escanteio / hoje é dia de brincar
não dá bolas à tristeza / a alegria vai ganhar.

Se tu hoje és artilheiro / amanhã podes não ter
nem a bola pra jogar / nem o time pra vencer.

Manda o choro pra escanteio, etc...

(Os móveis e utensílios, a maioria apenas pintada numa só dimensão, são arrumados de maneira não convencional, um amontoado de coisas sem nexos, formando uma verdadeira gruta a circundar as pessoas. Compõem um apartamento de classe média, com tapetes de leão ou cisnes na parede, ao lado de medíocres paisagens acadêmicas, cristaleira, pinguins sobre o refrigerador, flores de plásticos por toda parte. Em destaque, um enorme aparelho de TV, envolvido em papel celofane e fitas cor-de-rosa, cujo vídeo é largo e da altura de uma porta comum. De um lado do palco, de cima a baixo, um carnê gigante – “Mundo Colorido” – faz propaganda de um crediário a longo prazo. De outro, um talonário de igual estatura, a “Arca da Felicidade”).

CENA 1

É TEMPO DE MURICI, CADA UM CUIDE DE SI

(Gracinda se refestela numa cadeira de balanço antiga, dessas comuns em varanda de fazenda. Vários convidados conversam, em papos cruzados, paralelos, ou simultâneos.)

CONVIDADO 1

O seu apê é uma gracinha, Gracinda. Sem trocadilhos, hi, hi, hi.

GRACINDA

Obrigada, gente. Mas ainda falta tanta coisa. Sabe como é, só eu e a Honorina...

HONORINA

Aceita um quindim? Já provou dos pasteizinhos?

CONVIDADO 1

Vocês tiveram muito bom gosto. Contrataram algum decorador?

CONVIDADO 2

Huum. Posso pegar mais um?

HONORINA

Nada, nós mesmas é que arranjamos tudo. Sozinhas!

GRACINDA

Do jeito como está a vida, quem não tem cão, caça com gato.

GRACINDA

Não somos ricas, mas temos o bastante, graças a Deus, para manter o nosso nível!

CONVIDADO 4

Por que vocês não contratam a “*Home, Sweet Home*”? “Nós temos aqueles móveis que estão faltando em sua sala. As Casas Telerrio tem de tudo...” “

CONVIDADO 2

Meninas não têm complexo de castração. Isso é conversa do Freud.

HONORINA

Pior mesmo é a castração mental!

CONVIDADO 4

“De tudo que vocês vão adorar: sofá de plástico rosa-*shocking*, braços com frisos dourados...”

CONVIDADO 5

Tem muitas pessoas que sofrem desse mal, não é?

CONVIDADO 2

Fiz cinco anos de análise. Me sinto mais louca do que nunca!

CONVIDADO 1

Essa nova geração é fogo!

CONVIDADO 5

É preciso ter pulso firme! Não há progresso sem ordem!

GRACINDA

Infelizmente, palmatória e milho no chão, já não dá mais...

CONVIDADO 5

É preciso voltarmos aos antigos padrões morais!

CONVIDADO 2

Eu não sou concreta. Nada disso aqui é concreto. O próprio Universo não é...

CONVIDADO 1

Minha filha é tão estudiosa, mas... não entendo. Não quer saber de namorados!

GRACINDA

Pois dê graças a Deus! Do jeito que as moças estão hoje em dia...

CONVIDADO 1

É mesmo, já não tem água que lave!

GRACINDA

Imagine que a filha da Dona... (*Cochichos*) ... pois foi, naquela festa... saiu até nos jornais... na casa daquele cantor...

CONVIDADO 1

(*Cochichos*)... Dizem que serviam até maconha com os salgadinhos!

GRACINDA

Que horror! Inclusive... (*Cochichos*)

CONVIDADO 2

Eu vivo me questionando: este mundo é absurdo ou mágico?

HONORINA

Um amigo meu, o Onofre... ele me falou, um dia desses: “tem muita criança morrendo de fome, no mundo. Será que isso é mágico?”

CONVIDADO 3

Quer dizer, então, que o mundo é absurdo?

GRACINDA

Um absurdo, gente, um preço absurdo! Só vocês vendo...

HONORINA

Uma vez o Onofre me disse: “Hina, às vezes eu penso que este país não existe. Ele é um produto da minha imaginação!” (*Honorina vai trocar o disco. Barulho de carro freando. Buzinas.*) Por mim, a gente se mudava para um bairro mais sossegado... Mas a Mamãe preferiu aqui. E eu procuro sempre fazer todas as vontades dela...

CONVIDADO 1

Mãe, só temos uma!

CONVIDADO 3

E a senhora ainda acha pouco?

GRACINDA

O jornal da TV não para de falar nessa tal de poluição sonora”...

HONORINA

Po-lu-i-ção, mamãe.

CONVIDADO 1

Numa cidade grande, não se tem paz nem pra dormir...

GRACINDA

É a “poluição” noturna...

HONORINA

Po-lu-i-ção, mamãe! (*Só para ela*) Poluição é outra coisa.

CONVIDADO 1

E à noite, ninguém obedece àquela tal de lei da descarga...

CONVIDADO 5

Que lei, Madame?

CONVIDADO 1

O senhor não sabe? Depois das 22 horas, é proibido até descarga de banheiro.

CONVIDADO 3

E não há uma lei que proteja o olfato contra o cheiro da mer...? (*Olhares de reprovação*). Das fezes?

GRACINDA

Por isso que eu gostava lá da fazenda. A única coisa que me perturbava eram os urubus...

HONORINA

Mamãe, por favor...

CONVIDADO 1

É. Quando ela começa a falar na fazenda, já viu. Não para mais.

CONVIDADO 3

Que bobagem isso de “retorno à vida campestre”...

CONVIDADO 5

Insensatez! O Homem deve, positivamente, ser responsável pelo progresso e...

CONVIDADO 2

Perdão, Doutor: o progresso deve estar a serviço do Homem ou é o contrário?

CONVIDADO 5

O que falta no mundo é um pouco mais de ordem e disciplina.

GRACINDA

O senhor, agora, falou pouco, mas falou bonito!

CONVIDADO 2

O senhor não acha que a reconquista da natureza pura, segundo o filósofo...

HONORINA

Aceita uma torta de chocolate?

GRACINDA

Quando eu me lembro da fazenda de meu pai... Tenho até medo de chorar e não parar mais!

HONORINA

Por favor, Mamãe, controle-se. Tome os seus remédios (*Vai buscar vários frascos diferentes e enche a mãe de comprimidos*).

GRACINDA

Estão vendo aquele relógio?

CONVIDADOS

Bacana! / Hoje em dia deve custar... / Chocante, pô! / Lindo, lindo, lindo! / Etc.

GRACINDA

Foi ainda o meu avô que trouxe de Portugal. Papai me deu de presente, no dia do meu casamento com o Silveira.

HONORINA

Era lá da fazenda.

GRACINDA

Aquilo sim é que era paz!

HONORINA

O casarão enorme, com suas varandas coloniais..

GRACINDA

Salas que só se abriam nos dias de festa, visita ou novena...

HONORINA

Os jardins da Vovó... A horta, o pomar...

GRACINDA

O cacau, o bananal, o canavial...

HONORINA

“Oh que saudades que eu tenho / da aurora da minha vida...”

GRACINDA

Aquelas coalhadas maravilhosas, aqueles queijos...

HONORINA

“Da minha infância querida / que os anos não trazem mais!”

GRACINDA

Mas o Silveira tocou pau em tudo! Andar de caranguejo é que foi nosso destino.

HONORINA

Papai não suportava a fazenda...

GRACINDA

Só vivia na cidade, fazendo seresta, que nem um rapazinho... Até que passaram a conversa nele e vendeu as terras para uns gringos, barato de fazer dó.

HONORINA

Quando viemos pra cá, eu ainda era tão jovem...

GRACINDA

“É o progresso, Gracinda. O tempo agora é de se montar indústrias, ver as fábricas soltando a sua fumaça...”Mas o que virou fumaça, mesmo, foi o nosso dinheiro!

HONORINA

Os gringos acertaram que parte do pagamento ia ser feito em mercadorias...

GRACINDA

Mas quando chegaram as primeiras caixas e fomos abrir, vimos que tudo não passava de ...

HONORINA

Io-iôs. E copos de celulóide...

GRACINDA

E o safado do Silveira acabou nos cassinos.

HONORINA

Morreu em pleno pôquer, no Quitandinha.

GRACINDA

Pois foi. Só chegou a notícia. E quase que me entregam ele nu...

CONVIDADO 2

Nu? Só com uma folha de parreira? Desculpe. Veio na cuca...

GRACINDA

Maridos ruins não merecem flores! Agora estou aqui, com essa doença que não mata, mas não me deixa voltar a ser o que eu era, tão ativa, tão despachada...

HONORINA

Mamãe, por favor! Tome mais estes. *(Outros frascos de remédios).*

GRACINDA

Sou um peso para a minha filha!

HONORINA

Mamãe, não diga isso. Nosso Senhor não há de gostar de ouvir a senhora...

GRACINDA

Tomara que ele me leve! Para aliviar você desse fardo...

HONORINA

Mamãe, a senhora é tudo pra mim! *(Cobre a mãe de beijos. Declama)* “Quando eu era pequenina / do tamanho de um botão / trazia papai no bolso / e mamãe no coração”.

CONVIDADO 5

Positivamente, é difícil ver filhos assim, hoje em dia!

CONVIDADO 1

É, Doutor, a gente só ouve dizer “é tempo de murici, cada um cuide de si!”

(Badaladas do relógio. Sem serem notados, entram, Abut, Korv e Uru. Vestem fraques negros e as pregas em seus rostos, mais a maneira de andar, fazem-nos parecer três urubus. E é como tal que ficam trepados em cima dos móveis, numa postura de espreita, após fazerem uma rápida vistoria pelo recinto.)

CONVIDADO 5

Caríssimas senhoras (ô), meus caros senhores...

CONVIDADO 1

Discurso! Discurso! Discurso!

CONVIDADO 5

Para os salutares júbilos de Madame Gracinda Soares do Amaral...

GRACINDA

E Silveira.

CONVIDADO 5

E sua dileta filha, senhorita Honorina, nesta noite memoriosa, eis que elas acabam de ser contempladas no consórcio ... no consórcio...

HONORINA

“Mundo Colorido”.

CONVIDADO 5

Com esse magnífico aparelho, essa primazia do progresso tecnológico! E agora, Madame Gracinda nos dará o prazer ...

(Palmas. O doutor segura a anfitriã pelo braço e esta, emocionadíssima, desata o lacinho cor-de-rosa. Honorina liga a TV)

GRACINDA

(Beija Honorina) Oh, minha filha, nem sei como posso conter as lágrimas!

(Por todo o palco sucedem-se “slides” publicitários, que se repetem. Euforia. Tim tim.)

CONVIDADO 3

Bravos, bravíssimo! Admirável mundo novo da eletrônica, da supersônica, da estereofônica!

CONVIDADO 5

Da cibernética!

CONVIDADO 4

Uma aldeia global!

CONVIDADO 1

O mundo em sua casa.

CONVIDADO 2

Uma curtição! Uma barra legal!

CONVIDADO 5

TV também é cultura! TV é civilização!

HONORINA

Puxa, minha gente, estou tão emocionada.

GRACINDA

Ah, um lar sem TV é... é...

HONORINA

Como um bebê sem mãe!

CONVIDADO 5

Uma pátria sem bandeira!

CONVIDADO 4

Uma lanterna sem pilhas!

CONVIDADO 3

Uma guitarra sem cordas!

CONVIDADO 1

Um coração sem amor!

GRACINDA

É minha gente, uma casa sem TV não será nunca, nunca...

TODOS

(Reunidos para um álbum de família) Um lar doce lar!

(Durante esses momentos de grande emoção, Abut, Korv e Uru levam o relógio. Apenas Gracinda os surpreende e cai num “oh” mudo e sem ação.)

OS DEMAIS

Que foi? / Por que a senhora... / O que aconteceu? / Etc...

(A uma indicação de seus olhos, os demais percebem a ausência do relógio. De repente, cada um verifica se o seu também não foi roubado e começa a se afastar em direção da saída.)

HONORINA

Não foi nada, não, gente. Por favor, não vão embora. Mãezinha, não chore. Em boa hora, Deus melhora. O importante é estarmos aqui, juntos, alegres e com saúde... *(Os demais se distanciam, como que flutuando, num sonho).*

CONVIDADO 5

Até breve! Grato pelos acepipes!

CONVIDADO 1

“Sua casa serve bem, à beeessa”!

CONVIDADO 4

Obrigado, pelas 999 calorias a mais...

CONVIDADO 2

Um barato, podes crer.

CONVIDADO 3

Nem tenho palavras. Obrigado.

GRACINDA

Tchauzinho. Apareçam sempre.

HONORINA

Já sabem o caminho.

GRACINDA

A porta está sempre aberta.

HONORINA

E o coração também. *(Restam somente ela e sua mãe).* Pena que o Onofre não tenha vindo.

GRACINDA

Foi ainda o meu avô que trouxe de Portugal ...

(Ajoelham-se diante da TV. Honorina reza um terço. Gracinda devaneia.)

HONORINA

Creio eu Deus Padre, todo poderoso...

GRACINDA

Gente, como eu, tem sempre tanto gosto pelas coisas que se compra, se junta ou se ganha e, um dia acaba perdendo tudo, sem nem saber por quê! O que eu queria mesmo, agora, era atravessar a tela dessa TV e me perder para sempre, no meio dessas imagens coloridas!

CENA 2

“QUEM NÃO CUIDA DE SI, FIAU, BABAU!”

(Notam-se alguns desfalques na sala. Gracinda espia pela janela. Honorina enfeita a TV com flores.)

JORNALISTA DE TV

Esta notícia vai deixar muita gente de olho no Senhor Severino Antônio da Silva. Ele está oferecendo uma de suas pupilas a quem estiver interessado em transplantes de córnea. Por que motivo, Seu Severino?

SEVERINO

É que os meus fios tá doente, minha mulé tá de barriga e o jeito que tem é vê se aparece um compradô, a mode me dar o menos uns três contos de réis ...
(Honorina desliga a TV)

GRACINDA

E “Do mundo nada se leva”? Não é hoje o primeiro capítulo?

HONORINA

Depois a gente liga. Parece que vão repetir o final de “Sentimento de Culpa”. E o Otávio, hem! Ainda bem que acabou ficando com a Soninha, apesar de saber que ela já não era mais virgem.

GRACINDA

Será que “eles” ainda vêm hoje, minha filha?

HONORINA

Acho que não. As coisas estão melhorando. Deus não vai nos desamparar. *(Vai atender o telefone. Hesita. Por fim)* Alô. Alô. Desligaram.

GRACINDA

São “eles”. Posso jurar que são “eles”!

HONORINA

Mas o que é mais que eles querem? Afinal, é questão de tempo! *(Dirige-se a um dos carnês)* A gente vai liquidar tudo!

GRACINDA

Mas é o nosso tempo que está sendo liquidado. E você sabe muito bem que, “quem não cuida de si, fiauí, babau!” *(Polegar na boca e os outros dedos abanando).*

HONORINA

Não fique assim. Tudo vai melhorar, a senhora vai ver! *(Trrrrim. Suspense).* Será que são “eles”? *(Ambas vão atender. Ninguém).* Foi no vizinho.

GRACINDA

É nessas horas que faz falta um marido. Mas ah! Se o Silveira fosse vivo, era capaz de fazer eu morrer mais depressa!

HONORINA

A senhora devia ter mais fé e esperança ...

GRACINDA

Você diz isso, porque nem chegou a ter uma mocidade como a minha. Cada domingo, um vestido novo para ir à Missa. Duas viagens de navio à Europa. Veneza. Paris. O Vaticano! Maldito o dia em que me casei com aquele canalha, patife, vagabundo...

HONORINA

Mamãe, controle-se.

GRACINDA

Aquele filho da... filho de uma égua do Silveira! Desculpe, filha, mas o seu pai era mesmo um irresponsável! *(Campainha. Novo suspense)*. Devem ser eles. Tenho certeza. Que inferno dos diabos!

HONORINA

(Resolve abrir a porta) Onofre! Seja bem vindo. Por que não veio à nossa festinha?

ONOFRE

Bem, é que eu...

(Onofre vem de camisa social e gravata frouxa, paletó nos braços. É ainda bem jovem. Imediatamente, atrás dele, sorrateiros, entram Abut, Korv e Uru que, sem serem vistos, caminham com passos de vilão de desenho animado. Vasculham toda a casa, observando, procurando, inventariando.)

GRACINDA

Ah, Onofre, estou tão nervosa! A Tia Faustina, coitada...

HONORINA

Hoje eu nem fui trabalhar. O que disseram, lá no Banco?

GRACINDA

Está com 97 anos, mas sempre foi tão lúcida. Na última carta que ela mandou...

ONOFRE

Nada. Disseram apenas que vão despedir muita gente. Por causa da automação.

GRACINDA

Só quero ver quem vai herdar tudo aquilo. Só a quinta, lá em Trás-os-Montes...

ONOFRE

É o avanço tecnológico. A mecanização.

HONORINA

Ainda bem que eu fiz opção pelo fundo. O Gerente que me aconselhou.

ONOFRE

Eles gostam de você: séria, compenetrada...

HONORINA

É porque aquelas garotas... sabe, eu tive outra educação.

GRACINDA

Uai, mas claro que elas nem podem se comparar com você! Nós somos gente de posição, sabemos de onde viemos! Veja só a Tia Faustina: ela descende diretamente do Visconde de... como era mesmo, Hina?

HONORINA

Não me lembro, Mamãe.

ONOFRE

(Para Honorina) Visconde de Sabugosa? *(Ambos riem. Honorina vai ligar a TV. Um cantor de rock se contorce e se recontorce na tela)*. Está melhor de saúde, dona Gracinda?

GRACINDA

Um pouquinho, obrigada. Quem é que pode estar bem, no mundo de hoje? Esta vida é um vale de lágrimas!

ONOFRE

É por isso que, às vezes, me dá vontade de sumir de vez deste vale!

HONORINA

Onofre, que horror! Pois olha, eu, nem em pensamento!

GRACINDA

Só Deus tem o direito de ...

ONOFRE

Brincadeira. Há sempre uma saída. E eu vim justamente dizer a vocês que vou-me embora. Para a Austrália.

GRACINDA

Austrália? Credo, isso não fica perto da Rússia comunista? *(Benze-se)*

HONORINA

Você sempre com essa conversa de ir-s' embora...

ONOFRE

Mas desta vez é pra valer. O dólar australiano está altíssimo. Pagam muito bem. Estou me virando com os papéis, passaporte, tudo...Passei até a morar numa vaga. Seis caras num quarto só! Por falar nisso, um deles, o Bigode...

HONORINA

Bigode?

ONOFRE

Pedro Bigode. Sumiu e ninguém sabe como. Ele é tão estranho. Os olhos dele têm um fogo que não acaba nunca! E às vezes parecem duas mãos querendo sair das órbitas, para nos agarrar e convencer que o mundo é o que é, o que nos cabe é lutar para transformá-lo...

HONORINA

Mas como ele sumiu?

ONOFRE

Um dia desses, ele saiu só de short, com o cãozinho da senhoria. O cãozinho voltou só. O Pedro nunca mais!

HONORINA

Como é que pode, as pessoas sumirem assim, de circulação...

GRACINDA

Às vezes, quando menos se espera, lá vem a notícia; algum conhecido da gente morreu e já faz mais de um ano!

HONORINA

E nós nem fomos à missa do sétimo dia!

ONOFRE

Mas o Bigode, não se sabe nem se morreu. Ficaram lá no quarto as roupas dele, alguns livros e uma pequena caixa lacrada, escrito assim: "Pessoal". Tratei logo de esconder essa caixa, até que ele apareça de novo.

GRACINDA

Não se meta em confusão, meu rapaz! Essa juventude, hoje... andam todos de cabeça virada.

CANTOR DE ROCK AND ROLL

(Na tela da TV) “Ando meio desligado / já não sinto os meus pés no chão...”

ONOFRE

Dizem por aí, pelo mundo, que é a Era de Aquário! Tempo de flores e de paz... Aqui, em nosso país, é tempo de espinhos e falta de liberda...

HONORINA

Shiu, Onofre. “Matos têm olhos, paredes têm ouvidos”.

GRACINDA

Nada disso, meu rapaz. Tempo de murici, isso é que é! Cada um cuide de si!

HONORINA

Você pensa demais. Hoje em dia...

ONOFRE

Hoje em dia todos dizem...*Pensar pra quê, pô? O barato, bicho, é estar na onda, sacou? Quem não saca a minha, nem tá na minha, é careta, bicho, podes crer! E eita breziliusse!* As mesmas músicas importadas, o mesmo vocabulário de gírias... E a volta da Democracia, sabe lá quando!

HONORINA

Shiiiu, Onofre. Todo cuidado é pouco.

GRACINDA

E gritar, só faz ficar rouco.

HONORINA

Pois eu acho bacana os jovens...

GRACINDA

Uma perdição! Dizem que já não existe mais namoro. Essas meninas, cedo, cedo, já... já fazem o que não devem.

HONORINA

Mas Mamãe!, deixa elas aproveitarem a mocidade. Eu é que não posso fazer o que elas fazem...

GRACINDA

Honorina!!! Nem eu deixava! Só se passasse por cima do meu cadáver!

HONORINA

Nem todos os jovens têm boa vida, Mamãe. O Onofre, por exemplo, ele trabalha desde...

ONOFRE

É a sobrevivência: a gente se levanta cedo e sai de casa às oito da manhã. Outros até mais cedo.

HONORINA

Passamos nove horas lá no Centro. E quem mora no subúrbio, só chega de volta às oito, nove da noite...

ONOFRE

Muitos ainda vão para o curso noturno... e a gente só sabe do mundo pelas manchetes dos jornais, abertos nas bancas...

HONORINA

A gente luta pela vida...

ONOFRE

Esta é a grande diferença entre nós e aqueles que vivem só pra curtir. Mas eles esquecem que nós somos os braços e as cabeças do sistema. Se todos nós relaxarmos os braços e os neurônios, a máquina para... e adeus, curtição!

HONORINA

Mas não fique assim, tão nervoso...

ONOFRE

É que eu sinto uma tremenda angústia, como se fosse um cipó em volta do meu ego, me sugando, me sufocando... Eu sei que tem gente roubando a minha seiva.

GRACINDA

E eu sinto que tem gente roubando as minhas coisas!

(Honorina desliga a TV. Some o cantor. Ao fundo, Abut, Korv e Uru fazem a maior algazarra, com gritinhos, risos e falas ininteligíveis.)

HONORINA

Uai, Mamãe, Deus nos dará tudo de volta.

ONOFRE

Quem me dera ser um vulcão! Aí eu botava pra fora uma porção de brasas e lavas, cuspia todas essas perguntas que me consomem e que eu ...

GRACINDA

Credo, meu rapaz. Acho até muito bom, no Brasil, não ter nenhum vulcão...

ONOFRE

É. Tudo manso e frio... mas por que há tantas cinzas no céu? É do lixo que se queima? Ou do luxo que nos requeima?

HONORINA

Onofre! Por que você está assim, tão perturbado?

GRACINDA

Será que ele bebeu? Vou já buscar um cafezinho sem açúcar!

ONOFRE

O melhor mesmo é eu me mandar, pra bem longe! Lá na Austrália, a gente ganha muito dinheiro. Vai ser trabalho braçal, mas...

GRACINDA

Tenha juízo, Onofre! Logo você, um rapaz tão fino...

ONOFRE

Hoje, calos na cabeça; amanhã, calos nas mãos ... O que eu quero mesmo é dar a volta ao mundo, em busca da Verdade. E um belo dia voltar rico, milionário! Talvez até eu monte uma indústria. Em nossa civilização, a gente industrializa tudo, não é? Até sentimentos ... Ou então, outro ramo... deixa eu ver...

HONORINA

Onofre... Hei, volta à Terra! Olha pra mim. E qual seria o outro ramo?

ONOFRE

Bem, eu podia montar, por exemplo, um serviço de carpideiras. Igualzinho como na Grécia ou no Egito antigo. “Ricos sem amor! Funcionários públicos solitários! Não se enterrem sem lágrimas!” Vou empregar todas as pessoas pobres, essas mulheres nordestinas que ficam por aí, pelas ruas do Centro, com os filhos debaixo do braço: “*Moço, me dá uma esmolinha pela caridade, pra esse pobre inocente!*” Vai ser um negócio e tanto!

HONORINA

Que horror!, Onofre. Você está falando sério mesmo?

(Gracinda traz o cafezinho. Os três abutres surrupiam a bandeja.)

GRACINDA

Onofre, você até hoje não se acostumou com a cidade grande. Confesso que eu também, apesar de...

HONORINA

Você nunca pensou em voltar para a sua...

ONOFRE

Minha cidade, hoje, também está cercada pelas torres de TV! Sabe o que é a província, hoje em dia? Miniatura de todo o mau gosto da metrópole! Xaxado de pé no chão virou forró eletrônico! Carimbó se dança com guitarra elétrica...

HONORINA

Você não está fugindo de alguma coisa? De você mesmo, quem sabe?

ONOFRE

Quem quer fugir, basta fechar os olhos e prender a fumaça. Está cada vez mais difícil enfrentar o fedor do mundo com o próprio nariz, com os próprios sentidos. Vivo em busca de um lugar e de um tempo em que ainda se possa sentir o aroma das flores... Porque nestas ruas poluídas, com essas árvores negras, mutiladas os pulmões só respiram “Money”, “money”! Uns para ter mais. Outros pra sair da merda!

GRACINDA

Onofre, que horror! Estou-lhe desconhecendo!

ONOFRE

Desculpe, Dona Gracinda. Qualquer dia, eu vou andar por aí com uma máscara de cirurgião no rosto. Pra respirar melhor...

GRACINDA

Ah lá na fazenda, era tudo tão diferente! Quando me lembro que o Silveira...

HONORINA

Mamãe, por favor! A fazenda, não! Vai-lhe fazer mal... Sabe, penso que hoje é até melhor do que antigamente. A gente tem mais higiene, transportes rápidos, eletrodomésticos que fazem de tudo...

ONOFRE

Cada tempo tem as suas necessidades. Mas o Homem tem sempre muitas necessidades além do seu tempo! Só que essa gente toda, que vive apenas para sobreviver, que se gasta, dia a dia, nos ônibus e trens superlotados, esfregando uns

nos outros seus miasmas de comida feita na véspera... quando chegam em casa, vão logo se pregar diante daqueles sorrisos brancos, de creme dental..

GAROTA-PROPAGANDA

(Em foco na TV) Você já experimentou “Prury”? (Voz sensual) Eu sou a nova coçadeira... Meu nome é “Prury” Veja como eu tiro as suas cocêiras... suave... macia... como pétalas de rosa. (Abut, Korv e Uru riem.)

ONOFRE

É, pra não fundir a cuca, o melhor remédio é rir. Uma batida, por exemplo: os motoristas se xingam, os carros buzina, palavrão dos caras, palavrão dos outros carros, fica assim de gente pra ver se alguém morreu, se tem sangue...

HONORINA

Pior é um ônibus lotado...

ONOFRE

Isso mesmo: quarenta graus à sombra!

(No plano da TV, os demais atores compõem cena típica em um coletivo:)

PASSAGEIROS

“Me dá logo o troco, meu chapa!” / “Hei, motora, corre menos que tem criança no carro!” / “Filho da puta!” / “Hei, moço, abre essa janela!” / “Hei, cara, tira essa Coca-Cola do bolso e vai esfregar na tua mãe!”

(Onofre e Honorina se divertem. Gracinda balança a cabeça. Telefone.)

GRACINDA

Alô? Alô. Sim é ela mesma. Como? Ela ainda não... Claro, Tia Faustina foi sempre tão forte! *(Para Honorina)* É o primo Teobaldo.

HONORINA

Como é que ela está passando?

GRACINDA

Na mesma. *(Ao telefone)* Sim, meu filho, sem dúvida. Alô? Alô? Que houve? Será que caiu a ligação?

(Abut, Korv e Uru cortaram o fio do telefone e se põem a enrolar. Gracinda tem um chilique. Onofre e Honorina socorrem-na, surpresos. Os três “abutres” saem com o aparelho.)

CENA 3

CADA UM NO SEU CANTO, CHORANDO SEU PRANTO

(Gracinda benze os móveis e objetos, notando a falta de uns, outros incompletos, etc. Reza baixinho. Honorina sai do quarto com um véu, um terço e um missal.)

HONORINA

Mamãe, vou à Missa. O que é que a senhora está fazendo?

GRACINDA

Palha benta de domingo de Ramos. Só quero ver se, dessa vez, “eles” ainda têm o atrevimento de entrar aqui!

(Honorina liga a TV. Uma cantora se derrama em sonoros lamentos.)

HONORINA

Mamãe, venha ver: É a Cláudia Dolores!

GRACINDA

Ah, menina, que beleza esse vestido. Não sei por que dizem que ela é cafona. Pena que ela seja de cor!

HONORINA

Por quê pena, Mamãe? Olhe, não se esqueça dos remédios!

GRACINDA

Boa Páscoa, minha filha. Não se demore, sim? Cuidado com os carros! Cuidado com os pivetes! Cuidado com esses homens que ficam gritando coisas sujas...

CLAUDIA DOLORES

(Canta, na TV)

Por um amor desfeito / rasgou-se este meu peito / Fiquei despedaçada /
porque meu coração / se enchendo de ilusão / quis a pessoa errada.

Ninguém me deu a mão / nem mesmo um lenço irmão / para enxugar meu rosto /
e eu sigo pela vida / com a alma tão ferida / e morta de desgosto.

Mas neste mundo enorme / quem sofra se conforme / e nunca chore tanto /
Pois saiba que é de lei / cada qual no seu canto / chorando o seu pranto.

(Entram os três “abutres”. Enquanto a cantora se desmancha em agradecimentos, fãs não visíveis, das laterais da TV, atiram-lhe rosas, pentes, lenços, cintos, cuecas, etc. Na procura de sempre, Korv desliga a TV.)

GRACINDA

Mas que ousadia é essa de entrar assim, na MINHA casa? Sabem por acaso COM QUEM estão falando? *(Os três riem, debochados, “falatraqueando” entre si. Observam o corpo dela, o colo, as nádegas...)* Posso ao menos saber COM QUEM tenho o prazer... ou melhor, o desprazer de... Mas afinal, o que é que os senhores querem? *(Uru segura Gracinda e os outros continuam vasculhando o apê).* Ah, já estou adivinhando... Oh meu Sagrado Coração de Jesus, tende piedade de mim! *(Abut, Korv e Uru passam a fazer cócegas em Gracinda).* Não sei, juro que não sei. *(Ri, um riso histérico, tragicômico)* ... se soubesse, eu dizia, eu... *(Ri)* Pois eu não digo, agora mesmo é que eu não digo! *(Ri)* Nem que me matem! *(Chora)* Por favor, sejam bonzinhos, ao menos uma vez, na hora de... ai! *(Korv belisca suas nádegas)* Pelo amor de Deus... *(Ri)*... essas joias eram da minha mãe e ... ai! Ui! ” *(Ri e chora)*... foram de uma dama da corte do Imperador... *(Chora e ri)*... e dizem que o ouro delas ainda é do tempo... das minas gerais... e eu não digo, não digo, não vou dizer... *(Ri, incontrolável. Korv, Abut e Uru cessam bruscamente a tortura e perguntam, rápido, por meio de gestos: onde? (E ela, prontamente) Ali. (Os “abutres” encontram o estojo, sentam-se no chão, triunfantes e começam a partilha. Ela corre até à janela e grita por socorro. Silêncio).* Socorro! Socorro! Ninguém! É, podem fechar as janelas, seus velhacos! Vocês não prestam! Eu vou rogar uma praga, vocês vão ver. Vai entupir a privada de todos vocês. Menos a minha. Vocês não vão ter onde cagar nem mijar. E todo mundo vai bater na minha porta! Mas eu não vou abrir. Vocês vão cagar mesmo é na rua ou na sala de vocês, porque na MINHA privada, só eu e a minha filha. E onde está essa menina, que deixa a sua mãe sozinha... Aquela velha assassinada. Trinta facadas... ela gritava, se agarrava nas grades da janela... e o edifício todo ouvindo, sem ninguém para acudir... Mas eu juro, juro que... Como é que ainda não pensei nisso?! Vem aí o Dia das Mães e eu vou pedir para a Cláudia Dolores, assim como quem não quer nada, que ela me arranje uma... uma coisa que eu preciso tanto! *(Campainha)* É ela. Eu sabia que ela vinha, eu sabia!

(Entra Cláudia Dolores, microfone na mão, tal como aparecera na tela da TV. Peruca “bolo confeitado”, uma echarpe de lamê dourado, etc... etc. Um câmara man a acompanha, filmando tudo que vê.)

GRACINDA

Cláudia Dolores! Seja bem vinda! Entre, minha filha. Não repare a casa, sim? Sabe, estamos de mudança e...

CLÁUDIA DOLORES

Minha boa amiga, Dona Gracinda Soares do Amaral. Não é esse o seu nome?

GRACINDA

Sim, sim, minha filha. E Silveira. Você já ouviu falar dos Soares do Amaral, lá de Montes Uivantes?

CLÁUDIA DOLORES

Fui eu mesma que tive o prazer de escolher a sua cartinha, entre *(Consulta um papelucho)* as 15.777 que recebemos de todo o Brasil. *(Ao fundo, um “pot-pourri” de músicas sobre “mãe”)* E aqui, neste domingo que nos lembra a mãe das Mães, a Virgem Maria *(Gracinda chora)*, o dia daquele ser cujo nome já é um poema, vim lhe trazer esta rosa e este presentinho *(Uma caixa comprida e estreita)* e cantar, só para a senhora, a sua canção preferida!” *(Em outro tom)* A senhora lembra a minha mãe, sabe? Tadinha, morreu tão doente. Nós morávamos ...

GRACINDA

Moravam num cortiço. Até que um dia você foi descoberta, quando cantava para ninar os seus doze irmãozinhos órfãos... E aí levaram você para a “Hora do Fon-Fon”... Eu conheço toda a sua vida! Desde os tempos da Revista do Rádio...

CLÁUDIA DOLORES

E então? Sou muito diferente de quando apareço na TV?

GRACINDA

Não, minha filha, igualzinha! Quer dizer... você, aqui, só parece um pouco mais clarinha...quer dizer, mais cheinha, mais gordinha...

CLÁUDIA DOLORES

Gorda?! Eu?! Não, que é isso. Impressão. É que esse vestido...

GRACINDA

Pois mesmo gorda, você é muito bonita! E canta muito bem! Adoro o seu repertório!

CLÁUDIA DOLORES

Vejam, queridos telespectadores, como as fãs me tratam com aquele carinho! E eu aproveito para dizer que, apesar de certas pessoas ficarem dizendo, por aí que... a minha música já era, saibam que eu sou “Hit Parade” em todo o interior do país e o meu último “long-play” estourou até na Argentina! Até no México!

GRACINDA

Despeito, minha filha, despeito dessas cantorinhas desafinadas. Olhe, sente aqui. Não repare, sim? Quer um cafezinho? Sabe, até se você... se você pudesse arranjar um lugar para a minha filha, lá na TV... Fazer assim, umas pontinhas de novela...

CLÁUDIA DOLORES

Ela é atriz?

GRACINDA

Bem, quer dizer... Ela é uma menina ótima, sabe. Parece um pouco tímida, mas sempre soube representar muito bem, lá no colégio... muito engraçada... leva jeito, sabe.

CLÁUDIA DOLORES

Deixa comigo. Cláudia Dolores não desampara as suas afilhadas!

GRACINDA

Ah, minha filha, a vida para nós tem sido tão madrinha... (*Ri encabulada*) Eu queria dizer: tão madrastra... Imagine que ... Sabe, tenho até vergonha de dizer. Sabe que este mês ainda não ... não pudemos pagar a “Arca da Felicidade”?

CLÁUDIA DOLORES

Mas a equipe do nosso programa está aí, pronta para ajudar no que for preciso. Bem, agora...

GRACINDA

Já pensou se nós formos sorteadas? Sabe, nós somos de uma família muito importante. Os meus parentes estão espalhados por todo o Brasil. Se eu não tivesse me casado com o Silveira...

CLÁUDIA DOLORES

Mas tudo vai melhorar! E agora, se a senhora me permite...

GRACINDA

Sim, sim. Esta sala vai ficar um primor. Aqui eu vou pôr um Sagrado Coração de Jesus, cheio de luzinhas que acendem e apagam... Ali...

CLÁUDIA DOLORES

(*Já impaciente*) Muito bem, Dona Gracinda! E agora...

GRACINDA

Ali, um espelho com moldura dourada. Na cozinha...

CLÁUDIA DOLORES

E agora, a canção preferida de Dona Gracinda de Amaral... *(Começa a cantar)* “Por um amor desfeito / rasgou-se este meu peito...”

GRACINDA

Voltaremos a ter boas amizades, gente da nossa posição...

(Enquanto isso, os três “abutres” acabaram a partilha e, subitamente, interrompem e começam a perseguir a atônita Cláudia Dolores. O câmara man é nocauteado. Gracinda tenta bater nos vilões com o espanador. A cantora tem um faniquito e Korv e Abut saem com ela, para dentro da TV, batendo as pernas no ar... Uru também arrasta para lá o cameraman. Gracinda abre a caixa do presente e dela retira uma espingarda. Pega a rosa e cheira. Entra Honorina.)

GRACINDA

Hina! Hina, minha filha, a rosa ...

HONORINA

Que rosa, Mamãe? Que foi? Que aconteceu?

GRACINDA

A rosa... não consigo sentir o perfume dela. Acho que perdi o olfato, minha filha!

CENA 4

QUEM NÃO TENTA SE ARREBENTA

(Gracinda aparece com a espingarda e, ora espia pela janela, ora para a porta, vigilante.)

GRACINDA

Só quero ver se aqueles três filhos da... filhos de uma rameira vão ter a petulância de aparecer por aqui, de novo! Agora estou prevenida. E uma Gracinda Lucia Soares do Amaral e Silveira pre-ve-ni-da, vale por duas Gracindas!

(Entretanto, os três “abutres” dormem, placidamente, semiocultos pela casa. Ouvem-se alguns roncos ocasionais. Gracinda liga a TV. Na tela, foco sobre Honorina, sentada entre duas pessoas estranhas.)

GRACINDA

Mas... mas... aquela não é a Honorina? O que será que ela está fazendo ali? Ah, já sei. Bem que ela falou que, se pudesse... *(Eufórica)* Mas que menina danada! Oh, tomara, meu Deus, tomara que ela consiga! Quem não tenta se arrebenta!

ANIMADOR DE AUDITÓRIO

Meus queridos de casa e do auditório, prezados membros de nosso júri, vamos ouvir agora a Senhorita Honorina Soares.

GRACINDA

Soares do Amaral. E Silveira!

ANIMADOR DE AUDITÓRIO

Tenha a bondade, senhorita ...

HONORINA

Bem, eu vim aqui porque... Mamãe é de uma família tradicional, sabe... mas estamos atravessando uma fase difícil, sabe... Todo mundo passa, não é? Bem, e nós duas... (*Toma alento. Mais corajosa*). Acontece que uma tia da mamãe, a tia Faustina... ela está pra morrer, lá em Portugal, sabe ... e mamãe não quer que ela morra sem se verem pela última vez e... e, como não podemos pagar as passagens pra Lisboa, eu...

ANIMADOR DE AUDITÓRIO

Muito bem, senhorita. Queira sentar-se, por favor. (*Tira os óculos, põe os óculos*) Prezados telespectadores, temos aqui um impasse: três pessoas que precisam ser contempladas com uma das passagens – vejam bem, meus caros, apenas uma – que a Atlântica Serviços Aéreos teve a cortesia de nos oferecer. Esta senhora que, conforme estão vendo (*A mulher chora*) não pode contar as emoções, precisa levar seu filho, adolescente, para ser operado de uma estranha enfermidade no Peru. (*Voz em off – no Peru?*) Sim, quero dizer... na cidade de Lima, não é? Este senhor não esconde a ansiedade de viajar para a Itália, a fim de doar um dos rins ao seu... a um...um grande amigo de infância.

CANDIDATO

Marcello ... quanto te voglio bene! Marcello mio... caríssimo! (CHORA).

ANIMADOR DE AUDITÓRIO

E a senhorita Honorina veio aqui, em nome de sua genitora, que necessita ver sua avó... (*Honorina corrige*) ... quero dizer, sua tia, em seus derradeiros momentos de existência... Bem, vamos então ao julgamento. Começemos por nossa querida Martha de Sweetheart.

MARTHA DE SWEETHEART

Olha, estou profundamente tocada pelos problemas dessas pessoas. Acho que deve ser buscada uma solução para que todos, absolutamente todos ganhem sua passagem (*Muitas palmas*) porque todos eles realmente merecem! O quê? Só pode

ser mesmo uma? *(Entra um rapaz com um telegrama e entrega ao animador)* Ah, é realmente uma pena. Eu acho que...

ANIMADOR DE AUDITÓRIO

Atenção, Martha. Um momento, por favor, por favor. Atenção. Eis que acaba de chegar uma notícia em absoluta primeira mão. *(Faz suspense. Olha para Honorina, “consternado”)* Senhorita... a direção deste programa sente-se no doloroso dever de comunicar o falecimento da senhora sua tia, na manhã de hoje, em Trás-os-Montes, Portugal. *(Suspira. Voz baixa e “triste”)* Aceite as nossas sinceras condolências. *(Honorina chora, a mãe com o “filho do peru doente” finge chorar, o outro candidato repete “Marcello! Marcello mio!” e o animador faz o clássico gesto com o dedo)* Nossos comerciais, por favor! *(Sucedem-se slides publicitários de um cemitério moderno e luxuoso).*

(Gracinda dá um grito de espanto, pela notícia. Os três “abutres” se acordam e, ainda meio zonzos e bocejantes, começam a procurar o que levar. Decidem-se pela espingarda de Gracinda, que de nada se apercebe.)

CENA 5

CADA UM POR SI E O DIABO POR TODOS.

(Gracinda cochila diante do vídeo, envolta em um xale preto. A TV pode estar noutra posição e a plateia escutar apenas o som de um réquiem. Honorina e Onofre, no chão, tentam armar um quebra-cabeças, desses grandes. Na mesa console, Korv, Abut, e Uru jogam cartas, muito à vontade, com uma garrafa de bebida que, de vez em quando, retiram da geladeira.)

ONOFRE

É isso aí: as moléculas se juntam e tornam a se separar...

HONORINA

Onofre! Não seja assim, tão...

ONOFRE

Desculpe, Hina. É que para mim, a vida...

(Gracinda dá uma guinada de cabeça e se acorda.)

GRACINDA

Pobre Tia Faustina! Não fazia mal a ninguém! Dizem que morreu tão magrinha...

HONORINA

Mamãe, controle-se.

GRACINDA

Bem, meus filhos, agora vou até Portugal. Em sonhos, é claro. Onofre, não me leve a mal, mas quando der umas dez pras onze horas...

ONOFRE

Não se preocupe, Dona Gracinda, daqui a pouco já me vou.

GRACINDA

Sabe como é, os vizinhos, eles têm uma língua...

HONORINA

Mamãe! Nós não estamos em Montes Uivantes. Aqui, eles mal nos cumprimentam!

ONOFRE

(Para Honorina, baixo) E o que é que eles têm a ver com a sua vida?

HONORINA

Além do mais, o Onofre é como se fosse... como se fosse meu irmão!

GRACINDA

Bem, crianças, não façam nenhuma travessura! Hina, tranque bem as portas. Aqueles desgraçados devem estar doidos para entrar aqui de novo.

ONOFRE

Boa noite, Dona Gracinda.

HONORINA

Até amanhã, Mamãe.

(A velha dama sai, muito digna, na direção do quarto. Onofre e Honorina conversam, face a face, mas pouco se olham, cada um fixando o vazio. Ora dialogam, ora não falam senão para si mesmos.)

ONOFRE

O que você achou do nosso aumento, Hina? (Bem que ela podia se ajeitar melhor. Cuidar mais de si mesma...)

HONORINA

Muito pouco. Mas a gente tem que se conformar, não é? (Por que me olha desse jeito, Onofre?)

ONOFRE

O Sindicato exigiu quarenta por cento! No entanto, eles só deram quinze. Arrocho salarial. Conformar? Nunca! (Teu corpo até que não é mau...)

HONORINA

Os banqueiros só pagam o que eles querem...

ONOFRE

E a gente acaba deixando. (Os colegas ficam dizendo: “Ela tem queda por você”. “Cara, manda brasa!” “Manda brasa”, como? Ela não é fogão. Isso é machismo demais!) Sabe, Hina, em matéria de salário, tem colegas que, até hoje, nem sei como ainda conseguem manter a família...

HONORINA

(Às vezes, parece que estás querendo dizer alguma coisa...) E os atrasados? Por que é que demoram tanto a pagar? (Mas acho que é só impressão...)

ONOFRE

Para os banqueiros, quanto mais demorar, melhor. Nosso dinheiro fica lá, rendendo... (Tem dias que estou assim. O meu sexo cresce como uma serpente, me apertando, me sufocando...)

HONORINA

Você vai mesmo para Austrália?

(De vez em quando, um dos “abutres” surrupia uma peça do “puzzle” e os outros dois riem, divertidos.)

ONOFRE

Vou sim. Estou esperando a resposta da Embaixada. (Mas é preciso sufocar todo o tesão com as minhas mãos algemadas. E onde está a chave? A chave é a mesma do teu cinto mental de castidade, que resiste a toda e qualquer revolução sexual).

HONORINA

A Austrália é tão longe... (Estás hoje mais estranho do que nunca!) Sabe, Onofre, Mamãe diz que, ao invés de ir-se embora, você devia era casar... Está esperando o grande amor?

ONOFRE

O grande amor! Será que existe?

HONORINA

Existe sim, Onofre. E tem muita garota direita por aí, esperando por você. (Você nunca se deu conta do quanto é charmoso?)

ONOFRE

Não sei paquerar. Sei lá, não aprendi. Os garotos saem, na adolescência, com os outros garotos, e vão aprendendo a imitar, a fingir, dar a sua de machão...

HONORINA

Se a mulher disser a um homem que ela está a fim, ele vai pensar que ela...

ONOFRE

Mas bem que vocês podiam chegar diante da gente e dizer: “Oi bicho, parei na tua! Quer transar uma aí, comigo, numa boa? *(Riem)* Os tímidos iriam agradecer.

HONORINA

As meninas aprendem a se defender. Até mesmo eu, imagine, já recebi cantadas de todo tipo! Algumas do mais baixo nível!

ONOFRE

É que a cidade é muito grande. Cafajestes por toda parte.

HONORINA

A gente ouve muitas histórias perigosas...O cara sorri pra gente, no ônibus, mas... é sempre um desconhecido!

ONOFRE

E talvez, é claro, um vigarista banal. (Mas quem tem medo de amar, vai morrer sem amor).

HONORINA

(E embora não dando papo, embora fingindo que a gente nem percebeu, a gente fica sempre esperando que ele fale, que ele tente mais uma vez. Pra que de repente, entre milhares e milhões, ele passe a ser o Senhor João Fulano, um cavalheiro que trabalha nisso, é dono daquilo e etc. e tal ... pra gente ao menos devolver o sorriso...)

ONOFRE

(Tento atirar sementes para as garotas que eu conheço. Mas será que ainda se pode colher o amor, numa cidade grande?)

HONORINA

(Tantas e tantas vezes, fica tudo somente no olhar. Chega a parada dele, ou a nossa, um dos dois salta do ônibus... Resta apenas uma lembrança sem rosto!).

ONOFRE

(As mulheres! Eu as desejo com toda intensidade, nos momentos de cio, quando meus olhos são duas gônadas carregadas de esperma e o nariz procura as fêmeas pelo cheiro. Mas na hora do “rush”, elas só cheiram a asfalto, a fumaça de ônibus, a poeira de arquivos... E com a maquiagem carregada, para esconder o cansaço das horas extras...)

HONORINA

Sabe, Onofre, uma vez eu gostei de um colega de trabalho. Muito, mesmo. E ele também gostava de mim. Mas era tudo platônico, ele era casado! Mamãe... já viu, né! Eu quis até ir contra ela, pela primeira vez na vida... Mas depois, eu pensei muito, achei que não ia dar certo, sei lá... Enfim, eu vacilei!

ONOFRE

Acho que o mal é que gente como eu, como você, nós pensamos demais, nós complicamos demais a vida...

HONORINA

É próprio da gente. Quem teve certos padrões, certos princípios, fica sempre assim, indeciso, receoso...

ONOFRE

Condicionado! Essa é a palavra. E são regras inventadas por gente que, há muito tempo, já passou da andropausa, da menopausa, de qualquer pausa! (*Calam-se e se olham. Uma comunicação íntima se estabelece*). (A força dos olhos... a gente possui, com os olhos).

HONORINA

(Teus olhos... eles parecem cheios de vontade de dar e receber carinho).

(*Onofre se abraça a uma cadeira e Honorina a si mesma.*)

ONOFRE

(Quando passo para o trabalho, eu vejo aquela gente toda que vai saudar o Sol. Seios, bundas, e sexos... Tudo ali, bem à vista! Chega eu fico excitado, porra! E de noite, quando faço dos lençóis uma praia, só as minhas mãos são conchas para receber o grito das minhas células. E as ondas de um oceano de orgasmo se quebram, como espuma, sobre o meu corpo solitário).

HONORINA

(Eu viro e me reviro na cama. Chego até a pensar bobagens. Mas procuro logo rezar e durmo. Aí eu sonho que um antigo vaqueiro, lá da fazenda, vem correndo a cavalo na minha direção... Aí ele cai por cima de mim e me abraça forte. E eu me acordo toda molhada.)

(Enquanto falam para si mesmos, aproximam-se, afastam-se, iniciando um ritual erótico, mas inconcluso.)

ONOFRE

(Bem que eu podia reunir os pedacinhos de carne, do quebra-cabeça de teu corpo e do meu... e te possuir, esta noite. Aqui mesmo nesta sala. Neste chão.)

HONORINA

(Às vezes me dá vontade de passar a mão nos teus cabelos. De te beliscar bem de leve... Não é engraçado?)

ONOFRE

(Nós íamos gemer, gritar de prazer. Nós íamos gozar até dizer chega! Por que te guardas? Pra quem te guardas, ainda?).

HONORINA

Puxa, Onofre, por que você se vai, assim, pra tão longe?

ONOFRE

(Pra tão longe... E você ficará sozinha, talvez grávida... Não, não, é terrível demais: semear um sonho e colher um pesadelo).

HONORINA

(Será que o meu tempo já passou? Eu queria acreditar mais em mim, sozinha, diante da vida...)

(Olhando um para o outro, aproximam-se mais e se abraçam a si mesmos, quase se tocando, ternamente, solidários, como náufragos.)

ONOFRE

(Estou só, estás só e estamos incompletos, nesta noite imensa, cheia de gritos de almas sofridas, saindo dos bueiros e das coletoras de lixo...)

HONORINA

(Noite longa demais, para se caminhar sozinho...)

ONOFRE

(É preciso ter mãos para as estrelas. Ou fazer sexo com a Lua). Por que, Hina? Por que é tão difícil se amar, numa cidade grande?

(Seu grito traz ambos de volta à realidade. Largam-se, desfaz-se o encantamento. Assustados com Onofre, Abut, Uru e Korv, tratam imediatamente de arrumar o baralho e saem, apressados, levando a mesa console e os banquinhos em que se sentavam.)

HONORINA

Que houve, Onofre? Nossa, você estava conversando comigo e de repente... acho que eu também... Você me perguntou alguma coisa... que foi, Onofre?

ONOFRE

Nada, Hina, não foi nada. Não há mais nada a perguntar. As pessoas só querem saber de respostas prontas, dadas por essa tela colorida, uma cor tão falsa e artificial, como a própria civilização que a inventou...

HONORINA

Mas Onofre, a TV é um dos maiores inventos da humanidade!

ONOFRE

Claro, existe melhor diversão do que ficar, o tempo todo, assistindo à destruição do mundo em nosso próprio lar? A gente não gasta energia, nem mesmo com as pupilas, pois os programas vão se tornando tão familiares, que se repetem e as notícias se banalizam, dentro dos olhos da gente...

HONORINA

Mas a gente pode ver tudo na TV, sem sair de casa...

ONOFRE

Cada macaco no seu galho, não é? Cada curió na sua gaiola de concreto aproveitando os seus alpistes solitários...

(Reaparece Gracinda, de peignoir e pijamas.)

GRACINDA

Gente, o que é que está acontecen... Onofre! O que é que você tem? Pera lá, vou já lhe trazer um chazinho bem calmante...

ONOFRE

“É tempo de murici, cada um cuide de si!” “Quem pariu Mateus que o embale!”
“Ah eu preciso aprender a ser só!” “Só vou gostar de quem gosta de mim!”
“Ninguém me ama, ninguém me quer...” Farinha pouca, meu pirão primeiro”.

GRACINDA

(Trazendo o chazinho) Tome, Onofre. Você está tão amargo. *(Mexendo a xícara)*
Açúcar nele, não é?

(Voltam os três “abutres” e levam a xícara, pires e colher. Um deles deixa cair um telegrama.)

GRACINDA

(Apanhando-o) Notícias, minha filha, notícias! É sobre a herança. Não é que a tia Faustina deixou tudo, mas tudo mesmo...

HONORINA

Pra nós? Pra nós duas?

GRACINDA

Não. Pra Candinha! Aquela afilhada zarolha que servia de babá pra ela. Ah Tia Faustina, Tia Faustina! Sempre foi assim: tão perversa, tão maligna... por isso que ela morreu tão seca!

(Fim do Ato I)

ATO II

CENA 6

A ESPERANÇA É A ÚLTIMA QUE MORRE (E MORRE, NÃO É?)

(Na TV, foco sobre um trecho de telenovela, música ao fundo. A heroína, passeando nervosa e mordendo o lencinho, espera pelo amado.)

ATRIZ DE TELENOVELA

“Será que ele vem mesmo? Esperei por ele durante toda a minha vida. Até que enfim o encontrei. Mas será que ele...” *(A atriz se detém, subitamente)* É ele! É ele que está chegando! Agora, sim, volto a acreditar na força do Amor! *(A atriz corre e abre os braços, numa alegria, incontida e olhos cerrados... Na sala, Honorina se posiciona igual à atriz, à espera do abraço. Surge o ator de telenovela, representado por Onofre)*

HONORINA

Meu Deus, ele é a cara do Onofre!

(Música. O galã, ao invés de abraçar a bem amada, que se fixa na pose, solta um grito de vaqueiro e, trotando um cavalo imaginário, atravessa a tela do aparelho, galopa por todo o espaço cênico e se atira nos braços atônitos de Honorina, abraçando-a fortemente. Beija-a. Ouve-se, em off, a voz de Gracinda.)

GRACINDA

Ai de mim! Ai de mim!

(O galã volta, rapidamente, para dentro do vídeo e abraça e beija, finalmente, a heroína da novela. Abut, Korv e Uru escarnecem, à volta da TV, em seu matraquear ininteligível, enquanto carregam a cristaleira. Entra Gracinda e vagueia pelo recinto. Os “abutres” retornam. Honorina desliga a TV.)

GRACINDA

Ai daquele sobre o qual tombaram os raios da desgraça! (“Abutres” fazem eco: *aça! açã! açã!*). Eu, que outrora vivia numa fazenda de tantas léguas (“Abutres” em eco: *Éguas! Éguas! Éguas!*). Eu, que outrora participava das melhores rodas da alta sociedade, lá em Montes Uivantes (*Eco: Antes! Antes! Antes!*) Aqui estou, prestes ao fim, nesta cidade enorme (*Eco – Orme! Orme! Orme!*), quase à mercê da caridade pública! (*Eco – Ública! Ública! Ública!*)

HONORINA

Não fale assim, Mamãe. Ainda sou forte o bastante pra lutar, pra ter coragem...

GRACINDA

Bem que te avisei pra não assinar esse tal de FGTS. Lavraste a tua própria sentença!

HONORINA

Mas mãe, todos diziam que eu devia assinar, que era melhor. E eu nunca achei que o Gerente, tão distinto...

GRACINDA

Distinto... tão “distinto”, que te destituiu!

HONORINA

Disseram que o serviço que eu fazia, agora vai ser feito pelo computador, mas...

GRACINDA

E te chutaram, minha filha. Te fizeram de bola de futebol de bêbado: vai parar no esgoto!

HONORINA

Mamãe, não fale assim, por favor! Eles despediram muita gente. Só ficaram aquelas meninas bonitinhas, na recepção...

GRACINDA

E a tal bolada que disseram que iam dar? Não deu nem para o buraco do meu dente! Aposto que o Onofre te aconselhou a não assinar...

HONORINA

Mas ele também optou pelo Fundo, antes de ser demitido. Disse que era uma boa, pra ele viajar... eu... eu já não entendo mais nada!

GRACINDA

É, ele quer dinheiro, pra vadiar pelo mundo. *(Aponta o jornal)* E os Classificados?

HONORINA

Quase nada. Engraçado que todos eles dizem assim: “precisa-se de moças de boa aparência”.

GRACINDA

É pra fila não se encher de negrinhas. Nem de madurinhas, como você.

HONORINA

Mamãe!!! E ainda dizem que neste país não existe racismo nem discriminação de idade! Sabe aquele escritório de vendas que eu fui ver ontem? Quando ia saindo, escutei um dos caras dizer: Parece competente. Mas já está meio passada. Precisamos de sangue novo.” Aí o outro falou: “Parei na tua! Você quer mesmo é um xuxuzinho, que saiba tocar bastante no “teclado” e botar a mão, no cilindro da máquina”... E ficaram rindo, Mamãe.

GRACINDA

O que é que esse bosta quis dizer com isso?

HONORINA

Coisas que não prestam.

GRACINDA

Ai de mim! A minha morte está perto e eu vejo o destino implacável se abater sobre a minha filha. Pobre moça decente, à mercê dos safados! Que será de ti, quando eu me for?

HONORINA

Mamãe, controle-se. Ainda não perdemos o melhor, que é a nossa dignidade! A esperança é a última que morre!

GRACINDA

E morre, não é, minha filha? Agora, só mesmo a Loteca da Copa! Puseste aquele empate que eu te disse?

HONORINA

Pus. Mas confie mais é na sua filha, Mamãe. Eu vou fazer qualquer negócio...

GRACINDA

Qualquer o que?!

HONORINA

Qualquer trabalho honesto. *(Tranquilizando-a)* Vender coleções de livros, títulos de clubes, produtos “Avon”... Mas tenho fé em Deus e seus divinos poderes, que ainda hei de arranjar uma boa colocação, de modo que a senhora possa...

GRACINDA

Possa o quê?! Terminar os meus dias num hospital, não é? Já perdi o olfato. E também o paladar, o gosto... o gosto pela vida!

HONORINA

Oh! Mamãe, a senhora também se deixa levar... *(Beija-a. Embrulha uma caixa com – ou um pano com foto de – um faqueiro)*

GRACINDA

Oh não, minha filha, até o faqueiro? Você sempre disse que o faqueiro, não! Foi presente do meu padrinho, no dia que eu casei com aquele ordinário, aquele...

HONORINA

Mamãe, seu coração!

GRACINDA

Doze colheres de prata! Doze garfos... eu devia ter assassinado o Silveira, com as doze facas de prata! Doze facadas!

HONORINA

Mamãe, calma, eu só vou botar no penhor da Caixa Econômica. Assim que tudo melhorar, vou lá e apanho de volta. E há de ser breve, se Deus quiser!

(Sai. Gracinda liga a TV. Na tela, a entrevistadora está sentada numa poltrona. Do lado de cá do vídeo, isto é, em sua cadeira de balanço, Gracinda, excitada, responde a uma entrevista).

ENTREVISTADORA

Dona Gracinda, o que foi que a trouxe ao nosso programa?

GRACINDA

Bem, em primeiro lugar, o meu boa-noite. E também aos senhores telespequi...telespequi... Desculpe, a gente fica tão nervosa...

ENTREVISTADORA

Não se preocupe. Aqui é como se a senhora estivesse em sua própria casa. E a sua filha? Não, quer mandar um adeusinho para ela? *(Gracinda faz o gesto).*

GRACINDA

Ah, minha querida, você... você é uma jóia! Eu e a Honorina somos suas fãs, como se diz... in-con-di-cio-nais.

ENTREVISTADORA

Obrigada, Dona Gracinda. É uma honra tê-la conosco, em nosso programa “Dramas da Vida Real”. Estamos, aqui e agora, para auxiliar aqueles que, de repente, estão às voltas com um problema que, sozinhos, não podem resolver. Que precisam de uma mão amiga, e, por que não dizer, um pouco de ajuda fraternal. “Dramas da Vida Real” vai lhes apresentar hoje... câmeras, ação! *(Música)* A história de Dona Gracinda Soares do Amaral! Ah, sim: e Silveira. *(Do lugar onde está, oferece o microfone à anciã que, na sua cadeira, recebe-o de modo imaginário).*

GRACINDA

Meu pai era fazendeiro... e-porque-torna-e-porque-deixa... e-porque-deixa-e-porque-torna... Bernardo Silveira, um simples caixeiro-viajante... e-porque-torna-e-porque-deixa, e-porque-deixa-e-porque-torna... e assim, por essas vagas no oceano da vida... e-porque-torna-e-porque-deixa, e-porque-deixa-e-porque torna... a máquina de lavar já se foi... a geladeira...

ENTREVISTADORA

Pois diga, Dona Gracinda, diga o que esta precisando!

GRACINDA

Bem, o que nós precisamos muito, mas muito mesmo, é de um aspirador de pó! É que não posso mais ficar o dia todo me matando, com essas vassouras, que nem tiram o pó direito... *(Chora)* E é tanto pó, acredita? Uma poeira terrível, que entra pelo nariz da gente, se mistura com a nossa comida, endurece os nossos cabelos...

Tanto pó, tanta poeira! *(Vagueia pela sala)* É pó que jogam em cima da gente, em cima de nossos edifícios... A gente vai-se enterrando viva aos pouquinhos... *(Transtorna-se)* Esta cidade está virando um grande cemitério! Os nossos prédios são mausoléus... as antenas de TV são cruzes, cruzes modernas... *(Ri. Depois chora).* Eu... eu já nem consigo respirar direito!

ENTREVISTADORA

Vejam, meus caros telespectadores, eis aí mais uma dessas pessoas que a vida...

GRACINDA

O pó vai cobrir tudo! Vai ser tudo arrasado! Como Sodoma e Gomorra! Por causa de toda essa...

ENTREVISTADORA

Dona Gracinda, por favor, nós estamos aqui justamente para...

GRACINDA

Toda essa devassidão, de toda essa sacanagem, essa putaria...

ENTREVISTADORA

Mas Dona Gracinda, o nosso programa... eu... eu... Nossos Comerciais, por favor!

(Some a entrevistadora. Anúncios de eletrodomésticos. Surge Onofre com trajes bem descontraídos e uma máscara anti-poluição ao entrar.)

GRACINDA

E não há de restar pedra sobre pedra!

ONOFRE

(Segurando-a. Sacodindo-a, delicadamente) Dona Gracinda! Dona Gracinda! A senhora está bem? A porta estava aberta e eu...

(Gracinda mira-o no vácuo e, amparando-se nele, vai sentar-se. Onofre tira a máscara.)

GRACINDA

Obrigada, meu filho. Desligue a TV por favor, sim?

ONOFRE

A senhora está bem?

GRACINDA

Assim, assim, meu filho. Como vai? (*Repara nos trajes dele*) Uai, você está tão diferente! Deu pra ser “hippy”, é? Você, um moço tão bem parecido... O que é que a sua mãe ia dizer se lhe visse desse...

ONOFRE

Tem muita coisa mudando no mundo, Dona Gracinda. E a cuca da gente é um verdadeiro universo, que gira, vai girando, não para de girar...

GRACINDA

Mas não fica bem, Onofre... Permite o conselho de quem já viveu mais do que você? Essa juventude de hoje... são um bando de cabeças vazias.

ONOFRE

Vai ver que tiraram tudo da cabeça da gente e não deixaram nada. Não fizeram nada para nos preparar para o século XXI.

GRACINDA

Você ao menos sabe o que vai fazer?

ONOFRE

Bem, não é fácil a gente se largar inteiramente, romper com tudo. Nós somos a geração do medo... (*Pausa*) A senhora sabe, o Bigode... encontraram o corpo dele.

GRACINDA

Corpo de quem?

ONOFRE

Daquele meu colega de pensão, lembra-se? Numa estrada abandonada, enforcado com a própria roupa! E junto dele, num cartaz de cartolina, quatro caveiras desenhadas, em forma de suástica... E um xis riscado em cima de uma foice e martelo.

GRACINDA

Que horror! Pobrezinho... e a família dele?

ONOFRE

Veio o pai, lá de Mato Grosso. Pegou as coisas do filho, a caixa... Sem nenhuma palavra... Mas os seus olhos tinham um pranto seco. E o seu rosto, curtido como um velho tuxaua, não escondia uma revolta surda... Cadê a Hina?

GRACINDA

Saiu. Já estou preocupada. Todo mundo é assaltado. Ela está demorando tanto!

ONOFRE

Talvez seja melhor assim: eu vim me despedir. Vou-me embora, amanhã de manhã.

GRACINDA

Mas ah, você vai mesmo? E para onde, meu filho? Para a Austrália?

ONOFRE

Não, eu vou mesmo é para Amazônia. Estão abrindo uma grande estrada por lá e eu vou me juntar a um grupo de defensores da floresta.

GRACINDA

Você precisa é de mais juízo nessa cabecinha!

ONOFRE

(Sem pontuação) É que eu já não aguento mais esta cidade nem o próprio mundo como ele é talvez lá no meio da selva da outra selva eu possa ver tudo mais claro aqui os edifícios parecem cair por cima de mim e a cada ano que passa entopem as ruas de carros que deixam em cima das calçadas e a gente anda entre eles como cobaias no labirinto arriscando a vida no meio-fio e esses monstrenhos enfileirados na hora do “rush” passam por cima dos corpos da moça atropelada e não param nem pra limpar na hipocrisia os pneus manchados de sangue nessa pressa de viver pressa de morrer adiante do infarto ou suicídio parecendo feras nas jaulas de vidro como num desfile de circo enquanto nós os palhaços andamos em cima de duas varas e ninguém vai pra diante nem para trás no entanto ainda há campos e terras que precisam das mãos do Homem que destrói o campo e a floresta a flora e a fauna destruindo até o próprio Homem e de si mesmo só restam as fezes nos esgotos que vão poluir os rios de onde se bebe a água e as praias onde se esquece a semana e passa o mês e passa o ano e a gente fica esperando por três dias pra tudo se acabar na quarta feira com o câncer ou com a bomba de cobalto ou de hidrogênio napalm ou raios Laser... Tanto faz!

(Enquanto Onofre desabafa, os três “abutres”, saltitando por toda a sala, vão fazendo desaparecer mais utensílios, móveis e até o jornal de Gracinda.)

GRACINDA

(Assustadíssima) Onofre, meu filho! Como você está nervoso! Vou já preparar uma água com açúcar!

ONOFRE

Não é preciso, obrigado. *(Acalma-se um pouco)* Desculpe. Eu vim apenas dar um abraço em vocês. Vocês sempre me trataram tão bem e... e eu gosto muito de vocês, sabe. Trouxe até um presentinho. Aqueles enfeites que havia lá na fazenda, que a senhora tanto fala. Espero que goste.

(Gracinda desembulha: são três patos selvagens de louça, de diferentes tamanhos, para pregar na parede.)

GRACINDA

São lindos! Muito obrigada, você é muito gentil. Mas nem precisava... Bastava ter trazido um queijo de Minas...

ONOFRE

Diga à Hina que lhe deixo um bei... um grande abraço. E muita saudade.

GRACINDA

Não fique muito tempo lá, não. Deixe dessa tolice e volte logo. E não deixe de escrever, sim?

ONOFRE

(Abraçando-a) Até sempre, Dona Gracinda. *(Sai)*

(Gracinda se põe a pendurar os adornos, mas os “abutres”, à medida que ela coloca, vão levando um por um.)

HONORINA

(Off) Por aqui, por favor. Podem deixar na sala, mesmo.

GRACINDA

Minha filha, uma triste notícia: Onofre se foi.

HONORINA

Mas ah, sem falar comigo! *(Pausa)* Pra onde?

GRACINDA

Pra onde ele puder achar onde foi que deixou a cabeça...

(Entram dois carregadores com uma máquina bem velha – foto ou desenho em painel pintado).

GRACINDA

Mas que lixo, minha filha! Pra quê você comprou isso?

HONORINA

Se lembra daquele anúncio de revista? Aquele curso de corte e costura por correspondência?

GRACINDA

O quê? Não, eu não posso permitir que a minha filha se torne uma... *(Caminha na direção da máquina, mas tropeça e cai)* Honorina! Hina, minha filha, está tudo tão escuro, de repente! *(Honorina socorre-a, aflita. Música de telenovela)* Acho que estou ficando cega, minha filha. Cega, minha menina! Perdi a luz dos meus olhos!

(A música se eleva, ao fundo.)

CENA 7

QUEM PODE, PODE, QUEM NÃO PODE SE SACODE

(Costuras espalhadas por todo o aposento, além de moldes, tesouras e outros apetrechos. Gracinda escuta a TV. Diante de um resto de espelho, Honorina, só de calcinhas e sutiã, descobre que o seu corpo ainda é belo e rijo. Põe-se a mirar um vestido caipira. Veste-se com ele. Percebe que rejuvenesceu. Começa a dançar, com uma vassoura, os passos de uma quadrilha e dá de cara com Abut, Korv, e Uru que se apressam em carregar a máquina. Hina se joga sobre a mesma e os três se afastam, numa atitude de quem espera. Hina retorna ao espelho.)

HONORINA

Por que ele foi tão grosso?

(Foco sobre o Paquera, a um canto do espaço cênico. Honorina passa por ele, sem percebê-lo.)

PAQUERA

Que Raimunda! Feia de cara, mas boa de bunda! *(Segue-a. Ela fica nervosa, etc.)* Saca esta: eu ando doido pra investir o meu negócio numa padaria, tá sabendo? *(Para no movimento.)*

HONORINA

E ele continuou me seguindo. Pelo rabinho do olho, vi que ele era... bem, um cara bem vestido... *(Paquera se ajeita todo, passa um pente, olha num espelhinho)...* e quando eu dei por mim, já estava dando papo a um ... um estranho, meu Deus!

PAQUERA

Olha, *negó* seguinte: a gente vai na quadra da festa, esponja uns *birinaites* com quentão e mais uns trecos, aí... tu vai gostar... e a gente pode até dar uma de casar na fogueira, como se faz lá na roça... de brincadeirinha, é claro. E depois... (*Ri, debochado*).

HONORINA

Mas e depois o quê? Será que ele mora sozinho? Passei a noite inteira pensando nisso. Mas e se eu... Não, dizem que dói tanto na primeira vez! Mas ora, ora... Vai ver que as colegas do Banco é que têm razão...

COLEGA 1

Por que dar tanto valor, afinal, a uma coisinha tão banal?

COLEGA 2

Até que você já vai perder bem tarde, esse... resíduo pré-histórico!

COLEGA 1

E você não disse que ele é um tesão?!

HONORINA

Será que ele é carinhoso? Será que ele está querendo “só isso” de mim?

COLEGA 1

Vai ver que é cheio da grana!

COLEGA 2

Pelo que você disse, tem pinta de banqueiro. Do jogo do Bicho.

HONORINA

Pena que essa festa junina seja lá onde Judas perdeu as botas.

COLEGA 2

Aguenta firme, Hina. Vai lá, vai lá, vai lá! ...

HONORINA

Puxa vida, nunca mais tinha aparecido um cara que achasse pelo menos alguma coisa bonita em mim! (*Mira suas nádegas no espelho*).

PAQUERA

Parei na tua, minha gata! Se a popa for tão boa como a proa...

HONORINA

Onofre também me olhava assim, algumas vezes, de um modo tão estranho... Bem que ele podia ter sido o primeiro...Mas por que será que ele nunca... será porque ele é mais novo do que eu?

COLEGA 1

E daí?

COLEGA 2

Para amor e sacanagem, adulto não tem idade!

HONORINA

Agora Onofre está lá, no mato, sozinho, na dele... Tão longe de mim... *(Desce as mãos até o sexo)* Mas eu agora me decidi!

COLEGA 1 e COLEGA 2

Bravos, Honorina!

PAQUERA

Vem, minha polpudinha!

HONORINA

A gente passa o tempo todo achando que isso deve ser feito por amor...

COLEGA 1

O grande amor!

COLEGA 2

O eterno amor!

HONORINA

Mas eu estou louca...

OS QUATRO

Estás muito louca, Honorina Soares do Amaral...

HONORINA

E Silveira! *(As colegas e o paquera se atiram sobre ela, tirando um sarro e somem).*

(Os três “abutres” agarram a “máquina de costura”).

HONORINA

Mamãe, vou levar estas costuras e talvez me demore. Mas a freguesa vem me deixar de carro, sim?

GRACINDA

Mas, uma hora dessas, menina? Olha que andam esses tarados por aí... cuidado com isso, cuidado com aquilo, cuidado com aquilo outro, e mais e mais e mais...

(Honorina se detém ainda um momento, indecisa. Mas, num átimo, beija a mãe e sai, resoluta. Na tela da TV, Tevequetes dançam, com desenhos de eletrodomésticos no short. Sálvio Anjos aparece, entre elas, cantando)

SÁLVIO e CORO

É fato, é fato, é fato. Nosso show é um barato!

SÁLVIO ANJOS

Meus queridos de casa, minhas queridas do auditório, está no ar o S.O.S. Show”, com o seu quadro milionário Arca da Felicidade, e sua imensa variedade de prêmios, para alegria de nossos ouvintes: geladeiras, batedeiras, aparelhos de ar-condicionado... *(Canta com o coro)* “Se a sua fortuna anda fraca / bote na Arca, bote na Arca”! E atenção... quem é a premiada hoje?

VOZ OFF

É a Dona Gracinda Soares, residente à rua...

(Gracinda se agita, nervosa, Ajeita-se.)

SÁLVIO ANJOS

Obrigado. Está aí a Dona Gracinda? Encontra-se no auditório? Vejamos: qual será o prêmio de Dona Gracinda? Vamos uma, vamos duas e vamos... três! Uma enceradeira elétrica!

(Extremamente emocionada, apoiando-se numa bengala, Gracinda atravessa a tela do aparelho e penetra no televisor. Uma tevequete a conduz, carinhosamente, até o animador.)

SÁLVIO ANJOS

Minhas queridas do auditório, meus caros telespectadores, este é um momento de profunda emoção, para toda a equipe deste programa. Eis que Dona Gracinda Soares...

GRACINDA

Soares do Amaral e Silveira.

SÁLVIO ANJOS

Cujo destino roubou o brilho de seus olhos, vai receber, de nossas mãos, um aparelho que dará brilho a sua casa! Parabéns, Dona Gracinda! *(Falso embargo na voz)* Meus sinceros e comovidos parabéns!

CORO

(Palmas) “Ho! Ho! Ho! Sálvio Anjos é o maior!”

SÁLVIO ANJOS

(Todo sorrisos, de novo) Obrigado, obrigado! *(Para Gracinda)* Este envelope lhe dará direito a receber, em qualquer uma das lojas da “Arca da Felicidade”... uma enceradeira! *(Palmas)*. Uma enceradeira elétrica, na cor preferida de Dona Gracinda... quero dizer, na cor que a senhora... na cor... quero dizer... *(Embaraçado, apela para)* Ela merece! Ela merece! Ela merece!

CORO

Ela merece! Ela merece! Ela merece!

(Palmas histéricas. Gracinda retorna à cadeira de balanço, acariciando o envelope. Cessa, no vídeo, o “S.O.S. Show”. Entra Honorina, cabisbaixa, o chapéu caipira nas mãos.)

GRACINDA

Hina, é você, minha filha? Venha cá, venha ver o que eu ganhei!

(Faz duas ou três tentativas de se erguer, mas de balde. Honorina vai até sua mãe, que se põe a chorar.)

HONORINA

Sou eu sim, Mamãe. Quem havia de ser? O que é que a Senhora tem?

GRACINDA

Não sei, minha filha. Estava tão bem e, de repente... *(Apalpa as pernas)* Será que o Destino foi assim, tão perverso comigo? *(Chora)* Será que eu vou ficar parálí...

HONORINA

Vou já descer e telefonar para o médico.

GRACINDA

Não, não vá. Fique comigo, sim? Deve ser algum mal passageiro. Amanhã você fala com o doutor, sim?

(Honorina se afasta da mãe, desolada.)

HONORINA

Desgraça não custa caro. E de graça, nem o diabo ajuda! *(Vai até à janela)* Onofre gostava de dizer que a noite, numa cidade grande, é um monstro de mil olhos. Olhos de 60, 100, 200 velas... Olhos frios, fluorescentes... *(Vai à tela da TV)* Por detrás de um desses faróis, ele agora deve estar lá, soltando o seu bafo de porco na sesta... *(Ilumina-se um quarto de hotel barato)* E detrás de um deles, lá estava também você, Honorina perdida e fodida do Amaral! E Silveira!”

CENA 8

FARINHA POUCA, MEU PIRÃO PRIMEIRO.

(O Paquera está só de cueca. Honorina chega ao quarto e ele começa a lhe morder o pescoço, as costas, etc.)

PAQUERA

Raimunda! Minha Raimunda!

HONORINA

Por favor, eu não me chamo Raimunda! Meu nome...

(Ele ergue-lhe a saia por trás e joga-a de bruços sobre a cama, tentando sodomizá-la. Ela se debate, ele a imobiliza com um braço e, com a mão livre, despe-se da cueca. O abajur cai no chão. Escurece. Ouvem-se apenas os gritos)

HONORINA

“Ai, está me machucando! Está doendo! Não! Não! “Etc.. Etc.

(Luz de novo. Honorina se recompõe. O Paquera acaba de se vestir. Procura a bolsa dela e retira uns trocados.)

PAQUERA

Só isso? Mas tu é muito muquirana mesmo! Não dá nem pra pagar o hotel. Tá pensando que eu sou ampulheta, pra ficar perdendo o meu tempo com...

HONORINA

Mas por que você quer o meu dinheiro? Eu estou numa fase tão difícil... e minha mãe...

PAQUERA

Me passa o relógio! *(Ela tenta fugir, ele a retém, jogando-a no chão)* Coroa mixuruca!

HONORINA

Por favor, ele é tão antigo... só vai fazer falta pra mim!

PAQUERA

Te manda logo, é que é. Vou levar um papo com o dono do hotel!

HONORINA

Você me disse que já pagou. Pelo amor de Deus, por caridade, me dê ao menos o dinheiro do ônibus.

(Ele pega uma cédula e atira ao chão, obrigando-a a se agachar. Pega a cédula de volta, chuta Honorinha, empurrando para a porta)

HONORINA

Não, por favor, não faça isso comigo!

PAQUERA

Vamos, sua cabaçuda, dá no pé! E rapidinho, senão...

(Aos empurrões, Honorina retorna ao plano do presente.)

HONORINA

(Diante da TV, como no início) Pobre de você, Honorina do Amaral! O mundo quer mesmo ver você pelas costas! Literalmente. E isso não é um trocadilho infame.

(Vai até a “máquina de costura”, mas os três “abutres” a tomam dela e saem, levando e cantando)

ABUT, KORV e URU

(Vozes metálicas, grotescas, distorcidas):

Ford, Ford, Mister Ford / este mundo é um pagode /
quem pode, pode, pode / quem não pode se sacode.

Quem nasce pra bedel / nunca chega a bacharel /
e quem não se vira se... *(Retorna)* Ford, Ford...

CENA 9

CADA UM SE VIRA COMO PODE

(O apartamento está ainda mais desfalcado. Gracinda, de óculos escuros, diante da TV, com vários objetos de uso pessoal em volta de sua cadeira, sugere que raramente

sai desta. Honorina vem do banheiro, com uma caixinha cor-de-rosa e uma carta nas mãos.)

HONORINA

Wanderléia, fica bem quietinha. Vem cá, vamos ler a carta de nosso grande amigo. Que bom! Ele mandou uma foto, veja.

(Foco sobre Onofre , em pose imóvel, com uma roupa cáqui e um chapéu de palha.)

HONORINA

“Prezada amiga Hina. Aqui estou, como...”

ONOFRE

(Vem sentar-se diante de Honorina) “Aqui estou, como pioneiro, vendo uma cidade nascer no coração da floresta. Vejo árvores tombarem, como a mulher virgem nos braços de seu primeiro amante...”

HONORINA

(Para, pensativa. Continua) “Ouço, à noite, milhões de gritos misteriosos, como que lamentos da selva contra toda essa devastação...”

ONOFRE

“Mas agora chegaram muitas famílias, junto com as prostitutas e os aventureiros. E com eles, os vírus e as doenças do corpo e do espírito...”

HONORINA

“Apesar de todo o esforço de organização das agrovilas, o que se vê por aqui, mesmo, é aquela ideia de ganhar dinheiro de qualquer jeito...”

ONOFRE

“O ouro é o sonho de todo mundo. E muitos acabam ficando, no pesadelo para sempre. *(Pausa. Olham-se longamente)* De repente, eu me lembro daqueles longos papos, noite adentro...”

HONORINA

(Pausa. Pensa. Continua) “É preciso, cada vez mais, abrir os olhos e os ouvidos, para saber de coisas... daí, daqui... de toda parte!”

ONOFRE

“O agente de uma companhia que exporta madeiras está contratando peões, por um mísero salário, para trabalharem sob quaisquer condições de tempo, lugar e moradia.”

HONORINA

“Parece coisa de novela, não é? O preço de um homem!”

ONOFRE

“Com um maço de cigarros, a moeda de câmbio daqui, a gente almoça e janta. Todo aquele que pode mais, procura explorar o que pode menos. E este explora o que ainda está mais por baixo!”

HONORINA

“Bem, não é assim tão diferente daí do Sul...”

ONOFRE

“E a minha vontade é partir para mais longe, ainda! Mas pra onde? Alguns querem mesmo construir, aqui, uma nova civilização. Mas é exatamente disso tudo que chamam “civilização”, que eu mais tenho medo!” *(Some do foco).*

(Honorina lê o resto em silêncio, enquanto vai buscar uma trouxa envolta num plástico. Beija sua mãe.)

GRACINDA

Vai sair, minha filha? Estou tão doente...

HONORINA

Tenho que levar a remessa que já aprontei, mamãe. Volto logo, sim?

GRACINDA

O que não vão dizer os nossos parentes! Uma Soares do Amaral fazendo bainhas e acabamentos, para uma casa de modas!

HONORINA

Ora, mamãe, cada um se vira como pode. Até que me acostumei bem rápido.

GRACINDA

Outro dia, no ônibus, pensaram que você fosse lavadeira...

HONORINA

Deixa pensar. A senhora bem que podia deixar eu trabalhar no ateliê. Lá é tão alegre, as moças conversam. Contam piadas... E com o salário certo, todo mês, a gente podia até arranjar uma empregada.

GRACINDA

(Chega a tentar se erguer, furiosa) Você nem é besta de pensar uma coisa dessas! Imagina só, a minha filha, uma simples operária... uma... uma costureirinha... Era só o que me faltava! Nem o Silveira haveria de gostar.

HONORINA

Mamãe, por favor, controle-se! Está bem, esqueça. Vou só deixar esta cota e já volto, sim?

GRACINDA

Vo... vo... cê... não... *(Tenta falar e não consegue).*

HONORINA

Que foi Mamãe? Que foi dessa vez, pelo amor de Deus? Fale, diga... espera, fique aí bem calminha, sim? Vou ver se consigo trazer um médico do I. N. P. S.. *(Sai aflita. Volta para apanhar o embrulho, liga a TV e parte de vez.)*

CENA 10

QUEM NÃO PODE COM O POTE, NÃO CARREGA A RODILHA

(Restam apenas algumas peças de móveis e a cadeira de Gracinda. Esta permanece diante da TV, agora sem som. Um homem de terno conferencia, mostrando mapas, gráficos, etc., abaixo de um dístico: BRASIL – O FUTURO É HOJE!)

HONORINA

(Escrevendo) “Prezado amigo Onofre. Uma novidade triste é que a Wanderléia, a minha lagartixa, desapareceu. *(Pega a caixa e beija)* A outra é que a Mamãe está cada vez mais doente, mas aqui em casa não pisa nem médico do INPS. Estou me pegando é com Nossa Senhora Aparecida.” *(Vai agasalhar sua mãe, dar-lhe remédios, etc.)* “A vida cada vez pior. Imagina que eu... quer dizer, uma amiga nossa, pra ganhar o sustento seu e de sua mãe *(Gesto de rascar)*, de sua família... ela agora faz faxina em apartamentos... e sabe, ontem ela foi lavar a privada de uma dondoca e tinha um rapaz nu, lá no quarto, com idade de ser filho dela... ou melhor, neto! E sabe o que ele me disse... pra minha amiga? “Você me acordou às onze da matina, porra! Você é uma medusa, porra!” Sabe, eu gostei dessa palavra Medusa. Acho que vou pôr esse nome na nossa TV. Vou chamá-la de Medusa Regina”. *(Acaricia o aparelho)* “Pena que ela também está dodói, completamente sem som. Mas assim que eu puder, vou chamar um médico... quero dizer. Um técnico... para curá-la!” *(Relê rapidamente o que escreveu e rasga o papel em pedacinhos. Os “abutres” avançam em direção à TV. Ela abre os braços, em defesa da TV)* Não, Medusa, não! Ela nunca vai deixar de ser nossa! Nem que eu tenha de

queimar o último cartucho! Se Deus quiser, nós ainda vamos reaver todas as coisas! Vamos comprar um carro do ano. Vamos a Roma, ver o Papa! *(Acaricia a TV)* E o nosso mundo vai ser de novo colorido! *(Os “abutres” ameaçam. Honorina defende o aparelho, quixotesca, uma vassoura feito lança)* Não, não se atrevam! Daqui você não sai, ouviu, Medusa Regina? Oh, Mamãe, ainda bem que lhe faltam os olhos e os ouvidos... Eu tenho feito os maiores sacrifícios, para conservar conosco o mais belo presente que já pude lhe dar. Ela é fruto do suor de sua filha, sob o sol desta cidade, berço das minhas primeira regras e de todas as regras de educação que recebi no bagaço...quero dizer, no cabaço... quero dizer, no... no regaço familiar! Mas eu não tenho culpa se não sou uma atleta e os obstáculos estão além dos meus saltos. E a gente acaba sozinha, no poço escuro de um elevador, sem poder ao menos apertar o botão da emergência. Não adianta gritar, porque nem mesmo o porteiro vai ouvir a minha voz. Porque ele está lá fora, tomando conta das portas... as portas daquele hotel sujo e barato, onde continuei virgem por fora, mas por dentro...

(Nesse instante, Gracinda, se levanta com energia e cospe no rosto da filha.)

GRACINDA

Sua... sua meretriz!

HONORINA

(Mira sua mãe, perplexa) Mamãe! A senhora... a senhora, esse tempo todo... Mas por que? Quer dizer que a senhora também enxerga, também cheira... Será que a senhora pode cheirar o mundo, Mamãe? Ele fede, sabe? E eu estou sozinha demais, para desinfetá-lo.

(Gracinda ajeita os cabelos, o vestido, etc., tentando se mostrar indiferente. Os abutres” levam a cadeira.)

HONORINA

A Senhora me deu à luz, mas que luz foi essa? Uma vez na Fazenda, a senhora me trancou no quarto escuro...e eu continuo presa, mamãe, nesta noite de eterno quarto-minguante. Cadê as chaves que a senhora perdeu?

CENA 11

QUEM TRABALHA DE GRAÇA É RELÓGIO

(O ambiente é desolador. Salvam-se uma maleta aberta, algumas peças de roupa, um fogãozinho a álcool... Denotando um real cansaço, Gracinda vai buscar água na pia, dentro de uma lata de conserva. Honorina vagueia pela casa, rindo para si mesma, falando sozinha, medindo as portas com as mãos...)

HONORINA

Dois pivetes querendo me assaltar... Hi, hi, hi. Eu morri foi de rir, na cara deles, hi, hi, hi. “Que é isso, seus pivetes, estão querendo brincar comigo? Hi, hi, hi.

(Pega um envelope entreaberto. No espaço onde eram as cenas da TV surge Onofre, só de calção e chapéu de palha, com alguns índios que ensaiam uma dança, ao som de tantãs ritmados.)

ONOFRE

“De repente, me enchi com aquela cidade que nascia, sem as virtudes do progresso, mas já com todos os vícios da civilização... Aí me juntei a um grupo de pessoas que resolveram fundar uma comunidade de Paz, na Amazônia. Gente de todo tipo, de todos os credos... até um físico nuclear, que decidiu largar tudo e experimentar apenas a vida...”

HONORINA

Por que não experimentar a morte?

ONOFRE

“Nós a denominamos “Comunidade da Verde Esperança”. Mas surgiram problemas de toda ordem. A começar pelos Guardiães do sistema, que caçavam gatos onde só havia pombas da Paz e riam quando a gente dizia que o nosso único objetivo era saúde do corpo e do espírito...”

HONORINA

Estamos doentes, Onofre. Estamos moribundos!

ONOFRE

“O pior é que os próprios pioneiros se mandaram! Não aguentaram os mosquitos, as formigas, a carne de jaboti, cozida e sem sal... Menos ainda ter que fazer, com suas mãos, a própria moradia...”

HONORINA

O mundo está doente, Onofre. O ser humano é o câncer do mundo...

ONOFRE

“Voltaram, portanto, para as suas boates, os seus papos furados, o seu barzinho da moda... Houve até um que virou garimpeiro e saiu por aí, batelando as suas pepitas de esperança... Por isso eu decidi penetrar ainda mais no coração da floresta, para buscar a minha paz, na intimidade da Natureza...”

HONORINA

Aproveita, Onofre, aproveita enquanto ela resiste!

ONOFRE

“Os índios desta aldeia são de uma pureza incrível. E eu conheci um frade que acha que o mais importante não é a catequese deles, mas ensiná-los a sobreviver, diante do avanço da – assim chamada – “civilização”...

HONORINA

Nem todos os brancos são como você e esse frade. Tenho lido todos os jornais que apanho na lixeira. Em breve os fazendeiros vão invadir essa reserva e.. pum! Pum! Pum! Vão matar tudo que é índio!

ONOFRE

“Aqui, a gente esquece o que é dinheiro. Aqui sou médico, engenheiro, professor, ou todas as universidades que nunca frequentei. Os curumins me adoram. Saio com eles para nadar no rio. Todos nus e puros, como a própria água...”

HONORINA

Aqui é tudo impuro: o ar, as pessoas, essa cidade imensa que me venceu e me engoliu. E apesar do vidro “fumé”, do ar-condicionado, das escadas rolantes, é tudo tão velho... A gente não pode fechar os olhos nem pra sonhar, porque até os nossos sonhos são antigos, repetidos...

ONOFRE

“Confesso que, às vezes, me dá uma saudade da civilização. Mas aqui, neste paraíso, se não fosse a minha eterna busca de sentido para existir, eu seria – como eles, os índios – o homem mais feliz da Terra!”

HONORINA

“Você nunca soube, de fato, o que é ver a Terra virar de cabeça pra baixo!

ONOFRE

“Se algum dia o meu mundo perder os seus pólos, meu universo perder as suas estrelas, sei de uma poção mágica, misteriosa, que a gente bebe e mergulha, para sempre, no nirvana. Os velhos e os inválidos da tribo, quando sentem que já não dá mais, retiram-se para o mato em cerimônias secretas. E em cuias especiais, bebem um líquido verde que o pajé extrai de uma flor, que só existe nas montanhas do Norte, onde nenhum civilizado pôs os pés. Então eles cantam, dançam e se desfazem, com num sonho, num “relax” eterno... E dizem: “adeus, meu povo, estou indo para os rios e as matas da Eterna Floresta, onde a gente caça, pesca e se banha para sempre! (Some)

(Honorina acende um fósforo, queima a carta e acende, com essa chama, o fogãozinho. A mãe vem com um balde cheio d'água. Honorina se atira nos seus braços.)

HONORINA

Mamãe, minha mãezinha! Vamos esquecer tudo isso? Vamos, por favor!

GRACINDA

Tem nada não, minha menina. A culpa é do Silveira. Ah se eu pudesse ir numa sessão espírita! Ia xingá-lo tanto, até ele dizer: “Por favor, Gracinda, não enche mais o meu saco, porque eu já não tenho mais saco!”

CENA 12

O JEITO É DANÇAR CONFORME A MÚSICA

(Apenas uma vela ilumina o recinto. Tudo o que resta é uma esteira, sobre a qual se destacam duas cuias grandes decoradas (Como as de Santarém, no Pará). No chão, espalham-se papéis rasgados: notas promissórias, duplicatas, cheques, etc. “Medusa”, já fora de uso, foi transformada numa estranha árvore de Natal, com arranjos feitos de sucata, pedaços de jornal, revistas, latas, vazias, etc. Gracinda, sentada num caixote, está com o ouvido colado à parede do vizinho, de onde chegam sons da TV. Honorina acaba de pregar um “out-door” sobre artigos de consumo. O fundo já está inteiramente coberto por esse tipo de cartaz.)

HONORINA

Está dando para ouvir direito mamãe?

GRACINDA

Esses carros lá na rua atrapalham tudo. E eu estou tão nervosa!

JORNALISTA DE TV 2

(Em off) No novo ano que ora vai se iniciar, teremos as melhores perspectivas para todos que acreditam no futuro deste grande... *(Freada de carro)* grandes descobertas tecnológicas irão trazer, para a Humanidade, a plena satisfação de suas necessidades mais essen... *(Buzinas, apitos, etc.)* E vamos anunciar, agora, o resultado da loteca da Copa... *(O som diminui)*

GRACINDA

Oba, minha filha, já fizemos quatro pontos! O “X” ganhou. Ah, que droga! Não deu pra ouvir direito o ...ganhamos! O “Y” empatou. Não disse?! *(Honorina também vai postar-se junto à parede)* Puxa mais dois pontos!

HONORINA

Só faltam três, Mamãe, só três! *(Abraçam-se)* Ai, meu Deus, não posso nem imaginar se nós...

GRACINDA

Vou acabar tendo um infarto.

HONORINA

Puxa, logo o “Z”! Também, ruim como dizem que ele anda... *(Sai da parede cabisbaixa, frustrada)*

GRACINDA

O “W” empatou e o “K” também perdeu. E eu fiquei sem saber se o “Ç” ... maldita freada!

HONORINA

Paciência, Mamãe. Não era pra ser.

GRACINDA

É, minha filha, o jeito é dançar conforme a música...

HONORINA

Venha ver a ceia que preparei para a senhora. Isto aqui, quem deu foi a vizinha do 402 *(Prato de papel com iguarias de Natal)*. Quando ela chamou, estava num porre, coitada! O vinho foi o porteiro. Ele ganhou treze garrafas!

GRACINDA

O Natal na fazenda era... Bem, deixa pra lá! Já faz tanto tempo! Deve ser triste passar o Natal sozinha. Preparar uma ceia para si mesma... Fico horas pensando no que será de você, quando eu...

HONORINA

A senhora ainda há de viver muito tempo, Mãezinha.

(Silenciosas, comem e bebem. De uma garrafa até então não percebida, Honorina despeja nas cuias um líquido esverdeado e o oferece à mãe.)

GRACINDA

Quando a gente está só, o mundo é tão grande, que chega a gente se perde. Aí nós passamos a viver – sabe pra quê? Pra descobrir onde a gente se perdeu...

(Vai sorver outro gole. Honorina a impede, delicadamente.)

HONORINA

Não, Mamãe, não beba! *(Gracinda fica sem entender. Pausa)* Espere Deixa eu provar também. *(Derrama parte na outra cuia, ambas se põem a beber, delicadamente. Erguem-se)*

GRACINDA

(Rindo) Que coisa engraçada! Como sobe logo pra cabeça!

HONORINA

(Rindo também) É mesmo, que gozado! Tomei só um golinho e...

GRACINDA

Estou assim meio, meio... acho que estou de pileque, minha filha!

HONORINA

Que sensação maravilhosa! Parece que a gente está flutuando no espaço...

(Flutuam pela sala, inebriadas de felicidade.)

GRACINDA

Os ouvidos da gente... ouça... canções assim eram as que eu tocava...

HONORINA

Vejo flores, Mamãe. Está sentindo?

GRACINDA

As cores, minha filha. Acho que todas as cores do Universo, mesmo aquelas que ninguém descobriu ainda, que estão além de todos os arco-íris da Terra...

HONORINA

É como em sonhos, Mamãe. Todos os sonhos que eu apenas sonhava.

GRACINDA

Estou vendo lugares... Estou voltando...

HONORINA

A sala... onde está a sala? É como... como um mergulho...

(Toca um Fox ou bolero antigo.)

GRACINDA

A Urca é mesmo um lugar tão lindo! Ainda bem que hoje você não está jogando no Cassino. Que deu em você? Está hoje tão carinhoso... Pra você estar assim, Silveira, é porque já perdeu todas as partidas!

(Evolui para uma valsa antiga.)

HONORINA

Meu primeiro baile. Quem é aquele rapaz de óculos? É, ele vem vindo, de novo. Só quer dançar comigo. Mas a Mamãe não tira o olho...

(A música ao fundo varia, conforme a regressão no Tempo...)

GRACINDA

Acho que vou chorar lá na igreja. Ainda bem que papai nos perdoou. Bitinha, não deixa o Silveira ver o vestido agora. Dizem que dá azar, uai.

HONORINA

É tão chic o meu uniforme da Escola! Este chapeuzinho, com essa fitinha, aqui do lado...

GRACINDA

Acho que vou me lembrar sempre destas férias no Nordeste!

HONORINA

Eita coro mais desafinado! Mas esta foi a melhor festa de fim-de-ano, de todo o ginásial!

GRACINDA

Que ideia, passear de jangadas... Se não fosse aquele moço... Como é mesmo? Bernardo... Bernardo Silveira! Parece tão sério...

HONORINA

Mamãe, a professora de balé é tão boazinha. Veja só o que aprendi. *(Ensaia uns passos ao som de “Danúbio Azul”)*

GRACINDA

Papai me deu um piano. Uai, não é todo dia que a gente faz quinze anos... Vou tocar pra ele uma...

HONORINA

Se-pê-vo-pô-ce-pê-pas-pas-sar-par-de-pê-no-pô-vo-pô-a-pa-mão-pão-no-pô-meu-peu-bum-pum-bum-pum-eu-peu-vou-pou-com-pon-tar-par-pa-ra-pa-a-pa-mi-pi-nha-pa-mãe-pãe!

GRACINDA

Upa cavalinho / vai trotando direitinho / pra juntinho do papai!

HONORINA

(Jogando amarelinha) Um, dois, feijão-com-arroz, três, quatro pé de pato...

GRACINDA

Madrinha, deixa a gente brincar de roda? Prima, dá a mão aí para a Dorinha...
“Ciranda, cirandinha...”

HONORINA

“Eu sou pobre, pobre, pobre / de marre marré marré...”

GRACINDA

“Se esta rua, se esta rua fosse minha / eu mandava...”

HONORINA

“Se eu roubei, se eu roubei, teu coração....”

(Mãe e filha brincam juntas, bem crianças.)

GRACINDA e HONORINA

“Caneilinho, caneilão, neilão, neilão Olai pru xéu, olai pru xão, pru xão, pru xão,
pru xão manda o lei nosso senô, senô, senô para nós se ajoeiá, se ajoeiá...”

(Ajoelham-se e morrem, suavemente. A vela se apaga. Alguns segundos após, entram Abut, Korv e Uru com lanternas e realizam uma pilhagem final, entre gritos e gargalhadas. Depositam os dois corpos sobre caixotes, cobrindo-os com lamê dourado. Envergam os braços e pernas das duas mulheres, de forma grotesca, parecendo galhos entre os quais são distribuídos, canapés, docinhos, garrafas, de uísque, etc. Somem.)

CENA 13

O QUE É MEU NÃO SE DIVIDE

(Da tela da TV sai um bando de alegres foliões, que agitam um burburinho do qual só se ouvem frases soltas)

FOLIÃO 1

Podia contratar aquele que decorou a casa dos Armendariz...

FOLIÃO 2

Já decidimos. As próximas férias vão ser nas Bahamas!

FOLIÃO 3

Por que não trocas por um Alpha-80? Azul-piscina...

FOLIÃO 4

Acho que iremos, também. Confesso que Bariloche já me cansou...

FOLIÃO 5

A minha túnica hindu, autêntica. E ela ainda teve a coragem de me trocar por um funcionário dos Correios...

FOLIÃO 1

Ah, eu nem me ligaria nessa. Eu estando bem, o resto que se...

(Buzinas, foguetes, sinos etc.)

FOLIÃO 2

Está rompendo o ano! Viva 1972!

FOLIÃO 4

Até que enfim. Este ano de 71 já estava me cansando.

(Abraços e beijinhos a si mesmos. Todos se cumprimentam, mas sem se tocar.)

FOLIÃO 3

Feliz Ano novo para mim, querida!

FOLIÃO 5

E para mim também!

FOLIÃO 4

Que eu realize todos os meus sonhos!

FOLIÃO 3

Que seja um ano ma-ra-vi-lho-so, aqui pra euzinha!

FOLIÃO 2

Que pra cada um de nós, o Ano novo seja melhor do que para os outros, não é?

TODOS

(Cantando e dançando)

Feliz Ano novo para mim / e espero que o seu seja ruim / porque se eu desejar /
um Feliz Ano Novo pra você / o que será, o que será de mim?

Saia deste lugar / este degrau é meu / caminhe noutra rua / Este passeio é meu / é
meu, é meu, é meu / É meu, de mais ninguém!

SOLO

Este lar, esta bebida...

CORO

É meu, é meu, é meu

SOLO

Este carro, esta comida...

CORO

É meu, é meu, é meu.

TODOS

E se você tudo perder / tudo vai ser para mim / por isso à meia noite / não vou lhe dar um beijo / pois só o que eu desejo / é um Feliz Ano Novo PARA MIM!

FINAL

SOMAR, DIMINUIR, MULTIPLICAR, DIVIDIR

(Por entre foliões, surgem Onofre e três Índios, quase despidos, com tangas, cocares e instrumentos musicais tupis. Enquanto o instrumental da música “Feliz Ano Novo para mim” vai baixando, os quatro cantam e dançam em torno dos espectadores.)

ONOFRE e ÍNDIOS

(Canto tupi)

Ko xe anáma ruri pa / nde rapépe, nde repiáka / Xe abé, xe mojeguéka / nde moory_katú potá .

Ybytype uitekobo / mbaé naikuabetéi / Koí aroporaséi / xe anáma serekobo.

O meu povo aqui veio / para te encontrar / E eu enfeito o meu corpo / para te saudar.

Vivendo na serra / não sei muita coisa / Mas danço aqui / à moda da casa.

(Os índios se imobilizam, enquanto Onofre tenta se fazer ouvir, cercado pela pequena – mas ruidosa – multidão que dança em volta)

ONOFRE

“Prezada Hina, será que esta vai ser mais uma das cartas que você não responde? Será que errei ao não confessar, naquela última vez, que eu sempre quis te amar mas tinha medo? Esse mesmo medo que nos leva ao silêncio, em vez da denúncia, à fuga, ao invés da ação... Medo das palmatórias e do quarto - escuro, de nos sumirem do mapa em plena juventude... *(Mais alto)* Mas eu saquei muitas coisas importantes, agora que estou aqui, no meio dos índios, vendo a maneira como eles transam com a Natureza e com a própria vida! *(Mais alto ainda)* E eu acho que o mundo AINDA pode se tornar melhor, antes que acabem com TUDO. O Homem ainda pode voltar a ser realmente humano e não a máquina em que ele está se tornando. *(Grita, no meio da algazarra geral)* Inclusive, com todo o progresso e a tecnologia, e apesar mesmo de toda cultura decadente. POIS O QUE A HUMANIDADE DEVE FAZER É...”

(Grita, se esforça, mas só se percebem os lábios movendo, difíceis de captar. Os Índios cercam Onofre, buscando protegê-lo com seus arcos e flechas, enquanto os foliões dançam em torno dele e acabam por encobri-lo. Onofre, numa vã tentativa, continua gritando, mas já nada se compreende do que tenta dizer. Seu clamor se perde no Carnaval reinante. Entram, das laterais, câmeras de televisão. O público é inundado de confetes e serpentinas.)

Fim

MÃE D' ÁGUA

MÃE D' ÁGUA ³

1971

Teatro Musical

PERSONAGENS

(com possíveis revezamentos)

Uiara

Mundico

Vavá

A Mãe

O Pai

Mundico II (menino e jovem)

Neuzinha

Xavier

Milica

Assis

Chagas

Rezadeira Zizinha

Rezadeira Tunica

Cantor de cabaré E mais:

Coro / Corpo de Baile / Caruanas / Outros Trabalhadores.

³ Foram premiadas as montagens do GRUPO EXPERIÊNCIA, de Belém do Pará, sob a direção de Geraldo Salles, em 1980/81, e a do TEATRO EXPERIMENTAL UNIVERSITÁRIO DE NITERÓI, sob a direção de KIKHA DANTAS, no II FESTIVAL NITEROIENSE DE TEATRO, em 1987.

SINOPSE

Jovem caboclo de um povoado amazônico acaba de se banhar no rio. Prepara-se para ir a uma reunião clandestina, com outros moradores de um micropovoado chamado Gota Serena, em uma pequena ilha isolada e dominada por um patrão tirânico, com as possíveis saídas vigiadas por matadores profissionais. O rapaz está diante de um intenso conflito, com duas opções: uma é aceitar, passivamente, a condição de trabalhador escravizado por dívidas, oriundas da necessária manutenção pessoal / familiar, que são / foram contraídas com o patrão, pelo próprio ou seus pais, mas forjadas de modo a manter sempre essa dependência; a outra, como única esperança dos companheiros, é arriscar sua vida, ultrapassando as fronteiras do rio e da floresta, para chegar até a cidade grande e poder, assim, denunciar o jugo escravista que, há várias gerações, domina a comunidade. Sozinho, na pequena ribeira, no limiar do suicídio, eis que lhe aparece, com todos os sortilégios, a poderosa UIARA. Esta vem lhe propor uma terceira e mágica alternativa: mergulhar nas águas profundas do rio e se tornar *caruana*, em um mundo encantado, paradisíaco, utópico, sob o reinado da MÃE D' ÁGUA.

CENÁRIO

Pequena praia de areia barrenta, na parte baixa de um beira-rio. Um trapiche, com uma parte não vista, que se projeta para além das coxias. O alto vão entre os esteios oferece espaço livre para compor as cenas do barraco e da capela. Outros elementos compõem a cenografia: uma rede de pescar, estendida sobre um varal de taquaras; pedras e troncos de árvores seccionados; uma pequena canoa, uma espécie de âncora, formada por uma pedra e uma extensa corda. A parte convencionada como rio prolonga-se para um dos cantos do palco, do proscênio para as coxias, na mesma direção da extensão do trapiche. Esse espaço cênico é envolvido por plantas, cipós e trepadeiras da grande floresta.

AÇÃO

Brasil. Beira de um rio na Amazônia. A ação transcorre em vários planos – realidade, lembranças, fantasias – e se desenvolve nos três espaços básicos: o trapiche, a praia, o rio. Há cenas, porém, em que espaço e tempo se confundem.

ÉPOCA

Anos 70 (século XX).

NOTAS DO AUTOR

Esta é uma versão poético-musical da peça, conservando, todavia, a essência do texto original, já várias vezes encenado. Diversas temáticas são abordadas, além do tipo de escravidão moderna que, infelizmente, ainda é atual, nestes primeiros anos do século XXI. O principal tema que motivou o Autor, no entanto, foi o conceito de alienação, interna ou induzida, que, mais do que os obstáculos e o medo, leva as pessoas a não lutarem contra os seus problemas e os de sua família, comunidade, país ou mundo, preferindo caminhos aleatórios. Observar que a peça foi escrita (e, felizmente, apesar da Censura Federal, encenada duas vezes) no contexto da Ditadura Militar, quando, enquanto alguns faziam o que pudessem para protestar (e diversos eram presos ou mortos), a maioria da população preferia se omitir, em suas vidinhas rotineiras, curtindo o “pão & circo” liberado pelos ditadores. Também a lamentar que hoje, em todo o planeta, temos inúmeras fugas da realidade para o mundo virtual, com suas inúmeras induções e informes distorcidos de fatos reais.

PUBLICAÇÕES

MÃE D'ÁGUA, em sua versão original (revisada para publicação), integra a seguinte antologia, com três outras peças cuja ação transcorre na Amazônia: Alberto, Raimundo. AQUARELA AMAZÔNICA/ TEATRO – Vol, 1 – Raimundo Alberto – Rio de Janeiro-RJ: Taba Cultural, 2014.

ENCENAÇÕES ⁴

A primeira versão do texto foi encenada, de modo amador, pelo Grupo Sol Corpóreo, em janeiro de 1978, no Teatro Santos Rodrigues (Rocha, Rio), com a seguinte ficha técnica:

Direção: RAIMUNDO ALBERTO

Músicas: CACAU

⁴ Versão para Teatro Musical, Rio de Janeiro, 2012, adaptada do original, escrito em 1971. Revisada em março de 2025, para esta edição.

Elenco: ALTAMIRA MASSULA, ROBERTO NEVES, FRANK FREITAS, LÚCIA PERNAMBUCO e FERNANDO PENNA ROZA

Ass. de direção e Expressão corporal: EDGAR RIBEIRO

Iluminação e efeitos: MIGUEL PASTOR e RIZZO

Adereços e execução de figurinos: BETTY COSTA e LÚCIA PERNAMBUCO

Contrarregra: BETTY COSTA

Músicos: LUÍS FAYÃO e SERGIO LEITEIRO.

A montagem do GRUPO EXPERIÊNCIA, de Belém do Pará, de alto nível profissional, estreou no Teatro da Paz no dia 06.07.80, com a seguinte equipe artística e técnica:

Direção Geral: GERALDO SALLES

Músicas e Dir. Musical: PRÍNCIPE

Elenco: RUY GUILHERME (Mundico) – VANIA DE CASTRO (Uiara e A Mãe) – CLÁUDIO DE BARROS / ROMUALDO DE FREITAS (Mundico adolescente e Caruana) – PAULO FONSECA (Vavá e Caruana) – JOSÉ LEAL (O Pai) – RONALDO BERGMAN, PAULO VASCONCELOS, DOMY SANTOS e JORGE BRITO (Caruanas / Trabalhadores). **Iluminação:** AGOSTINHO CONDURU e ROLIM

Cenários e figurinos: SALUSTIANO VILHENA e NEDER CHARONE

Coreografia: AUGUSTO RODRIGUES

Efeitos Sonoros: MÁRIO FILÉ, ROBERTO e PRÍNCIPE

Ass. de Direção: SANDRA DE SOUZA

Produção Executiva: NAZARENO TOURINHO.

Até à presente edição, foram realizadas várias outras montagens: Rio de Janeiro (RJ) (3); São Paulo (SP) (1); São Caetano do Sul (SP) (1); Rio Branco (AC) (1); Niterói (RJ) (1); Belo Horizonte (MG) (2); e Manaus (AM) (2, uma das quais, em 2006, com elenco formado apenas por pessoas da chamada Terceira Idade). Em 2012 foi apresentada em leitura pública dramatizada, no Sindicato dos Artistas - SATED, Rio de Janeiro.

PREMIAÇÕES

A montagem do Grupo EXPERIÊNCIA, direção de GERALDO SALLES, obteve os seguintes prêmios:

- FESTIVAL DE CAMPINA GRANDE (PB) — 1981
Melhor Espetáculo // Melhor Diretor // Melhor Atriz // Melhor Iluminador // Melhor Sonoplastia.
- FESTIVAL DE PONTA GROSSA (PR) – 1980
Melhor Espetáculo // Melhor Atriz
- SELEÇÃO NACIONAL para participar do PROJETO MAMBEMBÃO, do antigo Serviço Nacional de Teatro (atual FUNARTE) em 1981, quando constituiu um grande sucesso de crítica e de público em Brasília, Vitória, Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Seguiram-se outras apresentações em Belém e nas cidades de Campina Grande, Ponta Grossa, Londrina, Curitiba, Vitória, Caruaru, Recife, São Luís etc.
- A encenação do TEATRO EXPERIMENTAL UNIVERSITÁRIO DE NITERÓI, sob a direção de KIKKA DANTAS, obteve as seguintes premiações no II FESTIVAL NITEROIENSE DE TEATRO, em 1987:
Melhor Atriz // Melhor Cenário // Melhor Trilha Musical // Melhor Iluminação .

VERSÃO RADIOFÔNICA

Em 2010, foi selecionada para representar a Região Norte, com adaptação radiofônica e direção de MARIA HELENA KÜHNER, no Projeto AQUARELA DO BRASIL (que obteve o Prêmio Roquette Pinto da ARPUB – Associação Brasileira de Rádios Públicas). Gravada na Rádio Nacional, em um dos CDs com as peças representativas de cada região do Brasil, foi apresentada em várias emissoras do país.

Este texto só poderá ser encenado, no todo ou em parte, com anuência do autor ou de seus representantes legais, via SBAT- Sociedade Brasileira de Autores. REG. BIBLIOTECA NACIONAL / MINC / ESCRITÓRIO DE DIREITOS AUTORAIS Nº 560.878 – LIVRO 1.069 – FLS. 417)

PRÓLOGO

(Com seus corpos nus, cobertos apenas por algas e outras plantas aquáticas, os Caruanas – seres mitológicos que habitam o fundo dos rios – realizam uma coreografia ritual ao som de atabaques e outras percussões.)

MÚSICA – Instrumental, mágica, primitiva.

CARUANAS (CORO)

Todo homem busca / o fundo das coisas / e quer entender / o que há de ser para além do Mundo.

Se o mundo se move / sem qualquer sentido / viver é buscar / o que existirá para além do Homem.

Somos Caruanas / vivemos na mente / que mergulha e nada / nas ondas profundas do pensamento.

Nas águas do meio / do fim e começo / de todas as vidas / e de toda a História do Homem no Mundo.

CENA 01

(Sons de aves e outros bichos da floresta, que se alternam com o marulhar de pequenas ondas. Entardecer. Dois caboclos acabam de se banhar no rio. Vavá – o mais musculoso e trintão – retorna à margem, enxuga-se com uma toalha de saco de açúcar, dessas com os fios desfiados nas pontas. Mundico – bem mais jovem – já semivestido e de toalha no pescoço, observa o horizonte.)

VAVÁ

O Sol já vai s'embora.

MUNDICO

É hora da Mãe D' água vir se pentear. Espia só o céu, tão bonito, tingido pelo sangue das estrelas mortas. Escuta só essa cantoria que vem da mata, as águas no remanso...

VAVÁ

É mesmo, que calmaria!

MUNDICO

É numa hora dessas que a gente fica assim, meio...

VAVÁ

Alesado?

MUNDICO

Não. Com vontade de morrer.

(Vavá observa o amigo, preocupado. Veste-se com uma bermuda surrada e procura, em seus teréns, um barbante grosso que lhe sirva de cinto.)

MUNDICO

Vavá... já ficaste alguma vez na mata, sozinho?

VAVÁ

Não tem nem conta. Caçando.

MUNDICO

E tu nunca *sentiu* uma coisa esquisita?

VAVÁ

Que coisa, mano? Égua, eu só sinto mesmo é vontade de pegar uma capivara bem gorda. Por quê?

MÚSICA

MUNDICO

Quando me pego sozinho / no silêncio lá da mata / que coisa estranha que eu sinto/
paresque a gente se perde / deixando de ser a gente.

E vira bicho que corre / ave... sapo... folha... planta... / fruta... flor... talo... semente/
pode até virar uma pedra / que o nosso corpo nem sente.

Quando me vejo sozinho / no meio de um grande rio / *Paresque* a gente e a canoa/
é tudo uma coisa só / rolando no mundo, à toa.

Pois até do periquito / que passa em bando gritando / “Cadê a noite sem fim?” /
de tudo me sinto dono / e tudo é dono de mim.

(Sons de periquitos sobrevoando o local.)

MUNDICO

A Rainha das Águas sempre vem numa hora assim, que nem agora, quando o rio
já se apronta pra ser o espelho da Lua. E é nessa hora que a minha mãe dizia...

CENA 02

(A mãe, no alto do trapiche, em seu pobre vestido de chita, com uma trouxa de roupas na cabeça. Embaixo, Mundico II (menino), só de calção, na beira do rio, atira pedrinhas para observar os círculos que se formam na água. Em outra área do palco, o coro de trabalhadores.)

A MÃE

Menino, sai da beira do rio!

MUNDICO II

Por que, Mãe? Que é que tem?

A MÃE

É hora da Mãe D'água. Cuida que ela te pega e te leva pro fundo do rio.

MÚSICA

A MÃE

A Mãe D'água tem chamego / pra banda de rapazinho / Se ela vê que um, sozinho / vem na beira se banhar / tira logo uma cantiga / pra mandinga arrepiar / igualzinho o Uirapuru / quando é tempo de cantar.

CORO DE TRABALHADORES

Igualzinho o Uirapuru / quando é tempo de cantar.

A MÃE

Quando o *pequexito* canta / põe quebranto pelo ar / todo bicho fica mudo / fecha o bico pra escutar / parecido com a Mãe D'água / quando chega pra cantar / quem não põe a mão na orelha / vai por ela se encantar

CORO DE TRABALHADORES

Quem não põe a mão na orelha / vai por ela se encantar. *(Cessa a música)*

MUNDICO II

Mas, Mãe, o que é que tem lá no fundo do rio?

A MÃE

Ah, pirralho, não posso te contar agora, pra não botar minhoca na tua cabeça. Só posso dizer que a Rainha, quando se engraça de um menino, encanta o coitado, carrega lá pro fundo e ele não volta, nunca mais.

MUNDICO II

Mas como é que a senhora sabe disso? A senhora já viu ela, Mãe?

A MÃE

Com os meus olhos não vi. *(Saindo de cena)* Mas o povo conta... o povo conta... o povo conta. *(Sua voz se repete, em eco).*

(Os trabalhadores cantam e dançam, brincando em volta de Mundico II, para o assustar.)

MÚSICA

CORO DOS TRABALHADORES

Menino, sai logo / da beira do rio / lá vem a Mãe D'água / marido buscar te pega,
te encanta / te faz caruana / te leva pro fundo / não podes voltar.

Menino, vai logo / lá vem a Mãe D'água / te pega com jeito / e vai te afogar te
leva pro fundo / te faz caruana / te faz de marido / tu vais s'encantar!

*(Mundico II foge, com medo, perseguido pelos Trabalhadores, que sobem com ele
ao trapiche e saem todos de cena.)*

CENA 03

*(Retorno à cena inicial. Vavá recolhe seus pertences, inclusive um pedaço de sabão,
em uma lata de sardinha, com um graveto no meio.)*

VAVÁ

Ora, Mundico, não vê que a gente já `tá de piroca crescida, pra se fiar nessa
história? Isso é conversa pra boi dormir e pirralho ficar sem sono. *(Amarra a toalha
na cabeça e, imitando mulher, tenta segurar Mundico como um bebê, enquanto
cantarola, em tom de deboche, versão de uma tradicional canção de ninar) Dorme,
curumim / que a noite já vem / não deixa a Mãe D'água / levar meu neném! //*
*Papai trouxe a caça / Mamãe vai cozinhar / dorme, pra Mãe D'água / não vir te
buscar!*

MUNDICO

Égua, Vavá, sai pra lá! Minha mãe sempre dizia: *quando a Rainha se engraça de
um macho, acende logo o facho.*

VAVÁ

Paresque ela não quis nada foi com o Xavier. Também, com aquela cara de mucura
chichica!

MUNDICO

Mas ele jura que uma vez 'tava pescando e viu...

CENA 04

XAVIER

Vi sim, eu vi, com estes olhos que, um dia, os vermes da terra vão comer.

*(Sugestão do interior de um barraco, entre os esteios do trapiche. Em volta de uma
tosca mesinha, alguns trabalhadores jogam baralho. De vez em quando, bebem
cachaça em velhos canecos de ágata, ou em latinhas (sem rótulo) de leite condensado.*

Mundico II (jovem) e Neuzinha, a um canto, deixam de namorar para se aterem à conversa.)

XAVIER

Primeiro, foi aquele cheiro bom de mulher gostosa.

MILICA

Com' assim? Se ela é peixe, tinha que ter era...

CORO

Pi-ti-ú! *(Risada geral)*

XAVIER

Depois, foi a cantoria... Vôte, Cobra D'água! Capaz de *arrupiar* até cabelo de defunto morto.

ASSIS

Defunto morto?!

MILICA

Ó Seu Assis, o senhor não sabe que o cabelo da gente fica vivinho, mesmo depois que o defunto morre?

XAVIER

Só sei que eu comecei a me sacudir todo e, quando dei por mim, tinha virado uma onça.

CHAGAS

Uma onça?!

XAVIER

É sim, mas de raiva! É que eu tinha acabado de pegar um tucunaré assim, ó, pai d'égua, e já 'tava pegando uma piramutaba...

MILICA

Eras, Seu Menino, não arrodeia!

XAVIER

Pois foi aí que ela apareceu assim, bem à locé.

MÚSICA

XAVIER

Égua da mulher gostosa / cheirando a patchouli / parece banho de cheiro / no dia de São João.

Égua da mulher bonita / com a cabeleira soltinha / toda enfeitada de flor / a se espalhar pelo chão.

Moqueia o corpo da gente / que se ferve de prazer / parece que a morte chega / e o mundo todo parou

Mas assim que ela te come / te descome joga fora / feito caroco de uxi / depois que a polpa acabou.

CORO

Égua, mulher perigosa / coitado de quem te amou! (*Cessa a música*)

XAVIER

(*Servindo-se da pinga*) Aí tapei meus olhos com as mão' e fiquei só espiando. (*Riso safado*) Ela estava peladinha!

ASSIS

Olha o respeito, *sumano*! Não vê que aqui tem moça direita?!

MILICA

Axi, Seu Assis, o que entorta as moças é outra coisa. Mas conta, Seu Menino, conta!

XAVIER

(*Imitando brejeirice*) Ela se sentou numa pedra e ficou assim...

MÚSICA

XAVIER

Veio na beira do rio / a Uiara se pentear / C' um pente feito de espinha / começou a me chamar...

CORO // XAVIER

Vem cá, meu rapaz, vem cá! / Sou doido, mas não vou lá!

CORO // XAVIER

Vem cá, que tu vais gostar! / Tu queres é me encantar.

XAVIER

Seu espelho era uma concha / com pedrinhas a brilhar / me olhou toda faceira / e tornou a me chamar...

CORO // XAVIER

Vem cá, meu rapaz, vem cá // Sou doido, mas não vou lá.

XAVIER

Tinha escama inté nos pés / igualzinho o tamuatá / mas o resto era mulher / e ficou a me chamar

CORO // XAVIER

Vem cá, meu rapaz, vem cá! // Sou doido, mas não vou lá. *(Cessa a música)*

CHAGAS

Mas diz logo, sumano: o quê que a mulher-peixe fez contigo? *(Mais risos)*

XAVIER

Égua, a bruxa d'água não parou de me chamar... *Vem cá, meu rapaz, vem cá...*

NEUZINHA

E tu viste se a Rainha tem mesmo aquela coisa... aquilo que come por trás?

ASSIS

Neuzinha!!!

MILICA

Ora, Seu Assis, então não sabe o que o povo conta? A Maldita tem atrás o que a gente só tem na frente. Diz pra ele o que é, diz, Xavier.

XAVIER

Uma boca enorme, bem aqui detrás, lá nela... mas n'ê donde vocês 'tão pensando, não...

MILICA

É bem aqui, ó, debaixo do cabelão.

XAVIER

E é lá que a talzinha esconde toda a mandinga.

CHAGAS

Mas por quê que ela não te encantou?

XAVIER

É que eu corri pra canoa e saí de lá remando, com tanta sustança, que acabei descendo o rio, todinho. Aí, quando dei por mim, já ‘tava era naquele tal de marzão salgado, com uma baleia grandona, toda assim, de boca aberta, doidinha pra me pegar...

ASSIS

Égua, Xavier, tu não *se toca*? Mas que potoca!

CORO

(Em tom de deboche, dança em volta de Xavier). Vem cá, Xavier, vem cá! / Vem cá, que eu vou te encantar! / Vem cá, Xavier, vem cá! / Vem cá, que tu vais gostar!

CENA 05

(Continuação da cena I. Voltam ruídos de ondas batendo na areia.)

MUNDICO

(Contemplativo) A sina de um rio é se perder lá no mar. O meu pensar é que nem um rio, querendo ganhar seu rumo.

VAVÁ

Égua, mano, te cuida! Diz que o patrão anda enfezado contigo, por causa de tu ficar’ assim, parado, no meio da obrigação, olhando não sei pra donde, piscando num sei pra quê...

MUNDICO

É que, de vez em quando, eu gosto de pensar no desgosto da vida. Que a morte, essa não tem nem gosto.

VAVÁ

Mas te cuida, que o Patrão não bota doce no café da gente.

MUNDICO

Ele pode mandar em tudo, mas ninguém manda na minha cismadeira.

VAVÁ

Égua, *sumano*, e quem tem tempo de ficar cismando? Os capanga’ do patrão não deixa a gente nem piscar o olho. Os barco dos comprador’ chega de saco vazio e é saco pra cá, saco pra lá, traz a semente do mato, bota semente no saco, leva o saco lá pro barco, tira o suor do sovaco...

MUNDICO

E um pouco da gente vai s' embora, em cada saco que vai...

VAVÁ

Um pouco da gente vai s' embora, em cada barco que sai.

CENA 06

(Trabalhadores com sacos enormes descem o trapiche, cruzam o espaço cênico rumo às coxias e retornam, num monótono ir e vir.)

MÚSICA

CORO

Ô barco que vai / ô barco que vem / comprando o que leva / vendendo o que traz
ô barco que vem / ô barco que vai / me leva a tristeza / me traz minha paz!

CORO 1 / CORO 2

De onde vem esse barco?	/	Não sei, não senhor.
Pra onde vai esse barco?	/	Não sei, não senhor.
Vou pedir a esse barco...	/	O quê, meu senhor?
Me traz o meu bem!	/	Não posso, senhor.
Me leva pra longe!	/	Não devo, senhor.

CORO

Ô barco que vai / ô barco que vem (...) me traz minha paz! *(Cessa a música)*

(Os Trabalhadores seguem cantando, no vai e vêm e saem de cena.)

CENA 07

(Voltam os sons de água batendo na areia. Retorno à cena I.)

VAVÁ

Égua, mano, mas tu é muito avoado! 'Tá sempre assim, mais perdido do que formiga que se perdeu do formigueiro.

MUNDICO

Gosto de olhar o mundo, do jeito que o meu peito enxerga: o rio... a mata... o trapiche... as canoas...

VAVÁ

Mas de que vale tudo isso, na vida que a gente leva?

MÚSICA

MUNDICO

Se tua vida ficou feia / o que é belo vai buscar / rasga o choro, põe no lixo / deixa o riso te enfeitar .

Para além da tua porta / tristeza é planta rasteira / mas dentro da tua casa / alegria é companheira.

Deixa tudo que é ruim / no capacho lá de fora / Pega tudo que faz mal / põe num saco e manda embora.

Se tua vida ficou feia / o que é belo vai buscar / rasga o choro, põe no lixo / deixa o riso te enfeitar. *(Cessa a música)*

VAVÁ

Égua, Mundico, tu és mais doido do que macaco de porre! O pessoal é que diz: a cabeça desse pequeno é que nem cupuaçu. Por fora, casca bem dura. Por dentro, miolo mole...

MUNDICO

Mas cheio de caroço pra descascar!

VAVÁ

É. Inda mais agora, que a Neuzinha...

MUNDICO

Só de pensar nela, eu fico desse jeito, que nem um desvidente.

VAVÁ

E não é pra ficar? O filho do patrão pegou a Neuzinha à força, lá no mato e deixou, dentro dela, a marca da safadeza.

MUNDICO

Aí o velho mandou fazer sangria no bucho da pequena...

VAVÁ

E levaram ela pra bem longe, no primeiro barco que passou.

MUNDICO

(Preparando um cigarro de palhinha) Quem dera eu poder me soltar por aí, feito um barco vadio, até as lonjuras do mar e nas ilhargas do mundo... Mas o raio do Amor fez um estrago medonho na popa do meu bote e fez bagunça na proa da minh'alma.

VAVÁ

Alegria não traz dinheiro, mas tristeza não paga dívida.

MUNDICO

Bem que a Neuzinha podia estar aqui, agora. A gente tomava um banho gostoso no rio, depois voltava pra beira... Aí a gente brincava e se lavava aqui mesmo.

VAVÁ

Égua, mano, vocês iam passar era a noite inteirinha, entrando e saindo de dentro do rio...

CENA 08

(Neuzinha e Mundico II descem do trapiche, entre risos e gritos, num corre, pega, larga e corre por entre os esteios, enquanto vão se despindo. Jogam suas roupas um no outro e desaparecem, na direção do rio (os bastidores). Neuzinha retorna apenas com uma camiseta molhada sobre o corpo e vai até Mundico, o atual).

MÚSICA

NEUZINHA

O mundo de mim é dono / mas não sou dona de mim / sem ter asas para o voo / o meu canto é triste, assim.

MUNDICO

Eu me sinto na gaiola / feito um pobre sabiá / sem poder fazer um ninho / pro meu bem / nele morar.

NEUZINHA

Quem me dera, sabiá / em tuas penas me aninhar / e com alegria cantar.

MUNDICO

Quem me dera, sabiá / em tuas asas me aquecer / e com muito amor voar!

NEUZINHA e MUNDICO

Quem me dera, sabiá / ter um mundo pra nós dois / pra viver e pra se amar!

(Cessa a música. Neuzinha se vai, na mesma direção por onde viera.)

MUNDICO

Hei, Neuzinha! Neuzinha! Pra donde vais?

NEUZINHA

Para o nada onde vivo, a donde não sei mais de mim. Só vais me ver agora nos teus sonhos.

MUNDICO

Enquanto eu puder sonhar.

CENA 09

(Continuação da Cena I. Vavá põe uma camisa de pano barato e se penteia, usando um espelhinho de bolso, desses com estampa de mulher no verso, vendidos em feiras do Norte e Nordeste. Pega os teréns e o chapéu de palha.)

VAVÁ

Vam´bora, Mundico, acaba de te vestir! Te avexa, que o pessoal ´tá esperando pela gente, na capela.

MUNDICO

Esperando pra quê?

VAVÁ

Pra pescar um jeito de sair dessa escravidão.

MÚSICA

VAVÁ

Falta farinha e café. / Vai logo buscar, mulher / na bodega do patrão! / Açúcar, arroz, querosene / que, de fiado em fiado / se desfia o meu sofrer.

Me arranho todo na teia / de uma aranha poderosa / pra suar a vida inteira / e pagar com a minha sorte / o que o patrão cobra caro / até na hora da morte.

Mas de quem é esse barco / que traz sal e mais o quê? / de quem é o armazém / e a terra que a gente mora / todo esse mundão de Deus / mato, lago, igarapé?

Tudo isso é de quem manda / até no nosso querer / pra ele nós damos tudo / nossos braços, nossa vida / qualquer pedaço da gente / que ainda tem pra vender. *(Cessa a música)*

CENA 10

(No trapiche, trabalhadores em tarefas de rotina. Vavá se junta a eles.)

VAVÁ

Morrer na pindaíba... será que é esse o nosso fado?

ASSIS

Se uma arara levasse a minha conta pro céu, ela já ‘tava lá onde as estrelas *faz* a cruz.

MILICA

O meu fiado já foi pro céu, pro léu, pro déu, pro créu... e pro beleléu!

XAVIER

Égua, e o degas, aqui? Eu já perdi foi a conta de quantos contos eu vou ter de contar só pra pagar a conta que essa conta já conta e o pior é que não dou mais conta nem de fazer conta das contas que ainda tenho pra contar.

CHAGAS

Desde os tempo’ da minha avó que essa história é sempre assim, sem tirar nem pôr.

ASSIS

E se o patrão morre, agora mesmo, já tem logo um filho pra ficar no lugar.

VAVÁ

Pois eu ‘tou certo de que, nesse tempo todo, a gente já pagou foi tudo que devia.

XAVIER

E não haveria de ter jeito de acabar com isso?

CHAGAS

Mas quando! É mais fácil uma anta passar pelo buraco de uma agulha, do que o patrão deixar que essa maldade se acabe.

ASSIS

Não vê o Chico Pupunha? Trabalhava até nos domingo’, não comprava nem de vestir pra ele, até que conseguiu pagar tudo o que devia. Mas no dia seguinte...

MILICA

O desmerecido apareceu boiando, no meio do rio...

VAVÁ

E o Patrão ainda teve o rompante de dar um abraço no Chico, antes d'ele ir s'embora.

ASSIS

Mas quando acharam o corpo, a mulher do Patrão disse que tinha sido a Cobra Grande...

MILICA

Axi, bacuri! A gente sabe muito bem que boiuna é essa...

MÚSICA

MILICA

No mundo em que a gente mora / uma boiuna devora / sangue, suor e tutano/ Cospe fogo pelas ventas / mas cadê um bom guerreiro / pra dar cabo do tirano?

CORO

Boiuna que fere um povo / tem que matar é no ovo!

MILICA

Nossa única esperança / de não morrer nessa pança / e quebrar essa corrente / é um são-jorge valente / que desça de lá da Lua / pra matar essa serpente

CORO

Boiúna que fere um povo / tem que matar é no ovo! *(Cessa a música)*

VAVÁ

Mas até quando o patrão vai ficar bebendo água da nossa cacimba?

MILICA

Só porco é que olha pro chão, porque a cabeça não deixa olhar pro céu.

CHAGAS

Mas o velho é que nem jacaré, até quando dorme ´tá de olho no baú.

VAVÁ

Se lembra do padre que veio casar a filha do patrão? Quando ele soube do jeito que a gente vive, ficou mais brabo que uma ariranha.

XAVIER

Eita padre valente! Não é que é ele disse assim, lá na missa, na cara do patrão: *toda pessoa tem de ser livre, meus irmãos! Viver como escravo nunca foi da vontade de Deus!*

VAVÁ

Nem de ninguém. Mas não deu tempo nem d'ele voltar pra capital e contar tudo pro Bispo.

XAVIER

O barco se quebrou todinho no barranco.

VAVÁ

Será que ninguém desconfiou de nada, lá na cidade?!

ASSIS

Como é que a gente vai saber? Só quem tem rádio é o patrão.

CHAGAS

Quando a gente carrega os barcos, entra mudo e sai calado.

VAVÁ

E os capanga' do velho fica tudo de mutuca, vigiando.

XAVIER

Mas sabe aquele barco dos crentes? Um marujo me chamou pra ir no mato com ele...

CORO

Fazer o quê?!

XAVIER

Égua, gente, só pra beber umas pingas, escondido. Aí ele me contou que, lá na capital, se falou foi muito na morte do padre. Mas polícia ficou surda e jornal calou a boca.

VAVÁ

Pudera, *sumano*. (*Gesto de dinheiro*) O patrão 'tá sempre com o bolso cheio daquilo que a gente não sabe nem a cor...

MILICA

E quando então que nós *vai* ficar livre?!

XAVIER

A gente só fica livre quando pega no sono e sonha.

VAVÁ

Mas é acordado, que vale a pena sonhar.

MÚSICA

VAVÁ

Se o teu sonho é ser feliz / vamos sonhar, meu rapaz / ter em paz o que é da gente / nunca é sonhar demais.

XAVIER

Ter da gente a nossa terra / juta, castanha e semente / com um barco só pra levar / o que se colhe e se vende.

MILICA

As frutas, vender na feira / e ter a nossa bodega / de um jeito que a nossa conta / não fique pra vida inteira.

ASSIS

Escola pra todo mundo / pro menor e pro maior / e um bom posto com doutor / pra gente viver melhor.

VAVÁ e CORO

Se o teu sonho é ser feliz / vamos sonhar, meu rapaz / ter em paz o que é da gente / nunca é mau sonhar demais. *(Cessa a música)*

CENA 11

(Vavá retorna para a beira do rio, ainda na cena I. Sino distante.)

MUNDICO

O sino da capela 'tá chamando...

VAVÁ

Mas a reza de hoje vai ser outra. O patrão viajou, com toda a gente dele. E os capangas...

MUNDICO

Eu sei. Vai tudo ficar por aí, bebendo, até ficar coçado e cair de porre...

VAVÁ

Aí a gente vai pra capela e faz a NOSSA novena. Mas sempre c'um olho no santo e outro na procissão.

CENA 12

(Sugestão de uma capela muito simples, resumida a um altar com toalhas brancas e bordadas, entre os esteios do trapiche. Cantilena, tipo incelência ou melopeia.)

MILICA // CORO

Estrela matutina! // (CORO) Orá pro nobis!

Rainha Celestina! // (CORO) Orá pro nobis!

Mãe de misericórdia! // (CORO) Orá pro nobis! *(Baixo)* Um de nós tem que fugir...

(Alto) Ó Mater piedosa! // (CORO) Orá pro nobis! *(Baixo)* Pra chegar lá na cidade...

(Alto) Ó Virgem generosa! // (CORO) Orá pro nobis!

(Baixo) E todo mundo saber... *(Alto)* Ó Santa Mãe de Deus! // (CORO) Orá pro nobis!

(Baixo) Da nossa escravidão. // (CORO) Orá pro nobis! / Orá pro nobis! *(Cessa)*

XAVIER

(Baixo) Mas quem é esse talzinho que vai fazer isso pra nós?

CORO

(Todos se entreolham, num constrangido silêncio e dizem rápido) Orá pro nobis!

Orá pro nobis!

CENA 13

(De novo à beira do rio – Cena I).

MUNDICO

A pois então, Vavá, quem é que vai ter coragem de ganhar as águas do rio e contar, pr'o povo da cidade, como é duro o cipó desta gaiola?

VAVÁ

Bem, tu sabes que eu tenho a mulher, o Zequinha, o Luizinho, a Ritinha, o Chiquinho, o Diquinho, a Rosinha e mais a Cotinha, que ainda é de colo. Seu Assis, a Dona Milica, o Xavier, esses mal dão conta de nadar. E o resto do pessoal.... não tem água que lave o cagaço. Ora pois que a gente só pode contar mesmo é... com quem?

MUNDICO

Égua, mano, e se não for da minha querência? Mas 'tá bem, prometo que vou botar tudo isso na minha *pensadeira* e mexer muito bem, pra ver se dessa farinha sai mingau.

VAVÁ

Pois então não remancha, *sumano*! Vem logo pra capela, que o povo 'tá esperando.

MUNDICO

Vou ficar só mais um pouco, sozinho, com as minhas mágoas, olhando as águas do rio. *Paresque* elas são sempre as mesmas e, na verdade, elas mudam o tempo todo. Tem umas que passam de mansinho... outras vêm correndo, pra chegar mais longe.

VAVÁ

(Subindo o trapiche) Todas elas se vão e não volta' mais. Mas te cuida, *sumano*. Tu aí, sozinho... não vai cair nas ondas da Mãe D'água! Vai ver que o Xavier, quando viu ela, se mijou e se borrou todinho. *(Sai)*.

MUNDICO

(Vai até à canoa e se queda, contemplativo) Bem que eu queria conhecer esse mundaréu por aí, que nem meu pai. Um dia ele se foi, bem de mansinho, pelo breu da noite, na hora que a mata fica muda, e até guariba engole o grito.

CENA 14

(Os mesmos sons de água batendo na areia. Pios de coruja. Sob a luz de um lampião, Mundico II (menino) carrega para a canoa alguns teréns.)

O PAI

(Na penumbra) Já botaste tudo na montaria, Mundico?

MUNDICO II

Quase tudo, papai.

O PAI

(Aparecendo, com um bernal a tiracolo) É melhor se avexar, meu rapaz! Antes do galo fazer cocoricó e antes do Sol dizer bom-dia, nenhum capanga do patrão vai atirar na minha canoa.

MUNDICO II

Mas... e agora? Será que ninguém vai lhe ver remando?

O PAI

Vai nada. Num pretume desse, meu filho, não se vê nem lobisomem.

MUNDICO II

Papai... Por que o senhor vai s'embora, numa noite como esta, que nem coruja vai à festa?

O PAI

Porque me cansei de viver nesse desalento, *sem eira, nem beira, nem ramo de figueira.*

MUNDICO I

(Arrastando com o pai a tarrafa para a canoa) E quando é que o senhor ‘tá de volta?

O PAI

O pescador nunca sabe do peixe que ele vai pescar.

MUNDICO II

Vou lhe esperar todo dia, no trapiche.

O PAI

(Ajeita os teréns na canoa e cobre tudo com uma lona) Não, meu rapaz, te arranja pelo mundo, que é melhor. Aqui, não tem futuro nenhum. Ou pegas pesado no trapiche, ou tiram teu couro no armazém. Se eu não voltar nunca mais, pega uma trouxa e tua rede, bota o bote na marola e vai, também, remar o teu destino.

MUNDICO II

(Segurando o lampião) E pra donde o senhor vai agora, meu pai?

O PAI

Pra qualquer lugar, onde eu não precise mais ficar pagando, a vida inteira, por essa conta que não tem fim. Vou andar por aí, por todo esse mundão pai d’égua, nas águas que correm pelo rio da Vida. *(Senta-se no bote e canta, suavemente:)*

MÚSICA

O PAI

O rio corre como escorre / pelas veias a paixão / pra molhar os nossos olhos / com as águas do coração.

O rio corre pela mata / como o fio que faz o pano / vai tecer um manto d’água / pra vestir o oceano.

Tanto fio d’água no mundo / nem dá pra contar nos dedos / tem mais rio do que os sonhos / que a gente sonha em segredo.

Alegria desta vida / é feito chuva pequena / mas a dor é como um rio / que leva tudo sem pena.

(Cessa a música. Acena para o filho e parte, dentro da canoa.)

CENA 15

(Dia de sol. Beira do rio. Mundico II (jovem) vem na canoa e se encaminha até A Mãe, que o espera com um balaio. Entrega-lhe uma feira de peixes.)

MUNDICO

Mãe, agora ‘tou homem feito. A senhora fica braba, se eu também for *s’embora*, que nem meu pai?

MÃE

Com’ então, não tenho que ficar? Pra que diabo tu queres deixar tua terra?

MUNDICO

(Limpendo a rede de algas e peixinhos) Quero saber de que jeito são as coisas por aí, no resto do mundo.

A MÃE

Saber o quê? Do sofrimento? Sofrer a gente sofre em qualquer canto.

MUNDICO

Nenhum canto deve ser como aqui, onde o dinheiro é pior do que boi no meio das piranhas. Quando o boi cai no rio, só fica o osso. Mas do dinheiro da gente, nem osso a gente vê.

A MÃE

No invés de ligar pras coisas que tem preço, é melhor pensar nas alegrias que a vida tem de graça.

MUNDICO

(Estende, com a mãe, a tarrafa de pescar sobre os varais) Meu pai nunca se conformou. Bateu com o pé no barranco e disse: por aqui eu não fico!

A MÃE

Mas quem ficou pagando a conta dele com o patrão? Este molambo aqui, lá na cozinha da patroa. Te conforma com a sorte, pequeno, que pior é a morte. Foi neste chão que enterrei o teu *imbigo*. E é aqui que está plantado o teu destino. *(Pega uma garrafa de cachaça, bebe um gole e despeja o resto numa cuia)* Anda, vem cá, te ajoelha e fica aí, bem quieto! Dona Zizinha! Dona Tunica! Venham cá, manas, me acudam. Vamos tirar besteira da cabeça deste menino!

MUNDICO

Que é isso, Mãe, que ‘tá fazendo?

CENA 16

(A Mãe inicia um ritual de sincretismo religioso. Mergulha na cuia um raminho de arruda, que trazia atrás da orelha, e respinga com ele a cachaça por todo o corpo do rapaz. Surgem duas rezadeiras, com saias de roda e camisas de renda. Com as vozes esganiçadas e em desafino, a Mãe e as Rezadeiras se põem a entoar:)

MÚSICA – “Ponto” da Linha de Fundo

MÃE e REZADEIRAS

Pelo ventre da tua mãe / neste chão foste parido / E pelos vermes da terra / neste chão serás comido

A MÃE

Jurema das Sete Penas! / Meu *caboco* do congado! / Com as chaves do Santo Pedro / fica esse corpo fechado!

ZIZINHA

Fica esse corpo fechado / e a espada benta contigo / Vencerás toda peleja / contra o pior inimigo!

A MÃE

Oh, Pomba do meu Divino! / Chagas do Crucificado! / Com a lança do Santo Arcanjo / fica esse corpo guardado!

TUNICA

Fica esse corpo guardado / nas sendas do bom caminho / Que o Mal te passe bem longe / mas o Bem fique juntinho!

MÃE / REZADEIRAS

Pelo ventre da tua mãe... etc. (*Cessa a música*).

CENA 17

A MÃE

Ah, pequeno, enfia uma coisa na cachola! Daqui, de Gota Serena, a gente só sai pra dois lugar’: pra debaixo da terra ou pro fundo do rio. Toma juízo é que é! Sempre foste assim, *abestado* que nem teu pai.

MUNDICO

Pois então, Mãe, me deixa ganhar as águas do mundo! Deixa eu me *abestar* por aí!

MÚSICA

MUNDICO

Me deixa, mamãe, me deixa / me abestalar por aí / neste mundão, sou mindinho / poucos mundinhos eu vi.

Ficar nesta ribanceira / vendo o cansaço chegar / só vai me deixar mofino / com vontade de chorar.

Melhor dar laço nas nuvens / que ver o tempo chover / melhor afundar no rio / pra nunca mais padecer.

Me deixa ver outro céu / estrelas que eu nunca vi / me deixa, Mamãe, me deixa / me abestalar por aí!

A MÃE

(Na escadinha do trapiche) Filho meu, escuta o que vou dizer: se tu for s' embora e me deixar no desvalio, tu nunca mais vais ter a minha bênção. Tão certo como tem Deus no Céu e os Caruanas no fundo do rio. *(Sai, junto com as rezadeiras).*

CENA 18

(Mundico vai sentar-se na canoa.)

MÚSICA

CORO

(Dos trabalhadores. Adaptação de uma tradicional cantiga de roda) “A canoa virou / deixaram virar / por causa do barqueiro / que não soube remar”. *(Bis)*

Quem pega na canoa / pelo mundo a remar / Tem que ser um bom barqueiro / para nunca se afogar.

“A canoa virou / deixaram virar / por causa do barqueiro / que não soube remar”. *(Bis) (Cessa)*

MUNDICO

Que não soube remar... Vontade de morrer, numa hora assim. Tudo tão manso. Me livrar dessa doideira toda que é o mundo, tanto o de fora, como o daqui de dentro. Ah meu Pai! Ah minha Mãe! Que caminho, afinal, que eu devo escolher, nesta vida sem jeito? Ficar nesta ribanceira e continuar assim, mofino, com vontade de chorar? Fugir deste mundo mindinho e conhecer todo esse mundaréu por aí? Ou me afundar para sempre nesse rio, e nunca mais padecer?

CENA 19

(Ouvem-se estranhos sons vindos da floresta. Vozes cochichando, falas incompreensíveis, gritos, assobios etc. Sombras indistintas perpassam por entre os esteios do trapiche.)

MUNDICO

Égua, é hora de me vestir. Logo mais, o rio vai se juntar com a mata e esse verdume todo vai virar um breu medonho. *(Começa a fazer movimentos estranhos, como num transe de possessão)* Mas o que é isso que ‘tou sentindo? Igualzinho naquele dia que eu fui caçar. Será que é isso que chamam de encantamento?

MÚSICA – *Instrumental.*

(A iluminação se modifica. Mundico se queda, paralisado. Saindo das águas, os Caruanas formam, em seu balé, uma espécie de concha, da qual a Mãe d’Água emerge, majestosa. Num belo jogo de expressão corporal, ela vai até à canoa e, faceiramente, senta-se e começa a pentear os cabelos, enfeitados com flores e adornos aquáticos. Duas longas mechas caem sobre o busto, ora o encobrindo, ora revelando os seios. Suas pernas, quando juntas, sugerem um rabo de peixe de escamas verdes e prateadas. A um sinal da Rainha, os Caruanas desaparecem. Atrás da rede de pescar, Mundico tenta tapar os ouvidos para não ouvir o canto da sereia.)

MÚSICA

UIARA

Venho do fundo do rio / venho de um sono profundo / assanhar o sonho louco / de um caboclo sonhador / que sofreu a dor de amar / neste mundo sem amor.

Vou levar o belo moço / ao repouso dos meus braços / num abraço de desejo / num beijo de esquecimento / para a paz do meu palácio / nos laços do encantamento.

CENA 20

UIARA

Salve, meu caboclo de olhar profundo, como as águas de uma cacimba escura! Por que me olhas assim, com essa cara de quem viu umbigo de Mapinguari? Não eras tu que me chamavas, do fundo desse baú fechado, onde guardas o sonho e a cismadeira?

MUNDICO

É que eu me perdi neste poço, aqui dentro de mim e não aparece ninguém pra me botar pra fora.

UIARA

Pois assim que eu te vi, tão sozinho na beira do rio, tão jururu nas margens do mundo, o teu penar me deu pena e achei melhor bater um papo. Falar de coisas... coisas que tu não conheces.

MUNDICO

Mamãe gostava muito de contar histórias de Bicho do Fundo. Mas quando eu perguntava – o que tem lá debaixo, hem, Mãe? – ela só fazia me dizer – não te conto agora, pirralho, pra tu não ficar’ de cabeça ruim. Quando tu crescer’, eu te conto – e toda vez que eu vinha me banhar aqui no rio, eu tentava espiar lá no fundo...

UIARA

E o fundo do rio ficou, para sempre, no fundo de teus olhos.

MUNDICO

Desde pirralho que eu tinha uma vontade danada de lhe conhecer, dona...

UIARA

Uiara. É como os índios me chamam.

MUNDICO

Mas o medo vinha se colar na minha sombra.

UIARA

Medo é a primeira prenda que os pequenos ganham de gente grande. E vocês nunca se largam dele, nem mesmo quando a boca fica murcha e o último dente cai.

MUNDICO

Pois eu era doido pra conhecer essas coisas que o pessoal fala baixinho e assustado. Doido pra ver se a senhora aparecia e eu podia lhe ver, que nem agora.

UIARA

(Jogando os cabelos para trás) Pois aqui está ela, a Rainha das Águas, com mais descarga no corpo do que um choque de poraquê! *(Só então o caboclo ergue os olhos)* Mas por que me olhas assim, com essa cara de quem nunca viu mulher?

MUNDICO

É que a senhora... a dona Rainha não tem nenhuma veste pra se cobrir?

UIARA

Mas se cobrir pra quê? Roupa só é bom quando faz frio. E lá no meu palácio é sempre tão gostoso, tão quentinho, como as pernas de uma mulher de madrugada.

Pois eu gostei demais de ver teu corpo, inda agora, mergulhando todinho no lambe-lambe das águas.

MUNDICO

Égua, dona, a senhora me viu nu?

MÚSICA

UIARA

Ah, baita corpo de moço / gostoso de arrepiar / uma taboca tão linda / de bubuia nos meus olhos / a flutuar. // Faz o rio virar cachaça / e tua carne me acender / um fogo na correnteza / que só eu sei como e onde / apagar.

Que deixa a mente da gente / aprendendo pra ensinar / que toda beleza é feita / para os encantos do corpo / admirar. // E deixa o corpo da gente / ensinando pra saber / que toda beleza é feita / para os prazeres da vida / encantar. *(Cessa a música)*

MUNDICO

Vôte, Dona Rainha! Não me tente nem me atente, quem avisa, amigo é: medo não mora comigo e eu nem sei do paradeiro.

UIARA

Só quero ver se tens coragem, mesmo. Já te pegaste, alguma vez, frente a frente com o perigo?

MUNDICO

Nem lhe conto: a minha canoa já virou numa queda d'água; já lutei no mato com um bando de caititus; já *inté* mostrei esta peixeira, para um talzinho que mangou de mim...

(Pega um facão e mostra suas habilidades, em movimentos rápidos e ameaçadores. A Uiara ri e põe as mãos sobre o fio da arma, apertando-a. Assombra-o, mais ainda, ao enfiá-la no próprio peito e retirar, sem qualquer dano ou manchas de sangue.)

UIARA

Perigo mesmo é perder a cabeça por mulher.

MUNDICO

Também já perdi.

UIARA

Qual delas? A de cima, a de baixo... ou as duas?

MUNDICO

Eras, dona, é que a Neuzinha...

UIARA

Acabou se perdendo nos igapós da vida.

MUNDICO

Quem lhe contou?

UIARA

Ora, meu rapaz, eu sei de tudo o que se passa com essa pobre gente, que vem aqui na beira, pra desabafar.

MUNDICO

Talvez porque, assim, a gente tem um espelho para os olhos tristes.

UIARA

E eu tenho esta concha do mar, para escutar os segredos e queixumes que vêm lá do fundo, do mais profundo de todos vocês.

MUNDICO

Até hoje, a raiva ainda me come por dentro, que nem cupim na madeira. Que vontade danada de meter esta gulosa, no bucho do safado que buliu com a Neuzinha! (*Enterra o facão na areia*) Mas ele é arraia graúda e eu... eu não passo de uma piaba miúda, que se prendeu nos matapis da sorte.

UIARA

E é por isso que estás assim, que nem caranguejo na água limpa? Esse xodó ainda é tão forte, assim, na tua lembrança?

MUNDICO

Égua, dona, ora se é! E dói mais no meu peito que uma picada de jiquitaia. Porque mais forte que a lembrança da Neuzinha, só mesmo a vontade de eu me esquecer de mim. (*Aponta a arma para o ventre, como num haraquiri.*)

UIARA

Ela agora está num cabaré de beira do rio, muito longe daqui. Olha, espia só aqui dentro, nesta concha do mar. O que estás vendo?

MUNDICO

Um lugar tão escuro e cheio de fumaça. E ela... égua, é mesmo ela, assim, com a cara borrada de encarnado, que nem corpo de índio pintado de urucu?!

UIARA

É, sim, e agora, escuta.

MUNDICO

(De ouvido à concha) Essa cantiga... é aquela mesma que eu cantava pra Neuzinha, nas noites de lua-cheia.

CENA 21

(Boate de meretrício, na periferia da Capital. Prostitutas e clientes. Alguns pares dançam, ao som de melodia interpretada, ao microfone, por um cantor de cabaré.)

MÚSICA

CANTOR DE CABARÉ

Onde está minha canoa? / Onde está meu remador? / Vou remar esse rio todo / pra buscar o meu amor.

Quede ela, está no céu? / Quede ela está no mar? / Pra ver ela, fecho os olhos / e não paro de sonhar.

Onde está a minha rede? / Onde está meu armador? / Que já vem chegando a noite / pra deitar com o meu amor.

Meu amor 'tá muito longe / e eu nem sei a *donde* está / Mas é só fechar os olhos / que ela vem pra me beijar. *(Prossegue só o instrumental).*

CENA 22

(O foco de luz se restringe a Neuzinha, entre névoas de fumaça. Mundico tenta se aproximar, mas percebe que estão separados por uma vidraça invisível. Ao som instrumental da canção, os dois realizam um balé de fugas e encontros, carícias que não se completam, barradas pelo vidro. Estendem as mãos, uma para a outra, abertas e quase unidas, em paralelos, mas que não se podem tocar.)

NEUZINHA

Ainda tens amor pra me dar, Mundico? Mesmo depois que o maldito segurou meus cabelos, montou sela no meu corpo, que nem égua sem carinho, depois me largou depressa, como um vaqueiro que mal chega e já se foi? Mesmo depois que ele escorreu, entre as minhas partes, a gosma do desgosto, e me emprenhou como vaca de curral?!

MUNDICO

Ele não sabe, nem nunca vai saber o que é emprenhar um coração.

MÚSICA

NEUZINHA

Meu coração está murcho / feito uma fruta madura / ainda gostas de mim / nesta Rua da Amargura?

MUNDICO

Gostança é coisa que a gente / gasta com gosto e sustança / não se esgota nem desgasta / pro que der e o que vier / Se o meu gostar fosse flor / só tiravas bem-me-quer.

NEUZINHA

Ainda queres pendurar / nossa rede no armador / onde teu corpo se ardendo / vinha com o meu se queimar?

MUNDICO

Quero tua pele na minha / em teu suor me afogar. / Amor é coisa que bate / no peito sem ter licença/ se fecha lá, pega a chave / vai lá no poço jogar.

NEUZINHA

Mas não vês minha desdita / não reparas que, agora / na cama achei minha morte / renasci mulher da vida?

MUNDICO

Nem da vida, nem perdida! / Tu és só uma mulher. *(Cessa a música)*

(É então que, a um outro gesto da Uiara, a música cessa. Como no olho de um vendaval, os dois jovens tentam se tocar, mas são impedidos por forças contrárias. Neuzinha e o pessoal da boate, mesas e cadeiras desaparecem, como se levados por um redemoinho.)

CENA 23

MUNDICO

Ah, Uiara! Por que me fazes sonhar de noite, se quando chega a luz do dia, eu não posso mais sonhar?!

UIARA

Porque nem tudo se mostra, nem tudo se esconde. Mas que boniteza que tem a tua pequena, hem?! Só de ver ela cantar, minha periquita ficou mais arrepiada do que gato quando vê cão.

MUNDICO

Égua, tu também te *arrupias* por mulher?!

UIARA

Por que não? Pois na verdade dos tempos, não sou nem fêmea nem macho, não sou bicho nem sou gente, sou apenas...

CARUANAS

(Reaparecendo, ao fundo) Uiara aiê, Uiara aiá! Uiara aiê, Uiara aiá! Mãe dos poços! Mãe dos rios! Mãe dos lagos! Mãe do mar!

MUNDICO

E quem é, então, que não cai no seu agrado?

UIARA

Esses que pensam que mulher é bicho, como o filho do patrão. Ou esses que deixam a coitada só na calmaria, sem nunca chegar na pororoca. Então eu me divirto mandando os candirus se enfiarem onde eles menos esperam. *(Belisca as nádegas dos caruanas, que tentam se esquivar)*

CARUANAS

(Em deboche, entre si) Ai! Ui! Sai candiru! Ui! Ai! Ai! Sai, candiru, sai, sai!

UIARA

(Serpenteando em volta de Mundico) Mas um caboclo assim como tu, com esse jeito gostoso de come-quieto... ai, minha concha! Me dá uma coisa no corpo todo.

MUNDICO

Também me deixas assim, do cocuruto ao dedão do pé. É uma correnteza que vai subindo, esquentando... E a gente nem respira direito. Égua, Dona Uiara! Tu queres é *mundiar* meu corpo, que nem surucucu quando vai dar o bote.

UIARA

Todo corpo é feito para o prazer. Se os brincantes gostam de brincar e o brinquedo não machuca ninguém, todo jeito de brincar é bom demais.

MUNDICO

Égua, sai pra lá! Tu queres é me encantar.

UIARA

Mas que peixe tão arisco! E que mãos cheias de calo!

CENA 24

MÚSICA

VAVÁ

(No alto do trapiche) São nossos calos de escravo / até que o Sol vá dormir / sem folga para gritar / sem ninguém pra nos ouvir!

Diz que na boca fechada / não entra nem muriçoca / pior é beber o cuspe / fazer da língua paçoca.

Mil bocas tem esse rio / e em cada furo, um dragão / põe os dentes de vigia / cospe um fogo de prisão

Mas alguém tem que botar / uma canoa no prumo / e um dia partir pro rumo / da nossa libertação. *(Some. Cessa a música).*

CENA 25

UIARA

O peixe grande engole os pequenos!

MUNDICO

Tem peixe pequeno que sabe fugir dos grandes.

UIARA

Sozinho, não se pode remar contra a maré.

MUNDICO

Mas com muita gente remando...

UIARA

Todo mundo nada com a correnteza.

MUNDICO

Mas tem vez que é preciso nadar contra, que nem os peixes! *(Ligando-se à canoa)*
Ou que nem meu pai!

UIARA

Teu pai já desencarnou.

MUNDICO

Mentira!!! *(Tom)* Como foi isso?!

UIARA

Ele vinha numa canoa, de volta pra Gota Serena. Trazia muitos baús, cheios de joias e dinheiro. Vinha pagar tua conta e a dele e te levar embora... mas os capangas do patrão pegaram tudo, e não deixaram ele passar, nem do barranco onde aquele padre morreu.

MUNDICO

E é assim que tudo se acaba?

UIARA

Não, toda coisa se transforma em outra coisa. Ele agora é caruana, no fundo do rio.

MUNDICO

E ele é feliz?

UIARA

É. Porque o fundo do rio é tão gostoso como os braços da pessoa amada, onde a gente descansa, depois de muito brincar. E então? Não queres conhecer, também, esse outro mundo, muito além de tudo que já conheces? Mergulhar nas águas do sem lugar e do sem tempo? Nas ondas do sem culpa e sem perdão? *(Abraça-o por trás, tocando-lhe o sexo)*

MUNDICO

(Desvencilhando-se) Vôte, bruxa das águas! Diz logo o que tu queres de mim.

MÚSICA – *Frenética, como “Carmina Burana”, de Carl Orff.*

UIARA

(Entre relâmpagos, raios, trovões) Quero que conheças o meu palácio! Quero que desças comigo às profundezas do rio. Chegou a hora do teu sim e do teu não. O destino é como um peixe, Mundico e só tu sabes do anzol.

MUNDICO

Se ao menos pudesse falar com meu pai...

UIARA

É o primeiro passo. O primeiro laço do encantamento!

CENA 26

MÚSICA – *Atabaques e bongôs. Ponto da Linha do Fundo.*

CARUANAS (CORO)

Onde tem caruana / é no fundo do mar / Ele vem e te leva / ele vai te encantar /

Ele vem e te encanta / ele vai te levar. / Foi gente na terra / hoje é bicho no mar /
Ele vem e te encanta / ele vai te levar. / Ele vem e te leva / ele vai te encantar
Mas onde tem caruana? / É no fundo do mar / Ele vem e te leva / ele vai te encantar.

(Repetem, como se fosse um mantra. Ao som desse “ponto”, em Balé específico para sua transposição, O Pai emerge do meio dos Caruanas. Com seu jogo próprio de expressão corporal, apenas pulseiras e colares de escamas de peixes, algas e plantas aquáticas cobrem o seu corpo nu.)

MUNDICO

Pai? Ô, pai? O senhor ‘tá me ouvindo?

O PAI

Tua voz é como o barulho do mar dentro das conchas, meu filho. Eu vim de tão longe.

MUNDICO

Como é que o senhor ‘tá passando?

O PAI

Melhor que tu, meu filho. Por que ficar parado, neste cu de mundo, boiando nas lembranças de um amor que não deu certo?

MUNDICO

Diz que é tudo igual, em toda parte.

O PAI

Nada é igual, em parte nenhuma. Tudo na vida muda de tempo, de lugar, de precisão. Não vai na conversa de quem gosta de tudo parado, que nada fica parado mesmo. Nem lá no mundo profundo de onde eu vim.

MUNDICO

Mas por que a vida é assim, desse jeito? Por que a gente sofre, trabalha e vai à festa, se o fundo do rio já está chamando a gente, desde a hora em que a gente dá aquele berro tão sentido: “cheguei, pessoal!” Mas cheguei pra quê?!

MÚSICA

O PAI

A vida da gente / é que nem um rio / correndo num fio / pra donde não sei / e lá bem no fundo / se afunda no abismo / o sonho do pobre / a insânia do rei.

MUNDICO

Na vida da gente / pra donde não sei / se afundam os sonhos / do pobre e do rei.

O PAI

A vida da gente / nas marés do Tempo / é anzol que se atira / no rio, a pescar / o peixe resposta / pra tantas perguntas / de quem pula n'água / e não sabe nadar.

MUNDICO

A vida da gente / é um rio, a pescar / respostas pra quem / não sabe nadar.

O PAI

A vida da gente / é barco sem rumo / ou fica na beira / ou vai navegar / buscar um trapiche / com as boias da sorte / que a morte da gente / é deixar de sonhar.

MUNDICO

A vida da gente / é a sorte buscar / a morte da gente / é deixar de sonhar. (*Cessa a música*)

MUNDICO

Tenho ganas de ganhar o mundo, que nem o senhor. Mas tenho medo daquilo que não conheço.

O PAI

Todo mundo tem medo daquilo que não conhece.

MUNDICO

Mas eu sempre fui doido pra saber como é o resto do mundo.

O PAI

Por que então não tocas o barco para o porto de *Sabe lá*, até chegar nas terras do *Assim que eu quero?*

MUNDICO

É que eu 'tou mais agarrado na terra do que preguiça no galho do pau.

O PAI

Estás que nem a raiz da mangueira: quanto mais se espalha, mais fica presa no chão.

MUNDICO

A terra da gente é que nem cordão na barriga da mãe.

O PAI

Mas é preciso parir, Mundico. Cortar o *imbigo* e ir s' embora, com os teus próprios pés.

MUNDICO

Na minha cabeça só tem pergunta sem responso e dor que não tem remédio.

O PAI

A nossa vida é um vai e vem pelas marés do Tempo. E quando a gente joga uma rede pra pescar tudo que se quer saber – De onde a gente vem? Pra donde a gente vai? Pra quê se vive? Por que se morre? – a gente descobre que o mais importante no mundo é pegar nos remos e achar o nosso paraná.

MUNDICO

(Após breve silêncio) Pai? O senhor ainda está aí?

O PAI

Estou de volta, meu filho, pra donde já não carece de remar. Um dia, quem sabe, também vais conhecer o mundo lá de baixo. Mas ainda é cedo. Que os caruanas te protejam, Mundico! E que voltes a abrir a porta de tua boca, para mostrar, de novo, o teu riso de pirralho. *(Desaparece, levado pelos Caruanas)*

CENA 27

UIARA

(Ressurgindo) E então? Quais as picadas, neste mato da vida, que vais abrir com o teu facão? Dar no pira daqui, desta Gota Serena, perdida no matagal do mundo, ou... vem! Vem comigo!

MUNDICO

Não, também preciso saber da minha mãe. Uma tarde, ela disse que ia fazer uma viagem. Deu bênção pra todo mundo e ninguém se deu conta do que ela fez. Pegou uma canoa e saiu remando, remando...

UIARA

Tua mãe não quis virar semente na terra, porque o fundo do rio é como um ventre de mulher antes do parto. Mas se queres falar com ela... é o segundo passo, o segundo laço do encantamento!

CENA 28

MÚSICA – *Atabaques, bongôs e outras percussões. Outro ponto de Gira do Fundo:*

CARUANAS (CORO)

Nossa mãe chegou / lá do fundo do rio / apronta um canto / canta um ponto / nossa mãe chegou / lá do fundo do rio. / Oi, Nossa Mãe chegou... *(Repete).*

(Na área convencionada como rio, os Caruanas realizam outro balé especial de composição aquática. Dele emerge a figura d' A Mãe, que traz, sobre o corpo nu, cipós desfiados, esverdeados pelo limo, entrelaçados com algas, hipocampos, colares de conchas etc...)

MUNDICO

A bênção, Mãe. Queria tanto ver a senhora.

A MÃE

Tu já me vês com o teu coração. Deus te dê juízo, pequeno. Estás bom?

MUNDICO

De corpo, sim, mas a cabeça ´ tá piando mais do que um curió, quando perde o filhote.

A MÃE

Um dia tu vais ficar em paz, que nem eu.

MUNDICO

Só se eu também for s' embora daqui. Mas pra onde?

MÃE

Tem muitos caminhos no mundo. Mas na encruzilhada da vida, tanto a gente pode se achar, como se perder.

MUNDICO

Perdido já estou. Se a coruja rasga-mortalha viesse hoje me agourar em cima do telhado, nem roupa de domingo eu tinha, pra me vestir no caixão.

A MÃE

Todo mundo que morre fica nu. A alma da gente não tem vestido.

MUNDICO

Então me diga: como é no fundo do rio? É vero que o sol nunca chega lá?

A MÃE

Lá embaixo não se carece de sol. A gente já tem luz nos olhos da gente.

MUNDICO

É um mundo assim tão bonito, Mãe?

A MÃE

Tão lindo, que até nem sei como contar.

CENA 29

(Clima de plena magia. Os Caruanas reaparecem e, com acessórios ligados ao universo aquático, realizam movimentos de balé que compõem, num visual estilizado, o que será descrito pel' A Mãe (flores, alimentos, festas, jogos eróticos etc.). Iniciam formando colunas e portais, que se abrem para a Mãe passar.)

MÚSICA

MUNDICO

Me conte, Mamãe, me conte / sobre esse mundo encantado / lá no fundo deste rio / que segredos tem guardado?

A MÃE

O palácio da Mãe D'água / é de vidro e não se acaba / é todo feito com a baba / da grande aranha de prata / e quem sai de uma sala / noutra sala vai entrar / tanta sala que se abre / sem ter chave pra fechar.

MUNDICO

Me diga, Mamãe, me diga / desse mundo tão falado / onde a Uiara é rainha / de um reino cheio de fado.

A MÃE

O jardim de seu castelo / é o que tem de mais valor / lá tem flor de todo jeito / e planta de toda cor / o caminho onde se pisa / é coberto de brilhante / brilha mais dos que os olhos / de quem é feliz no amor.

MUNDICO

Me conte, Mamãe, me conte / desse mundo bom de crer / pois aqui só tem ganância / como é lá pra se viver.

A MÃE

É um mundo de fartura / frutas que ninguém provou / legumes de todo tipo / que nem mesa de doutor / mas pra ter tanto petisco / dinheiro não 'tá faltando / pois troca quem tem demais / com alguém que 'tá precisando.

MUNDICO

Me diga, Mamãe, me diga / nesse mundo bom de pança / como é que lá se trabalha / como é que lá se descansa.

A MÃE

Se trabalha com prazer / pois a vida é uma festa / quando chega a piracema / tem forró e tem seresta / o povo se emperiquita / pra ver peixinho nascer / tem modinha, tem viola / e pinga pra se beber

MUNDICO

Me fale, Mamãe, me fale / do mundo cheio de graça / quando o Amor bate no peito
/ como é que a gente se casa.

A MÃE

Isso é coisa aí de cima / não tem disso cá embaixo / se a mulher gosta do macho /
dá a fruta e todo o cacho / mas ninguém aqui tem dono / nem ninguém repara nada
/ todo mundo faz carinho / anda tudo de mão dada.

MUNDICO

Se cale, Mamãe , se cale / que mundo mais diferente / desse jeito, até *paresque* /
feito nos sonhos da gente. (*Cessa a música*)

A MÃE

Sim, porque no fundo do rio já não existe o sofrimento, a doença e a morte. E a
nuvem branca do Tempo não cai mais nos cabelos da gente.

MUNDICO

E o que se faz pra conhecer tudo isso?

A MÃE

Tem que se cobrir com as malhas da rede que se começou a trançar, desde os
primeiros fios do Tempo; tem que se amarrar com os nós que a gente mesma fez,
pela vida afora; e, por derradeiro, tem que deixar o corpo mergulhar para sempre,
nas águas do rio sem fim.

MUNDICO

A pois então, minha mãe, quero ir pro Fundo, também.

A MÃE

Não, meu *pequexito*, ainda não está no tempo.... no tempo... no tempo...

(Some por entre os sucessivos portais formados pelos Caruanas. Pelos mesmos portais reaparece a Uiara, em uma gloriosa coreografia)

CENA 30

MÚSICA

CARUANAS (CORO)

Salve Rainha das Águas! / Ave Mãe dos Rios e Mares / dos lagos a soberana! / E
viva o reino encantado / onde somos os teus filhos / somos todos caruanas!

UIARA

Não sou nascida do ventre / de mãe nenhuma da terra / eu sou nascida do cio / dos seres do rio da cisma / que a boca do povo banha. / Nos contos que o povo canta / nos recantos da lembrança / sou a que mora no Fundo / lá onde o Tempo não morre / e o Sonho nos acompanha.

CARUANAS (CORO)

Salve Rainha das Águas! / Ave Mãe dos Rios e Mares... etc. *(Cessa a música)*

MUNDICO

Ah, Rainha das Águas! Eu só queria, mesmo, era dar outro rumo aos remos da minha canoa. Ser um pouco mais feliz nesta vida sem jeito.

UIARA

(Tira, dos cabelos, um cachimbo feito de ossos e conchas) Pois tenho aqui, pra te dar, uma *puçanga* bem poderosa, capaz de curar as perebas de tua alma.

MUNDICO

(Tenta recuar e mais e mais se aproxima) Quer dizer então, que eu... já não tem mais nenhum paraná, pra navegar meu barco?

(Em uma dança bem sensual e de movimentos insinuantes, a Uiara tira pelos de sua cabeça, das axilas e do púbis, juntando-os no cachimbo. Dançando em torno de Mundico, com os meneios próprios de uma cobra, bafora sobre ele a fumaça dos tragos, como se beijasse por inteiro o corpo do rapaz. Em torno deles, os Caruanas)

CARUANAS

Uiara aiê, Uiara aiá! Mãe das águas! Mãe do Mar! Uiara aiê, Uiara aiá! Mãe dos lagos! Mãe do Mar! Uiara aiê, Uiara aiá! Mãe dos poços! Mãe do Mar!

MUNDICO

Que foi que me fizeste? *(Tenta fugir e mais se envolve)* Tu és que nem o Tinhoso me tentando. Meu sangue ‘tá fervendo. A minha roupa se rasga, porque a carne cresceu dentro do corpo todo. Meu talo de tajá virou maçaranduba!

UIARA

(Abraçando-o) Não tenhas medo, Mundico. Não se tem medo daquilo que se conhece.

MUNDICO

(Soltando-se) O teu corpo me puxa cada vez mais pra tua ilharga, feito uma isca de pescar. O pitui de teu corpo é feito uma isca de anzol com carne de mulher. Mas não, ainda não quero que me leves! Quero viver todo o tempo que o meu corpo ainda me pede pra viver.

UIARA

Tudo o que está por cima e por baixo do Sol tem o seu tempo de passar. E viver sem amar é morrer antes do tempo.

MUNDICO

Mas ninguém vive o tempo todo, sem amor. E eu quero mesmo é ainda poder gozar, neste mundo, de tudo que o meu corpo ainda pode provar de bom.

MÚSICA

MUNDICO

No domingo e dia santo / com o meu cachorro mateiro / quero uma caça buscar / e depois comer assada / até a pança cansar. / Pegar meu fumo de rolo / beber pinga e ir cantar / Tocando a minha viola / enquanto a lua bem cheia / nas águas vem se banhar.

UIARA

Só comigo é que vais ter / luz mais bela que o luar / Vais beber e vais comer / e nada vai te faltar.

MUNDICO

Quero sábado de noite / lá no forró eu tirar / a caboca mais cheirosa / pra dançar a noite inteira / até ver o Sol raiar. / Levar ela pro barraco / ir com ela me deitar / num abraço bem fofinho / e um beijo bem gostoso / de quem sabe o que é brincar.

UIARA

Só comigo vais dançar / e sentir sem ter descanso / todos os gozos de um moço / que são bons de se gozar.

MUNDICO

Todo mundo tem sua hora / de sorrir e de sofrer / mas alguém só dá valor / pras coisas boas da vida / quando começa a perder / pois toda coisa ruim / tem seu jeito de se ver. / Sem fazer mal a ninguém / melhor é provar de tudo / que dá gosto de viver.

UIARA

Esse gosto, só comigo / nunca mais vai se acabar / O meu reino é só de paz / e na paz vais mergulhar. *(Cessa a música).*

CENA 31

(Os Caruanas retiram dos varais a rede de pescar e estendem sobre Mundico, que se deixa cair, ajoelhado. Segurando-lhe as mãos, a Uiara se curva e joga os imensos

cabelos para a frente, mostrando a nuca ao rapaz. Este, a princípio, recua diante da boca posterior da Mãe d'água, mas logo suga a fumaça que ela acaba de tragar)

UIARA

Assim, desse jeito. Não debes perder nenhum fio dos meus cabelos.

MÚSICA – *Instrumental, com tons excitantes, frenéticos, sensuais.*

(Quatro Caruanas, cada um com uma taquara, retiram a rede do varal e erguem a malha sobre a Mãe d'água e Mundico. Cheios de sensualidade, pescadora e pescado se entregam a um erótico balé. Seus movimentos são coadjuvados pelos outros Caruanas, que bailam também em torno dos dois.)

CARUANAS

(Com H aspirado) Há! Há! Há! Hei! Hei! Hei! Hou! Hou! Hou! (REPETEM)

UIARA

Vem dançar comigo, vem! A dança do encantamento.

(Juntamente com os sons guturais dos Caruanas, aumentam cada vez mais os tons frenéticos de excitação dos instrumentos musicais. Mundico se atira com vontade a esse erótico Balé. Eis que se escuta, ao longe, a voz de:)

CENA 32

VAVÁ

(Fora) Mundico! Mundico!

MUNDICO

(Ligando-se ao mundo real) Acho que estão me chamando.

UIARA

Sou EU quem está te chamando.

MUNDICO

Não, não, é o Vavá. Meu pessoal 'tá precisando de mim e eu... eu me esqueci que, nas travessias da vida, é com os amigos que a gente deve tocar o barco. Ainda mais quando o barco da vida é esse mundão sem fim. *(Tenta desvencilhar-se, mas a Uiara o prende pelas mãos)* Me larga, me deixa! Tudo isso é um sonho que me engana. Um sonho mau, que eu preciso acordar! Ainda não chegou a minha vez.

UIARA

A tua vez é agora, Mundico! Começou um novo tempo. Um tempo de felicidade.

MUNDICO

Essa felicidade não é do meu querer. É uma felicidade morta.

VAVÁ

(Fora) Mundico! Ó Mundico! Égua, Mundico, responde! Responde, *sumano*, responde!

(Os Caruanas trazem a pedra, enlaçada por uma corda, espécie rudimentar de âncora. Compõem um ritual em que a Uiara atrai Mundico com as mãos para a canoa.)

MUNDICO

(Já nos ritos do encantamento) Que é que eu fiz de mim?! Deixei o sono medonho me vencer e me perdi dentro do sonho.

VAVÁ

(Fora) Mundico! Te avexa, *sumano*!

(Os Caruanas trazem a rede de pescar e a estendem sobre a canoa. Mundico entra nela e a Uiara o despe do calção.)

MUNDICO

Agora, já entrou na casa do sem-jeito. E eu só quero mesmo é uma rede de dormir, toda enfeitada de flor, uma esteira debaixo, toda coberta de frutas, e muita pinga e ervas de pajé, pra esquecer os sonhos que já não posso sonhar. *(Deita-se na canoa. A Uiara acaricia-lhe o corpo e se senta sobre o sexo do rapaz)* Isso, isso... vem! Arrodeia minha carne de homem com a tua carne de peixe! Arranha meu couro de macho com as tuas escamas de sereia! Me fere com os teus ouriços de mulher!

UIARA

(Voz deformada, como nos filmes de terror). Possuir... Tu vais me possuir todinha e muito mais... um outro mundo sonhado, desejado, no qual vais mergulhar sorrindo para sempre.

(A canoa é puxada até a área convencionada como rio. Uiara e Mundico se entregam aos movimentos do coito.)

MÚSICA *(Som ritmado de percussão pontua o crescendo e a intensidade)*

UIARA

(Voz similar à anterior). E agora vamos ao último passo, o ultimo laço do encantamento!

(A Uiara se ergue e deixa a canoa. Faz um nó de enforcado, com a ponta livre da corda, e a entrega ao rapaz. Este a coloca sobre o pescoço e atira a boia no rio (os bastidores). Os Caruanas dançam em torno da embarcação.)

CARUANAS

Hei! Hei! Hei! Há! Há! Há! Hou! Hou! Hou! *(Repetem)*

(A Uiara estende o remo sobre as mãos cruzadas do jovem, e envolve seu corpo com as dobras da rede de pescar. Finaliza-se, pois, o pacote funéreo.)

MÚSICA – *Um clássico Réquiem.*

VAVÁ

(Fora) Mundico! Responde, Mundico!

(Os Caruanas erguem o fardo mortuário e, num ritual pontuado pelos atabaques, levam a canoa para o rio (os bastidores). A Uiara dança um solo frenético, até à total imersão.)

CARUANAS

(De modo ritmado) Todo homem busca / um raio de luz / no abismo profundo / até ver a noite / cair para sempre / nas margens do mundo!

CENA 33

(Chegam Vavá e outros trabalhadores, com lamparinas e lampiões)

VAVÁ

(Desce até a ribeira e recolhe os pertences do amigo). Mundico! Mundico! A donde estás, sumano?

ASSIS

Onde será que ele se meteu?

CHAGAS

Vocês ‘tão vendo, acolá?

MILICA

É uma canoa emborcada.

XAVIER

Égua, gente, é a canoa do Mundico! *(Desce também até à prainha e segue no rumo das Coxias, por onde saíram os Caruanas).*

VAVÁ

Ah, Mundico! Sua cabeça era um rio agitado e ele mergulhou de vez na pororoca.

XAVIER

(Traz a canoa de volta, vazia, e corre para o alto) Acode, pessoal! Acode, que o Mundico se encantou!

VAVÁ

(Ergue o lampião e olha para além do rio) Não, se desencantou. Porque ninguém veio remar junto com ele. Mas se todo mundo remasse...

EPÍLOGO

MÚSICA – *(Todo o elenco)*

CORO 1 // CORO 2

Juntos no remo / de mão em mão // Todos remando / que nem irmãos!

CORO 1 // CORO 2

Que nem os peixes / contra a maré // Que nem as aves / juntas no céu
Que nem abelhas / fazendo mel // Que nem formigas / em procissão

CORO 1 // CORO 2

Juntos no remo / de mão em mão // Todos remando / que nem irmãos!

CORO 1 // CORO 2

Que nem abelhas / sem as rainhas // Que nem formigas / sem o ferrão
Que nem as aves / sem as gaiolas // Que nem os peixes / sem tubarão

CORO GERAL

Juntos no remo / de mão em mão / Todos remando / que nem irmãos!

Fim

OS MANSOS DA TERRA

MANSOS DA TERRA⁵

1971

(Ou: TEMPO DE GUERRA E TEMPO DE PAZ – N. A. 1)

Drama

PERSONAGENS

Manecão Serafim

Ribamar

Quinzim / Denora

Beijamim das Fontes (N.A.2)

AÇÃO

Década de 60, sudeste da Amazônia.

CENÁRIO

Uma gruta de pé de serra, com cipós caindo até o chão e árvores ao redor. Em uma encenação mais funcional e estilizada, esse local, já descrito pelos próprios personagens, poderá ser reduzido a meras sugestões cênicas e mais centrado nos atores, ainda que o diretor, o cenógrafo e o iluminador não deixem de exercer sua arte e criatividade.

5 Seleccionada para leitura no I Concurso de Textos do Teatro Opinião – 1971.

Menção Honrosa ao Texto no Festival Nacional de São José do Rio Preto – 1972.

Várias montagens do texto premiadas em Festivais.

SINOPSE

Viajando pela região do Bico de Papagaio (no atual Estado de Tocantins), na Amazônia, RIBAMAR, acompanhado de QUINZIM, um rapaz que é mudo, encontra MANECÃO SERAFIM, ferido e inconsciente. Após os primeiros socorros, RIBAMAR decide levá-lo até o próximo vilarejo, mas, ao fugirem de um redemoinho, vão abrigar-se em uma gruta de pé de serra. Ali descobrem que MANECÃO é um pistoleiro profissional, a quem BEIJAMIM DAS FONTES, um velho dono de terras do Nordeste, encomendou as mortes de um meeiro da fazenda e a de sua própria filha que, apaixonada pelo peão, entregou-se ao rapaz e com ele fugiu. Revelações inesperadas vêm estabelecer, entre os circunstantes, uma sucessão de conflitos dramáticos, enquanto lá fora está prestes a desabar uma chuva forte e devastadora. Esse tipo de aguaceiro, frequente na Amazônia, pode cair por muitos e muitos dias, alagando extensas áreas em volta, o suficiente para deixar pessoas e animais ilhados ou, até mesmo, mortos por inanição. Tudo isso poderá colocar em risco a vida dos três, à mercê da mais poderosa das forças da Terra: a Natureza.

NOTAS DO AUTOR

N. A. 1: Título alternativo, com anuência do autor para livre escolha dos encenadores.

N. A. 2: Na versão original, o texto foi escrito para quatro atores. Se os encenadores optarem por apenas três, conforme a presente versão, BEIJAMIM DAS FONTES pode ser revivido, em narrativas dramatizadas, pelo próprio intérprete de MANECÃO SERAFIM.

N. A. 3: Por ser um linguajar regional, quase um dialeto, de palavras com alterações mórficas ou sonoras, ou concordâncias alteradas, exige dos atores, obviamente, uma pronúncia bem clara, para melhor compreensão dos espectadores.

N. A. 4: Exceto alguns termos criados ou recriados pelo Autor, a maioria dos vocábulo consta de Dicionários da Língua Portuguesa, como o Aurélio e outros.

N. A. 5: As citações bíblicas, colocadas entre aspas, algumas vezes em simples excertos, e, em outras, sem localizar os versículos, são extraídas do Antigo e do Novo Testamento.

N. A. 6: Esta peça foi inspirada – tendo, como exemplo, o fato de, em um povoado da região do Bico do Papagaio, o Autor conhecer um matador profissional passeando, como qualquer ser

humano, com sua filha pequena, a quem tratava com todo carinho paterno – em várias experiências adquiridas nas viagens que, nos anos 1964-65, aos 19 /20 anos, o Autor fez a cavalo, barcos a motor ou avião teco-teco, no sudoeste do Maranhão e norte do atual Tocantins, a serviço da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, na agência de Imperatriz (MA).

LEITURA E ENCENAÇÕES

- OS MANSOS DA TERRA foi selecionada no Concurso de Dramaturgia do Teatro Opinião, em 1971, tendo sido apresentada nesse Teatro, em 1972, na forma de leitura dramática, sob a direção de JOÃO DAS NEVES e com os seguintes atores: Manecão – NEY COSTA /Ribamar – LUIZ ERNESTO / Quinzim / Denora – SUZANA FAINI/ Benjamim das Fontes – JOÃO DAS NEVES.
- Encenada pelo Grupo de Teatro Experimental OS ATORES, sob a direção de ALMÉRIO BELÉM, estreou no Teatro Municipal de São José de Rio Preto em julho/ 1972 com a seguinte equipe técnica:
- Elenco: Manecão – RÔMULO MELLO /Ribamar – RAIMUNDO ALBERTO / Quinzim / Denora – CARMEM DE CASTRO // Benjamim das Fontes – AUGUSTO RAINHA, FRANCISCO VASCONCELLOS, ZÉMARIA RODRIGUES, SILVIO CARVALHO, ALMIR CABRAL(cf. substituições); Cenário / figurinos : CLÁUDIO VALÉRIO; Música: SÉRGIO MUREB; Contrarregras: BETTY COSTA e MIRIAM MUREB.

Foi apresentada em outros espaços cênicos do Rio de Janeiro e, sob o patrocínio da PROCULTURA do (então) Estado da Guanabara, em escolas, presídios, clubes e associações de bairro, de diversos subúrbios no Rio. A peça tem sido encenada em várias outras cidades do País, tais como: Niterói (RJ); São Luís (MA); Teresina (PI); Aracaju (SE); Salvador (BA); Belo Horizonte (MG); São Paulo (SP); São Caetano do Sul (SP); Araçatuba (SP); Salto (SP); Mauá (SP); Blumenau (SC); Joinville (SC); Belém do Pará (a mais recente montagem, em 2014, sob a direção de Paulo Sant’ana).

PREMIAÇÕES

- A montagem do Grupo OS ATORES obteve os seguintes prêmios: Melhor Cenário – **Menção Honrosa ao Texto** – Menção Honrosa à Atriz, no Festival Nacional de Teatro de São José do Rio Preto (SP), 1972; Melhor Atriz – Melhor Sonoplastia, no Festival Nacional de Teatro Jovem de Niterói, 1972; **Melhor espetáculo** – Melhor Direção – Melhor Atriz – Melhor Cenário – Melhor Figurino, no Festival da ATA – Guanabara (atual RJ) – 1973.
- A encenação de CLÁUDIO BARRADAS para o TEATRO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, em 1977, com músicas especialmente compostas pelo Maestro WALDEMAR HENRIQUE, foi muito aplaudida no festival de Campina Grande (PB). **Selecionada para participar do primeiro MAMBEMBÃO**, promovido pelo Serviço Nacional de Teatro, em janeiro / fevereiro de 1978, foi apresentada no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, com excelente receptividade da Crítica e do público.
- A montagem do grupo TEATRO DE SANCA, de São Caetano do Sul (SP), no ano de 1995, com a direção de PAULO RIBEIRO, ganhou, além de outras indicações, os prêmios de **Melhor Espetáculo**, Melhor Direção, Melhor Iluminação e Melhor Cenografia, na V Mostra de Teatro de São Caetano do Sul, no II Festival de Penapolis (SP) e no XII Festival de São José dos Campos (SP); o de 2º Melhor Espetáculo no XV Festiminas de Belo Horizonte; e outras premiações, no XV Festival de Teatro de Santo André (SP).
- A montagem da CIA. ANOMALIAS TEATRAIS, de Salto (SP) em 2007, sob direção de Marcos Antônio Stefano, foi apresentada em várias cidades do interior de São Paulo, no projeto Mapa Cultural Paulista e laureada com os prêmios de **Melhor Espetáculo**, Melhor Sonoplastia, Melhor Cenografia, Melhor Figurino, Melhor Ator e Melhor Direção (pela região Sorocaba).

PUBLICAÇÕES ⁶

A versão original foi publicada pela REVISTA DE TEATRO da SBAT – nº. 406, julho /agosto – 1975.

OS MANSOS DA TERRA consta da antologia RAIMUNDO ALBERTO – AQUARELA AMAZÔNICA – TEATRO – Volume I – Taba Cultural Editora, Rio de Janeiro, 2014. (Quatro textos do Autor).

Esta peça só poderá ser encenada, no todo ou em parte, com anuência do Autor, ou de seus representantes legais, por intermédio da SBAT - Sociedade Brasileira de Autores.

Reg.º NA BIBLIOTECA NACIONAL /MINC / EDA Nº 560.874-Liv. 1.069-Fls. 413.

INTRODUÇÃO

MÚSICA – “*TEMPO DE GUERRA E TEMPO DE PAZ*”

Ai que vontade danada / de contar uma história
da minha gente do Norte / com muito sangue e fuxico
e brigas de vida e morte / pois tudo tem no seu tempo
nos corre-corres da sorte

A-pois chegar’ uns vaqueiros / num pé de serra medonho
e viram coisa mais feia / que os feitos do *Lobisonho* .

⁶ Rio de Janeiro, 1971 (com várias revisões posteriores).

A presente versão, bastante reformada, é de agosto de 2021,
com algumas alterações em abril de 2025, para a presente edição.

Do que acharam, não trouxeram / do que viram, só contaram
que era arte do Demônio.

Esqueletos e carcaças / caveiras de morte feia
pelo chão só tinha coisa / que se inventa pra matar.
Mas pra quê tanta besteira / se *inté* mesmo contra a chuva
tem o homem de lutar?

Tanta roça pra se pôr / e mato pra se cortar
se ajuntassem muitas mãos...
Mas deu pena pros vaqueiros / foi ver gente se perdendo
pra ganhar morte sem graça / desgraçando os seus irmãos.

Benzeram e se foram embora / desse lugar tão *mardito*
donde o homem virou bicho / e bicho não tem perigo
pois o pior é ser gente / e se esquecer que no mundo
deve tudo ser amigo.

Em terra de gente mansa / não dá pra nascer pimenta
mas pobre de quem se esquentava / e esfria o coração.
Vai morrer antes da dança / sem ver que um dia faz sol
depois que a chuva se cansa.

(Interior de uma gruta de pé de serra. Sob a escassa luz de um lampião e uma pequena fogueira, improvisada com pedras e gravetos, onde há panelas enegrecidas pelo uso, Ribamar lê a Bíblia, enquanto Quinzim aguarda, atentamente, o despertar de Manecão. Este, em suas enxergas, dorme um sono intranquilo. De repente, acorda de modo brusco e se apodera de uma espingarda, apontando-a em todas as direções. Quinzim faz menção de ir para junto de Ribamar, porém Manecão o impede.)

RIBAMAR

Se acalme, seu moço, aqui é tudo gente de paz. “*Bem aventurados os pacífico, porque serão chamado ‘filho’ de Deus*”.

MANECÃO

Mas *adonde* que eu vim parar? Quem são vocês, que me *óiam* como se eu fosse um bicho?

RIBAMAR

Meu nome é Ribamar, mas sou mais *coincido* por Riba. Aquele ali é o Quinzim. É mudo já de nascença.

MANECÃO

Pro menos se pode saber *pro quê* que o meu caminho fez cruz com o de vocês?

RIBAMAR

A gente vinha de andança por aqui, por este Bico do Papagaio e tinha feito uma parada, *a mode* buscar água lá no brejo. Aí demos com o *sinhô*, na beira da estrada, largado detrás da moita, que nem defunto de encomenda.

MANECÃO

Eita desgraça de vida! Não se pode cagar fora do buraco, quando tem porco no redor, fuçando o cu da gente. Mas, mas... este trabuco, aqui, não é o meu! E ‘tá sem bala... (*Quinzim e Ribamar se entreolham*) *Quedê* meu pau de fogo?

RIBAMAR

Não tinha arma nenhuma, junto do *sinhô*. Só esse gibão e o matulão de couro e esses dois sacos de *sale*. O moço ‘tava todo sujo de sangue e, de primeiro, o que *nós fez* foi tratar dos machucado’. Aí nós lhe botamos em riba do cavalo, com muito jeito, e tocamos de andar bem depressa, no rumo da vila mais perto.

MANECÃO

Mas *pro* que diacho que a gente veio parar nesse lugar tão feio, que *inté* parece toca de curandeiro?

RIBAMAR

É que a gente ia’ passando numa capoeira, quando ouviu uma zoeira medonha, que parecia o fim do mundo. Aí nós só teve tempo de *oiar* pra trás e se pôr no galope...

MANECÃO

Não vá me dizer que era chuva. Só de falar que vai chover por aqui, eu me *arrupio* que nem gato.

RIBAMAR

Era um pé de vento, mais brabo que uma onça ferida, que vinha rasgando a mata e derrubando tudo o que visse pela frente. Aí *num* teve conversa: a gente correu tanto, que *inté* se perdeu do caminho...

MANECÃO

E veio parar logo aqui, neste fiofó do mundo! Mas que lugar perdido! Isso aqui deve ‘tá cheio de caranguejeira. Deve de ser assim o inferno. Mas ‘tá parecendo mais é uma gruta de pé de serra.

RIBAMAR

Sinhô, sim. Nós *tá* mesmo debaixo é daquela serra grandona, que a gente vê de longe, *inté* na outra beira do rio.

MANECÃO

(*Olhando para fora*) O *Sole* já ‘stá quase de chegada, pra dizer bom-dia. Só que a chuva, essa metida, também ‘tá querendo se mostrar, e o pretume lá de fora vai ficar mais feio do que esse breu medonho daqui de dentro. Mas *inté* que dá pra passar uma chuva, neste buraco de cobra, n’ê, *cumpade*?

RIBAMAR

O *sinhô* quer dizer chuva pequena, n’ é mesmo? Pois tá no tempo de cair é chuva braba, daquela que chove três, quatro dias sem parar. Como dizia Jeremias, “*um dilúvio d’ água veio sobre a minha cabeça; eu disse então...*”

MANECÃO

Aqui, nesta Amazônia, é bem *diferençoso* de lá, do sertão. Lá, é só cerrado e caatinga. Aqui, tem essa mata pra dedéu! Lá, é aquela seca do desespero... Aqui, chove *inté* mais do que devia!

(*Quinzim envolve-se em afazeres no fogão. Manecão senta-se ao lado de Ribamar.*)

MANECÃO

A-pois assunte, Seu Riba, quando essa *molhadeira* toda ficar rolando pelo chão, *inté* preguiça vai nadar depressa!

RIBAMAR

Sinhô, sim, a chuvosa já vem rasgando o céu, que nem no dia do Calvário. E aqueles *óios* d’água, que só dava pra molhar os pés, vira cada riozão, do tamanho do mundo! Os caminho’ vira tudo igapó e já ninguém pode ir pra diante. A mata ficar perdidinha nos segredo’ dela!

MANECÃO

É. E *feliçoso* demais é quem pode ir s'embora...

RIBAMAR

Mas tem que ir logo, antes do cuspe secar no chão. Quem fica, tem de se acostumar com a fome e com as doença' que as água' traz'. Todo mundo tem mesmo é que se ajudar, que nem irmão, *proque* sozinho, ninguém não pode com as força' da Natureza.

MANECÃO

Tipo da briga mais sem graça. Tem vez que ela é mãe, tem vez que ela é madrasta. (*Tenta localizar seus pertences e acaba descobrindo uma ossada, que não consegue identificar*) Óia só, *cumpade*, mas que doideira! Pelo tamanho dos osso', capaz *inté* desta caveira ser de algum *desvivente*... Cruz, credo, te *adesconjuro*! Que grutazinha mais assombrosa! Quem anda pelo mato já sabe: *pranta* mexida, terra pisada e os cacareco' deixado' no caminho... por aqui passou gente!

RIBAMAR

Ou ficou de vez.

MANECÃO

Pois é. Que a Morte, essa enxerida, não vende fiado nem pro pai dela.

RIBAMAR

Inté proque, nem tudo se deixa, nem tudo se leva. O Quinzim também achou esses arreios véios e esta cuité.

MANECÃO

Vai ver que os vaqueiros, quando viajam por estas banda', devem de fazer pousada por aqui.

RIBAMAR

Mas agora n'ê tempo deles, não. Na hora que cai o chuvaral, lhe digo que esta gruta, num piscar dos óios, fica mais cheia do que açude lá no sertão.

MANECÃO

Por isso que a gente tem que arribar, enquanto é tempo. Já viu só, se esse aguaceiro nos pega por aqui?

RIBAMAR

Nosso Pastor não abandona as suas ovelha'.

MANECÃO

Pois só quero ver é quando a chuva cair, que nem nos tempos do Dilúvio. Óia que São Pedro vai mijar tão grosso, que inté cachorro vai beber água em pé. (*Assedia Quinzim como se fosse cachorro*) Glup glup glup...

RIBAMAR

Sinhô, sim. Já tem muito riacho com as águas batendo *inté* nailharga. Ô canseira danada que dá, quando a gente tem que atravessar os cor'gos! Não tem ponte, não tem mata-burro... A gente tem que tirar tudo que é roupa, tudo que é sela, tudo que é arreio, levar tudo com as mão' pra cima e, *adespois*, botar tudo de novo, quando chega no lado de lá...

MANECÃO

Quer dizer, *antão*, que a gente, quando tem que passar nos riacho', é um tal de tira e bota, bota e tira, tira e bota... E o mais pior é quando tem candiru, né, Quinzim?! Te cuida, hem, mudinho! Óia que o safado desse peixinho entra em tudo que é buraco...

RIBAMAR

A-pois que jeito?! Inda *onte* mesmo, nós teve de passar com o *sinhô* por uns três igarapés...

MANECÃO

E eu tive que ficar com a piroca de fora, que nem Adão? Epa! Num me diga que eu também fiquei de bunda pro vento, feito bebão sem dono...

RIBAMAR

Não, não, o *sinhô* 'tava *drumindo*, e não careceu de tirar foi nada. Eu lhe carreguei aqui, no meu lombo e o *sinhô* nem se molhou...

MANECÃO

Mas não 'tou dizendo! Cuidar de mim, assim, só mesmo a mãe da gente!

(*Ouve-se um trovão distante. Manecão se benze. Todos se põem em visível expectativa.*)

MANECÃO

É, *cumpade*, é bom a gente pegar no rumo, logo de manhãzinha. Epa, sô, e a minha égua?

RIBAMAR

Nós não viu cavalo nenhum, junto do *sinhô*. Mas se quiser, pode ir na mula do Quinzim, que ele vai montado mais eu... n'ê, Quinzim? (*Este não esconde a reação*) Lá no Capim Cheiroso, o *sinhô* arranja um *animale*.

MANECÃO

Eita desgraça do diabo! Que *sodade* que eu vou ter da bichinha. Aquela égua era boa que era danada. (*Malicioso*) Em tudo, *cumpade*, em tudo! Só faltava mesmo era falar. (*Tom*) Pr' onde é que vocês 'tão indo?

RIBAMAR

(*Entreolha-se com Quinzim*) Pras bandas de Marabá. É de lá que o *sinhô* vinha?

MANECÃO

Não *sinhô*, 'tou vindo de Araguaína. Fui atrás dumas pestes que eu ando doido pra tirar o couro. (*Ribamar e Quinzim se entreolham*) E lá pras banda' de Imperatriz, eu me enrabichei com uma sarará... *eita mulhé*, bonita que nem *frô*! Mas ah, Seu Riba, pra tirar uma *azeira* dessa, só mesmo banho de mijo!

RIBAMAR

Pro que o sinhô diz isso? Que foi que essa mulhé...

MANECÃO

Ah, *cumpade*, eu não sabia que ela era xodó do delegado! O fulustreco veio pra cima de mim, latindo que nem cão raivento. E aí mandou os cabras dele me pegar no laço. Deram uma coça danada no meu couro e *dissero* que iam me matar. Me *levaro* pra beira da estrada e só *num* me *mataro*, *pro que* vinha passando uns *caminhão*. Então me *jogaro* logo na moita e... pelo jeito, só deu tempo deles levar a minha égua e o meu trabuco. Só sei que *adespois...* é, *adespois*, eu num alembro de mais nada.

RIBAMAR

(*Trazendo tiras de pano, para trocar as ataduras*) E *a-pois*, agora, com' é que o *sinhô* 'tá se sentindo?

MANECÃO

Agora 'tou mais melhor. Se não fosse' vocês, eu ira virar carniça. Urubu ia se juntar tudinho, pra me jantar lá na moita, que nem piranha em *cadave*' de afogado...

RIBAMAR

O *sinhô* deve de estar com fome. Quinzim, dá um curau aí pro Seu... com' é mesmo a sua graça?

MANECÃO

Fui batizado com o nome de Manoel Serafim. (*Ribamar e Quinzim se entreolham*) Eita que inté um *cantadô* de feira já fez verso' da minha vida e *cantô*, lá na cidade:

Eu vou contar minha história / a história de Manecão / filho de anjo com santa / mas afilhado do Cão.

Nasci besta e ´tou sabido / nasci nu, tenho um gibão / nasci pobre e vou ricar / pra ter de ouro o caixão.

Trabaiava numa roça / mas a terra n´era minha / e quanto mais eu *prantava* / dinheiro de menos tinha.

Fui queixar pro dono dela / mas surra foi de resposta / ele jantando os quitute´ / e eu no chão comendo bosta...

Me *adecidi* por vingança / comi a *mulhé* e a filha / toquei fogo na fazenda / matei foi toda a família...

Matei tudo que é capanga / menos um que me ensinou / a ser rico sem canseira / e a saber sem ser doutor.

E desde *antão* pelo mundo / não sinto fome nem frio / nesta faca me penteio / meu sustento é o meu fuzil!

(Ao terminar, faz-se um breve silêncio. Entreolham-se Ribamar e Quinzim. Manecão pega uma garrafa de cachaça, bebe um gole e oferece a Ribamar, que recusa.)

MANECÃO

O *sinhô* é *querente*, n´ é mesmo? Mas *inté* que *arrespeito* a *querença* dos outros. Mas eu, também, tenho a minha. Sempre me pego com a Nossa Mãe das Dor´, quando ´tou no perigo. *(Quinzim vem trazer o caneco de curau)* Mas que bonitinho esse moleque! *Inté* mesmo com essa cara braba que ele tem. Menino assim é um perigo, em terra donde não tem *mulhé*...

RIBAMAR

Tem perigo não. “*Bem aventurados os limpo´ de coração, proque eles verão a Deus.*”

(Enquanto prepara a comida, Quinzim vai até as enxergas onde Manecão dormia e mexe em um dos sacos de pano, nos quais se acha escrita, com o “s” invertido, a palavra Sali. Estão ao lado de um bolsão de couro, fechado com cadeado, que não escapa aos olhos de Quinzim.)

MANECÃO

Larga disso aí, moleque. Mas vá lá, toma um pouco de *sale*. *(Tira do saco um punhado de sal e dá a Quinzim. Vai até à caçarola e cheira a comida)* Huuummm... *(Quinzim tira-lhe a tampa das mãos)* Eita, que pirão pai d´égua! Uma vez, na minha terra, eu comi tanto pirão com jabá, chega eu fiquei assim, ó...

RIBAMAR

Adonde fica a sua terra?

MANECÃO

É lá pros lado' de Santo Antônio das Moça' (*Ribamar e Quinzim se entreolham*). O *sinhô* sabe donde é?

RIBAMAR

Sei não.

MANECÃO

Eita lugar dificultoso de se viver! Tive *inté* mesmo de sair de lá.

RIBAMAR

E adonde que o *sinhô* vive, agora?

MANECÃO

Por aqui, por ali... É que 'tou fazendo um serviço muito do importante. Eita que já 'tá virando um sonho que não pode ser. Me alembro que o meu *vêio* pai gostava de cantar...

(*Cantarola*) Eva deu a fruta dela / e Adão bem que gostou / mas Nosso *Sinhô* zangado / fez o homem sofredor / E é tanta dor no mundo / que nem fio do meu cabelo / dor de dente e de cabeça / dor de corno e cotovelo... / Mas a dor que faz a gente / de tristeza padecer / é viver cheio de sonho / que num pode acontecer.

Mas inda hei de conseguir o que 'tou querendo! Sou assim desde pirralho: quando meto uma coisa na cabeça, vou *inté* no fim!

RIBAMAR

E *qualé* esse de-querer tão grande do *sinhô*?

MANECÃO

Já faz muita chuva e muito *sole* que eu ando, de um lado pra outro deste mundo, caçando um home' e a *mulhé* dele. Já corri tudo que é sertão, já pus o remo em tudo que é rio, já subi e desci tudo que é serra...

RIBAMAR

E nunca chegou perto deles?

MANECÃO

Ceguei, ceguei. Muitas vez' eu 'tava quase pondo a mão na cumbuca, mas os dois escapulia'. Só ficava a *notiça*: passaram por aqui; viram eles no lugar tal; diz que 'tão indo pra não sei onde... E nada! Dá *inté* de perder as esperança'.

RIBAMAR

Mas que mal que lhe fez essas criatura'?

MANECÃO

Taí que nem sei lhe *arresponder*. Só sei dizer que esse serviço n' é pra qualquer um, não. Muito jagunço já foi pros inferno', com pau de fogo e tudo.

RIBAMAR

“Não brigues com um homem sem motivo, quando ele não te fez mal nenhum!”
Proverbos, capítulo terceiro...

MANECÃO

Será que o *cumpade* nunca viu eles dois? O cabra deve de ser do seu tamanho, mas é mais brabo, mais *adecidido*. Eita, que ela é a morena mais sajica do mundo, com os cabelos lá embaixo, na moda de trança! Espie só, neste retrato.

RIBAMAR

O papel 'tá amarelento... e a cara deles, ó, 'tá meio apagada...
(*Quinzim pega o retrato das mãos de Ribamar e vai examiná-lo, à luz do lampião...*)

MANECÃO

Mas *inté* que dá pra ver. José da Doroteia não foge da luta, nem se tremelica. Por tudo que é sertão, matas e vereda', é grande a fama desse cabra forte e destemido, que abre picada no mato com os dente' e caça caítitu com as mão'; capaz de mandar, lá pras profunda', cinco jagunço' de uma feita só! Por todo canto que passa, deixa tanta fama de valentia, que dão *inté* de inventar história. E a *mulhé* dele, oxente, o que ela tem de bonita, tem de braba! Tem vez *inté* que eu fico cismando que ainda não peguei eles, *proque...*

RIBAMAR

Proque tem medo?

MANECÃO

Epa, sô, e eu lá sou macho pra ter medo de outro macho?! E muito menos de *mulhé* atrevida! Mas a gente tem que se cuidar, n' é mesmo? Senão, eu é que acabo virando de-comer dos verme'. Acho *inté* que o preço deles é minguado, pra tanta canseira.

RIBAMAR

Quer dizer que tem gente pagando o *sinhô*?

MANECÃO

Tu acha' que eu sou besta de dar murro em ponta de faca?! No dia que eu levar a cabeça deles pro *vêio* Beija, vou ter mais ouro na boca do que a dentadura do Diabo.

RIBAMAR

Véio Beija?

MANECÃO

O *sinhô* conhece?

RIBAMAR

Conheço não. De onde ele é?

MANECÃO

Ah, de muito longe daqui, lá pras banda' do Nordeste, mas fica perto de onde eu vim.

RIBAMAR

(*Ribamar e Quinzim tornam-se a entreolhar*) Mas que foi que aqueles dois *fizero*, pra mexer tanto com a raiva desse *véio*?

MANECÃO

O cabra, mais a mãe dele, *trabaiavam* de meeiro', lá pro *coroné*. O *sinhô* sabe como é...

RIBAMAR

Sei. Já *inté* *inscutei* *dizê* que inda tem disso, por aí.

MANECÃO

Diz que o trato é assim: metade do que colhe na roça é pro *coroné*. E a outra metade...

RIBAMAR

Acaba sendo é dele, também. Diz que é pra pagar os mantimento' que ele manda buscar lá no armazém e vende pros coitado'...

MANECÃO

Só sei que os dois tinha' um pedacinho de roça, *prantada* nas terra' do *véio*. É aquele *mundarão* de chão que vai bem longe, *inté* pra lá da curva onde o Diabo perdeu as bota'. Um certo dia, esse tal de Zé foi se queixar pro *coroné* que a mãe dele 'tava morrendo. E *antão*, o que sobrava dos legume', tirando a parte do *véio*, não dava nem pra comprar remédio' pra *desinfeliz*. *Parés* que o *coroné* 'tava *bebão*, nesse dia, e caiu de zoeira pra banda do Zé...

BEIJAMIM

Vira pra lá essa cara feia, moleque! Deixa de arrogança, e não vem com conversa fiada pra riba de mim! Só gasto a minha prosa com quem me paga à vista! Vou

mandar é uns macho' bem safado', lá pra rede da tua mãe, que ela se alevanta logo, boazinha!

MANECÃO

Antão o Zé se queimou de raiva. Fez a filha do véio se engraçar com ele e os dois fugiram pelo mundo afora. Ainda me alembro do dia que eu falei com o coroné. A voz dele era de fazer um cabra se tremelicar todinho, dos pés inté no cocuruto.

BEIJAMIM

Mas a mode de quê, que esse filho d' uma égua foi desencaminhar essa menina, assim, sem nem por nada, só pra sangrar meu coração de pai?! E pro quê desmotivo aquela moleca ordinária tinha de seguir mais ele, feito uma cadela no cio?! Agora os dois 'tão por aí, bem longe, nesse mundão de Deus, mas inda sinto o bafo deles aqui, no meu pescoço, bufando mais quentura do que o dragão de São Jorge! Não consigo mais nem pegar no sono, na cisma que eles 'stão vindo pra cá, pra tomar tudo que é meu. Ah, mas isso eles num vão conseguir, não! Gasto tudo que é dinheiro, mas eles vão ver só inté donde vai o poder de Beijamim das Fonte'! Quando é que nasceu quem pode me aderrubar? Pedrão, Genaro, Julião! Fecha tudo que é cancela! Não deixa eles nem chegar perto! E tu, Manecão Serafim, vadia por esse mundo todo, caçando os mardito', e me traz as fuça' deles dois! Quero ver só os óios esbugaiado' daquele peão de merda e daquela sendeira do Diabo!

RIBAMAR

As cabeça'... agora que 'tou assuntando: o sale, a salimoura...

MANECÃO

Pois é só nisso que eu vivo cismando, de dia, de noite, de madrugada.

RIBAMAR

O sinhô já matou muita gente?

MANECÃO

Já, mas nunca dei de pensar. Era gente que tinha de morrer. Não sabe que, nesse mundo, a gente só se espalha mandando pro inferno quem atrapalha? (Retoma o retrato das mãos de Quinzim) Mas esse filho d'uma égua, sei não, acho que ele têm parte é com o Tinhoso.

RIBAMAR

Pro que falar desse jeito? A gente é tudo filho de Deus.

MANECÃO

Mas alguns são filho' mesmo é do Cão! Já andei pelo Piauí, pelo Maranhão, pelo Goiás e o guia dos dois é muito do forte. Mal eu chego num povoado, eles já foram s'embora. Mas dessa feita, eu juro que 'tou na pegada deles!

RIBAMAR

Pro que tu não se esquece disso, irmão? Quanta fruta não já caiu! Quanta *pranta* não já cresceu! N' é melhor caçar uma vida assossegada, arranjar uma *mulhé* e botar uma roça por aqui, onde as terras inda não tem dono, que nem as de lá desse tal de Beija? Vai ver *inté* que ele já morreu...

MANECÃO

Quem, Beijamim das Fonte' morrer?! Morre não! Cruzei c'um cabra daquelas banda', que me disse isso. Diz que já faz um tempão que ele se foi... mas aí eu gritei: 'Tá doido, home'?! Óia que eu te faço engolir essa potoca! O *véio* Beija tem os sete *fôlgos* de um gato. E ele diz que já acendeu sete velas roxa', nos sete cruzeiro' de sete campo' santo', pra só morrer no dia que vingar a *mardade* que *fizero* pra ele. E é essa a minha sina. Inda hei de pegar aqueles dois e fazer justiça pro *veio* Beija.

RIBAMAR

O *sinhô* me *adesculpe*, se isso nem é da minha conta, com' é que o *véio* paga o *sinhô*?

MANECÃO

Pro que o *sinhô* quer saber? Mas tudo bem, o *sinhô* me deu confiança e vou lhe dizer: o *véio* tem um filho, que ele diz que não é de sangue, e nunca botou o nome dele nos papel, *proque* *num* tem nenhum *doutô* que sabe o jeito de provar que ele é. Mas diz que esse zinho é que cuida da fazenda e de tudo o mais que é do *véio*.

RIBAMAR

E o *coroné* *num* tem nenhum outro filho varão?

MANECÃO

O *véio* Beija tinha três filhos macho'. Um morreu de doença. E os outros dois, os inimigo' do *véio* *passaro* na faca, nessas briga' de vingança. A *mulhé* do *véio* também já morreu, no dia mesminho que pariu a rachada, essa talzinha que eu 'tou de mira. Só sei que o bastardo nunca deixou de mandar o meu pago, pra ferrar ela e esse tal de Zé da Dorotéia.

RIBAMAR

Óia o que Cristo disse a Pedro: “*Quem com o ferro fere, com ferro será ferido!*” O *sinhô* *num* tem medo do castigo?

MANECÃO

Oxente, eu lá nasci pra ter medo? Só vence na vida quem tem corage'. Tenho mais *arreceio* é de morrer, sem ter achado aqueles dois. Será que tu não viu mesmo eles por aí, por essas andança'?

RIBAMAR

Vi não. Você viu, Quinzim?

(Quinzim olha para ele de modo furioso. Vai até os teréns e, de costas para os demais, retira uma pequena espingarda de caça, que esconde em um dos cantos perdidos da gruta. Pega uma vasilha de lata com pirão e leva para Ribamar. Este aponta para o jagunço e o garoto atira outra, vazia, aos pés de Manecão.)

MANECÃO

Mas que é isso, gente boa? Que modos são esses?! *(Segura Quinzim bem forte, olhos nos olhos)* Diacho de menino bonito! Vai ver que o teu pai e a tua mãe te *fizero* numa noite de lua cheia, dessas gostosa' de se *drumir* bem juntinho, mais coladinho do que carrapato no couro de cavalo...

RIBAMAR

(Enérgico) Quinzim, vai ver aqueles dois! Vai ver se eles estão bem, lá fora!

(Quinzim se desvencilha do jagunço e sai de cena, levando um lampião.)

MANECÃO

(Desconfiado) Aqueles dois, como? Oxente, quem é que tá lá fora? Quem é que 'tá no sereno e o *sinhô* nem me deu conta?

RIBAMAR

Ninguém, não *sinhô*. Quer dizer... É a Salomé e o Zé...

MANECÃO

Um home' e uma *mulhé*? E ele se chama Zé? Espera aí, *cumpade*! O quê que o *sinhô* 'tá me escondendo?

RIBAMAR

Nada, não. Quer dizer... Salomé é a mula do Quinzim... e Zé Malhado é o meu *vêio* amigo de *galopança*.

(Manecão vai até à saída da gruta e olha para fora, desconfiado. Bebe mais uns goles de pinga e se encaminha à panela. Quando vai despejar mais comida na cuité, olha para o fundo do vasilhame e o deixa cair, espantado.)

RIBAMAR

Qu'ê que foi?

MANECÃO

Nada, não! Te *adesconjuro*! (*Misterioso*) Acho que eu vi a cara do Fedorento, no fundo da cuité. (*Pega um graveto no fogo e, com o carvão, começa a riscar diversas cruzes no chão e nas paredes da gruta*).

RIBAMAR

O *sinhô* tem medo de Satanás?

MANECÃO

Mentira 'tá na boca de quem não tem. É tipo do nojento que eu não quero ver, nem de perto. A gente só pode lutar com o que se vê e o que se sabe. E quem é que pode lutar com quem se esconde nas treva'?

RIBAMAR

Devia ter medo, também, é das almas dessa gente toda, que o *sinhô* matou... (*Pega o vasilhame, enche de pirão e dá a Manecão*).

MANECÃO

Ó *cumpade*, num vai de ser nenhum cabra *mardito* que me tirar o sono. *Adespois* que acabo o serviço, rezo uma reza bem forte, pras alma' deles nunca me *apresseguir*. E tem vez que eu *inté* bebo o sangue deles, pra ficar mais forte. Tenho medo, mesmo, é de alguém tirar o meu e vender pro Diabo. Nesta terra, tudo se vende! (*Com a tisna do carvão, desenha cruzes na testa, nas faces, nos braços*.) Eu, hem, te arrenego, bicho das treva'!

(*Ouvem-se alguns relinchos. Entra Quinzim e se comunica, por meio de gestos, com Ribamar*.)

RIBAMAR

O *sinhô* me dá licença. É que tem uma cobra lá perto dos *animales* e 'tá deixando eles mais nervoso' que ariranha presa no jaulão.

(*Manecão pega a ossada que achou e a põe numa cumbuca. Desenha uma grande cruz no chão e, no centro dela, coloca a vasilha com os ossos. Ajoelha-se e reza, ou canta*.)

MANECÃO

Meu Deus, minha Mãe das Dores / valei que eu 'tou precisado! / O Demo anda pelo mundo e eu / eu *num* quero ser levado. / Valei, minha boa Mãezinha, / *num* deixa eu desamparado! / Vou lhe fazer três novena', / vou rezar *ajoeiado*, / mas *num* deixa esse seu filho / cair nas mão' do Danado!

(Após benzer-se, leva a ossada para fora da gruta, com um certo quê de ritual, e logo retorna) Oxente, onde é que esse *querente* se meteu, mais o mudinho? Vai ver que ele ‘tá é botando o moleque pra rezar mais ele, com a baita daquela vela grandona, que só pinga quando fica acesa... *Óia*, que dessa reza, eu também gosto! *(Ri, safado, e se põe a gritar, espalhafatoso)* Cumpade Riba! Cumpade Riba!

RIBAMAR

(Voltando assustado, seguido por Quinzim) Mas quê que foi, home’ de Deus? Pra quê essa agonia toda?

MANECÃO

Ah, e sou eu que ‘tou agoniado? Quer dizer... vai ver que, agora, o *sinhô* já não ‘tá mais, n’ é mesmo? *(Olha com sensualidade para Quinzim, que vai servir-se do pirão)*.

RIBAMAR

Pro quê que o *sinhô* me chamou?

MANECÃO

É que eu vi se mexer por ali uma cobra assim, ó, *paidegona*! Vai ver que é a *talzinha* que o *sinhô* *percurava*...

RIBAMAR

Mas ora, irmão, tamanho homem! Não pode cuidar da bicha, sozinho?!

MANECÃO

Eeeu?! Vai ver que quem gosta de cobra é esse moleque aí...

RIBAMAR

Quinzim, acaba logo esse pirão e vem comigo! Vamos ver se o Zé Malhado ainda ‘tá *desinquieta* *(Sai)*.

MANECÃO

Hei, Quinzim, vai ver a cobra fumar de novo, é? Eita cobrona gostosa, hem?! *(Olha com sensualidade para Quinzim, que vai servir-se do pirão)* Vem cá, mudinho. Vou já te mostrar como é o tamanho da cobra. *(Agarra-o)* Servindo de *mulhé* pra ele, hem, seu qualira? E que deslambido esse *querente*, com aquela cara de quem quer ir pro Céu que nem anjinho... Eita moleque arretado! Assim que eu te vi, fiquei com um gosto danado de enfiar a minha peixeira nesse corpo maciozinho, maciozinho... Quer ver só a pontinha dela, quer? É faca das boa’! Já rasgou carne de todo tipo e lugar. Vem pr’ aquele canto comigo, vem. Vem, meu beija-flor, vem te picar no baita do meu espinho! *(Quinzim tenta desvencilhar-se, mas Serafim pega o chicote e bate com força no chão. Diverte-se ao ver o rapaz pular e torna a agarrá-*

lo. Quinzim esmurra com força o peito dele, morde-o, mas tudo o que consegue é excitá-lo mais ainda.) Ah moleque filho duma égua! Tu, agora, vai' ver só o que é uma lambada de vara! Tu vai' engolir tudo. Engole todinha a daquele pamonha, pro quê tu não quer' engolir a minha?

(Tenta arrastar o garoto para um canto escuro da gruta e, na luta, a roupa de Quinzim vai se rasgando, até o instante em que saltam dois seios diante dos olhos atônitos de Manecão. O jagunço larga sua presa imediatamente, e esta – agora, Denora – procura se recompor. É quando volta Ribamar...)

RIBAMAR

A cobra num é venenosa, ela é...

MANECÃO

Mas *antão... então* tu é mulhé, mesmo!

RIBAMAR

Um filhote de jiboia.

MANECÃO

Por isso que eu tinha uma coisa na cabeça que me deixava desconfiado. Agora 'tou sabendo.

(Ribamar olha para Manecão com ódio e, por um breve momento, revela-se bem diverso do que, até então, tinha aparentado. Segura a Bíblia como uma arma de ataque, mas tenta conter-se e se ajoelha diante do fogo, com as Escrituras abertas. Denora mira Manecão com uma fúria que tenta conter, enquanto, sem ser percebida, pega a pequena espingarda e a mantém perto de si. Aos poucos, a claridade aumenta, começa a amanhecer. Ribamar apaga o lampião. O jagunço encosta-se a uma pedra, ruminando as ideias. Ribamar também ruma as suas e, com o máximo de esforço para se controlar, tenta ler a Bíblia. Sua leitura, porém, mesmo recitativa e soletrada, revela tudo o que ele procura dissimular. Chega até mesmo a allear sua voz em alguns trechos.)

RIBAMAR

“Ao Onipotente, os tempos não são oculto’; mas ALGUNS PASSARO ALÉM DOS SEUS LIMITE’! (...) Levaro o jumento dos órfão’ e tomáro de penhor o boi da viúva. Ta-rans-tor-na-ro o caminho dos pobre’ e oprimiro OS MANSO’ DA TERRA. (...) Outros estão ceifando o campo que não é seu e trabaizando na vinha DAQUELES A QUEM OPRIMIRO COM VIOLENÇA. Deixa’ nus os homes, tirando os vestido’ daqueles que não têm com que se cobrir durante o frio, que são banhado’ pela chuva dos monte’ e vão se refugiar debaixo dos rochedo’. (...) Despojar o povo pobre (...) e aos faminto’ tiraro as espiga’. MAS DEUS NÃO DEIXA TAIS COISA’ SEM CASTIGO!”

(Sem ser notada, Denora pega as selas e os arreios, e corre para fora. A luz do dia aumenta, no interior da caverna. Denora volta e, sempre de modo sorrateiro, reúne os teréns em trouxas e leva para fora. Ouvem-se, de quando em quando, trovões distantes. Relâmpagos repentinos iluminam a entrada da gruta. Ribamar e Manecão permanecem como estavam. Denora volta e, ativa, coloca-se atrás de seu homem, a observar o matador.)

RIBAMAR

De pouco mais, os óios de Deus vai chorar a tristeza do mundo. Vai ver que foi de vergonha que o Sole amanheceu cobrindo a cara. *(Manecão Serafim parece indiferente)* É tempo de caçar junto' os caminho' que um só não pode nunca de achar. *(Senta-se frente a Manecão, que lhe evita o olhar. A hostilidade é evidente entre ambos, mas Riba se esforça por conter a sua)* O sinhô sabe, é conversando que a gente se entende...

MANECÃO

Não carece de entender mais nada! Do que eu devia de saber, já 'tou assuntando inté demais. *(Explode)* Não consigo meter isso na cabeça: com' é que pode ser mesmo tu, o cabra valente que eu andei *apressegundo* esse tempo todo?

RIBAMAR

“O homem valente provoca rixa; o que é paciente, acalma inté aquele que lhe provoca.”

MANECÃO

Quase toda essa gente que matei, foi pelas costa'. Era homem e era *mulhé* correndo, com medo de morrer, se mijando toda, se cagando *inté* dos tiro' que eu não dava. Isso tudo nunca teve valia pra mim. Eu queria matar era um macho de verdade, como diziam de ser tu.

RIBAMAR

“Aquele que abre uma cova, pro outro lá cair, vai acabar caindo dentro dela, ele mesmo.”

MANECÃO

Pois *inté* drumindo, no meu sono, eu pensava de cavar, eu mesmo, essa cova pra ti. Quantas vez' eu sonhei contigo! Às vez' eu te matava bem de bonito, que nem numa fita que eu vi na cidade. Às vez' eu perdia na luta e te via montado em riba de mim, teus óios que nem um gato do mato, tuas mão' firme' segurando a peixeira, pronto pra enterrar a gulosa, todinha, na minha goela...

RIBAMAR

O que se vê no mundo dos sonho' nunca é de vero no viver da gente!

MANECÃO

Eu me acordava suando que nem de febre, desesperado pra achar teu rumo. E quanto mais eu sabia de tua grandeza, mais eu pensava em te *aderrubar* !

RIBAMAR

Grandeza ninguém não tem, só mesmo Deus que 'tá lá no Céu. Aqui na Terra, a gente é tudo que nem *fromiga*.

MANECÃO

Fromigando, mesmo, o que 'tava era o meu juízo. Por tudo que era canto, *inté* as *mulhé* da vida me dizia', de boca cheia: *tu pensa' que a gente vai dar parte dele? Nós vai é deixar José da Doroteia amassar o corpo da gente todinho, inté ficar se ardendo de prazer!* E todas elas também falava, com muito gosto, dessa tal de Denora, *mulhé* danada de forte, que *adecidiu* seguir seu home' *inté* no cu do mundo!

RIBAMAR

"Uma mulhé forte vale mais do que as pérola', mais do que tudo que vem lá dos confin' da Terra." Proverbos, capítulo 31, versículo...

MANECÃO

Eita que eu desejava essa peste! (*Para a Denora*) Eu tinha que matar ela, também, mas eu jurava que, de primeiro, ela ia ser bem mordida e bem comida, com a fome que dá no roceiro, quando ele chega pra janta. Como eu sonhava derramar, nos brejo' dela, uma correnteza de gozo! Eita que eu tive foi tanto sonho, vadiando por tudo que era caminho, perdido pra achar vocês.

RIBAMAR

A gente só tinha um caminho: buscar a Luz, nessas vereda' de treva.

MANECÃO

Cala essa matraca de beato, seu mijão de bosta! Não, *n'é tu*, não; *num* pode ser vocês o povo que eu 'tava buscando, esse tempo todo. Aqueles que *mandaro* eu caçar, e que eu caçava com toda a vontade no peito, era um outro tipo de povo. Era gente de coragem, daquelas que eu nem sei *adonde* achar, por estas banda'. *Proque*, pelo que 'tou vendo, só tem é cagão por toda parte!

RIBAMAR

Andei foi um tempão perdido de Deus. Mas um dia, eu *coinci* a verdade! E vi que a minha vida mais Denora carecia de mudar. Que canseira que dava de brigar com os jagunço' do véio Beija. Nossa vida era um inferno sem jeito. Nunca se podia viver muito tempo num lugar. Era de se mudar pra outro, *adespois* pra outro, cada

vez mais se afastando da terra onde está enterrado o nosso *imbigo*. Denora teve dois menino', mas um dia, o *vêio* Beija... Ele mandou fazer o pior dos crime'!

MANECÃO

E *antão* não sei?! Pois se foi ele mesmo que me contou, com aquela baba caindo pelos canto' da boca:

BEIJAMIM

Ah, Manecão Serafim, que desgraceira que eu fiz! Mande tocar fogo na casa dos renegado', quando ele mais ela estava' na roça, mas os jagunço' não sabia' que os dois tinha' deixado os inocente' nas redes, lá dentro, pra dormir a sesta...

RIBAMAR

(*Após breve e penosa pausa*) Aí nós *arresolveu* ir pra mais longe ainda. Foi por esse tempo que nós *chegou* num povoado e viu um terreiro todo enfeitado de *frô*, e um bando de gente, com umas palma' *verdinha'* na mão. Aí chegou um homem de fala tão mansa e disse: *queridos irmão', estou aqui pra ensinar as palavra' do Salvador.*

MANECÃO

E tu *foi* na baba do pastor, que nem donzela em conversa de homem safado...

RIBAMAR

Às vez' eu não caçava bem o que ele dizia, mas dava gosto de ouvir. E foi aí que eu entendi que a minha vida 'tava toda errada. Fui lá na frente do terreiro e contei tudo pro povo lá escutar'. E o homem de falar bonito disse pra mim: "*Bem aventurados os manso', proque eles vão possuir a Terra!* Mateus, capítulo cinco..."

MANECÃO

Que terra que nada! Nesse mundão, por aí, é tudo mais brabo que uma onça com fome. E não paga a pena ser manso!

RIBAMAR

Aí ele me ensinou a ler a palavra de Deus no livro santo e eu, mais Denora, nós *saiu* vadiando por toda essas mata', caçando uma terra boa de se *prantar* e ficar pra toda vida. (*Pausa*) *Protanto*, Seu Manecão, nós quer fazer um trato mais o sinhô.

MANECÃO

Minhas orelha' são que nem porta de castelo, mas só tem um rei que tem a chave. E ele se chama Beijamim das Fonte'!

RIBAMAR

Aceite esse dinheirinho que nós ´tava juntando. Deixe de aperrear a gente e tome o seu destino. Eu mais a Denora, nós *vai* tomar o da gente.

MANECÃO

(Ergue-se, a bufar) Tu *tem* mesmo é titica na cabeça! ´Tá pensando que eu vou perder, desse jeito, todo o tempão que eu gastei? Não, *cumpade*, chegou a hora da minha festa e a tua da desgraça. Quero ver só a cara do véio Beija!

BEIJAMIM

Viva Manecão Serafim! Merece a paga bem paga de quem soube cumprir com o seu dever. A fazenda ´tá salva! Abram todas as cancela´, minha gente! Chiquinho! Manda matar um boi dos mais gordo´! Não quero ver nenhuma galinha no quintal! Pedrão, Genaro, manda convidar todo o povo da roça e da rua. Das Dor´, manda aprontar a casa, com as cortina´ de rendão em tudo que é janela. Raimundo, não te esquece de mandar buscar a charanga, pra tocar a noite inteira. Quero que todo esse povo dance, que é de pinga e de dança que ele gosta! (Ri, na mais histórica alegria).

MANECÃO

Mas eu não quero te matar assim de tão fácil, não, que não tem graça. Quero ver tu lutar´, de home´ pra home´! *(Com uma chave que traz em um cordão, no pescoço, abre o cadeado do bolsão de couro e retira dois facões, com os cabos artisticamente trabalhados)* Toma! Esse aí, é que tirar nem pôr este meu. Mande fazer os dois igualzinho, com esses enfeite´ no cabo, na querença das coisa´ se passar´ desse jeito: luta de macho, luta bonita! E hoje é o dia da minha festa, da grande festa de Manecão Serafim! Não avacalhe com ela, *cumpade*. Quero que a coisa seja limpa. Não ´tou querendo sujar a minha mão, com quem é mais *mulhé* que a *mulhé* dele!

RIBAMAR

“A ira descansa no seio do insensato!” Eclesiaste´...

MANECÃO

Que *aste* que nada! *Quedê* os troços que tu tinha´ entre as pernas? Deste também de prenda, pr´ aquele tal do pastor? *(Provoca Ribamar com palavras e gestos, e este vai se transtornando, mais e mais)* De que jeito que tu *ficou*! *Mulhé* mijona! *Mulhé* cagona! Não tem vergonha na cara, não, seu pamonha de milho podre?!

RIBAMAR

(Agressivo) “Não *sejas* insensato, pra que não venhas a morrer no tempo que não é teu.”

MANECÃO

(Forçando-o a agarrar o facão) Com' é que é? Não quer mesmo lutar? Quê José da Doroteia?! Quê aquele machão que tu era'?! Adonde é que tu deixou ele? (Vibra, ao sentir que Ribamar está nos limites da fúria e, mais ainda, quando Denora, exultante, entrega o facão ao marido) Com' é, bicho frouxo da moléstia? Pra quê que tu veste calça? Vai ver inté que tu já 'tá mijando sentado, feito mulhé. (Ri, no mais exaltado deboche).

(Ribamar agarra o facão e se atira sobre o adversário. Ocorre então, sob clarões de relâmpagos e sons de trovão, uma luta dinâmica e violenta. Ribamar volta a ser o homem de outros tempos, motivado pela cólera. Nesse duelo vital, Manecão ri e saboreia a contenda de seus sonhos. Em dado momento, ele perde o facão e é dominado por Zé de Riba, que monta sobre ele possante, vencedor, a faca em riste. Mas estão perto da Bíblia aberta e Ribamar para, ofegante. Manecão tenta dissimular seu medo.)

MANECÃO

Tou satisfeito de tudo, *cumpade*. Tu venceu, *proque* tu é mesmo o cabra de mais força e mais corage' que eu *coinci*. *(Olha a Bíblia, de modo esperto e intencional)* Não morro nas mão' de Deus, mas eu morro nas mão' de um home' que não tem parelha!

RIBAMAR

Nas mão' de Deus?!

(Ainda bem firme na posição de vencedor, move seus olhos, ora para a Bíblia, ora para o jagunço. Denora percebe o que se passa, pega o livro e começa a rasgar algumas folhas, espalhando-as pelo recinto. Ribamar larga o facão e corre para alcançá-la. Segura o livro e cai ajoelhado, esmurrando a terra, com a outra mão cerrada. Enquanto isso, Manecão se aproveita e, bem ágil, retoma o facão. Avança para Ribamar, porém Denora, de posse de sua espingarda, aponta para o jagunço.)

DENORA

Quieto aí, seu cão danado! Já 'tava cheia de beber a minha baba. Agora, chegou a minha vez de cuspir! Já 'tava cheia de viver o tempo todo fugindo. Quero ser livre, pra viver a vida que eu nunca tive. *(Olha para Ribamar, que tenta juntar os pedaços da Bíblia. A seguir, mais calmo, ele se põe a ler baixinho, indiferente a tudo ao redor)* Que toco de home' é esse, que já não se importa de nada, nem mesmo de deixar este mundo?! Ind' agorinha, mesmo, quando a gente foi lá fora, ele me fez um chamego bem forte... e eu *inté* cheguei a ver, nos óios dele, o meu home' de antigamente. Aquele que fazia rebuliço com a peixeira e dava nó em perna de jagunço! Mas hoje, isso que 'stá aí não é nem a sombra daquele macho que pulou a janela da minha *inocença* de moça, que eu mesma abri pra ele entrar, e deixei ele manchar de sangue a minha rede branca! Eu segui esse home', *proque* ele era

adecidido de fazer gosto! Só queria mesmo era justiça e dizia que matar o véio nem valia a pena. Era mais melhor deixar ele sofrendo, *inté* ficar roxo de aporrinhção.

MANECÃO (BEIJAMIM)

Se um menino perde um dente, de logo nasce outro, mas a boca de um véio não pode mais morder. Por isso que a zanga de um véio não pode nunca ter cura!

DENORA

*Antão Zé de Riba me carregou pra estas terra' molhada', a mode nós se livrar da perseguição de meu pai. Mas eu sabia que a sombra dele havia de estar sempre atrás da gente, no tempo que durasse a vontade do véio. Ninguém é livre quando tem medo! É preciso tirar da cabeça tudo que se foi com os fio' de nosso cabelo e só espiar *pro que* vem adiante. Mas quem pode deixar de *oiar* pra trás, quando a vida quer jogar com a gente no baralho da Morte?*

RIBAMAR

A mulhé de Ló olhô para trás... e virou estátua de sale.

DENORA

Mas todo esse tempo, eu fui mais de Jó do que de Ló. Essas meninas aqui não vieram nunca chorar na porta, nem mesmo quando os meus filho' se *vestiu* de anjinho! Foi aí que eu matutei na vingança. Eu sabia que, sozinho, ninguém vence o meu pai; mas se a gente juntasse um pessoal danado de valente e promettesse dividir com eles a terra, de igual pra igual, a gente ia lá e tomava tudo. Como é que pode' uma penca de jagunço', contra um montão de gente *adecidida*? Esse povo podia *inté* chegar sem briga, lá na fazenda, *proque* o véio 'tá sempre catando gente pra *trabaiar* na colheita. Depois que todo mundo já 'tivesse lá dentro, era fácil nós dar o grito de posse de toda aquela terra. *Proque* essas terra' nem mesmo é dele. Eu sei que ele roubou dum *coroné* que saiu fugido da *Poliça* e nunca mais se soube do *home*, nem de ninguém mais que vivia na fazenda. O véio Beija diz que passou tudo pro nome dele, mas os papel é tudo falso...

MANECÃO

Eita filha desgraçada, dessas de dar nojo pra quem é pai! Bem que o véio Beija me disse dela, uma vez, o que não se diz nem da filha de uma cadela:

BEIJAMIM

Pra quê que eu te fiz?! Pra quê que eu te criei?! Sai do sangue da gente um filho e ele cresce contra a gente! Na roça de tua mãe, eu prantei com meus colhões uma semente de erva-doce... e o que foi que ela colheu? Urrrrtiiiigaaaa!

DENORA

E *a-pois* era de urtiga, a coroa que eu ia pôr na cabeça dele, no dia que eu ganhasse de volta a minha parte nas terra', *prantasse* a nossa roça, comprasse um gadozinho, e *inté* mesmo botasse outros menino' no mundo, se a *frorzeira* do meu corpo inda tivesse botão. E todo mundo que se juntasse mais nós ia ter o seu roçado, *proque*, nas sete légua' do *véio*, ainda tem terra de montão. Teve *inté* um padre, lá no Araguaia, que disse: "*já está perto o dia em que todos vão repartir o pão e a terra pra todo mundo, conforme o trabaio e a precisão de cada um*". (Para Ribamar) Atos dos Apósto's, capítulo 2, versícu...

MANECÃO

Deixa de sonho mais *abestado*! Desde que eu me tenho por gente, terra não é pra qualquer um, não. Inda mais pra quem só tem, de riqueza, as mãos e o couro pra curtir no roçado! Só é dono de terra quem pode comprar tudo, *inté* mesmo a sombra da gente.

DENORA

Mas Zé de Riba ficava só cismando. Não dava nem sim, nem não. E foi aí, *antão*, que nós *soube* do matador que o meu pai tinha arranjado, pra nos *apresseguir inté* no *arco-da-véia*! (*Manecão tenta dar um bote, para desarmá-la*) Parado aí, seu jagunço de bosta! Foi por tua causa que eu tive de mudar de nome, me vestir de home' e cortar os meus cabelo', tão lindo' que eles era'! Bem que inda falei pro Zé: quem briga três vez', fica freguês, vamo' é dar cabo do home'! Pra cada Manecão, vai ter João, Antonio, Maria, Severino... uma fieira de povo lutando mais a gente, pra ter, na Terra, a terra que Deus nos deu!

RIBAMAR

(À Bíblia) "*Todas as coisas têm o seu tempo... e tudo passa debaixo do Céu, conforme o tempo que lhe foi dado.*"

DENORA

Mas nós *voltou* mesmo foi a viver que nem gato atrás do rato. *Inté* que apareceu aquele *home* de falar manso. Pra quê, meu Deus! O Zé meteu na cabeça que devia de mudar a nossa vida. E mudou.

RIBAMAR

"(*Murmurando de cor, mas com a Bíblia entre as mãos*) Há tempo de aderrubar e tempo de construir. Tempo de espalhar as pedra' e tempo de ajuntar."

DENORA

É vero que a gente já começava a juntar muitos *terém* e não dava mais pra ficar levando os possuído', de baixo pra cima, de cima pra baixo.

RIBAMAR

“Há tempo de guardar e tempo de jogar fora...”

DENORA

Mas *antão*, pro *quê* ele não assuntava que a gente, se pegando demais nas coisa’, as coisa’ atrapalha a gente? Eu ‘tava pronta pra fugir mais ele, em qualquer tempo, só com o de vestir do corpo. Mas ele, não. Foi se amansando cada vez mais, e deu em dizer que nós *devia* de achar era uma tal de Terra’ da Promissão.

RIBAMAR

“Há tempo de percurar e tempo de desistir...”

DENORA

E o que nós *achou* mesmo foi tu, caído detrás da moita. Inda avisei pra ele do perigo! Mas ele foi logo contando a história do bom samaritano...

RIBAMAR

“Há tempo de curar e tempo de...”

DENORA

(Levanta a arma até a altura dos olhos) Mas agora o teu tempo chegou, Manecão Serafim, e o teu sangue, sim, é que vai sujar a terra! E te matando de vez, eu também mato a sombra de meu pai, que anda grudada no teu calcanhar’. *(Ribamar corre para impedi-la, porém Manecão o segura, rapidamente, como um escudo, e o marido é alvejado. Denora corre até seu homem, mas, a um movimento do jagunço, logo se põe em guarda, lançando a Ribamar um olhar de compaixão.)* Eita home’ do meu destino! Tu me *fez* abrir as pernas pro céu e ficar tudo de cabeça pra baixo... mas *quedê* o sangue forte que corria nas tuas veia’ e botou semente, duas vez’, dentro de mim?

RIBAMAR

“Há tempo de prantar e tempo de colher...”

DENORA

Mas *pro que* tu *acha* que eu também devo ir, mais tu, pra esse céu que eu nem conheço? Não vê que ainda tenho, pela frente, muita chuva e muito *sole*?

RIBAMAR

(Prossegue, em suave recitar) “Há tempo de chorar e... tempo de rir... tempo de ficar aflito... e tempo de se dançar...”

DENORA

Eu só te obedecia e te seguia, *porque* gostava de ti, e ainda tinha fé que, um dia, tu ia' voltar a ter sangue de gente, de novo. Gente que 'tá sempre de pé e nunca fica de rego pra cima! E eu gostava muito era daquela parte da *Bíblia* que diz: "*Bem aventurado' os que têm fome e sede de justiça!*"

RIBAMAR

(Começa a fraquejar) "*Há tempo de amar ... e tempo de ódio...*"

DENORA

Mas agora, tua boca virou boca de anjo e anjo não lambe o meu corpo. E o doce que corria da tua boca, para dentro da minha, ficou azedo que nem vinagre. Ai Zé de Riba! Que eu não tenha de fazer, contigo, o que se faz com um cavalo que caiu na ribanceira e a gente tem de sacrificar... Nem tenha que te deixar aí, sofrendo, *inté* a rasga-mortalha aparecer, com o seu pio de coruja agourenta e te dizer: vai, Zé de Riba, chegou tua hora de galopar nas treva', *inté* às terras do não se sabe, donde ninguém já veio pra contar.

RIBAMAR

"*Há tempo de nascer e tempo de morrer...*"

DENORA

E é só na morte, que todo mundo tem seu chão. Mas eu, NÃO! Inda mais agora, quando eu sei da *notiça* de que o *véio* Beija 'juntou as bota' e num assunta mais nada. Eu quero mesmo é buscar, na vida, o meu pedaço de terra e *prantar* nela tudo que é do meu gosto e regalo! Tudo que eu sempre quis e nunca me deixaram *prantar*.

RIBAMAR

(O corpo se abaixa e ele prossegue, de olhos fechados, em agonia, a voz tão mansa, que mal sai da garganta) "*Há tempo de guerra... e tempo de paz...de paz... de paz...*"

DENORA

(Denora desvia do marido a face consternada e, rapidamente, pega os facões. Atira um deles a Manecão Serafim) A-pois, agora, EU é que vou te mostrar a minha luta. E não sou como ele, não. Eu vou *inté* no fim. Acho *inté* que aprendi melhor que o Zé, *porque* nunca deixei o coração me *atrapaiar*. Como é que é? 'Tá com medo? 'Tá com *arreceio* de morrer nas mãos de uma *mulhé*? Inda agorinha, mesmo, eu ia te matar... N'é melhor morrer lutando?

MANECÃO

Tu 'tá é com maluqueira na cabeça. *Inté* que tinha graça de lutar contigo! Vê bem, aqui, ó, a diferença que tem entre nós dois...

DENORA

Pois a diferença só 'tá mesmo entre as perna'! (*Desfaz-se do facão e torna a apontar a espingarda*) Óia só os óios dele ! Chega a ficar piscando de medo, pra riba deste pau de fogo, que só serve pra caçar bicho na capoeira e matar passarinho, que nem esse daí...

MANECÃO

Mas quem é que *num* tem medo de uma *mulhé* que nem tu, que faz trança no rabo do Tinhoso e ainda mói paçoca com o chifre do Cão?! Uma hora dessa', Zé de Riba já deve de estar no Céu, com os anjinhos tudo em redor... *Pro que* tu não se junta mais eu? Nós, os dois, *pode* ganhar o mundo, e nunca ninguém vai perturbar a gente!

DENORA

Tu *acha* que vai me levar assim, na cabeça, que nem chapéu? Não vou gastar o cartucho contigo, não. É só tu ficar aí, sem se mexer. A Salomé e o Zé Malhado já 'stão com as sela' e os arreio'. E sabe *pro que* este lugar tem fama de *mardito*? *Proque* pra se arribar daqui, no tempo que chove demais, é que nem na vida. A gente tem de *coincer* bem as vereda', tem que saber cortar caminho...

MANECÃO

Mas... e se *havera* de tu, sozinha, acabar se perdendo, no meio da *chuvança*?

DENORA

Tem um desvio que vai por riba da serra. E eu só tenho é que correr, enquanto é tempo! O chuveirão já 'tá quase chegando e, quando o choro do céu escorrer pelas pedra', tu vais te encontrar com as alma' daquelas caveira' que tu *achou*, aqui na gruta. (*Desfaz com os pés o fogão improvisado*) É igual, também, que outras coisa' na vida: tudo começa com uma nuvenzinha, lá no céu, que quase *num* se enxerga. Depois as outras vêm e se juntam mais ela. E quando menos se dá fé, o céu já 'tá tudo escuro. Mas eu vou andar é pelos caminho' do *Sole*! Quietos, aí, *cumpade* ! *Num* quero te ver nem no dia do Juízo! (*Parte, sempre atenta aos movimentos do jagunço*).

MANECÃO

(*Corre até a abertura da gruta, brandindo o facão*) Pois vai! Vai, desgraçada! Mas inda vou te buscar nas beirada' do mundo! Inda vou apagar, com o meu sopro, o fogo de tuas venta'! Inda vou te deixar que nem égua depois do amanso! (*Volta, veste um gibão e um chapéu, enfeitados com fitas, medalhinhas, figas e símbolos místicos, num sincretismo religioso bem peculiar. Agacha-se diante do corpo de Ribamar e faz cruzeiros com o sangue do morto no peito, braços, costas e faces. Lambe o sangue nas mãos. Ergue-se.*) Meu corpo 'tá fechado. Meu sangue agora é limpo. A alma de Zé de Riba está dentro de mim. E agora, ele é mais eu e eu sou ele. E

ninguém pode com Manecão Serafim! *(Pega um dos sacos e o facão, para degolar Zé de Riba, mas logo balança a cabeça e larga a arma, compreendendo a inutilidade desse gesto. Um forte clarão de raio e o som de um trovão o assustam. Alternam-se escuridão e relâmpagos. Ouvem-se ruídos de chuva, que vão aumentando cada vez mais. Manecão amarra seus teréns ao próprio corpo, põe o facão ao cinto e se encaminha para a saída. O vento o imobiliza e o pressiona para dentro. Volta encharcado.)* Eu sou Manecão Serafim! E nada e ninguém pode comigo! Ninguém! *(Uma vez mais tenta a saída e, com a força das águas, é atirado ao chão)* Minha Mãe das Dor'! Minha Mãe das Dor'! *(A chuva fica mais intensa, catástrofe, caos. O jagunço vai de novo até a saída da gruta, e compreende, então, o inexorável de estar prisioneiro da grande invernada).* Zé de Riiiibaaaaaa! Zé de Riiiibaaaaa! *(Agacha-se diante do cadáver de Ribamar, abraça o corpo do morto e, a um gesto de extrema carência, aconchega-o a si mesmo. Vê, diante de si, em seu delírio, na quarta parede, a figura sinistra do coronel. Ainda ajoelhado, estende para ele as mãos vazias.)* Beijamim das Fonte'! Beijamim das Fonte'! O que é que vai ser de mim?!

(Incessante e poderosa, a chuva cai sobre a Terra.)

Fim

A ÚLTIMA PASTORINHA



Capa: foto do Autor

A ÚLTIMA PASTORINHA

Comédia em dois atos de RAIMUNDO ALBERTO

- **PRÊMIO DESTAQUE COMÉDIA**

II Concurso Nacional de Textos Teatrais Inéditos do MINC – 2001.

- **MENÇÃO HONROSA**

I Concurso de Textos Teatrais do Acre – 1982.

ELENCO:

Encenadores:

TERESA, a freira

BETO, o professor

Atrizes:

MARICOTA

SALOMÉ

CELESTE

NAZARÉ

SANSÃO

Atores:

PIPIRA

VALENTINO

Apoiador:

DIQUINHO CARIPUNA, locutor do “Sonoro Tocanjós”

Opositores:

BENTINHA TAPAJÓS, a beata.

TEOTÔNIO TOTONHO, o capanga do Prefeito

AGAMENÃO TOCANTINS, o Prefeito.

ACÃO: Praça da fictícia Tocanjós, pequena cidade amazônica à beira de um rio, onde foi armado um tablado rudimentar para a encenação de um auto natalino tradicional da região – a Pastorinha.

ÉPOCA: Anos setenta do século XX.

Esta peça só poderá ser encenada ou reproduzida - no todo ou em parte - com o consentimento do autor ou de seus representantes legais, via

SBAT – Sociedade Brasileira de Autores.

Registrada no ESCRITÓRIO DE DIREITOS AUTORAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL sob nº 560871, em 28.05.2012.

SINOPSE: Na (fictícia) cidade amazônica de Tocanjós, liderados por uma freira e um professor, alguns jovens alunos e uma ex-aluna do Educandário local tentam encenar a Pastorinha, um Auto de Natal tradicional, de forma peculiar e ingênua, que ainda é (ou era) representado em diversas cidades da Amazônia. Conservando os traços evidentes de sua origem europeia, sobretudo portuguesa, varia de acordo com o local e a criatividade dos encenadores. Outrora de grande aceitação popular, o Auto já não desperta o interesse da comunidade atual e perdeu o brilho e o sabor dos pastoris de outrora. Além disso, a chegada da Televisão a Tocanjós, os ecos locais da Ditadura Militar e outros eventos inesperados levam esse pequeno grupo de artistas amadores a enfrentar os mais variados obstáculos, para realizarem a montagem de sua pastorinha.

PERSONAGENS:

Exceto Celeste, os atores e atrizes do Auto são todos adolescentes, entre 14 e 17 anos. Celeste, Teresa, Beto e Totonho são, relativamente, jovens. Diquinho, Bentinha e Agamenão têm idades mais avançadas. Como é próprio da população brasileira, os tipos físicos são bem variados -- caboclos, mestiços e pessoas de pele mais clara ou mais escura. (12 ou 13 atores).

CENÁRIO:

Praça central de uma pequena cidade amazônica. Tablado rudimentar coberto de palha e composto de troncos enfeitados com palmas e flores. O pano de fundo lembra os presépios tradicionais: palmeiras, camelos, um poço e, no céu, um reluzente cometa. No pano de boca, de morim tingido, está pintado em letras douradas:

PAZ NA TERRA AOS HOMENS DE BOA VONTADE!"

A ribalta é bem visível, lâmpadas de várias cores. Há dois mastros em extremidades opostas: um é encimado pela bandeira nacional e o outro por um alto-falante. O acesso a este último é feito por uma escada de ripas paralelas, pregadas no próprio mastro. A um canto do proscênio, vê-se o interior do pitoresco estúdio do "Sonoro Tocanjós". É uma saleta apertada e bem pobre, decorada com capas de discos em vinil, fotos e recortes de revistas alusivos a cantores da época. Na lateral oposta, com caixilhos e cortina cor-de-rosa, um janelão resume a casa - em estilo colonial - de BENTINHA TAPAJÓS.

CENA 1

MÚSICA

Enquanto chegam os espectadores, poderão ser tocadas várias canções da época, ou outras mais antigas, algumas bem melodramáticas.

Pano de boca do palquinho ainda fechado. Em seu estúdio, após um gole de cachaça e, de uma forma impostada, mas diletante, DIQUINHO anuncia:

DIQUINHO

Acabamos de ouvir “A Deusa da Minha Rua”, oferecida a uma graciosa senhorita da alta sociedade de Tocanjós, por alguém muito pobre, mas que, secretamente, *lhe* ama de todo o coração. Aqui fala Diquinho Caripuna, no meu, no seu, no nosso “Sonoro Tocanjós”, a voz que encanta e diverte a família toca... toca...

CORO

(DAS COXIAS) Tocanjossense!

MÚSICA (Instrumental) “Jingle Bells”

DIQUINHO

Já está se aproximando o dia da festa *mácsima* da Cristandade. Como acontece todos os anos, aqui mesmo, na Praça da Sé, perto do coreto, vai ser *assassinado*... desculpa! (PÕE OS ÓCULOS) Vai ser en-ce-na-do com muito brilho o drama (SOLENE) “Um Rei nasceu na manjedoura”!

Abre-se o pano do pequeno tablado. As pastoras tomam posição, fazendo sinais para as coxias. Entra PIPIRA, vestido como as moças: pano colorido na cabeça, avental, saia de chita, blusa branca bordada, tamancos, meias três quartos e, nas mãos, cesta contendo frutas ou flores.

DIQUINHO

O drama vai ser *digerido*, quero dizer, *dirigido* pela dedicada Irmã Teresa, do Educandário Bom Pastor, com a colaboração do Professor Beto, *inlustrado* mestre de nosso Ginásio Municipal. Neste momento, sai do ar o seu “Sonoro

Tocanjós”, a boca do povo de nossa terra. Mas é só enquanto eu vou lá em casa tomar um açaí com pirarucu assado. Logo mais a gente volta! (*TOCA O “PREFIXO” E CESSA, BEM COMO O FOCO SOBRE O ESTÚDIO*).

CENA 2

As pastoras dividem-se em duas alas que se alternam durante a coreografia. Desajeitado, PIPIRA acaba acrescentando uma imprevista, mas discreta comicidade.

MÚSICA - As Pastoras.

PASTORAS

Nós somos pastoras do prado / viemos de muito além
para ver o Deus Menino / que nasceu lá em Belém.

ESTRIBILHO

Para o nosso bem / tiro-tiro-lém / nasceu em Judá / tiro-tiro-lá /
vamos a Belém / tiro-tiro-lém / para lhe adorar / tiro-tiro-lá .
(*ADIANTAM-SE AS QUE PORTAM FLORES*) Nos bosques floridos / colhemos
as flores / que vamos levar / ao Deus dos Amores

ESTRIBILHO

Para o nosso bem / tiro-tiro-lém... etc.
(*À FRENTE, AGORA, AS QUE TRAZEM FRUTAS*)
Ao Deus dos Amores / nós vamos levar / os frutos que a terra / bendita nos dá!

ESTRIBILHO

Para o nosso bem / tiro-tiro-lém...etc.
(*ENTRA EM CENA O COMETA*)

VALENTINO

Sou um reluzente cometa / que leva com seu fulgor / os pastores a Belém /
para ver o Salvador!

ESTRIBILHO

Para o nosso bem / tiro-tiro-lém ... etc.

CENA 3

IRMÃ TERESA ergue-se da plateia. É jovem, moderna, usa um hábito secular, um cordão com crucifixo e, nas mãos um gravador de fita-cassete.

TERESA

Bravo, meninas! (*VALENTINO E PIPIRA REAGEM*) E rapazes, é claro! Só o Francisco é que parece um pouco aperreado.

PIPIRA

Égua, Irmã, eu vou ter mesmo que fazer o papel de...

VALENTINO

(*FALSETE*) Pas-to-ra! Pas-to-ra!

PIPIRA

Olha que eu *arreio* o calção e mostro o cajado da pastora! Égua, Irmã, desculpe!

TERESA

Sabia que, antigamente, os homens é que faziam todos os papéis no Teatro?

CELESTE

Mas desde o tempo do Ronca, a Pastorinha é feita só por mulheres.

MARICOTA

É, Celeste, mas já cansei de chamar outras garotas, e nenhuma delas quer fazer.

SALOMÉ

Pois é, o jeito foi apelar pra esses *homens* de boa vontade.

PIPIRA

É-é, Creuza Raimunda?! Feia de cara e boa de... Desculpe, Irmã!

SALOMÉ

Já disse que mudei de nome. Agora, é Salomé! Ai, que o pior de tudo, mesmo, é aturar esses *pirralhos*.

VALENTINO

(À PARTE DA FREIRA) Pirralhos, é?! Pois vem cá, que eu te mostro o *pirralhão*!

CORO

(MENINAS, TAMBÉM À PARTE) Pirralhão?! (PALMAS RITMADAS) Cadê meu pintinho/ onde se escondeu? / Não acho, não acho / o gato comeu!
(AGARRAM O RAPAZ E FINGEM PROCURAR O PRECIOSO “TROFÉU”).

TERESA

Hei, mas o que é isso?!

CORO

Eras, irmã, desculpe!

TERESA

Todos aqui, por favor! Não acham que é melhor parar com essa criancice e pensar mais na Pastorinha? Será que não percebem que, mesmo sendo tão importante para todos nós e para Tocanjós, ela está virando um sonho cada vez mais difícil de realizar?!

NAZARÉ

(BENZENDO-SE) Eras, Irmã, é mesmo. Parece coisa de Tranca Ruas!

SANSÃO

E tem muita gente, aqui em Tocanjós, que, ao invés de ajudar, ainda faz campanha contra a Pastorinha.

SALOMÉ

Shiu, cuidado! Mato tem olhos, parede tem ouvidos.

VALENTINO

É , sim, aposto que a Dona Bentinha está ali, *urubusservando* tudo por detrás da janela. (*TODOS SE VOLTAM PARA O JANELÃO*). Quer ver só? Tia Bentinha!

CORO

Tia Bentiííííinha! Tia Bentiííííinha! Como vai a sua inha-inha-inha ?

CENA 4

BENTINHA

(*ABRE A JANELA*) Vão se enxergar, seus moleques! Desde quando o meu nome é abelhinha, pra fazer mel na boca de gentinha?! (*FECHA A JANELA*)

CENA 5

TERESA

Que é isso, pessoal, parem com isso! Vamos lá, meninas! (*ANTE À REAÇÃO DE PIPIRA E VALENTINO*) E rapazes, é claro... vamos trabalhar?!

As garotas distribuem-se na manutenção de figurinos, enquanto TERESA, CELESTE e os rapazes preparam o cenário para o próximo ensaio.

MARICOTA

Vovó sempre fala que, dantes, vinha gente até da capital pra ver a Pastorinha.

SANSÃO

E toda pequena ficava maluca para entrar no drama.

NAZARÉ

Mas o que todas queriam mesmo era o papel da Santa.

MARICOTA

Não vê a Dona Mundica Tocantins? Ela começou bem mocinha, miudinha e escondia tão bem a idade, que só deixou de fazer o papel da Santa quando apareceu o primeiro pé-de-galinha.

SALOMÉ

É, com tanta prega em cima, tanta prega embaixo, coitada, não dava mais...

MARICOTA

Diz que ela foi Virgem durante cinquenta anos! (*RISOS*) Credo, gente, na Pastorinha!

NAZARÉ

(*BAIXANDO A VOZ*) E essa aí, a Celeste, vai no mesmo caminho...

SALOMÉ

(*IDEM*) Vai mesmo. Ela já faz a Virgem desde que eu era pequena, mas, com essa cara de anjo, sempre diz que só tem dezoito anos...

MARICOTA

Ah, Dona Mundica! Morreu de desgosto. E lá se foi ela, em seu caixãozinho branco, levada por todas as Filhas de Maria...

SANSÃO

Todas, não, menos uma. (*VOLTAM-SE OS OLHOS PARA A JANELA COR-DE-ROSA*) Sua maior inimiga, Bentinha Tapajós.

MARICOTA

Diz que elas eram de mal desde bebezinhas! Viviam mordendo as mamadeiras, uma da outra.

SALOMÉ

Gente, por que será que a Bentinha nunca fez o papel da Santa?

NAZARÉ

Por causa do cavalo. Diz que ela foi montar na sela de mau jeito e aí perdeu...

CORO

O papel da Virgem!

SANSÃO

Mas o vero mesmo é que, hoje em dia, ninguém liga mais pra Pastorinha.

MARICOTA

É sim, todo mundo agora só quer aquilo, só fala naquilo, só pensa naquilo.
(*RISOS*) Credo, gente, eu ´tou falando é da...

SALOMÉ

Claro, Clóvis! Ela está falando é da grande novidade que está chegando *em* Tocanjós.

CENA 6

DIQUINHO

(*APÓS BREVE PREFIXO*) E aqui está no ar, de volta, o seu “Sonoro Tocanjós”, a voz que encanta e diverte a família toca... toca...

CORO

(*EM SINCRONIA*) To-can-jos-sen-se.

DIQUINHO

E atenção pra essa notícia tão quente que chega ´tá fervendo: faltam só alguns dias pra gente ver a primeira tarans... tarans...

CORO

Trans-mis-são!

DIQUINHO

*Tarans*missão de TV da História de Tocanjós! Chegou a vez de nossa terrinha apreciar as maravilhas do *Pogresso*. Como é, mano velho, ainda não compraste o teu aparelho? Pois não te apoquentas, o Armazém Tocantins está vendendo a novidade a preço de banana. E vamos continuar com a nossa *pogramação* de hoje: “Música pra se embalar na rede”!

MÚSICA *Ouvem-se canções sentimentais dos anos setenta e anteriores.*

CENA 7

Chega BETO, com uma cabeleira enorme e o traje típico de intelectual da época: tênis, calça e camisa jeans e, por baixo desta, uma camiseta com o símbolo “hippie”.

BETO

Pobre Diquinho Caripuna! Nem sabe que os dias do Sonoro estão contados.
(OS JOVENS CORREM PARA SAUDÁ-LO: Beto! Professor!)

CELESTE

Credo, Beto, por que estás dizendo isso?!

TERESA

É que a televisão vai mudar muita coisa aqui em Tocanjós.

CELESTE

É mesmo, diz que as crianças não vão mais brincar de roda, na rua...

NAZARÉ

As velhas não vão mais ficar de cadeira na porta, falando da vida alheia...

SANSÃO

E aqui na praça, de noite, vai ter muita garota bem “à locé,” com o namorado...
(SALOMÉ REAGE) Digam a essa pequena, que eu não disse quem é.

MARICOTA

À locé, como? Fazendo o quê?

PIPIRA

Espremendo as laranjinhas, pra ver se sai fresco. Eras, Irmã, desculpe!

MARICOTA

Ai, Pipira, não diz isso, senão eu... eu passo mal. Ai meu Deus, não disse?!
(*CORRE PARA AS COXIAS, AJEITANDO A SAIA. OS DEMAIS TENTAM DISFARÇAR O RISO*).

BETO

Ora vejam só! Tocanjós não tem água encanada, não tem esgoto...

TERESA

Nem ao menos um hospital que se preze...

SALOMÉ

E o telefone daqui é ficar berrando, de uma janela pra outra: “Ó vizinha, será que hoje a Dona Inha Inha vai comer as pupunhas do Doutor ão ão?”

BENTINHA

(*À JANELA*) Pois agora Tocanjós vai ter coisa muito melhor. Vamos ter te-le-vi-são! Como diz o nosso querido prefeito, Doutor Agamenão Tocantins: “*É a mudernidade dos tempos que chega em Tocanjós!*” (*PALMAS DE DEBOCHE*)
Os incomodados que se mudem! “Tocanjós, ame-a ou deixe-a!” E parem de futricar na minha janela! (*FECHA A JANELA, SOB VAIAS DA GAROTADA*).

CENA 8

CELESTE

(*MIRANDO BETO E TERESA QUE SE AFASTAM*) Ah, Professor! Ainda me lembro quando ele chegou em Tocanjós.

NAZARÉ

Eras, ele causava espécie pro pessoal daqui. Bonitão, mas sempre se vestindo assim, largado no mundo.

SANSÃO

E certa garota enxerida vivia passando na frente do Hotel Tocantins, só pra ver o tal do *hippie*. (*SALOMÉ REAGE*) Digam a essa pequena que eu não falei quem era.

SALOMÉ

Pois então digam, a essa outra, que eu, ó... *nem Seu Souza!*

MARICOTA

O pessoal diz, por aí, que o Beto tem uma paixão secreta.

SALOMÉ

E eu acho que sei quem é, mas enfim... é uma paixão que não pode ser.

CELESTE

Vocês querem parar de fazer fofoca do Beto?!

NAZARÉ

Calma, pequena. O vero, mesmo, é que todo mundo adora o Professor.

VALENTINO

Todo mundo, não! Tem gente que tem pinimba com o Beto.

CENA 9**BENTINHA**

(*ABRINDO DE NOVO A JANELA*) E não é pra ter? Quem foi que levou os meninos do Ginásio com as pequenas do Educandário lá pra cachoeirinha?

CELESTE

Santa Mãe de Deus, eu não fui lá, nem sei de nada, mas falaram foi muito desse passeio! Disseram até... (*CALA-SE, ANTE A CENSURA DOS DEMAIS*)

BENTINHA

Disseram, sim. Diz que esse professorzinho levou todo mundo lá pro igarapé e, quem quisesse, podia tomar banho sem roupa...

PIPIRA

Com os troços tudo de fora? Eu não mostrei nada. Tu mostraste, Valentino?

NAZARÉ

Pipira!!! *Cala Boca ainda está vivo e Fala Muito já morreu!*

SALOMÉ

Além do mais, todo mundo sabe que as mulheres se banhavam num lado da cachoeira e os homens... *(SOSLAIO PARA OS RAPAZES)* os homens ficavam na outra beira do rio.

NAZARÉ

É, bem longe da gente.

BENTINHA

Que longe, que nada! Diz que era tudo uma Sodoma e Gomorra!

SALOMÉ

A senhora já esteve em Sodoma, Dona Bentinha?

BENTINHA

Não, menina; mas tua mãe já esteve em Gomorra, que eu sei. Também me disseram que lá, nesse passeio, parecia um bando de *hippies*, fumando um cigarro fedorento, feito de ervas daninhas. E diz que, de noite, dormiu todo mundo junto num barracão de paxiúba, na maior bandalheira.

MARICOTA

Ai Dona Bentinha! Não diga isso, que eu... Ai meu Deus! De novo! *(CORRE PARA AS COXIAS, ENTRE OS RISOS DOS DEMAIS)*

NAZARÉ

Mas que potoca! Nós só passamos a noite nesse barracão, porque o barco deu prego no motor.

VALENTINO

E só quem faltou com o respeito foi o Chico Pipira.

PIPIRA

Égua, aquele traque fedorento, não fui eu, não!

VALENTINO

Pois *égua* digo eu! Daquele jeito, nem arrote de cachorro velho...

BENTINHA

Sabe o que dizem por aí? Que as meninas da Pastorinha são todas umas perdidas e os rapazes, todos mariquinhas! E que esse professorzinho de araque abusa de todos vocês! *(FECHA A JANELA, RAPIDINHO)*

CORO

Mentira, velha coroca! / Abusada és tu! / Língua de cobra! / Boca de barata! / Etc.

MARICOTA

(RETORNANDO) Axi, bacuri! De todos nós? Até de mim?!

PIPIRA

Pois quem falou tudo isso, que venha pegar na minha mariquinha! *(RISOS E CHACOTAS DOS DEMAIS)*

VALENTINO

Quanto à minha pessoa, nem te ligo! Depois que vim pra Pastorinha, está assim de garotas me chaleirando.

NAZARÉ

Eu, hem, Rosa! Isso tudo é porque *essa pessoa* aí espalhou, na cidade inteira, que, quando chegar a Televisão, vão filmar as partes dele.

CORO

As partes dele?!

NAZARÉ

É sim, as partes que ele aparece na Pastorinha.

SANSÃO

Ah, então foi por isso que *a pessoa dele* mandou fazer uma porção de retratos, vestido de arcanjo, só de calção, sem camisa (*ESTUFA O PEITO*), e todo cheio de prosa. (*MOSTRA UMA FOTO, QUE PASSA DE MÃO EM MÃO*)

PIPIRA

Aí ele foi lá na zona e deu pra todo mundo...

CORO

Pra todo mundo?! O quê?!

VALENTINO

O retrato, suas lesas!

PIPIRA

Égua, eu ´tou cuíra, cuíra, pra ver essa tal de TV!

SALOMÉ

Como será que ela vem? É pelo vento?

MARICOTA

Credo, Salomé, não me diz que o Roberto Carlos está passando por aqui...

VALENTINO

(IMITANDO A VOZ DE ROBERTO CARLOS) “Eu te darei o céu, meu bem / e o meu amor também...”

MARICOTA

(FECHA OS OLHOS. PIPIRA SAPECA-LHE UM BEIJO E FOGE COM VALENTINO PARA AS COXIAS. ELA ABRE OS OLHOS) Ah, Roberto! Quantas emoções!

SALOMÉ

Pois eu ´tou maluca é pra ver novela. Diz que dá cada artista!

CELESTE

Que nem nas fitas do Cine Royal?

SANSÃO

Mas as notícias não vão ser tão velhas, assim, como naquele jornal que passa antes do filme começar.

MARICOTA

É, quando ele mostra o Carnaval, a gente já está brincando de São João.

CELESTE

Eras, mana, como tudo demora a chegar em Tocanjós!

SALOMÉ

Pois sabe, pra mim, qual é a coisa mais linda do Cine Jornal?

MARICOTA

Ai, mana, eu sei, eu sei: o desfile de Miss Brasil!

MÚSICA *Hino oficial do concurso de Misses brasileiras.*

SALOMÉ, CELESTE e MARICOTA começam a brincar de desfilarmos, entre palmas de deboche de SANSÃO, e são interrompidas pela volta de BETO e TERESA.

TERESA

Garotas, por favor! Chega de recreio!

BETO

É sim, vamos lá, pessoal! Salomé dança para o Rei Herodes... e João Batista perde a cabeça! (*TOCA UM GONGO IMPROVISADO*).

CENA 10

MÚSICA *Sons de melodia árabe.*

Abre-se o pano de boca do palquinho. Cenário pobre de recursos. Em um trono dourado, Herodes (MARICOTA) come frutas e bebe vinho, servido por odaliscas (NAZARÉ e CELESTE). Um eunuco (VALENTINO) abana o Rei com uma enorme ventarola. Creuza / SALOMÉ realiza uma sensual Dança do Ventre, que faz VALENTINO sair do personagem, para apreciar os meneios da dançarina. PIPIRA, só com uma pele de carneiro, ora finge que reza, ora faz caretas para os demais. SALOMÉ, dançando, faz mímica (típica de Cinema Mudo) e lhe oferece o coração. PIPIRA diz NÃO, na mesma gesticulação exagerada.

SALOMÉ

“Oh poderoso Rei Herodes! Mandai prender...oh! Aquele... (*RI*) Aquele homem!”

MARICOTA

(*CONTENDO O RISO*) “Que homem?!”

SALOMÉ

“Esse aí, que chamam... oh! De Batista!”

MARICOTA

“Oh, Salomé! Seja feita a tua vontade! Carrasco!”

Entra SANSÃO com passos abertos e fortes, segurando uma enorme cimitarra de papelão e papel prateado. Agarra PIPIRA e o leva até SALOMÉ.

SALOMÉ

“Oh! Por que não aceitas o amor desta mulher apaixonada?! Pois já que não queres me dar o teu... o teu... *(PIPIRA OBSERVA SE A FREIRA NÃO ESTÁ OLHANDO E LEVANTA A PARTE DE TRÁS DO FIGURINO)* teu coração”... *(SALOMÉ RI, MAS TENTA DISSIMULAR)* Vou pedir a Herodes que me dê de presente, numa bandeja de prata, oh! A tua... *(PIPIRA MOSTRA A PARTE DA FRENTE)* A tua cabeça!”

PIPIRA

“Mulher pecadora! Poderás ter o meu... o meu... *(PENSANDO QUE, TAMBÉM, NÃO ESTÁ SENDO NOTADA PELA FREIRA, SALOMÉ FAZ GESTOS COM UM BRAÇO BALANÇANDO)* O meu corpo. *(PIPIRA TENTA SUFOCAR O RISO)* Mas não terás a minha... a minha... *(SALOMÉ VIRA DE COSTAS E REBOLA, PROVOCANTE)* A minha alma, pois ela é só *(MORRENDO DE RIR)* de Jeová!” *(OS DEMAIS JOVENS TAMBÉM TENTAM CONTER O RISO).*

MARICOTA

(ERGUE-SE MAJESTOSA E DÁ UM EMPURRÃO INESPERADO EM NAZARÉ, QUE CAI POR CIMA DE CELESTE) “Como ousas negar o teu amor a Salomé? Carrasco! Executai esse... *(RINDO)* esse homem! Cortai dele o que ele tem de mais precioso... *(PIPIRA TAPA O SEXO E DIZ ‘NÃO, NÃO!’)* A cabeça!”

O CARRASCO/SANSÃO leva BATISTA/PIPIRA, ambos morrendo de rir, para a masmorra. MARICOTA sai correndo para um canto do palco e ajeita suas vestes, de costas para os demais. Risos. Depois, Breve silêncio.

CENA 11

TERESA

Mas o que é isto?! Não, não, Maricota, não é pra ti que estou perguntando. É pra todos vocês. Alguém pode me explicar o que aconteceu?

BETO

Tudo horrível, não é? Um verdadeiro...

PIPIRA

Cocô! Um cocozão daqueles! Eras, Irmã, desculpe!

BETO

Um desastre, Pipira! Isso é que eu queria dizer.

TERESA

Maricota, aquele empurrão que o Herodes deu na Nazaré...

MARICOTA

Ah, Irmã, desculpe! É que eu já não aguentava mais esse eunuco aí, o tempo todo, enfiando o abano no meu nariz.

VALENTINO

Eunuco é tua mãe!

CORO

Queeeeem?!

VALENTINO

Teu pai! Desculpe, Irmã!

SANSÃO

Vai ver que não é só o personagem dele que é assim, cortado.

VALENTINO

Cortado, é? Pois já te mostro a parte que sobrou!

CORO

(*BAIXINHO, SÓ PARA ELE*) Mostra! Mostra! Mostra!

BETO

Hei! Venham todos aqui, por favor e me digam: se o carrasco de Herodes fosse abrir a cabeça de vocês, o que é que ia sair lá de dentro? (*A GAROTADA TENTA PRENDER, MAS LOGO LIBERA O RISO GERAL*)

TERESA

Silêncio! Dona Creuza... não acha que essa roupa da Salomé está muito...

CORO

(*CANTAROLA*) “Maria / escandalosa / desde criança / sempre deu /alteração...”

TERESA

Por favor, parem com isso! E o senhor, Seu Francisco? Não acha que já está crescendo demais, pra ficar mostrando as suas... partes íntimas?

PIPIRA

Desculpe, Irmã! (*SÓ PARA VALENTINO*) Que foi que ela disse? “Minhas *partezinhas*”?

VALENTINO

É, Pipira! Mas como foi que ela conseguiu enxergar, hem?

TERESA

E a dança da Salomé? Será que não pode ser um pouco menos... menos...

SANSÃO

Dança de mulher da zona!

SALOMÉ

Por que? Já dançaste lá, sua beijadeira de batina?!

MARICOTA & NAZARÉ

Te acalma, mana! Te acalma!

TERESA

Por favor, parem com isso! Sansão e Celeste, já pras coxias!

BETO

Que elenco, hem, Irmã?

TERESA

Pois é. Ou ficam brincando como crianças, ou brigam como gente grande.

BETO

(*APONTANDO PARA A JANELA DE BENTINHA*) É, mas certas pessoas por aí não estão de brincadeira!

CENA 12

BENTINHA

(*ABRINDO A JANELA*) Estão vendo isto aqui, seus doidivanos? Eu ia mandar pelos Correios, mas, como sou muito viajada e já vi televisão até em Roma, quando beijei o Papa...

CORO

Cumequíé?!

BENTINHA

A mão do Papa. Pois achei melhor ler esta carta pra vocês, aqui mesmo, como se diz na TV: AO VIVO!

TERESA

Não acredito! Dona Bentinha, AO VIVO?!

BETO

E em terceira dimensão!

BENTINHA

(APÓS PIGARREAR ETC.) “Senhoras e senhores da melhor sociedade de Tocanjós! Em nome de Deus , da Pátria e da Família, não podemos permitir que esta praça se transforme num palco de atos vis e imorais! Vou comunicar toda essa devassidão ao Senhor Bispo, ao Prefeito e ao Delegado. Assinado: uma amiga da Pátria!” (RECOLHE-SE, SOB A VAIA DA GAROTADA).

CORO

Sonsa! Fingida! *Co-rrú-pi-ta!*

TERESA

Bom, vamos ensaiar o mais belo quadro da Pastorinha. A Celeste está pronta?

PIPIRA

Está sim, Irmã, mas hoje... égua, ela ´ tá mais avoada do que vassoura de bruxa!

CENA 13

MÚSICA “*Ave Maria*”, de Gounod.

Ao fundo, um ciclorama azulado. A Virgem (CELESTE) reza ajoelhada, olhos voltados para o céu. Em um tufo de nuvens de algodão, aparece o Arcanjo (SANSÃO). Apesar de poucos recursos, há um clima de emoção e seriedade.

SANSÃO

“Ave Maria, filha de Ana, esposa de José! A Graça de Deus esteja convosco!”

CELESTE

“E com vosso espírito! Mas oh, por Jeová! Quem sois? O que quereis de mim?”

SANSÃO

“Sou o Arcanjo Gabriel. Bendita sois vós entre as mulheres! Bendito é o fruto de vosso ventre!”

CELESTE

“O que dizeis? Sou eu a escolhida do Senhor?! Oh, o Senhor fez em mim maravilhas! (*COMEÇA A PASSAR MAL*) Santo...Santo... é o seu nome! (*O MAL ESTAR É VISÍVEL*) Faça-se em mim... em mim... (*SANSÃO SE DESCONCENTRA E FAZ SINAIS PARA TERESA*) conforme a sua... sua...” (*DESMAIA. TODOS CORREM PARA SOCORRÊ-LA*).

CORO

Ai meu Deus, que foi ? / Que aconteceu ? / Que será que ela tem?

NAZARÉ

Desculpe, Irmã! Mas se mal não faz... (*DISCRETAMENTE, PÕE-SE A BENZER CELESTE*) “Pelas chagas de São Lázaro! Pelo Exu das Sete Encruzilhadas!”

BETO

E essa agora, hem, Irmã?!

TERESA

Por favor, rapazes, vão chamar o Doutor Tapajós.

VALENTINO

Égua, irmã, o doutor está no outro lado do rio. Foi tirar bicho do pé do Zeca Tracajá ...

PIPIRA

Que bicho, que nada. Diz que o moleque ficou entupido de tanto comer goiaba e, agora, o doutor está tirando os carocinhos do coisa lá dele, um por um, com uma pinça assim, ó... (*DÁ UM BELISCÃO, NO TRASEIRO DE MARICOTA*)

MARICOTA

Eras, Pipira, respeita ao menos o mal estar da Celeste!

BETO

Quer saber, Irmã? Vou levar essa garota, já, já, para o Posto de Saúde. (*ERGUE CELESTE NOS BRAÇOS E SAI COM A FREIRA*)

CENA 14

MARICOTA

Ai, mana! Será que as garras da morte estão pousando sobre a Celeste?!

SALOMÉ

Se não for o que estou pensando, dou a minha cara pra bofete!

NAZARÉ

Ai, gente, eu soube de uma, agora, que fiquei pra não viver! Eras, eu ´tava benzendo a pequena e ouvi muito bem quando ela disse: “Ai, Irmã, me perdoe! Tenho um fruto do pecado, aqui, dentro de mim!”

SALOMÉ

Mamãe é que sempre diz: em conversa de homem safado, até mulher surda cai de bobeira.

MARICOTA

Credo, Salomé! Mas quem será o monstro que fez isso com ela?

SANSÃO

Eu juro que essa pequena aí sabe quem foi.

MARICOTA & NAZARÉ

Conta, Salomé, conta!

SALOMÉ

Vai ver que foi o filho do Juiz.

NAZARÉ

Aquele que vive com as pequenas pra cima e pra baixo, no jipe do pai?

SANSÃO

E essa pequena aí já andou no jipe dele, que eu sei.

SALOMÉ

Axi, bacuri! Ele só saiu comigo uma vez! E posso até contar como foi. Eu 'tava louca pra dar uma volta com ele... mas só por causa da corrida, é claro.

SANSÃO

Claro, Clóvis, claro!

SALOMÉ

Aí ele ganhou aquele rumo da beira do rio, que é bem deserto, e mal chegou lá, foi logo tirando a roupa.

MARICOTA

Ai meu Deus! Tudo ?!

SALOMÉ

Tudinho. Aí me puxou pra fora do carro e tentou me beijar.

MARICOTA

Pelado?!

SALOMÉ

Peladinho! Comecei a chorar e saí correndo, mas ele correu atrás de mim...

MARICOTA

Peladão?!

SALOMÉ

Aí eu entrei no jipe e saí guiando sozinha, não sei nem como. E ele ficou lá, gritando pra mim: vou te matar de bofete, sua vagabunda!

MARICOTA

Ah, meu Deus, de novo! Aconteceu! (*SAI CORRENDO PARA AS COXIAS. AS GAROTAS RIEM, MALICIOSAS*).

NAZARÉ

Ai, mana! E ele te bateu?!

SALOMÉ

Mas quando! Aquilo é mais frouxo do que cocô de pato! Pois a Celeste já andou com ele, que eu sei.

NAZARÉ

Ai, mana, e o *bezu* que andaram dizendo dela, com o artista daquele Circo?

SANSÃO

Pobre Circo Teatro Royal! Já pegou fogo várias vezes, mas sempre volta, com a lona toda remendada...

MARICOTA

Que artista? Aquele que tira o coração da própria mãe e dá pra namorada? (*CANTAROLA*) “Disse um campônio à sua amada / minha idolatrada / diga-me o que quer...”

SALOMÉ

Não, pequena, aquele mágico, que diz que é mexicano, mas é lá de Quixeramobim...

MARICOTA

Eu sei, aquele alto e seco, feito um caniço de pescar, com bigodão e umas suíças enormes...

SALOMÉ

Diz que ele sempre suspira e diz assim: “la señorita es la chiquitita más bonitita del mundo!” Aí convida as pequenas pra ir com ele na beira do rio.

SANSÃO

Certas pequenas!

SALOMÉ

Mas ele jura que é só pra... “Mirar las estrellitas del cielo, no más!”

SANSÃO

Vai ver que a Celeste mirou estrelinhas demais...

CENA 15

BETO

(*RETORNANDO, COM TERESA*) Hei, o que é aquilo?!

TERESA

Quem é aquela mulher?

CORO

O Rodolfo Valentino!

VALENTINO

(*ROSTO ENCOBERTO POR UM VÉU, FANTASIADO DE ODALISCA*) Não, não, pelo amor de Deus! Não digam meu nome! Shiu! Shiu!

PIPIRA

Égua, ele teve que se vestir assim, porque ´tá se borrando na cueca. Diz que a Celeste já confessou que o tarado, o tal que fez a coisa lá nela...

CORO

Foi o Valentino?! (*ELE FAZ GESTOS DESESPERADOS DE “NÃO”*)

PIPIRA

E sabe aquele parrudão, o Totonho, que o Prefeito chama de Secretário, mas, de vero, é o capanga dele? *(PARA VALENTINO)* Ele ´ tá uma ariranha pra te pegar, odalisca! ´ Tá vindo, aí com mais espuma na venta do que um touro brabo!

NAZARÉ

O Totonho?! Credo, mas logo aquele filho de Mapinguari com a Matinta Perera?

SALOMÉ

Ih, mano, é melhor raspar logo essa barbicha de bode e fugir pra capital.

BETO

(CONTENDO O RISO) Valentino, vem cá. É verdade o que estão dizendo?

VALENTINO

Não, Professor! A minha pessoa ´ tá inocente, juro! Quero ver a terra se abrir agora mesmo e me engolir todinho, da cabeça aos pés! Quero ver um raio cair do céu e partir a minha pessoa em dois pedaços, um pra lá, outro pra cá! Quero ver a Cobra Grande, que mora debaixo do rio...

TERESA

Chega, Valentino! Não se deve jurar desse jeito.

VALENTINO

Mas não fui eu, Irmã, juro! Não foi a minha pessoa que fez mal à Celeste.

SALOMÉ

Mal, nada! Vai ver que fizeste foi bem! Desculpe, Irmã.

PIPIRA

(ESCONDENDO-SE) Olha o Totonho! Lá vem o Totonho! Odaliiiiiisca!
(GRITANDO) Vem cá, Totonho! Ele está aqui, Totonho! Odaliiiiiisca! Odaliiiiiisca!

TERESA

Seu Francisco, pare com isso! Valentino, não vê que é tudo brincadeira?

BETO

Mas até que ficou engraçado. Você gosta de ser eunuco?

VALENTINO

Haaam?!

BETO

É que você é uma odalisca perfeita...

VALENTINO

Haaam?!

BETO

Calma, calma, na Pastorinha, é claro.

NAZARÉ

Só não dá pra fazer é o papel da Santa...

TERESA

Por favor, pessoal, vamos continuar o ensaio? O que vai ser agora, Professor?

BETO

A Pastora Perdida.

CENA 16

No palquinho, entra NAZARÉ vestida de pastora. Gesticulando muito, de modo bem canastrão, mostra-se desorientada, sem rumo. O CORO, fica à parte.

MÚSICA *Após alguns acordes, entra a Canção da Pastora Perdida.*

NAZARÉ

Perdida, meu Deus, perdida / nessa triste solidão entre bosques e campinas / sem meios de salvação.

CORO

Nunca perca a esperança / nem balance o coração pois a fé é que dá vida / pra quem busca a salvação.

NAZARÉ

Onde estás Jesus Menino? / Vem me dar a direção aonde devo caminhar / para achar a salvação.

CORO

Nunca perca a esperança... etc.

Aparece VALENTINO como pastor, tocando flauta. Ambos falam de modo recitativo, com gestos e clichês bem antigos.

VALENTINO

“Oh minha bela Pastorinha! Oh, que fazeis por aqui... por aqui... (MARICOTA E SALOMÉ SOPRAM DAS COXIAS) neste caminho tão... (IDEM) tão *lugubre* (gú), onde não passa ninguém?”

NAZARÉ

“Estava colhendo flores e me perdi entre os espinhos.”

VALENTINO

“Essas estradas são cheias de perigos: ladrões, assassinos e... e...”

MARICOTA & SALOMÉ

(SOPRANDO) Bichos do mato”.

VALENTINO

E bichas danadas...(AS SOPRADORAS RIEM)

NAZARÉ

“É tão triste a minha história: eu cuidava dos meus carneirinhos e a minha vida corria mansa, como as águas deste igarapé...”

MARICOTA & SALOMÉ

(BAIXINHO) Igarapé, não. Deste có-rre-go!

NAZARÉ

“Aí o Diabo me tentou e eu pequei no córrego!” Quer dizer, eu pequei... “E fui condenada a vagar pelo mundo, em busca da salvação.”

VALENTINO

“Pois entonces, me dai vossa mão. Eu vos guiarei até Belém do Pará...” (AS GAROTAS CORRIGEM) “Belém de Juruá... Não, Belém de Judá, onde o Menino Deus espera pra vos abençoar!”

Clarão. Fumaça. Surge o demônio (PIPIRA) de chifres, rabo etc..

NAZARÉ

“Oh meu bom pastorzinho, valei-me! Satanás saiu do Inferno e quer me jogar no fogo dele” – desculpe, Irmã! - “no fogo eterno!”

VALENTINO

“Não tens medo, pastorinha! Sabeis quem eu sou?” Eras, e agora? Como é que eu digo, hem? (VAI ATÉ ÀS COXIAS. AS GAROTAS SOPRAM) Ah, sim! “Belzebu também já foi anjo como eu.” (TIRA A TÚNICA DE PASTOR, FICANDO SÓ DE SUNGA BRANCA E UM PEQUENO COLETE, COM ASAS DE ALVAS PLUMAGENS. AS GAROTAS FAZEM FIU-FIU E ELE EXAGERA NAS CARAS & BOCAS) “Sou o poderoso Arcanjo Miguel”. (AS GAROTAS GRITAM: Gostoso! Bonitão!) “Vim para lutar contra as forças do Mal!” (PEGANDO UMA ESPADA DOURADA) “Vade retro, Satanás! Vade retro, em nome do Senhor!”
PIPIRA - o Diabo - foge por entre a plateia (a equipe da Pastorinha), tentando assustar os outros com sua máscara horrenda. De repente, volta afobado para o palquinho.

PIPIRA

Valentino! Foge, mano, foge! Agora é de verdade. Olha só quem está ali!

SANSÃO

Falou no chifre, o diabo aparece! (*VALENTINO FOGE*).

TOTONHO

(*EMBRIAGADO, PUXA CELESTE COM VIOLÊNCIA*) Fala, sua “pastora perdida”! Quem foi que mexeu contigo, hem? Foi esse... esse... esse Professor?

CELESTE

(*DESGARRANDO-SE DO IRMÃO E CAINDO NOS BRAÇOS DE*) Beto, pelo amor de Deus, só tu é que podes me ajudar! Estou desesperada! Eu quero me matar! (*MAS LOGO SE AFASTA E TENTA CORRER*)

BETO

Não, não, fica. Precisamos esclarecer tudo isso.

CELESTE

(*GIRANDO O CORPO E O ABRAÇANDO*) Eu sou uma desgraçada! Me acode, Beto! Pelo amor que tenho por ti e por este inocente que vai nascer!

TOTONHO

‘Tá vendo, pessoal? Vou já contar pro Doutor Agamenão. A gente já tem a prova que precisava. Escuta aqui, seu professor de merda... desculpe, Irmã. E tu vais pagar bem bonito, por toda essa coisa feia que tu fez. (*NESSE INSTANTE, PIPIRA ATIRA UMA PEDRA NELE*).

TOTONHO

Ah seu filho duma égua! (*AGARRANDO O GAROTO*) Vou já te dar um cascudo na moleira, pra mostrar que, com raiva de macho, não se atíça o facho!

BETO

Larga o Pipira, vamos! Covarde!

TOTONHO

Cumequié? Que foi que *tu disse* ? Duvido que tu *tens* peito pra dizer isso aqui, no pé do meu ouvido!

BETO

É melhor não duvidar. Vamos, larga o rapaz!

TOTONHO

Só depois que ele pagar o galo que botou na minha testa.

PIPIRA consegue soltar-se. *TOTONHO* corre atrás dele, mas *BETO* impede o caminho. Ficam, um diante do outro, ameaçadores.

SANSÃO

(*APANHA UM PORRETE*) Pega, Professor, dá logo uma coça nele!

SALOMÉ

Ele é que nem bacuri, muita casca por fora, mas por dentro, é só caroço!

CORO

(*O PORRETE PASSA DE MÃO EM MÃO*) Vai, Beto, acaba com ele!

TERESA

Parem! Parem! Meu Deus do Céu, será que todo mundo aqui perdeu o juízo?!

BETO

(*RECEBENDO O PORRETE*) Deixa o garoto em paz! Vem dar o cascudo em mim, vem!

TERESA

Beto, não!!! Pelo amor de Deus, não faça isso!

Silêncio. Expectativa. Suspense. TOTONHO vai até o professor mas cai e leva uma fragorosa vaia. Tomado de fúria, BETO ajoelha-se para bater nele.

TERESA

Professor!!! Estou *lhe* desconhecendo!

BETO

(ERGUE-SE E DEIXA CAIR O PORRETE). Por que será que nós, pobres seres humanos, perdidos aqui, neste pequeno planeta, somos assim, desse jeito? É como se a gente continuasse de barro, porque Deus se esqueceu de soprar.

TOTONHO

(LEVANTANDO-SE) Vou *s'embora*, vou sim, mas o teu fado já foi traçado. Quem mexe com o que não deve, vai ficar sem mexedor! *(SAI)*

CENA 17

BENTINHA

(CRUZANDO O PALCO, RUMO AO ESTÚDIO DO SONORO) Indecentes! Pervertidos! Imorais!

BETO

Hei, por que a Dona Bentinha está gritando assim?

PIPIRA

Ora, vai ver que ela estava espiando pelo buraquinho dela... Desculpe, Irmã. Pelo buraquinho da janela da casa dela.

SALOMÉ

É, e quando ela viu o Rodolfo Valentino de calção, parou até de piscar e de morder a dentadura.

BETO

Bom, pessoal, vamos deixar pra lá essa pobre senhora, e sua janela cor de groselha!

TERESA

É sim, vai todo mundo se aprontar pra continuar o ensaio.

CENA 18

DIQUINHO

(*ENTRA O PREFIXO MUSICAL DO SONORO*) Queridos ouvintes, está no ar o seu “Sonoro Tocanjós”! Vamos ouvir, neste momento, as palavras da senhorinha (*BENTINHA FAZ SINAIS DE “NÃO!”*) quer dizer, da distinta anônima cujo nome é... (*MAIS SINAIS*) Oh meu Deus! Está bem! O escrito de uma anônima cujo nome é... (*BENTINHA SE DESESPERA*) Égua, calma, eu não quero dizer o nome da senhora, mas sim... Qual é o nome do escrito de Vossa Anonimência?

BENTINHA

“Pra donde vai a nossa juventude?” (*PIGARREIA*). Povo de Tocanjós! Apesar dos namoricos, dos bailaricos, caçoadas e patuscadas, os jovens desta cidade sempre respeitaram os mais belos princípios da Ordem e da Moral Cristã. Mas eis que alguns *hippies*, sem eira nem beira, vieram pra cá, só pra levar esses moços para as sendas da perdição. E tudo isso, pasmem! Com a ajuda de certas religiosas que, ao invés de ficarem rezando em seus sagrados conventos...

CORO

(*MÃOS EM PRECE, FILA INDIANA, OS JOVENS TENTAM ABAFAR A VOZ DE BENTINHA*) “Ave, ave, ave Maria! Ave, ave, ave avestruz!”

BENTINHA

(*ALTEANDO A VOZ*) Gastam seu tempo de devoção com esses teatrinhos fora de moda, que já não cabem mais nesta cidade, que já vai ter até Televisão!

CORO

(*DAS COXIAS*) Cala a boca, Bentinha! / Cai fora, velha gagá! / Beata safada!

BENTINHA

Portanto... povo de Tocanjós! Vamos todos... Vamos todos... (*SUA VOZ É ABAFADA PELOS APUPOS DA GAROTADA*). Tenho dito! (*SAI DO ESTÚDIO E ATRAVESSA A PRAÇA, COM TODA SUA POSE PECULIAR*).

MÚSICA *O Sonoro ataca com:* “Eu te amo, meu Brasil, eu te amo / ninguém segura a juventude do Brasil!”

CENA 19

BETO

Puxa, Irmã! Será que eu sou mesmo tudo isso o que diz essa piedosa senhora?!

TERESA

Ah, Professor, o que o senhor esperava encontrar em Tocanjós?

BETO

Talvez a paz. Essas ruas estreitas que vão acabar lá no rio, esses casarões do tempo em que ainda sonhavam com a visita do Imperador...

TERESA

E foi por algo assim que o senhor largou tudo e saiu pelo mundo afora, como um... pastor perdido?

BETO

Eu queria apenas entender melhor a Humanidade. E também, é claro, a minha própria condição humana. Mas tudo isso aqui tem sido pra mim uma Universidade viva, muito mais viva do que as escolas que deixei para trás.

TERESA

Pra mim, também. Vim servir a Deus numa aldeia e encontrei o Universo.

CENA 20

CELESTE

(*CHEGA AFLITA E AGARRA AS MÃOS DO PROFESSOR*) Beto, pelo amor de Deus, tu tens que fugir agora mesmo! O Totonho vai juntar uns caras pra te pegar e fazer o serviço. (*SAI, CABISBAIXA*)

BETO

Hei, volta aqui! “Fazer o serviço”?! Mas o que é isso? Tirar minha vida?!

SANSÃO

A vida, não, mas... (*IMITANDO TOTONHO*) “Quem mexe com o que não deve, vai ficar sem mexedor!”

BETO

Pera aí, vocês não estão querendo dizer que esses caras...

PIPIRA

É sim, eles querem te ca... (*MARICOTA TAPA-LHE A BOCA*)

SALOMÉ

Te deixar que nem o Valentino. (*O RAPAZ REAGE*) Na cena do Herodes, é claro.

TERESA

Pelo amor de Deus, Professor, vá se esconder em algum lugar!

NAZARÉ

Ai meu Caboco Sete Luas, essa gente é capaz de tudo! (*PÕE-SE, DISCRETAMENTE, A BENZER AS COSTAS DE BETO*)

BETO

E onde vou ficar?

CORO

Na casa do Bispo! / No sítio da Vovó! / No barco do meu tio!

VALENTINO

Calma, gente! Beto, pode ficar sossegado. O Totonho já foi molhar o gogó lá no Boteco Rio Mar. E ele, hoje...

PIPIRA

Não corta nem tromba de elefante! Eras, Irmã, desculpe!

Saem BETO e TERESA.

CENA 21

VALENTINO

Só tem uma coisa, nessa história... e se foi mesmo o Professor?

NAZARÉ

Égua, mano, como é que tu podes maldar uma coisa dessas?!

VALENTINO

A Celeste andou dizendo que se encontrava com o Beto no beco do cemitério.

MARICOTA

Fazendo o quê ?!

VALENTINO

Penitência, sua lesa...

SALOMÉ

Eras, quase ninguém passa por lá, por causa do Enforcado.

MARICOTA

É, diz que a visagem do morto aparece todo dia, com a corda que se enforcou.

PIPIRA

Uma caveira branquinha, branquinha, com a língua toda pra fora, assim, ó...

SALOMÉ

Mas desde quando caveira tem língua?!

VALENTINO

A minha pessoa não bota a mão no fogo por ninguém. Sou homem e sei: mulher é como cobra, quando ela dá o bote, nem santo se livra do veneno.

CORO

(*PONDO O RAPAZ PRA CORRER*) Cobra eu sei o que é! / Reage, se tu és macho! / Machão de mulher da vida!

VALENTINO

Égua, suas lesas, parem com isso!

SANSÃO

Chega! Vamos cuidar é de ajudar o Professor...

SALOMÉ

É mesmo, vamos lá, pessoal! Vamos lá com o Delegado!

CORO

Isso mesmo! / Vamos juntos! / Vamos todos! Etc.

NAZARÉ

(*PARA A JANELA DE BENTINHA*) Vamos mostrar que essa gente tem língua de tamanduá: só serve pra comer formiga. (*SAEM, RUMO AOS BASTIDORES*).

CENA 22**TERESA**

(*VOLTANDO COM BETO E TRAZENDO ALGUNS FIGURINOS DO AUTO*)

Professor, é melhor procurar um lugar bem seguro pra você ficar.

BETO

Por que? Não tenho nada a esconder. E estou feliz aqui, perto de quem amo.

TERESA

Beto... Professor, eu... eu jamais poderia acreditar que você fez isso com a Celeste, é claro, mas... Por favor, desculpe, você... (PAUSA) O senhor chegou a namorar com ela?

BETO

Que é isso, Irmã?! Eu nunca tive nada com aquela garota. E quanto a essa criança, pode ficar certa de que, nessa peça, eu não faço o papel nem de pai, nem de filho, nem de Espírito Santo.

TERESA

Professor!!! Mas claro, Beto, eu ... Ah, Professor, eu... eu fico feliz em saber.

BETO

É, Teresa. Quer dizer, Irmã... esse pecado, eu não fiz. Apesar de achar que só é pecado, mesmo, a falta de consciência. Falta de ética. Falta de amor. Embora nem sempre a gente possa amar a quem se quer.

Estende as mãos à freira e esta, após hesitar um pouco, também lhe oferece as suas. Um aperto de mãos longo demais. Olham-se nos olhos. BETO cobre com suas mãos as de TERESA. Ela as retira, rapidamente. Voltam os jovens da Pastorinha.

CENA 23

PIPIRA

Beto, a Celeste já contou tudo pra mãe dela.

SANSÃO

Tudo, não. Quase tudo.

SALOMÉ

Mas a mãe dela já sabe quem foi que mexeu com a Celeste.

VALENTINO

Tem uma bomba, por aí, que vai estourar mais do que foguete de São João.

BETO

Calma, calma, falem mais devagar!

TERESA

O que aconteceu?

NAZARÉ

Ela disse que está grávida de um homem muito importante da cidade...

MARICOTA

É, e por isso mesmo, ela não pode dizer quem é.

VALENTINO

O Prefeito continua dizendo que foi você, Beto.

TERESA

Mas por que a Celeste fica insinuando, sem prova alguma, que foi o Professor?

BETO

Pois é. E desde quando eu sou esse “homem muito importante da cidade?”

.

CENA 24

BENTINHA invade o estúdio do Sonoro, aos gritos, seguida por DIQUINHO CARIPUNA e, apesar das tentativas deste em contê-la, mexe em vários botões, até que consegue fazer o alto-falante entrar no ar.

BENTINHA

(NO AR) Sacrílegos! Safardanas! Sacripantas!

DIQUINHO

Pulamor de Deus, Dona Bentinha! A senhora não pode fazer isso! Ai minha Nossa Senhora e agora?! Senhoras e senhores, está de novo no ar o “Sonoro Tocanjós”, a voz que encanta e diverte a família toca... toca...a família.

BENTINHA

(TOMANDO-LHE O MICROFONE) Pois é mesmo, em nome da família, que eu quero falar! Querido povo de Tocanjós! Tem muita coisa feia acontecendo bem aqui, diante de vosso nariz e ninguém dá bola! Mas isso não vai ficar assim. Vou falar com o Prefeito, com o Governador, até com o Presidente da República!

Vaia da garotada. BENTINHA brande a sombrinha para todos os lados e bate em DIQUINHO. Sonoro sai do ar, mas ela continua com o microfone na mão.

TERESA

Mas o que é isso, Dona Bentinha ? Qual é o seu problema?

CORO

(DEBOCHE) Pois é, Dona Bentinha: qual é o seu problema? (GARGALHADA GERAL.)

BENTINHA

Até onde os senhores querem chegar, com tanta depravação?! Anjos de cueca! Meninas quase nuas, mostrando suas vergonhas! E até aquela pobre pequena, grávida desse... desse cafajeste, que veio pra Tocanjós só pra botar minhoca na cabeça da pirralhada.

DIQUINHO

Dona Bentinha, *pul’amor* de Deus, deixa eu tirar o meu Sonorinho do ar?! (CONSEGUE PEGAR O MICROFONE) Caros ouvintes de todo o Brasil e do mundo! Me desculpa, tá, por essa falha *térmica*. Faz de conta que o Sonoro nem

‘tava no ar. Logo mais a gente volta, de verdade, com a voz que encanta e diverte a família toca... toca... pois é, a família! (*“PREFIXO” MUSICAL*)

TERESA

Dona Bentinha, se acalme! Vamos conversar.

BENTINHA

Conversar coisa nenhuma! Vou falar com todo mundo! Ninguém vai dar mais nenhum centavo pra essa bandalheira! E vou passar agora mesmo um telegrama pro Ministro da Justiça. Quando ele souber o que se passa aqui, em Tocanjós, vocês todos vão se ver... sabe com quem? Com a Censura Federal! (*DEIXA O ESTÚDIO, INDIGNADA*).

CENA 25

BETO

Esta, não! A Censura Federal?!

NAZARÉ

Ai. Professor! O que essa tal de Censura vai fazer com a gente?

BETO

Bem, ela pode exigir que se mande um roteiro da Pastorinha pra Polícia, lá na capital e os homens vão decidir o que pode e o que não pode ser mostrado.

TERESA

Mas até chegar a resposta, a Pastorinha só vai passar na Semana Santa.

MARICOTA

Mas como, Irmã? Jesus, nasce no Natal e, no mesmo dia, morre na Páscoa?

BETO

Pior é se resolverem proibir o espetáculo na véspera da estreia.

VALENTINO

Aí não vão cortar só a cabeça do Pipira. Vão cortar tudo.

SALOMÉ

Égua, pelo jeito, esta vai ser a nossa última Pastorinha.

TERESA

Não, não! Não podemos deixar que façam isso com a nossa Pastorinha!

BETO

Acho que não é só a Dona Bentinha. Há muito mais gente, aqui, em Tocanjós, que quer acabar com ela, com mais uma manifestação cultural deste país!

SANSÃO

É, Professor, mas... cadê o dindim?

PIPIRA

“Dinheiro coça, dinheiro roça, tanto compra um nabo, quanto um belo rabo”.
Desculpe, Irmã!

MARICOTA

E se a gente fizesse como dantes? Vovó dizia que as moças iam de casa em casa pedir panos, flores, roupas, o que pudessem arrumar.

NAZARÉ

Taí, gente, vamos pedir prendas?

CORO

Vamos! / Vamos, sim! / Vamos lá! / Todo mundo etc.

CENA 26

Com chapéus e cestos, os jovens se dirigem aos espectadores.

MÚSICA *Canção das Prendas.*

CORO

Nasceu em Belém / nosso Deus Menino / para o nosso bem / para nos salvar.
Quem der uma prenda / e a Jesus louvar / nas sendas da vida / não se perderá
E se não tem renda / mas quer ajudar / sempre tem um jeito / de a Jesus louvar.
/Nasceu em Belém / nosso Deus Menino / para o nosso bem / para nos salvar.

(Voltam ao palco e retiram dos cestos e chapéus apenas bugigangas. Agora, de um modo escrachado)

Não nos deram renda / e olha só que prenda / não temos dinheiro / nem para a merenda!

VALENTINO

Sabe o que disse aquele cara de mucura xixica, que é Presidente da Associação Comercial de Tocanjós? “Daqui do meu bolso, não sai mais nenhum *vintém de mel coado* pra essa Pastorinha. Só quando esta cidade ficar livre daquele transviado”.

SANSÃO

Virgem Mãe, que desmantelo! Ele chamou você de...

BETO

Pois é, Sansão. E ele foi bem claro: ou eu ou a Pastorinha.

TERESA

Mas você fica, Professor. O que eles querem, mesmo, é que esta seja a última Pastorinha.

FIM DO PRIMEIRO ATO

SEGUNDO ATO

Com focos de luz restritos ao alto-falante e ao estúdio de DIQUINHO, algumas alterações são feitas no cenário. No mastro onde havia a bandeira está agora um aparelho de TV, enfeitado com fitas verdes e amarelas. Bolas de gás, também auriverdes, espalham-se por toda parte. Os da equipe da Pastorinha estão sentados, para assistir ao Quadro das Ciganas.

CENA 27

Entram NAZARÉ e SALOMÉ, as ciganas. Uma traz castanholas, a outra, um pandeiro com fitas coloridas. Passos de dança espanhola. Os demais acompanham com palmas.

MÚSICA *As Ciganas.*

NAZARÉ

Sou uma pobre cigana / que lê a sorte na mão / adivinho os segredinhos / guardados no coração / de terra em terra eu caminho / em busca da salvação.

SALOMÉ

Sou uma rica cigana / que lê a sorte na mão / nasci num berço de ouro / me casei com um barão / tenho joias no meu corpo / mas não tenho salvação,

SALOMÉ & NAZARÉ

Somos ciganas de Espanha / *mucho* nos gusta cantar
com pandeiro e castanholas / *mucho* nos gusta bailar

SALOMÉ

“Olá, cigana esfarrapada! Adonde vais, a pé, por essas estradas poeirentas?”

NAZARÉ

“Vou ver o menino que nasceu em Belém. Dizem que vai ser o nosso Rei!”

SALOMÉ

(*RISOS DE DEBOCHE*) “E tu achas que o Rei vai te receber assim?”

NAZARÉ

“Ele é mais pobre do que eu. Nasceu numa simples manjedoura, ao lado de um boizinho e um jumento. Mas dizem que é o Messias, o Filho de Deus!”

SALOMÉ

“Pois eu também vou já, já, ver esse menino. Se ele é mesmo o Messias, vou lhe dar de presente uma porção de joias, tudo de ouro (*i*) e brilhante. E tu, que levas pra ele?”

NAZARÉ

“Levo apenas esta prenda, mas sei que ele vai gostar: este lindo pandeirinho para o menino brincar.”

SALOMÉ

“Pois vou chegar lá primeiro do que tu, na minha carruagem doirada (*i*), puxada por oito cavalos da Arábia. Adeus, comedora de bostela do nariz! Devagar tu chegas lá!” (*REPETE O RISO DEBOCHADO E SAI*).

NAZARÉ

(*VAGANDO*) “Sou uma pobre cigana / que lê a sorte na mão...” (*TOM*) “Mas oh! Será de um anjo, a voz que chega aos meus pobres ouvidos?”

VALENTINO

(*COM AS MESMAS VESTES DE ARCANJO*) “Oh, Cigana Pobre! Não fiques assim, aperreada! Vou ensinar o que deves fazer para chegar em Belém primeiro do que a Cigana Rica”.

NAZARÉ

(*AOS PULINHOS DE ALEGRIA*) Milagre! Milagre! Milagre do Menino Jesus!”

CENA 28

CORO

Muito bem! / Bravos! / Pai d'égua! Etc.

BETO

E então, a Pastorinha sai ou não sai?

CORO

Sai, sim! / Claro que sai! / Tem que sair!

SALOMÉ

Mas com que roupa? Olha só a Cigana Rica! Só não está mais na pindaíba, por causa destes balangandãs que a mamãe me deu.

MARICOTA

Gente, sabe aquele concurso que se faz no arraial da Santa? Da Princesa Azul e da Princesa Cor-de-rosa?

SANSÃO

É mesmo, que tal fazer assim? O partido da Cigana Rica e o da Cigana Pobre.

CORO

Gostei! / Acho que pode dar certo. / Pode dar uma boa grana.

BETO

Calma, pessoal. E então, todo mundo topa vender os votos das ciganas?

CORO

Topamos sim! / Todo mundo! / Viva a Cigana Rica! / Viva a Cigana Pobre!

CENA 29

MÚSICA Breve “pot-pourri” de canções da época.

DIQUINHO

Este é o seu “Sonoro Tocanjós”, a voz que encanta a família toca...toca... Aí, pessoal! O concurso das ciganas vai *que nem canua, remando de pupa a prua!* E então, quem é que vai ganhar? Quem vai, quem não vai? Quem disse que é a Pobre, bote o seu pé na titica. Quem vai ganhar é a... CIGANA RICA!

CORO

(FORA) Viva a Cigana Rica!

DIQUINHO

É, pessoal, mas também pode dar o vice-versa do contrário: quem vai ganhar, quem não vai ? Quem disse que vai ser a Rica, a sua língua se dobre, quem vai vencer de verdade é a... CIGANA POBRE!

CORO

(FORA) Viva a Cigana Pobre!

DIQUINHO

E atenção, muita atenção! *Está* chegando aqui, no salão nobre de nosso estúdio, as senhoritas Sansão e Maricota, graciosas atrizes da nossa Pastorinha. E vamos anunciar agora, pra Tocanjós e para o mundo, o resultado do concurso que hoje, enfim, termina no fim. Atenção, muita atenção! O resultado foi... (PEGA O PAPEL QUE AS GAROTAS LHE DÃO) “Oxó”!

CORO

“Oxó”?!

DIQUINHO

Digo, digo, desculpa! A gente quer dizer: “zero a zero ”.

CORO

Aaaaah, sim!

DIQUINHO

Pois é, minha gente, nem a Pobre perdeu, nem a Rica ganhou (*PREFIXO MUSICAL*) E aqui se despede, por hoje, Diquinho Caripuna e seu “Sonoro Tocanjós”. Mas a gente volta amanhã de tarde, logo depois da sesta. (*“PREFIXO” CESSA*).

CENA 30

Na praça, todos ansiosos, com uma faixa “VIVA AS CIGANAS”. Chegam NAZARÉ e SALOMÉ chorando, amparadas por VALENTINO.

MARICOTA

Viva as ciganas! Viva as ciganas! Hei, mano! O que aconteceu?

VALENTINO

Uma desgraça, pessoal, uma desgraça!

NAZARÉ

Ai minha *Caboca* Jupira, nem Preto Velho pode cortar esse malfeito.

BETO

Mas o que houve? Que foi que fizeram com vocês?

SALOMÉ

Ah, Beto é que eu vinha tão alegre, segurando o saco do Valentino...

CORO

Segurando o quê?!

SALOMÉ

O saco que ele arranjou pra botar o dinheiro das ciganas... Mas quando a gente ia passando pelo Boteco Rio Mar, o Totonho veio dé banda pra nós...

VALENTINO

Mais coçado de cachaça que peru de festa! Aí começou a bulir com a gente...

NAZARÉ

Mas uns primos da Salomé iam passando por lá, naquela hora e quando viram o estrupício pegando no pé da gente...

VALENTINO

Foi um sururu medonho!

NAZARÉ

Aí, um safado se aproveitou da confusão, pegou no saco do Valentino...

VALENTINO

Meu, não, das ciganas.

SALOMÉ

E fugiu com todo o dinheiro!

CORO

Não chorem, pequenas! / Ninguém tem culpa! / Deixa pra lá! / Já passou!

TERESA

É sim, calma! Vamos falar com o Bispo. Ele prometeu nos ajudar.

SANSÃO

Espero que sim, pois de promessa...

PIPIRA

Santo Antônio ´tá mais careca do que cabeça de piroca. Eras, Irmã, desculpe!

BETO

Será que não tem mais ninguém que possa nos ajudar?!

TERESA

É que, por causa da Televisão, ninguém quer saber mais da Pastorinha.

VALENTINO

Será que o pessoal não ‘tá cansado de, todo ano, ver sempre a mesma coisa?

NAZARÉ

É, mesmo. Todo mundo já sabe como ela é, de cor e salteado.

MARICOTA

Mas todo mundo vai ver a “Vida de Cristo”, lá no Cine Trianon, mesmo sabendo que o Artista morre no fim.

BETO

‘Taí, pessoal. É isso! É isso aí! A Pastorinha é um teatro maravilhoso, é o folclore desta cidade, mas, como tudo na vida, é preciso sempre melhorar, recriar, reinventar. Que tal fazermos, este ano, uma Pastorinha diferente, moderna, pra frente?

TERESA

Mas não podemos desprezar as tradições.

BETO

Sim, eu sei, mas ela poderá ser cheia de surpresas, pelo menos até onde possa ir a nossa imaginação.

SANSÃO

E até onde o dinheiro der. Mas será que adianta? A Televisão tem muito mais novidades.

BETO

Claro, mas nós podemos mostrar a NOSSA arte, com muito amor, pra toda essa gente que vem nos ver, aqui na praça. Por isso mesmo, tem que ser um ritual, uma cerimônia, um verdadeiro acontecimento. Tem que ser aquela arte, onde cada um dá o melhor de si para o bem de todos. Tem que ser Teatro!

TERESA

Quem dera que o mundo todo fosse assim, uma linda ribalta... Pois então, vamos falar com o Bispo? (*SAEM TODOS*).

CENA 31

MÚSICA *Entra, em som bem forte, o “prefixo musical” do Sonoro Tocanjós.*

DIQUINHO

Buuua noite, distinto povo da mais linda cidade da Amazônia e, por que não dizer, do mundo! Está de novo no ar o “Sonoro Tocanjós”, o melhor serviço de alto-falante desta zona. Desculpe, deste lugar. E atenção! Vamos dar um peido... desculpa, um preito de gratidão ao *seislentíssimo* prefeito Doutor Agamenão Tocantins, que foi *indiciado* pra governar Tocanjós, desde que ela foi *quadrada* como município de *assegurança* nacional. Vai começar agora, a primeira ta... *taransmissão* de TV em Tocanjós. É o maior acontecido *histórico*...

CORO

Cumequié?!

DIQUINHO

Digo, digo, o maior acontecido *histórico* de nossa santa terrinha. Pra frente, Tocanjós! Pra frente, Brasil sil sil!

MÚSICA “Noventa milhões em ação / pra frente, Brasil / salve a Seleção...”

DIQUINHO

E agora sai do ar o “Sonoro Tocanjós”. É que a gente também é filho de Deus e também quer apreciar a grande novidade! Viva o Prefeito Agamenão! Viva a Televisão! (*RÁPIDO “PREFIXO”*)

BENTINHA

(*ABRINDO O JANELÃO, COM UMA BANDEIRINHA DO BRASIL*) Viva!

CENA 32

Chega a equipe do Auto. A garotada corre até diante da rósea janela.

TERESA

Hei, que aconteceu? Pra onde eles foram?

BETO

Estão ali, Irmã, no janelão da Bentinha. Foi a única janela que sobrou. Nas outras casas, já estão todas ocupadas. Gente dentro, gente fora...

TERESA

E ela deixou que eles ficassem?

BETO

Bom, a esta hora Dona Bentinha está lá dentro, em múltiplos orgasmos, por causa da TV. *(BEM PIPIRA)* Desculpe, Irmã! Mas a senhora não viu o convite que ela mandou para “*algumas pessoas de bem de Tocanjós*”? “Convindo Vossa Senhoria e Excelentíssima Família para gozarem, comigo, de todos os prazeres que essa obra prima do Progresso vai nos oferecer.”

CENA 33

BENTINHA

(POR ENTRE OS CONVIDADOS, OU SEJA, NA PLATEIA DO ESPETÁCULO)

Meus queridos amigos! Espero que todos estejam gozando, comigo, da penetração dessa coisa tão grande, em nossos lares! Oi, mana, estás bem acomodada? Não, mana, eu não perguntei se estás *incomodada*, eu disse... Seu Malaquias! Já tomou a sua batida de jenipapo? Dona Mocinha, hoje a senhora pode usar e abusar do licor de taperebá. Cotinha, vem servir os filhós de *jurumum* para o Seu Anacleto! Neuzoca, serve logo o vinho de cupuaçu e os bolinhos de macaxeira! Ai, essas mucamas são umas mandrionas!

PIPIRA

Também quero! Também quero!

BENTINHA

(*DIANTE DO JANELÃO*) Xou, xou, seus terroristas. Saiam da minha janela, seus moleques! Na minha casa, só rendo homenagem a quem me quer bem!
(*EXPULSA OS JOVENS COM UMA VASSOURA E FECHA A JANELA*)

CENA 34

DIQUINHO

No ar, de novo, o seu “Sonoro Tocanjós”. Já foi armado, aqui na Praça, o TV público de *popriedade* particular do Doutor Agamenão. Palmas pra esse *inlustríssimo* filho da nossa terra! (*BATE PALMAS*) E tenho a honra de dizer que o Doutor Agamenão vai se aproveitar de mim...

CORO

Cumequié?

DIQUINHO

Quer dizer, do meu Sonoro, e ele mandou convidar todo mundo pra assistir, logo mais, à *inarguração* do seu TV de Poleiro... quero dizer, do seu TV do Povo. Será uma linda festa, organizada pelas senhoras assustadoras...

CORO

Assustadoras?!

DIQUINHO

As *deguiníssimas* madames que *faz* parte da ASSUSTO - Associação Superior das Senhoras de Tocanjós. E a assustadora *mácsima* da Associação é a nossa *inclitórica* Senhorinha Bentinha Tapajós!

CENA 35

MÚSICA *Ouvem-se fanfarras de banda de música local.*

BENTINHA

(COM CHAPÉU E VESTIDO FORA DE MODA, AMBOS “ROSA-CHOQUE”,)

Viva! Viva a TV do Povo! E viva o Doutor Agamenão! Pra frente, Brasil!

MÚSICA (DA ÉPOCA) “Este é um país que vai pra frente...”

BETO

Mas afinal, do que é mesmo que o Diquinho está falando?

VALENTINO

Daquilo ali, ó, o TV de Poleiro...

PIPIRA

Porque parece um poleiro de galinha, todo obrado ... prrrruuum!

VALENTINO

Todo dia, à noitinha, o Totonho, vai subir na escadinha e acender...

BETO

Sei. O TV público de propriedade particular do Doutor Agamenão!

CENA 36

Novas fanfarras. Aparece o Prefeito com sua pose peculiar, terno verde e uma gravata amarela, com bolinhas azuis e brancas).

AGAMENÃO

Querido povo de Tocanjós! Decreto que este dia histórico seja, para sempre, feriado municipal. Porque, doravante, por algures, alhures e *acolures*, Tocanjós já pode se comparar com todas as grandes metrópoles do mundo! (PALMAS)

Nunca me canso de dizer: ontem, foi o passado. Hoje, é o presente. E amanhã, amanhã vai ser o futuro! (PALMAS) Aí tendes, portanto, o vosso TV do Povo! Faço questão de deixar bem claro que, para realizar essa obra tão necessária, tive que mexer um pouco nos cofres da Prefeitura, mas, pro resto, me vali dos

modestos honorários deste vosso humilde servidor.

CORO

(PALMAS DE DEBOCHE) Muito bem, Doutor ão ão! Como o senhor é bão!

AGAMENÃO

Obrigado, meu povo, obrigado. E agora, para o nosso imenso gáudio, a Senhorinha Bentinha Tapajós vai cortar a fita inaugural do meu... quero dizer, do nosso TV do Povo! Do povo de Tocanjós! Tenho dito! *(MAIS PALMAS)*

CENA 37

BENTINHA

(EMPERTIGADA, APÓS DESATAR O LAÇO DA FITA SIMBÓLICA) Teotônio! Pode ligar a TV. Teotônio! Mas onde se meteu esse rapaz?!

PIPIRA

Sumiu! Foi encher a pança com aquela água que onça não cheira e passarinho não bebe. *(BENTINHA TENTA AGARRÁ-LO)* Hei, me larga! Sai pra lá, tijibu!

BENTINHA

Cala esse bico, piolho de cobra! *(SEGURA VALENTINO)*.

VALENTINO

Hei! Que é isso ?! A senhora não pode me agarrar assim.

BENTINHA

(OBRIGA VALENTINO A SUBIR PELA ESCADINHA) Vai, mocinho seboso, sobe aí, já, já e liga o aparelho, senão eu peço pro Totonho dar um jeito nessa carinha bonita que Deus te deu!

VALENTINO resmunga, mas sobe e liga a TV. Aparece apenas uma luz azulada na telinha. Ouve-se, então, a seguinte gravação:

VOZ 1

Oh meu querido Agamenão! Me beija! Serás sempre o meu ão, ão, ão!

VOZ 2

Oh minha adorada Bentinha! Tu serás sempre a minha inha, inha, inha !

VOZ 1

Toma como prenda de tua amante clandestina a coleta da Missa no último domingo!

VOZ 2

E tu, jóia crustácea do meu coração, recebe como dádiva as chaves do cofre da Prefeitura!

CENA 38

AGAMENÃO

Terroristas! Subversivos! Isso não vai ficar assim! Chamem os guardas! Chamem o Delegado! Chamem toda a Polícia de Tocanjós!

BETO

“Toda” como?! O Delegado viajou e a Polícia daqui só tem dois guardas.

VALENTINO

Eles ficaram de porre ontem à noite e estão dormindo até agora, no trapiche.

AGAMENÃO

Pois chamem o meu secretário. Totônio! Totônio! *(PEGA VALENTINO PELA ORELHA E O OBRIGA A SUBIR DE NOVO)* Vai, pirralho e desliga já, já, essa bosta! Juro que vou apurar tudo isso, tintim por tintim! Vou descobrir quem fez esta merda, ou não me chamo Agamenão Tocantins!

BENTINHA

(REANIMANDO-SE E APONTANDO O PROFESSOR) Prendam esse homem! Foi ele, tenho certeza! Só pode ter sido ele, o autor intelectual deste ato nefando!

AGAMENÃO

(AGARRANDO BETO PELO BRAÇO) Professor, eu vou mandar o Totonho levar o senhor pra Delegacia e, enquanto o Delegado não chega, o Professor vai ter que confessar, pro meu secretário, tudo o que o senhor...

TERESA

Hei, mas o que é isso?! O senhor e ela não podem acusar o Professor!

MARICOTA

Onde já se viu?! Periquito come o milho e papagaio leva a fama...

BETO

O senhor tem muitos adversários. Qualquer um pode ter mandado fazer isso.

AGAMENÃO

Mas o senhor pensa que me esqueci daquela carta anônima que mandaram pros jornais, falando daquelas terras da Prefeitura?

SANSÃO

(À PARTE) Ele vendeu metade do município para os gringos e o que sobrou, deu pro filho dele, que é vendedor de madeira!

NAZARÉ

(IDEM) Foi, sim. Coitado do povo que morava naquelas terras! O Totônio e os jagunços mandaram eles cair' fora, tocaram fogo nas casas...

SALOMÉ

(IBIDEM) E era tanta gente, depois, com fome, nas ruas de Tocanjós!

SANSÃO

(ITRIDEM) Aí ele mandou botar todo mundo num barco e largar de madrugada, bem longe, lá no porto da capital.

AGAMENÃO

Eu sempre achei, Professor, que foi o senhor que mandou essa carta.

BETO

Mas como o senhor ousa me acusar de coisas que não tem prova alguma?! Já não basta o caso da Celeste?

AGAMENÃO

Escuta aqui, rapaz, se estás falando nas mentiras que dizem de mim com aquela assanhada, eu mando cortar tua língua e engolir o que estás dizendo. E saibas que, aqui em Tocanjós, a lei é esta: prenda-se primeiro, prove-se depois.

BENTINHA

Ainda mais agora, que estamos com um governo que salvou nossa pátria das garras do Comunismo!

AGAMENÃO

E eu tenho razões suficientes para achar que o senhor é um subversivo, um... um terrorista! O senhor está preso, em nome da segurança nacional!

BETO

Por favor, me largue. Pode deixar, que eu vou provar pro Delegado e pro Juiz que não tenho nada a ver com essa história.

CORO

Hei, deixa o Beto em paz! / Larga o Professor! / Não faz isso com ele! (SAEM TODOS, ATRÁS DO PREFEITO, MENOS A FREIRA, NOS BRAÇOS DE QUEM BENTINHA DESMAIA).

TERESA

Hei, voltem aqui! Me ajudem! Dona Bentinha está passando mal.

VALENTINO

(VOLTANDO, COM SANSÃO) Égua, Irmã! A minha pessoa me diz que ela já

está é batendo os tamancos.

TERESA

Dona Bentinha! Dona Bentinha! Ai meu Deus! Parece que ela... .

VALENTINO

É, Irmã, essa aí já tá com as canelas mais esticadas do que língua de fuxiqueiro.

SANSÃO

Valentino, canta comigo! (CANTA) “Segura na mão de Deus...” (OS TRÊS SE BENZEM E SAEM, LEVANDO A FALECIDA)

CENA 39

DIQUINHO

(GONGO DE ANÚNCIO FÚNEBRE) O “Sonoro Tocanjós” cumpre o doloroso dever de comunicar o falecimento da *venérea... venerosa... ve-ne-ran-da* senhorinha Bentinha Tapajós. O enterro vai sair da casa lotada... quero dizer, da casa enlutada... Ai meus óculos! E a falecida agradece... digo, desculpa, a família da falecida agradece a todos que comparecerem a esse ato de piedade cristã. E nosso *seislentíssimo* prefeito Doutor Agamenão convida todo o povo da cidade e os funcionários da Prefeitura - ele manda avisar que todo mundo tem que ir, pois vai ter folha de ponto lá no cemitério - pra acompanhar o fé... fé-re-tro daquela que foi a mais *inlustre* representante do sexo fácil... digo, desculpa... do sexo frágil na História de Tocanjós.

MÚSICA *Solene e fúnebre.*

Cruza o palco o cortejo. BENTINHA vem com uma mortalha ornada de flores, e tudo mais cor de rosa. Vem “muito viva”, em pé, mandando beijos para a plateia etc.. AGAMENÃO vem com uma gravata “rosa choque” e uma rosa na lapela. Os demais atores fazem figuração, ocultos em hábitos de monges medievais e respectivos capuzes, tudo de rósea coloração.

CENA 40

SALOMÉ

Égua da prisão do Beto! Que sacanagem!

SANSÃO

Diz que estão fazendo uma porção de perguntas pra ele. (VOZ GROSSA) *Que é que o senhor veio fazer aqui na Amazônia? É vero que o senhor quer “afundar” um Partido Comunista aqui, em Tocantjós?”*

PIPIRA

Os guardas foram na pensão que ele mora e mexeram em tudo. Levaram um radinho, um gravador e todos os trocados do Beto.

NAZARÉ

E sabe o que eles acharam, dizendo que era coisa de comunista? Um livro assim, bem grosso, só porque tinha a capa vermelha.

SALOMÉ

Quando acaba, era só uma bíblia que ele ganhou da Irmã Teresa.

VALENTINO

Shiu! Vovô é que diz: em terra de gavião, bem-te-vi bate asa e rolinha fecha o bico!

PIPIRA

E papagaio que fala muito, a bruxa costura o rabo.

CENA 41

BETO

(CHEGANDO JUNTO COM TERESA, DE BATINA, ÓCULOS ESCUROS, CABELO CORTADO E SEM BARBA NEM BIGODE). Mas até quando a gente vai comer abiu e ficar de boca pregada?

CORO

Beto!!! Professor!!! (*CORREM PARA ABRAÇÁ-LO*).

PIPIRA

Égua, Professor, ficaste com a cara mais pelada do que bunda de neném.

BETO

Bom, pra todos os efeitos, sou o novo padre que o Bispo mandou buscar lá na capital, não é, Irmã? E foi graças a esta batina emprestada que escapei daquele chiqueiro imundo que é a cadeia de Tocanjós.

MARICOTA

Ai, gente, bem que o Beto podia me dizer uma coisa que eu sempre quis saber: como é que o padre fica, debaixo da batina?

CORO

Maricota!!!

MARICOTA

Égua, gente, eu só queria saber se usa calça ou calção..

SALOMÉ

Pois eu, também quero saber uma coisa... Beto, posso fazer uma pergunta? (*ENTREOLHA-SE COM OS DEMAIS*) Quem vai fazer a Virgem Maria?

Beto sorri e se afasta com os rapazes, para carregar um painel da encenação.

CENA 42**SANSÃO**

É, vai ser difícil encontrar outra pequena, pra fazer a Virgem. Mas não é por causa daquilo que vocês 'tão pensando.

NAZARÉ

Eu sei. Mas por que a Santa tem de ser sempre assim, branca e loura como a Celeste? Diz que lá onde Jesus nasceu o povo é bem moreninho.

MARICOTA

Ah se eu pudesse fazer a Santa! Será que se eu deixar de comer tanto vatapá, tacacá, munguzá...

NAZARÉ

Pretinha como eu, se fosse fazer a santa, iam me mandar embora de Tocanjós!

SANSÃO

Mas quem não pode fazer, mesmo, são essas sirigaitas que vivem se rebolando por aí, feito vaca preta...

SALOMÉ

E quem é virago? Será que pode?

SANSÃO avança, puxa os cabelos e os seios postiços de SALOMÉ.

TERESA

Hei, mas o que é isto?! Conceição! Creuza! Venham cá! O Natal está chegando e, pelo bem da Pastorinha, exijo que acabem agora mesmo com essa besteira!

Primeiro as duas ficam de costas, uma para a outra, braços cruzados, batendo os pezinhos etc.. Depois se olham, começam a chorar e se abraçam, emocionadas.

SANSÃO

Puxa, mana! Me perdoa por ficar embirrando contigo, o tempo todo.

SALOMÉ

Eras, Sansão, tu pensas que eu me esqueci daquele carinho tão bom que a gente tinha, quando era pequena?

SANSÃO

Pois eu quero ser tua amiga de novo.

SALOMÉ

Se o quero querente quer, quero querido será! (*MÚTUOS AFAGOS*)

NAZARÉ

(*PARA MARICOTA*) Ai, mana. Tu também estás sentindo essa vibração tão boa, que está passando por aqui?

MARICOTA

‘Tou, sim, mana! Ai, gente, eu me arrepio toda. É a magia do Natal!

As quatro garotas se abraçam, na maior choradeira. Os rapazes se juntam a elas, fingindo chorar também. TERESA e BETO sorriem, balançando a cabeça.

CENA 43

MÚSICA *Entra o som bem forte da música: “Hoje a noite é bela / vamos à capela / uma prece rezar / ao soar o sino / sino pequenino...”*

DIQUINHO

Queridos ouvintes do “Sonoro Tocanjós”, a voz que encanta e diverte... não, já não diverte mais! (*VOZ EMBARGADA*) Esse talzinho mal parido, que se acha o tão *puderoso* de Tocanjós, ‘tá cuspidando no microfone que comeu. Mandou tirar o meu Sonorinho do ar. Só vai deixar na praça esse tal de TV do Povo. Ah, mas ele vai ver! Nunca mais vou deixar periquito comer do meu caju, nem urubu obrar no meu telhado! Nunca ninguém vai calar as trombetas de Jericó!

CORO

Isso mesmo! / O Sonoro não pode acabar! / Viva o Sonoro Tocanjós!

PIPIRA

Viva as Trombetas de Jericó!

DIQUINHO

(MAIS SOLUÇOS. BEBE MAIS UM GOLE) Mas antes de botar meu Sonorinho no bolso, *num* posso me esquecer de vos lembrar: vem, pessoal, dá uma chegada aqui na praça, pra ver o drama (SOLENE) UM REI NASCEU NA MANJEDOURA. Este ano, a nossa Pastorinha vai ser mais bonita que noiva quando vai casar. E agora *vou-me já*. Quero dizer, ‘tou indo. Boas Festas pra todo mundo, da boca do mato até na beira do rio! Não, todo mundo, não! Menos pros inimigos do meu Sonoro! (SAI DO ESTÚDIO, SOLUÇANDO).

CENA 44

Corre-corre da noite de estreia. Fazendo os preparativos, os atores cantam a versão “couchon” de “Jingle Bells”.

CORO

“Seu Manuel / Seu Manuel / acabou o papel / não faz mal / não faz mal / limpa com o jornal / o jornal tá caro / caro pra chuchu / pra quê tanto luxo / pra limpar o... (LOGO EMENDA COM) Seu Manuel / Seu Manuel...”

BETO, aproveitando-se da batina, caracteriza-se como um habitante da Judeia. Por toda parte, age, reage e interage o fantasma de BENTINHA, em sua mortalha, e com uma guirlanda de rosas na cabeça.

TERESA

Professor, tem certeza, mesmo, de que não está correndo nenhum perigo?

VALENTINO

É, Professor, foi assim mesmo que eles disseram: “a Missa é do Galo, mas o pinto é que paga o pato”!

NAZARÉ

Ai, Beto, esta noite eu ‘tou sentindo uma corrente tão estranha.(PÕE-SE A TREMER) Ai meus caruanas encantados do fundo do rio!

MARICOTA

Será que é a visagem da Bentinha?

NAZARÉ

(*BENZENDO AS COSTAS DE BETO*) “Pelas chagas vivas de Jesus no Calvário! Pelas flechas do *Caboco Sete Penas*! Pela escrava milagrosa que o feitor mandou matar e virou santa!”

Sem ligar para TERESA, NAZARÉ benze tudo em volta, até o próprio fantasma da BENTINHA. Ao se dar conta disso, a jovem toma um enorme susto, passa mal e é socorrida pelos colegas.

CENA 45

CELESTE

(*CHEGANDO, AFLITA*) Irmã Teresa! O Totonho e os outros capangas do Prefeito cercaram toda a praça. Diz que, assim que acabar a Pastorinha, vão pegar o Beto e entregar pr’ uns caras que vieram lá da capital. E aí, então...

TERESA

Ai meu Deus! Então o quê? O que é que vão fazer com o Professor?!

CELESTE

Ah, Irmã, pior do que o Herodes mandava fazer com os guardas do harém. Vão enrolar o Beto num lençol, cheio de pedras e jogar ele no fundo do rio. (*SEGUE-SE UMA REAÇÃO DELA E DE TODOS, EM VOZ BAIXA*).

BETO

(*EXPONDO-SE*) Calma, Celeste! Calma, vocês todos! Vamos fazer o possível pra que isso não aconteça, mas o importante, agora, é que a Pastorinha não pode parar!

CELESTE

Beto! Pelo amor de Deus, me perdoa! Foi... Foi o prefeito. Ele disse que, se eu não contasse aquela história toda, dizendo que foi tu, ele ia mandar me matar...

Depois dava o bebê pra mulher dele criar, como afilhado, porque... é ele, ele é que é o pai deste inocente que vai nascer. Mas se eu ainda puder te ajudar...

BETO

Tudo bem, tudo bem. Se quiser ajudar, de fato, é só fazer exatamente o que vou dizer. *(PARA OS DEMAIS)* E vocês, por favor, fiquem calmos. Vai dar tudo certo! *(AFASTA-SE COM CELESTE E TERESA PARA OS BASTIDORES)*.

CENA 46

MARICOTA

Ai meu Deus! ´Tou com vontade de fazer xixi o tempo todo.

PIPIRA

E eu, de fazer cocô. Vou lá pra detrás da igreja, mas não sai nem um bilotinho.

SANSÃO

O pior é que até agora só tem meia dúzia de gatos pingados.

BETO

(VOLTANDO) Mas essa meia dúzia de gente que veio nos ver merece o melhor, não é mesmo? Vamos lá? Todo mundo pras coxias! Tudo pronto?

TERESA

Tudo. Vamos acender as luzes da ribalta! *(RUÍDOS DE ALVOROÇO)* Por Cristo Jesus! Quem são esses que estão chegando, tudo de uma vez?

CENA 47

MÚSICA *(AO FUNDO)* “Luzes da Ribalta”.

BETO

São pescadores, carregadores do trapiche, o pessoal das canoas... E até as mulheres da Zona. Elas também são filhas de Deus, não é?

TERESA

Mas quem foi chamar esse povo todo?

BETO

Valentino, Pipira e Sansão. Foram, de casa em casa, falar sobre a Pastorinha.

TERESA

Mas também vieram algumas famílias tradicionais da cidade.

BETO

Todo mundo chegando, com suas cadeiras... E então? O que significa tudo isso?

TERESA

Que eles ainda não desprezaram a nossa Pastorinha! (*PARA AS COXIAS*)
Vamos lá, pessoal! Façam tudo com muito amor!

BETO

E muita garra! A Pastorinha vai começar!

CENA 48

MÚSICA *A noção de tempo de encenação do Auto pode ser dada com efeitos de luz e de som, com um breve “pot-pourri” das músicas que foram mostradas nos quadros da Pastorinha. Por fim, a universal “NOITE FELIZ” permanece ao fundo, em tom piano e entoada por todo o elenco. Palmas para a freira, diante do pano de boca (do palquinho) fechado.*

TERESA

Boa noite, pessoal! Estamos chegando ao fim de nossa Pastorinha e nós queremos fazer um pedido: não deixem morrer a Arte, o Folclore, os costumes de nossa gente! E vamos agora à parte mais esperada: o quadro vivo da manjedoura. Este ano, ele nos traz a seguinte pergunta: e se Cristo viesse nascer hoje, aqui, em Tocanjós?

CENA 49

Abre-se o pano de boca. Interior de uma casa amazônica, com rede de pescar e utensílios próprios da região. Sentada em uma rede de dormir, com seus cabelos em estilo afro e usando apenas um vestido de chita, NAZARÉ representa a Virgem Maria. O Menino é simbolizado por um boneco de pele negra, como a da mãe. Atrás e em pé, com roupas simples de caboclo, SANSÃO é São José, com um chapéu de palha nas mãos. Diante deles, com a enxada e ajoelhada junto a um paneiro que contém frutas da região, MARICOTA é um dos reis magos, caracterizado como um velho lavrador. VALENTINO - com a lamparina na testa - é o segundo rei, um seringueiro que traz como oferenda uma vara com a bola de látex defumado. PIPIRA, é o terceiro: um índio de tanga e cocar autêntico. Compenetrado, oferece a Jesus um tipiti ou outro produto do artesanato indígena. Por uma corda invisível, numa áurea de luz, desce um belo anjo caboclo: SALOMÉ, que veste uma longa túnica branca, com motivos marajoaras e traz, nos cabelos, um cocar de penas.

MÚSICA *Um desses “Gloriae” clássicos. (CANTADO POR SALOMÉ)*

Ao final, palmas consagradoras. Não obstante, o pano é bruscamente fechado por AGAMENÃO TOCANTINS (com a ajuda do fantasma de BENTINHA).

CENA 50

AGAMENÃO

Reverendíssima Irmã! Não podemos deixar passar essa baderna!
(O FANTASMA DE BENTINHA CONCORDA E INTERAGE COMO PODE).

TERESA

Excelentíssimo Senhor Prefeito! O que tem de errado? Veja, todo mundo está gostando, aplaudindo.

AGAMENÃO

Mas tudo isso é uma falta de respeito! Uma anja tapuia! Por que essa gente esmolambada, junto do Menino Jesus?! E onde já se viu uma escurinha no papel da Virgem, com um boneco da mesma cor?! Ah se a Bentinha fosse viva!

TERESA

Meu Deus, qual é o Cristo que o senhor conhece?!

AGAMENÃO

Como diria aquela de tão impoluta memória, isso é coisa de co-mu-nis-tas! Pois vou baixar um decreto, agora - é só de boca, mas é um decreto - esta Pastorinha não pode continuar!

TERESA

Mas o que é isso? O senhor está proibindo o nosso Auto de Natal?

AGAMENÃO

Já está proibido!

TERESA

Mas nós vamos continuar com o espetáculo! E toda essa gente aí nos apoia, quer ver só? Pode mandar me prender agora mesmo. Vamos, mande!

AGAMENÃO

Irmã, ponha-se no seu lugar! Por acaso sabeis quem é a autoridade *mácsima* de Tocanjós? Vossa Reverendíssima sois muito atrevida!

TERESA

E “Vossa *Prefeitíssima*” é muito prepotente!

Ouvem-se vozes do público: “Hei, por que parou? / Vamos continuar! / Queremos a Pastorinha! / Queremos a Pastorinha!

AGAMENÃO

Está bem. Vou revogar o decreto, mas só em respeito ao *Eminentíssimo* Senhor Bispo! Só tem um porém: não perdi a batalha! E muito menos a guerra!

BENTINHA aperta-lhe a mão e ele, assustado, olha para todos os lados. Sai de em ridícula postura marcial, na qual é imitado pelo fantasma da beata.

CENA 51

TERESA

(*PERTO DAS COXIAS*) Ai, Professor, será que vai dar certo?

BETO

Vai, sim. Por favor, venham todos aqui, rapidinho. Chegou a hora da Fuga para o Egito. Nosso plano pode dar certo e pode não dar. (*SILÊNCIO*) Seja como for, chegou a hora de dizer o meu... “até breve”. E vou confessar, com toda sinceridade: mais do que ensinar, eu aprendi foi muito, mas muito mesmo, com todos vocês. Um grande e afetuoso abraço! (*OUTRO BREVE SILÊNCIO. UM LEVE BURBURINHO E, AFINAL, O CHORO INCONTIDO. OS JOVENS CERCAM O PROFESSOR E O ABRAÇAM*) Agora calma, muita calma. Vão logo se preparar. Façam tudo de um modo que pareça o mais natural possível. E por favor, amigos, não chorem. Sejam verdadeiros atores!

TERESA

Lembrem-se: é disso que depende a vida do Professor.

BETO

Adeus! Ou melhor: adeus, não. Até algum dia! Quando toda essa repressão terminar...

Os jovens saem para as coxias, acenando em silêncio para o BETO.

TERESA

Beto... Obrigada por tudo que me fez sentir mais forte, me conhecer melhor.

BETO

Também lhe agradeço, Teresa. Quando me larguei pelo mundo, eu queria fugir desse polvo enorme, que só quer nos levar para o abismo, com seus tentáculos de ganância, lucro fácil, egoísmo, competição, exploração, corrupção, opressão e tantos outros ão ão ão...

TERESA

Mas até mesmo aqui, em Tocanjós, esse monstro vai encontrar quem possa resistir. Quem continue a lutar.

BETO

O importante é cortar os tentáculos que estão perto da gente.

TERESA

Ou, até mesmo, dentro de nós!

BETO

Adeus, Teresa!

TERESA

Adeus, Beto. Boa sorte!

CENA 52

MÚSICA *Erudita e solene.*

Com os mesmos trajes do quadro vivo, precedida por SALOMÉ e MARICOTA (a pé), entra NAZARÉ com o Menino Jesus na boleia de uma carroça bem tosca, enfeitada com flores e papel crepom. Na parte de trás vem um enorme baú, desses bem antigos. O veículo vem puxado por SANSÃO, PIPIRA e VALENTINO, que aparentam fazer um grande esforço. O cortejo para diante do pano fechado do tablado. Chegam TOTONHO e AGAMENÃO. Este sussurra ordens ao capanga e se afasta, escondido.

TOTONHO

(COM ARMA NA MÃO) Para! Todo mundo! Para tudo como está! Ninguém se mexe!

Cessa a música. Baixo vozerio. Os atores do Auto correm para longe da carrocinha e se abraçam uns aos outros. Reaparece o fantasma de BENTINHA.

TOTONHO

Xinxão! Barba de bode! Cerquem toda a praça! Cuidado, que o cara é perigoso!

Os jovens da Pastorinha, juntos e apavorados, começam a rezar.

CELESTE

(ABRINDO OS BRAÇOS EM CRUZ, DIANTE DA CARROÇA) Vai embora, Totonho! Deixa o Professor em paz! Por que não atiras em mim? Atira, se não és frouxo!

TOTONHO

Sai da frente, sua abestada! (CAUTELOSO E MEIO ACOVARDADO, AFASTA CELESTE PARA O LADO E SE APROXIMA DO BAÚ) Professor Beto! Em nome da *assegurança* nacional e da ordem de Tocanjós, levante os braços pra cima do sovaco e... e saia logo daí desse baú, seu filho d'uma égua!

CELESTE tenta de novo se interpor, mas TOTONHO a derruba com brutalidade. A moça chora nos braços da freira. AGAMENÃO torce de longe, escondido, enquanto TOTONHO desfecha vários tiros no baú. Os demais fecham os olhos, rezam etc.. Ouvem-se ruídos de vozes, alvoroço e correrias na plateia. O fantasma de BENTINHA também faz mímica de atirar.

CELESTE

Beto!!! Professor!!! (PARA TOTONHO) O que fizeste com ele, seu maldito?!

TOTONHO abre o baú e, furioso, começa a jogar fora roupas velhas, brinquedos, bugigangas etc.. AGAMENÃO, escondido, dá socos raivosos nas paredes e em si mesmo. Gargalhada geral dos outros, que não percebem nem sentem as sombrinhadas do fantasma de BENTINHA. Nesse instante, ouvem-se ruídos de avião. TERESA, CELESTE e os atores da Pastorinha, todos olham para o céu e acompanham a aeronave, com acenos e beijos.

CELESTE

É o teco-teco do irmão do Bispo! Lá se vai o Professor!

TERESA

(ABRAÇANDO-A, EMOCIONADA) Deus seja louvado! Ele conseguiu!

O fantasma de BENTINHA, ameaçador, brande ao céu a sua rósea sombrinha, ao lado de AGAMENÃO, que acaba se pondo visível para todos e, também raivoso, faz o mesmo com o chapéu, enquanto TOTONHO tenta atirar para o alto, mas acabou a munição. Ouvem-se vaias e vozes do público: “Fora! Cai fora! Deixa a Pastorinha continuar! Etc.” Saem os três (inclusive o fantasma) praguejando para o céu, para o tablado, para o público e entre eles mesmos.

CENA 53

Reaparece DIQUINHO, com um megafone e um gravador de fita cassete.

DIQUINHO

Calma, pessoal, calma! Podem voltar pros seus lugares! A Pastorinha vai continuar. Hoje, no ano que vem e até quando a gente puder! E eu, Diquinho Tapajós, onde estiver com os meus pés e com a minha voz, ali também vai estar o meu... o seu... o nosso... *(LIGA O GRAVADOR E TOCA O “PREFIXO” DO SONORO.)*

CORO

(JUNTO COM DIQUINHO) “Sonoro Tocanjós”!

DIQUINHO

(*ENXUGA OS OLHOS COM O LENÇO*) E agora, com vocês, o grão... grão...

CORO

“Grand Finale”!

“GRAND FINALE”

MÚSICA *Canção da Despedida.*

CORO (*Todo o elenco*)

Adeus, adeus / adeus, senhores / É noite alta / e o sono chama
vamos sonhar / que algum dia / o pobre Mundo / vai melhorar

Adeus, adeus / adeus, senhores / Ano que vem / vamos de novo
louvar Aquele / que nos ensina / de todo jugo / nos libertar.

Adeus, adeus / adeus, senhores / Vamos agora / o pano fechar /
e de mãos dadas / abrir os braços / pra dar a todos / um grande abraço!

F I M

Rio, dezembro de 1973. Várias revisões posteriores.

A última em maio de 2025, para a presente edição.

N. A.: A presente versão apresenta diversas alterações, em relação ao original e ao texto publicado na ANTOLOGIA AMAZÔNICA, especialmente quanto aos cortes e mudanças na ordem das cenas. No entanto, os temas fundamentais, abordados na peça, permanecem em sua essência e até mais clarificados em alguns trechos.

2. “A deusa da minha rua” é de autoria de Newton Teixeira e Jorge Faraj.

MONTAGENS:

De acordo com os registros do Autor, o texto permanece não encenado.

LEITURAS DRAMATIZADAS:

Como parte da premiação no MINC, foram realizadas, em 2002, leituras em:

- Rio de Janeiro (RJ), Casa da Gávea, direção de ANTÔNIO GILBERTO;
- São Paulo (SP), no Teatro Maria Della Costa, pela Sociedade Lítero-Dramática Gastão Tojeiro, direção de WILL DAMAS;
- Brasília(DF) (dados não constantes dos arquivos do Autor).
-

Foram realizadas outras leituras dramatizadas, tais como:

- No Projeto Anna Magnani – Seminário de Dramaturgia, Rio de Janeiro, sob a direção de MARIA HELENA KÜHNER (1993);
- No Projeto Gavetas Abertas, Centro de Estudos de Dramaturgia da SBAT, Rio de Janeiro, direção de GEDIVAN DE ALBUQUERQUE, com letras do Autor e músicas de DANIEL FERNANDES (1997);
- No Centro Cultural Fuzuê, Rio de Janeiro, direção de GEDIVAN DE ALBUQUERQUE, com letras do Autor e músicas de DANIEL FERNANDES (2009);

PUBLICAÇÕES:

Integra a antologia AQUARELA AMAZÔNICA – TEATRO – VOL.1 – RAIMUNDO ALBERTO, Rio de Janeiro (RJ), Tabac Cultural, 2014. (Textos cuja ação transcorre na Amazônia).

PARTITURAS
DE
A ÚLTIMA PASTORINHA

Letras: Raimundo Alberto

Música: Daniel Fernandes

As Pastoras

Daniel Fernandes
Raimundo Alberto

The musical score is written for a single melodic line in treble clef, 2/4 time. It consists of seven staves of music, each with a key signature of one flat (Bb) and a common time signature of 2/4. The lyrics are written below the notes, and the chords are indicated by letters above the staff. The lyrics are: "So-mos pas-to-ras do pra - - do vi-e-mos de mui-to a-lém pa-ra ver o Deus me-ni no que nas-ceu lá em Be-lém pa-ra ver o Deus me-ni no que nas-ceu lá em Be-lém pa-ra o nos-so bem ti-ro ti-ro-lém nas-ceu em Ju-dá ti-ro ti-ro-lá va-mos a Be-lém ti-ro ti-ro-lém pa-ra o a-do-rar ti-ro ti-ro-lá Nos bos-ques flo-ri-dos co-lhe-mos as flo-res que va-mos le-van-do ao Deus dos A-mo-res ao Deus dos A-mo-res nós va-mos le-". The chords are: C, F, Fm6, C, F, G7, C, Am7, Dm7, G7, C, C7, F, G7, C, Am7, Dm7, G7, C, G7, C, G7, C, G7, C, F, C, G7, C, F.

C F Fm6

So-mos pas-to-ras do pra - - do vi-e-mos de

C F G7 C

mui-to a-lém pa-ra ver o Deus me-ni

Am7 Dm7 G7 C C7 F

no que nas-ceu lá em Be-lém pa-ra ver o

G7 C Am7 Dm7 G7 C

Deus me-ni no que nas-ceu lá em Be-lém pa-ra o nos-so

G7 C G7 C G7

bem ti-ro ti-ro-lém nas-ceu em Ju-dá ti-ro ti-ro-lá va-mos a Be-lém ti-ro ti-ro-

C G7 C F

lém pa-ra o a-do-rar ti-ro ti-ro-lá Nos bos-ques flo-ri-dos co-lhe-mos as

C G7 C F

flo-res que va-mos le-van-do ao Deus dos A-mo-res ao Deus dos A-mo-res nós va-mos le-

A Pastora Perdida

Daniel Fernandes
Raimundo Alberto

C Dm7 G7 C

Per - di-da, meu Deus, per - di-da nes-sa tris-te so-li - dão en-tre

Dm7 G7 C D7 G7

bos-ques e cam - pi-nas sem mei - os de sal - va - ção nun-ca per-caa es-pe - ran-ça nem ba-

D7 G7 C Dm7 G7 C

lan-ce o co-ra - ção pois a fé é que dá vi-da pra quem bus-ca a sal - va - ção On-de es-

Dm7 G7 C Dm7

tás Je-sus Me - ni - no vem me dar a di - re - ção em que de-vo ca - mi - nhar pa-ra a -

G7 C D7 G7 D7 G7

char a sal - va - ção nun-ca per-caa es-pe - ran-ça nem ba - lan-ce o co-ra - ção pois a

C Dm7 G7 C

fé é que dá vi - da pra quem bus - ca a sal - va - ção

As Zíngaras

Daniel Fernandes
Raimundo Alberto

E F E F F G F E E

Sou u-ma ri - ca ci - ga - na lei - o a sor - te na mão nas - ci num ber - ço de

6 F E F F G F E E F

ou - ro me ca - sei com um ba - rão te-nho jó - ias no meu cor - po mas não

11 F F G F E A E E A

te-nho sal - va - ção so-mos ci - ga - nas de Es - pa - nha mu-cho nos gus - ta can -

16 E F E G F E

tar com pan - dei - ro e cas - ta - nho - las mu-cho nos gus - ta bai - lar

21 E F E F F G F E E

Sou u - ma po - bre ci - ga - na lei - o a sor - te na mão a - di - vi - nho os se - gre -

26 F E F F G F E E F

di - nhos guar - da - dos no co - ra - ção de ter - ra em ter - ra eu ca - mi - nho

31 F F G F E E A E E A

em bus - ca da sal - va - ção so-mos ci - ga - nas de Es - pa - nha mu-cho nos gus - ta can -

36 E F E G F E

tar com pan - dei - ro e cas - ta - nho - las mu-cho nos gus - ta bai - lar

Pedindo Prendas

Fernandes

Daniel

Alberto

Raimundo

The musical score is written in treble clef with a key signature of two sharps (F# and C#) and a 2/4 time signature. The melody consists of eighth and quarter notes. Chords are indicated by letters (D, G, A7) in red above the staff. Measure numbers 5, 9, 14, 19, 24, and 29 are placed at the beginning of their respective staves. Blue symbols (a double bar line with a repeat sign, a circle with a cross, and a double bar line with a repeat sign) are placed above the staff at measures 9, 14, and 24. The lyrics are written below the staff, aligned with the notes.

nas-ceu em Be - lém nos-so Deus Me - ni-no pa-ra o nos-so bem pa-ra nos sal -

var nas-ceu em Be - lém nos-so Deus Me - ni-no pa-ra o nos - so bem pa-ra nos sal -

var quem der u - ma pren - da ea Je-sus lou - var

nas sen-das da vi - da não se per-de - rá e quem não tem

ren - da mas quera - ju - dar sem pre tem - um jei - - to -

de a Je-sus lou - var não nos de-ram ren - da e o-lha só que

pre - da não te-mos di nhei - ro - - nem pa-ra a me - ren - da -

Os Galegos

Daniel Fernandes
Raimundo Alberto

Biemos de lá da Ga-li - za Biemos a-qui a dan - çai - re a feste-jair' o me - ni-no quenas-
 ceu pa-ra nos sal - vai - re a fes-te-jair' o me - ni-no que nas - ceu pa-ra nos sal - vai - re O -
 lê o - lê o - lá ai mi'a que-ri-da Ma - ri - a o - lê o - lê o - lá
 ai meu que-ri-do Ma - nue-el va-mos já em ro-ma - ri - a le-var pren-das pa-ra'i' e-le va-mos
 já em ro-ma - ri - a le-var pren-das pa-ra'i' e-le Ai, ai, don-de bais, Ma-nu-
 e-le? ai, ai, don-de bais Ma - ri-a? va-mos ver o Deus Me - ni - no que nas - ceu na es-tre - ba -
 ri - a va-mos ver o Deus Me - ni - no que nas - ceu na es-tre - ba - ri -- a - -

Grand Finale

Daniel Fernandes
Raimundo

Alberto

G D7 G

A-deus, a - deus, a - deus se-nho - res É noi-te

G7 C Cm

al - ta e o so - no cha - ma va-mos so - nhar que al-gum

G A7 D7

di - a o po-bre mun-do vai me - lho-rar A-deus, a -

C D7 G G7

deus, a - deus se-nho - res A - no que vem que ve - nham to -

C Cm G Em7

dos lou-var a - que - le que nos en - si - na de to-do

Am7 D7 G G7 C Cm

ju-go nos li - ber-tar lou-var a - que - le que nos en -

G Em7 Am7 D7 G

si - na de to-do ju-go nos li - ber - tar

O CAMPEONATO DOS POMBOS

O CAMPEONATO DOS POMBOS⁷

1973

Texto teatral musicado para público infantil

PERSONAGENS

(20, com possíveis revezamentos – Vide Notas do Autor)

Lourival Falassolta (papagaio)

Rosinha Maravilha (arara)

Colombino de Nápoli (pombo)

El Palomito (pombo)

Pepito de Guadalajara (pombo)

Lulu Paloma (perua nanica)

Columbus (pombo)

Coroné Pompeu (pardal)

Diacuí (pomba carijó)

Águeda de Aguiar (águia)

Tokitô (pombo)

Anambé (pombo-anambé)

Índio Perikí (periquito)

Índio Periké (periquito)

Vampirão (morcego)

7 PREMIAÇÃO – Premiada em 3º lugar no Concurso de textos para Teatro Infantil do antigo Serviço Nacional de Teatro -Ministério da Cultura - 1973 - e editada pelo mesmo SNT, em 1974.

Vampirinho (morcego)

Carcará (falcão)

Madame Fedora (urubu-rainha)

Ave-Propaganda (guará)

Cobra Grande (“atores-tripas”)

CENÁRIOS

Conforme descritos em cada Segmento.

FIGURINOS

Para possíveis revezamentos, os atores que representarão os pombos poderão usar, sobre u’a malha básica, um uniforme esportivo padrão, sobre o qual colocarão os adereços especiais de cada personagem. Do mesmo modo, essa malha poderá servir para os atores que atuarem como outras aves e morcegos.

SINOPSE

Um campeonato de voo à distância, em um país chamado Pindorave, no qual os pombos-correios voarão desde a cidade de Pororoquinha, na Amazônia, até o Aeropouso da Metrópole dos Pombais, no sudeste do país. Além de outras personagens interessantes (outras aves), como uma águia, um pardal, periquitos, um pombo-anambé e uma urubu-rainha, serão acompanhados, em todo o percurso, por dois repórteres, LOURIVAL FALASOLTA, um papagaio e ROSINHA MARAVILHA, uma arara, ambos da TV Ovo, Canal Zero. Até à aterrissagem final, enfrentarão muitos perigos nos pousos intermediários, a floresta, o sertão e a montanha: uma COBRA GRANDE, o terrível CARCARÁ, ÍNDIOS que se fingem de canibais, além de estranhas sabotagens que causam a eliminação de alguns atletas. Em eventuais momentos de relax, conhecerão danças típicas de Pindorave, tais como o Carimbó e o Forró. Entre os finalistas estão a carijó DIACUÍ, o arrogante COLUMBUS e uma espécie de dondoca, a perua LULU PALOMA, que voa cheia de joias e balangandãs, e anda sempre acompanhada por dois morcegos. Apenas um pombo ou pomba ganhará o prêmio Espiga de Ouro. Quem será?

Esta peça foi inspirada em um campeonato de pombos-correios, cujo recorde internacional de voo à distância (Teresina a Belo Horizonte) foi obtido pela pombinha carijó brasileira JACUÍ, conforme noticiado nos jornais, em 1972. Carijó é um tipo de pomba, também conhecida como Asa Branca, fonte de

inspiração para a famosa canção de LUIZ GONZAGA e HUMBERTO TEIXEIRA.

NOTAS DO AUTOR⁸

ENCENAÇÕES

A primeira encenação de O CAMPEONATO DOS POMBOS, foi no extinto Teatro do BNH, no Rio de Janeiro, pelo GRUPO CENA, aos 15.11.1980, e permaneceu dois anos em cartaz (1981-82), em vários espaços teatrais, bem como no Teatro Carlos Gomes de Vitória (ES), além de clubes, condomínios, sindicatos etc., com a seguinte ficha técnica:

Texto e direção – RAIMUNDO ALBERTO

ELENCO / Posteriores substituições

TOUCHA / RITA VIANA / DILA GUERRA – Rosinha Maravilha
ROBERTO NEVES – Lourival Tataraneto
SANDRA EMÍLIA – Lulu Paloma
CARLOS SOBREIRA – *Coroné Pompeu* / Vampirinho
HIRAN COSTA – Columbus / Vampirão
MARÍLIA DE BARROS / KATIA LATOUFE – Diacuí
DABSON DI ORNELLES – Colombino di Napoli / Carcará
RICARDO FERREIRA – Pepito de Guadalajara / Pomboca (atual Anambé)
ARTUR TABALIPA – El Palomito / Arigatô (atual Tokitô) / Índio I (atual Perikí)
JOÃO PAULO CAMILLO – Monsieur Pigeon / Índio II (atual Periké)

EQUIPE TÉCNICA

Músicas – CACAU DA BAHIA
Coreografias – JORGE LAFFOND
Direção Musical – DIRNEY MACHADO
Cenografia – SIDNEY GREGORY
Sonoplastia – WILSON FERREIRA / WANEDSON (2ª temporada)
Iluminação – WANEDSON
Figurinos – FERNANDO ATHAYDE, MAZINHO e **GRUPO CENA**
Adereços – BETTY COSTA, RITA VIANA e o GRUPO CENA
Contrarregra – BETTY COSTA
Produção Executiva e Divulgação – CARLOS SOBREIRA e ARTUR TABALIPA.

⁸ Rio de Janeiro, 1973 e revisões posteriores.

A última em abril de 2025, para esta edição.

Produção (2ª temporada) – RIBAMAR MENDES

Assessoria de Produção – SUELY FERNANDES

Gravação do “Play back” – GUILHERME GODOY, BETO MONTEIRO e NILO FERRARI.

O texto foi montado em várias cidades do país, tais como Belém, pelo GRUPO PALHA, direção de PAULO SANTANA, em 1981; Belo Horizonte, pelo GRUPO RAÇA, direção de FERNANDO PENIDO, em 1983 e 1986; Manaus, pelo grupo de ROSA EUNICE e sob sua direção, com atores/atrizes de terceira idade, apresentado na 5ª Mostra de Artes Cênicas da cidade, em 1987; e a mais recente, no Rio de Janeiro, pela CIA. MAMBEMBE da Ilha do Governador, sob a direção de HIRAN COSTA JÚNIOR, em 2011.

Em 08.03.1981, foi realizada a filmagem do espetáculo pela TVE – TV Educativa, Rio de Janeiro e apresentada no programa TEATRO JOVEM, coordenado por Maria Helena Kühner.

POSSÍVEIS REVEZAMENTOS (Para um elenco de 10 atores)

1. Lourival Falassolta (papagaio).
2. Rosinha Maravilha (arara).
3. Colombino de Nápoli (pombo) / Cobra (“tripa”1).
4. El Palomito (pombo) / Ave-Propaganda (guará) / Tokitô (pombo) / Índio Perikí (periquito).
5. Pepito de Guadalajara (pombo) / Cobra (“tripa”2) / Anambé (pombo-anambé).
6. Lulu Paloma (perua nanica).
7. Columbus (pombo) / Vampirão (morcego).
8. Coroné Pompeu (pardal) / Vampirinho (morcego) / Índio Periké (periquito).
9. Diacuí Carijó (pomba carijó).
10. Águeda de Aguiar (águia) / Carcará (falcão) / Madame Fedora (urubu-rainha).

Esta obra só poderá ser encenada, parcial ou integralmente, mediante autorização do escritor ou de seus representantes legais, via SBAT - Sociedade Brasileira de Autores.

Reg. 560.896, L.1.069, Fls.435, no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional.

CENA 1

A PARTIDA

Pequena praça de uma cidadezinha da Amazônia, com resquícios de arquitetura colonial. Algumas árvores, plantas e um coreto, enfeitado com balões coloridos e flores regionais. A um canto do palco, duas setas contrárias indicam: “Pororoquinha — Zero km” e “Metrópole dos Pombais — 1.700 km”. No outro, em um enorme mapa geográfico, linhas e pontos coloridos assinalam o roteiro do voo. Ao fundo, bandeiras de diversos países imaginários, além de faixas alusivas ao certame.

(Lourival e Rosinha postam-se diante de uma câmera móvel de TV.)

MÚSICA

ROSINHA & LOURIVAL

Tru tru, tu ru tru tru, tru tru / A TV OVO Canal Zero está no ar / tru tru, tu ru tru tru, tru tru / onde houver notícia / nossa equipe chega lá.

ROSINHA

Lourival da Falassolta...

LOURIVAL

E Rosinha Maravilha...

ROSINHA

Se apresentam pra você...

LOURIVAL

E para toda a família.

ROSINHA & LOURIVAL

Tru tru, tu ru tru tru, tru tru / A TV OVO Canal Zero está no ar / tru tru, tu ru tru tru, tru tru / onde houver notícia / nossa equipe chega lá.

LOURIVAL

Queridos *telespectadores*, quero dizer, meus caros *telispectores*, isto é, quero dizer, senhores...

ROSINHA

Te-les-pec-ta-do-res!

LOURIVAL

Esta é a sua “TV Ovo – Canal Zero”, com uma edição especial do programa...

ROSINHA

“Ovo Repórter”!

LOURIVAL

Tru tru. Estamos transmitindo diretamente daqui, da cidade de Pororoquinha, em pleno coração da Amazônia, todos os lances sensacionais da abertura do...

ROSINHA / LOURIVAL

Primeiro Campeonato Internacional de Pombos-correios!

ROSINHA

Senhoras e senhores, tru tru. *(Descendo à Plateia)* Vamos entrevistar, neste momento, um(a) convidado (a) muito especial. Tru tru. Aqui está o (a) presidente (a) da famosa A.P.P.P.P. – Associação Protetora dos Passarinhos, Pombinhos e Pardais. *(Aproxima o microfone de um(a) espectador(a))* Ele (a) está indignadíssimo (a) com as condições deste concurso e os perigos que os atletas vão enfrentar.

SONOPLASTIA – *Voz gravada, em rotação que sugere o matraquear do (a) espectador (a).*

ROSINHA

Ouvimos, assim, as declarações do (a) digníssimo (a) representante da Apêpêpêpêpêpê... Ufa! É tanto pê, que... ai, minhas penas! É pê demais!

LOURIVAL

Ora, Rosinha, pê demais, pê de menos... E atenção, senhoras e senhores, os candidatos já estão chegando para o alinhamento.

ROSINHA

Senhoras e senhores! Eis que acaba de chegar o famoso atleta e também cantor... Il Colombino!

COLOMBINO

(Entra cantando uma paródia de “Il Sole Mio”). Oh bella mia / oh bella mia / oh bella mia / oh mia mia / oh mia / oh mia bela / oh bella mia / oh mia mia!

CORO

Miau... miau... miau... *(Colombino vai se alinhar, amuado)*

SONOPLASTIA – *Ouvem-se fanfarras, cornetas e outros sons espetaculares.*

LOURIVAL

Olha só quem vem ali, senhores teles... peles...peques... A famosa atleta *fashion*...

Lulu Paloma!

ROSINHA

E vem cercada de cabeleireiras, costureiras, camareiras, como se fosse o cortejo de uma verdadeira rainha!

LOURIVAL

Incrível, senhoras e senhores. Lulu Paloma parece até que vai concorrer a um desfile de fantasias no Carnaval!

(Entra Lulu Paloma com um imenso boá, joias, peruca, etc., acompanhada pelos animadíssimos morcegos Vampirinho e Vampirão que, saltitantes, atropelam a Lulu e a jogam no chão, de qualquer jeito. Põem-se a pular, enquanto ela tenta reaver o boá e a bolsa.)

VAMPIRINHO

Nhê nhê, nhê nhê, nhê nhê / a Paloma vai vencer!

VAMPIRÃO

Nhá nhá, nhá nhá, nhá nhá / a Paloma vai ganhar!

VAMPIRINHO

Eu sou o Vampirinho.

VAMPIRÃO

Eu sou o Vampirão.

VAMPIRINHO

A vitória da Lulu...

VAMPIRÃO

É a nossa curtição.

PALOMA

Qué absurdo! Non deixarem costureros terminar mi roupita! *(Tenta esconder, mas acaba mostrando, sob a parte de trás do saiote, um “culote” de bolinhas coloridas)* Luego yo, Lulu Paloma, una concorrente de grande fama! Yo non deveria, ni siquiera estar aqui, nesta porqueria de cidade, a misturar-me com essa gentinha...

(Vampirinho e Vampirão trazem um casaco de peles, que ela coloca sobre o traje esportivo.)

ROSINHA

Que é isso, Lulu, comporte-se como uma verdadeira dama!

LOURIVAL

E quem vem chegando, agora, ao lado do famoso Pepito de Guadalajara, é o faixa preta de caratê e campeão de voos à distância... Tokitô!

(Surgem Tokitô e Pepito. Este, com suas maracas, sombrero, bigodões etc., percebe uma enorme barata em seu chapéu.)

PEPITO

Oh non, non... qué lástima! Una cucaracha?! Una barata en mi sombrero?!?!

MÚSICA

CORO

(PARÓDIA DE “LA CUCARACHA”) Mata barata / mata barata / Tá rá tá tá tá rá rá / Mata barata / mata barata / Mas quem é que vai matar? *(BIS)*

(Tokitô, com gestos de caratê, divide o inseto em dois pedaços e, divertindo-se, tenta jogá-los sobre os outros pombos e sobre a plateia.)

SONOPLASTIA — *Barulho de latas secas, vidros quebrados, mesas caídas, etc.*

ROSINHA

Ai, minhas penas! O que é isso, agora?! (Corre para junto de Lourival)

(Os demais pombos também se agitam, vão até às coxias e voltam caindo, envolvidos numa luta violenta, penas para todo lado que caem dos bastidores...)

LOURIVAL

Corrupaco, papaco! Que é isso, Rosinha, o que está acontecendo?

ROSINHA

Tru tru. Tru tru. É Columbus, o grande campeão, que acaba de chegar e já se meteu numa briga, violenta, enfrentando quinze pombos de uma vez só.

LOURIVAL

Hei, Columbus! Columbus, diga aqui, aos ouvintes da nossa TV Ovo, Canal Zero...

COLUMBUS

Eu ser o melhor atleta! *(Poses de halterofilista)* Eu ter asa mais forte e o mais bela peitorral! Eu ganhar este *campeonata*, eu ganhar sempre! *(Aquecendo-se)* Uan, dois...

CORO

Feijão com arroz!

COLUMBUS

Três, quatrou...

CORO

Pé de patou!

(Bis no “uan, dois... etc.”)

SONOPLASTIA – Sirene utilizada por batedores de carros oficiais.

(Exceto Lulu Paloma que, alheia a tudo, retoca a maquiagem, os demais pombos se amontoam a um canto, assustados. Vem El Palomito, correndo, arquejante.)

LOURIVAL

Tru tru. Que foi, El Palomito? O que está acontecendo?

PALOMITO

É que está *llegando* a... a ... Dona Águeda de Aguiar!!!

ROSINHA

Dona Águeda é a Prefeita de Pororoquinha. Sabe que ela teve o bico de pau de dizer, em nosso Tele Jornal, que o seu prato preferido é...

ÁGUEDA

(Entrando em cena e posando para os flashes, caras e bocas) Pombinho assado com batatas fritas! HUUUUUM! Uaaaaau!

(Ao passar pelos pombos, mira-os gulosamente. Lulu se toca e corre para junto dos demais. Todos murmuram, revoltados. Columbus quer dar o troco, mas os outros o detêm. A águia, enorme, apoiada em muleta na forma de tridente, vai se alojar no palanque oficial. Após enxugar o suor das penas, coloca um enorme lenço no pescoço, parecendo um guardanapo.)

LOURIVAL

Tru tru. Senhoras e senhores! Está chegando, afinal, o momento mais importante desta sensacional reportagem.

ROSINHA

Temos, aqui, centenas de pombos-correios de todo o planeta, que se preparam para voar por céus nunca dantes voejados.

LOURIVAL

Vamos ver. Ô Rosinha, quem é aquele pombo, acolá, cercado de admiradoras?

ROSINHA

Mas ora, Lolô, não é outro senão o charmoso Monsieur Pigeon...

LOURIVAL

E ali estão Marquezinho de Pombal e o Xeique Pombalaralla...

ROSINHA

O Senhor Pomb Ning Nhang e a campeoníssima Madame Pombarovna.

LOURIVAL

O sorridente Herr Tauber e a doce Pombira de Tarmarral...

ROSINHA

El Che de Los Pampas, com o seu rico chimarrão...

LOURIVAL

E a belíssima Columbia de Galles!

ROSINHA

E olha quem está ali: a linda pombinha Babalaô. Está inconsolável, coitada, por causa do jogo sujo que fizeram com ela.

LOURIVAL

Jogo sujo, Rosinha?

ROSINHA

É que dois curios levaram a Babalaô pra dançar num pagode, até o Sol raiar! E ela ficou tão esgotada, que não vai mais poder participar do Campeonato...

LOURIVAL

Mas logo ela, a Pomba Babalaô, uma famosa campeã?! Mas vamos lá... Todos os atletas já estão aqui presentes, para iniciar esta incrível competição.

ROSINHA

Calma, Lolô, todos não! Ainda falta a representante de Pindorave...

LOURIVAL

Quem, a Diacuí Carijó?! Essa pombinha é mais fraca do que suspiro de minhoca! Vai ver que, na hora “H”, ela teve medo e se mandou.

ROSINHA

Hei, que tiros são esses?

SONOPLASTIA – *Tiros de escopeta.*

(Os pombos voltam a se aglomerar, assustados.)

LOURIVAL

Mas ora ora, vejam quem está chegando: o Coroné Pardalino Jesuíno Virgolino Severino Pompeu, presidente da Associação de Pombos do Sertão de Cariri.

ROSINHA

E é ele que vai dar o tiro de festim para o alto, anunciando a abertura do campeonato.

LOURIVAL

É por aqui, Coroné, por aqui.

(Dando tiros para o ar, chega o Coroné, chapéu de couro, um crachá na lapela e uma espingarda enfeitada com fitas e medalhas de santos e Padre Cícero.)

CORONÉ

Cumequié, já 'stá tudo prontinho pra eu dar o sirná da partida? Tá pronto ou não tá? *(Aponta a arma para cada um dos pombos, que recuam, amedrontados.)*

ROSINHA

Hei, Coroné, espere um pouco! A Diacui já está chegando.

CORONÉ

Vai, minha *fia*, entra aí no rebuliço. Pro que tu tá chegando assim tão tarde?

DIACUÍ

(Vem correndo, com um ramo de flores nas mãos, que distribui para os demais) Eu... eu estava colhendo flores do campo e me perdi no bosque.

DEMAIS ATLETAS

Ora vejam só! / *Ma che cosa fa, bambina mia?! / Qué se pasa contigo? / Etc.*

DIACUÍ

Por favor, por favor! Eu me perdi porque, de repente, assim, do nada, me apareceram dois urubus, e eles... ah, malvados! Eles me ensinaram o caminho errado.

ROSINHA

Huum... DOIS curios...agora DOIS urubus... Estranho!

CORONÉ

Atenção, *pombaiada*! Vamos dar o *sirná* da partida!

ROSINHA

Um momento, Coroné! Falta o hino.

LOURIVAL

Tru tru. Senhoras e senhores, será entoado, neste momento, por todos os desafinados... quero dizer... por todos os atletas...

ROSINHA

O hino oficial deste Campeonato.

MÚSICA**CORO DOS POMBOS**

Nós somos os pombos-correios / cuja História de glória se faz / a todos levando a mensagem / de esperança, de amor e de paz!

Nós somos os pombos atletas / a voar pelo céu do Condor / a levar norte e sul, leste, oeste / a mensagem de um mundo melhor!

CORONÉ

E agora, vamos dar a partida. Atenção, minha gente! *((Aponta para os atletas) Um, dois e... (Ajeita a espingarda) Um, dois e... (Os pombos se esquivam, como podem, da mira do Coroné.)*

LOURIVAL

Ei, Coroné, assim não! Tem que atirar é para o alto. Pro alto, Coroné!

ROSINHA

O senhor nunca viu corrida de cavalos?

CORONÉ

Minha *fia*... na minha terra, cavalo é tão magro, que só corre quando vê onça. Mas vamos lá: um, dois e... pum pum pum! Sustança nas asas, minha gente! Sustança nas asas!

(Os pombos se preparam, na pose de largada. Ao som instrumental do hino, os pombos se dispersam, em uma bela coreografia.)

LOURIVAL

Tru tru, senhores *pelestequessores*... Telespirradores... Acaba de dar início, neste exato momento, esta verdadeira Copa Mundial de Pombos-correios!

ROSINHA

Todos os pombos já levantaram voo (*Menos Paloma*). Quer dizer, quase todos... e agora, cada um tomará a sua rota, o seu destino, a meca dos campeões: Metrópole dos Pombais!

LOURIVAL

(*Mostrando o mapa*) Este pontinho aqui representa a cidade de Pororoquinha...

ÁGUEDA

(*Ufana-se*) Pé-quena, pó-rém dé-cente!

ROSINHA

Só é pena que aqui, nesta cidade, algumas prefeitas adoram comer...

LOURIVAL

(*Imitando Águeda*) Pombinho assado com batatas fritas!

ÁGUEDA

Oh, não, que é isso! Brincadeirinha... Intrigas da oposição!

LOURIVAL

Os atletas voarão numa distância de 1.700 km, até alcançarem a meta final: a Metrópole dos Pombais!

ROSINHA

E aquele que chegar primeiro ganhará o... Campeonato de Voo à Distância!

LOURIVAL

Certo, Rosinha. Tru tru. A equipe do programa “Ovo Repórter” já tomou todas as providências para que a sua... a nossa... (*Junto com Rosinhal*) TV Ovo, Canal Zero...possa mostrar, bem de perto, todos os lances desta sensacional voejada ...

ROSINHA

Com esses pombos incríveis e suas asas maravilhosas!

LOURIVAL

Até logo mais, portanto, senhores *petelecadores*... digo, *pererecadores*... quero dizer...

ROSINHA

Telespectadores! *(Manda beijos à platéia)* Lourival... e a Paloma, hem?

(Lulu Paloma, apesar dos esforços, não consegue sair do lugar. Acaba por levar um tombo, socorrida pelo Coroné, que faz de abano o seu incrementado chapéu. Rosinha filma o evento. Águeda, a prefeita, aproxima-se do grupo.)

ROSINHA

Vamos, Lulu, quer ser desclassificada assim, logo no início?

CORONÉ

Sustança nas asas, Madame, sustança!

LOURIVAL

Também, como é que ela pode levantar voo, com essa fantasia toda?!

ROSINHA

É sim, Lulu, desse jeito, ainda vais acabar voando é pra barriga da Dona Águeda de Aguiar!

LOURIVAL

É sim, sai logo daí, senão vais acabar virando um escândalo in-ter-na-cio-nal!

ROSINHA

Corta! Corta! Nossos comerciais, por favor.

CENA 2**NOSSOS COMERCIAIS.**

(Mudança de cenário, com um som musical ao fundo. A um foco de luz à parte, aparece um Guará como Ave-propaganda, bastante sofisticado.)

COMERCIAL**GUARÁ**

Se você está ficando com as suas penas tão feias, murchas, uma verdadeira alma penada...é uma pena, não é, mas... o que fazer? Chorar no seu galho de árvore? Voar, de asas caídas, direto pra Patagônia? Ter uma crise histérica e — aaarrgh — se depenar toda, do bico até os pés? Não!!! Use “Pluma de rosas”, aquilo que faz de você a mais linda das penosas!

CENA 3

PRIMEIRO POUSO - A FLORESTA VERDEJANTE

(Uma clareira na selva: árvores enormes, cipós, flores silvestres... Em um tronco, um marco — “CAMPEONATO DOS POMBOS — POUSO N.º 1” e a bandeirola-símbolo do concurso.)

SONOPLASTIA – *Sons de aves e animais da floresta.*

(Sentada em um tronco de árvore, como rainha em seu trono, Lulu Paloma olha para todos os lados, assustada, enquanto retoca a maquiagem. A um daqueles gritos da fauna silvestre, levanta-se e anda, de um lado para outro, nervosa. Acaba tropeçando em alguma coisa, que a faz recuar, em pânico.)

PALOMA

Ui! *Una porca-espinha! Oh Dios, esta floresta ser ton peligrosa! (Corre para um canto do palco e esbarra em) Una onça! Una onça pintada! (Respira e sorri, aliviada) Ora plumas! É pintada, mismo, más ó, pintada na piedra, com tinta e carbón.... (Risinhos) Glu, glu, glu...(Sonoplastia — outros gritos selvagens) Ai minha Pomba Gira! Oh tu, que es pomba também, protege a pobre Paloma! (Entra uma enorme cobra colorida, movida por dois “tripas”. Sem Lulu perceber, a cobra passa a segui-la em todos os seus movimentos) Mosquitos enormes! Feras terribles! E yo creo que vi, vi sim, será que eu vi? Una co... co... co... cobra!!! (Dá um grito e tapa os olhos com o boá) Ai, mi Dios! O que vai ser desta pobre e indefesa mujer?! Help! S.O.S.! Me acudan! Socuero! Socuerrinho! Socuerrito! Socuerron!*

(Cai nos braços de Columbus, que acaba de chegar. A cobra vai embora para as coxias.)

COLUMBUS

Oh, nou, nou! *Nou* tenhas medo, nobre dama de *mai* coração! *(Beija a asinha de Lulu, que fica toda faceira)* Columbus te salvar de tudo!

PALOMA

Oh, estar claro que junto de tanta *fuerça*, tanta coragem, *yo non* fica mais com medo. *Jamás!*

MÚSICA

COLUMBUS

(Envaidecido, canta – com sotaque – e dança com Paloma) Sou do tipo muito arisco / e amizade só arrisco / a quem se liga comigo / e faz de meu peito abrigo.

Sou de briga e só me ligo / na de dar a mão amiga / a quem, se eu peço maçã / me dá uva, pera e figo.

Mas se é junto a ti que estou / só quero ver se consigo / ligar meu tipo contigo / nas boas brigas do amor,

(Quando tenta abraçar Lulu, esta aponta para uma canoa com o logotipo da TV OVO, onde chegam Rosinha, Lourival e o Coroné.)

ROSINHA

Lulu Paloma?! Já chegou?!

LOURIVAL

Como é que ela consegue voar, assim, com todos esses balangandãs?

ROSINHA

E meio pesadinha, n'ê? Pois é, Lourival, aí tem coisa... E eu juro que vou descobrir o que é.

LOURIVAL

Senhoras e senhores, tru tru. Estamos aqui, diretamente da Floresta Verdejante...

ROSINHA

Primeiro pouso desta sensacional voejada.

LOURIVAL

Até o momento, quem se acha na dianteira é a graciosa e elegante... Lulu Paloma!

ROSINHA

Juntamente com Mister Columbus, o grande campeão internacional, que vai dizer algumas palavras aos nossos telespectadores...

COLUMBUS

Todo mundo sabe que Lulu Paloma ser *una* atleta de *muuuita* peso! *(Lulu reage)* Porém *ningaém* vencer Columbus, *ningaém*! Muito menos *una* frágil dama, que fica com medo de bicha da mata, ho, ho, ho ...

PALOMA

Olha aqui, seu convencido: plumas e pluminhas pra você, ouviu? Glu glu. Ora, ora, ora! Todo *el* mundo conhecerá *la* glória de Lulu Paloma! *(Falso choro, consolada por Lourival.)*

ROSINHA

Columbus, como é que a Lulu conseguiu chegar primeiro, se ela foi a última a sair?

COLUMBUS

Eo non sabe como foi. Mim non ter visto essa dama durante toda meu voo.

(O Coroné corre para ajudar Colombino a trazer Tokitô, que mal pode andar.)

ROSINHA

Tokitô, meu querido, que houve com você?

TOKITÔ

Oh, eu estar do-dói, muito do-dói. Eu estar voando e avistar *una glande plantaçon* de *aloz*. Eu *baixar* o voo e descer no *plantaçon*. *Enton apalece* dois patas... quac quac... e me *ofelece aloz*, muito *aloz*. Aloz dos patas não está bom, está estaglado, e mim ficar... aaaai! Uuuuui! Com dor de *baliga*.

ROSINHA

Dois curiós, dois urubus, dois patos... Huummmm, aí tem coisa! Mas que será?

(Colombino e o Coroné vão correndo buscar um lençol e isolam Tokitô até o pescoço, enquanto, com a outra mão, cada um abana seu nariz.)

LOURIVAL

Senhoras e senhores, uma lamentável notícia e uma cena muito chocante, que não podemos mostrar aqui, na TV: Tokitô, um dos mais famosos atletas deste campeonato, vai sair do páreo...

CORO

Oooooooooh...

LOURIVAL

Por causa de uma... uma...

ROSINHA

Um motivo de saúde! Não se deu bem com o nosso arroz!

TOKITÔ

Eu *plometer*, de *loze* em diante, só comer *aloz orgânica*. *(Sai, enrolado no lençol).*

CORONÉ

E agora, minha gente, vocês vão voar na Floresta Verdejante. E vão ter muitos perigos pela frente. Caititus enormes; cobras do tamanho da gula do Seu Tokitô; jacarés de bucho bem grande, que nem o do *cumpade* Colombino...

COLOMBINO

Barrigudo? *Io?!*

CORONÉ

Todo cuidado é pouco. Tá certo ou não tá? Pois *antão*, vai continuar a peleja! Um, dois e...

LOURIVAL

Três! Avante, campeões da voejada! (*Os pombos debandam*).

ROSINHA

(*Para Diacuí, que chega, afobada*) Diacuí, minha querida, se apresse!

CORONÉ

Mostra que tu és uma carijó de muita fibra, menina! E que tens muita sustança nas asas!

LOURIVAL

Anda, minha filha, vamos lá! Senão vais acabar virando uma vergonha mundial...

DIACUÍ

Ah, Lourival, é que estou gostando tanto dessas matas, deste ar puro, dessas flores silvestres...

LOURIVAL

Eu, hem, Rosinha! Como é que se manda uma concorrente assim, tão bobinha, para um campeonato in-ter-na-cio-nal?! (*Diacuí se aproxima e lhe dá uma flor*) Ora, ora, mas...tudo bem. Viva Diacuí!

CORONÉ

Viva! Sustança, menina, sustança nas asas!

DIACUÍ

Obrigada, amigos. Mas o mais importante pra mim é viver, amar, sentir...

(*Diacuí voa, em canto e dança. Ao fundo, na canoa colorida, o papagaio, a arara e o pardal, remando, participam do coro e da coreografia.*)

MÚSICA

DIACUÍ

Viver é sentir / toda a Natureza / a nos abraçar // **CORO** A nos abraçar.

DIACUÍ

As flores, os frutos / o ar e a montanha / os peixes e o mar // **CORO** Os peixes e o mar.

DIACUÍ

Sentir é viver / de todos amigo / em paz e harmonia. // **CORO** Em paz e harmonia.

DIACUÍ

Pois é a amizade / que faz nossa vida / ter mais alegria // **CORO** Ter mais alegria.

(Em outro sítio da floresta, Colombino, manquejando e gemendo.)

COLOMBINO

Oh Madona *mia*, Madona de *colombini*! *Io, il grande campione internazionale*, ficar *cosi...* Dodói de *la perna mia*.

DIACUÍ

Colombino! Que foi? Que aconteceu?

COLOMBINO

Una tragédia, *carissima amica*, una tragédia! *Molto* dodói, *qui*.

DIACUÍ

Mas é coisa grave, mesmo? Vai ver que é só um arranhãozinho... *(Apalpa-lhe o joelho)*

COLOMBINO

Aaai! Uuu! *Arra-nhon-zi-no?* *Non!* *Io* já me sinto morto. Mortíssimo! *Io sono* atacato por *due gavioni...*

DIACUÍ

Dois gaviões?!

COLOMBINO

Si, due. Uno era molto grandi, altro era piccolo, uno cosi, altro cosá... Oh *mala sorte, tutti pombi* já *sono partite...* *(Gesto de “se foram”)* e *Io solo qui, malato de la perna mia...*

DIACUÍ

Já sei: você está aqui sozinho, e dodói... Mas o pior é que estamos na terra dos Índios Periquitos. E andam dizendo que eles adoram comer pombo cozido.

COLOMBINO

Oh, *non, non*, *eo* ter muito medo de *periquitas*!

DIACUÍ

Mas ora vejam só: um pombo desse tamanho, tremendo desse jeito! Pois olhe, eu não tenho medo de nenhum índiozinho que ande querendo se meter a besta comiiiiiii... *(Nesse instante, surgem das coxias duas lanças, adornadas com penas coloridas, e ela se abraça a Colombino)* Colombino da minh'alma ! Os índios!

COLOMBINO

Oh, non, *las Índias?! Las Periquitas? Qui?*

DIACUÍ

Sim, sim, eles... eles cercaram a gente!

COLOMBINO

Ma che porca miseria! San Genaro mio! (Abraça-se a Diacuí e os dois procuram uma forma de escapulir, mas são acuados pelos índios). Mamma mia! Será que as periquitas va me mangiare? Será que va comere a mim, il grande campione Colombino de Napoli?!

DIACUÍ

Olha aqui, seus indiozinhos, vocês parecem tão legais... Será que vocês podem deixar a gente bater as asinhas e ... tchau, né, Colombino? Vem, anda, seu bobo, voa, vamos dar o fora daqui!

(Colombino tenta alçar voo, mas os índios o retêm. Examinam-lhe o corpo, como canibais.)

PERIKÍ

Perikí gosta muito de pombo gordinho.

PERIKÉ

Periké, também. Pombo gordinho dá um bom almoço!

PERIKÍ

Nosso Cacique Anambé também gosta de pombo gordinho.

COLOMBINO

Ma quem é gordinho, qui? Io sono tan magrelo!

DIACUÍ

(Dando voltas ao largo) Socorro! Querem fazer churrasquinho de pombo do Colombino! Socorro! *(Ao colega)* Calma, amiguinho, vou ver o que posso fazer pra te ajudar!

(Perikí tenta detê-la, mas se atrapalha com o arco, etc. Enquanto Periké prende

Colombino, Perikí vai buscar Rosinha, Lourival e Paloma. Esta, completamente careca. Os pombos vêm amarrados, dois a dois, de costas para o seu par.)

COLOMBINO

Mamma mia! Oh Lourival! Que será que as periquitas fare com noi?

PALOMA

Glu, glu, glu! Que será que van hacer com a gente?!

LOURIVAL

Coisa boa é que não é, isso eu garanto.

(Perikí brinca com a peruca de Lulu na ponta da lança)

PALOMA

Coitadita de mim! Lulu Paloma sente tanta falta de la mia peruquita!

LOURIVAL

Lulu?! Isso lá é hora de pensar na sua peruquita?!

ROSINHA

Pior é ser depenada. Vão tirar peninha por peninha de você! Vai ficar peladinha!

PALOMA

Oh non! Non! Indiozinha! Indiozita! Será que indiozita pode trazer mi peruquita? (Após brincarem de dá não dá, os índios resolvem devolver a peruca) Oooh, muito obrigada! Indiozinhas son tan gentios...

(Ao som de tambores, os periquitos se põem a dançar, em cômico ritual, à volta dos prisioneiros.)

ROSINHA

Ai, Lourival! Ai minhas penas!

LOURIVAL

Ai minhas penas, digo eu! Será que vou morrer assim, sem nunca ter aprendido a dizer direito senhores telespique... telespoque ...

PERIKÍ

Telespectadores!

LOURIVAL

Ahn?!

PERIKÍ

E então, Periké?

PERIKÉ

Preparar almoço de cacique!

COLOMBINO

Essere tu, Paloma, essere tu o almoço de índios periquitas.

PALOMA

Non, non, pero non! Ser tu, lo más gordito.

COLOMBINO

Gordito, io?! Non, ser tu, Paloma! *(Os índios levam Colombino para junto de uma fogueira)* Per La Madona! Almoço ser io! *Io ser mangiare de cacica! Io non devia ter comido tanta pizza, ravioli, lasagna, spaghetti ...*
(Aparece Anambé, com um imenso cocar. Passa em revista os prisioneiros e, após breve pausa e suspense, dá uma sonora gargalhada.)

ANAMBÉ

Perikí, Periké, tudo bem! Podem soltá-los. A brincadeira acabou!

OS DEMAIS

Brin-ca-dei-ra?!

LOURIVAL

Mas de muito mau gosto!

ANAMBÉ

Por favor, meus amigos, ouçam: os índios Periquitos vivem nesta terra há muitas e muitas luas.

PERIKÍ

Desde quando Tupã criou o dia e a noite.

ANAMBÉ

Mas hoje, tem muita gente invadindo terra dos índios...

PERIKÍ

Eles quer' ficar com toda a nossa terra.

PERIKÉ

Deixa índio viver em paz!

PERIKÍ

Não mexe na terra de índio!

ANAMBÉ

E essa brincadeira toda, foi pra chamar a atenção do mundo inteiro, por meio dessa TV...

LOURIVAL

A minha, a sua, a nossa TV Ovo, Canal Zero.

ROSINHA

(Filmando todos os lances) E o seu programa preferido: “Ovo Repórter”!

LOURIVAL

Ô senhor índio... índio não, falso índio, apresente-se, por favor, aos nossos tepeleques...

PERIKÉ

(Para novo espanto de Lourival) Telespectadores.

ANAMBÉ

Bem, eu sou Anambé, um pombo do mato e a minha vida é lutar pela defesa dos índios, das plantas, dos animais, das florestas. E essa brincadeira foi pra chamar a atenção dos senhores telespectadores, e de todos vocês, para dizer que os índios... eles são gente, como qualquer um de nós. Eles apenas têm um modo de viver diferente.

PERIKÉ

Nós, os Índios Periquitos, não somos canibais. *(Para Paloma)* Mas esta senhora, aqui até que dava um bom almoço, não é, Perikí?

PERIKÍ

É sim, Periké, e este gordinho dava um bom jantar...

COLOMBINO

Ma che gordinho?! Io?!

(Chegam Diacuí e Columbus).

COLUMBUS

Non, non, Daiacoui, me larga! Me sorta! Me deusa!

DIACUÍ

Mas Columbus, você está louco?! Como é que vamos enfrentar, sozinhos, uma

porção de índios?

COLUMBUS

Columbus se garante. Columbus vai *souvar* todo mundo! *(A gritar e a brandir uma pequena sombrinha)* Índias brabas! Deixa em paz *mai coulegas*! Columbus chamar as periquitas para briga! *(Mas fica desconcertado, ante o riso dos demais.)*

ANAMBÉ

Bom, pra esquecer tudo isso, que tal curtir uma dança da região: o carimbó?

OS DEMAIS

É isso aí! / É uma boa! / Vamos lá, Anambé, vamos lá! / Etc. *(Todos dançam e cantam).*

MÚSICA

TODOS

Caramba que dança é essa / na casa da Tia Coló / quem não tem a perna bamba / dança até com a minha avó. // Oi Quelê, oi Coló / vamos, maninha, vamos / dançar o carimbó. *(BIS).*

Não é xote nem xaxado / nem é passo pra sambar / é o carimbó dançado / pelo povo do Pará. // Oi Quelê, oi Coló.. Etc.) *(BIS)*

ROSINHA

Ih, gente, olha a chuva!

(Saem todos, exceto Anambé e os repórteres. Rosinha abre a sombrinha trazida por Lourival e os dois se abrigam debaixo dela, em uma cômica situação, pois ambos “entram no ar”.)

LOURIVAL

Tru tru. Senhoras e senhores, estamos transmitindo diretamente da taba dos Índios Periquitos, em plena Floresta Verdejante...

ROSINHA

A primeira etapa do campeonato já foi vencida. Virão agora os pingos de chuva... quero dizer, os perigos e as dificuldades da caatinga e do sertão...

LOURIVAL

Não percam, senhores *telesperes... telequitos...*

PERIKÍ & PERIKÉ

Telespectadores!

LOURIVAL

Ahan?! Obrigado. A continuação desta fabulosa Voejada!

ROSINHA

Tachau, Perikí! Tchau, Periké! Tchau, Anambé!

LOURIVAL

Aquele abraço! Tru tru.

ANAMBÉ

Tchau, amigos!

(Saem. Anambé vai para debaixo de uma árvore, sob a qual Diacuí também se refugiou. A chuva diminui. Os dois pombos que, durante a dança do carimbó, já trocavam olhares entre si, demonstram agora uma forte atração.)

ANAMBÉ

Ainda por aqui, pombinha? Assim você acaba perdendo esse troféu...

DIACUÍ

Que jeito! Em todos os campeonatos, eu chego sempre em último lugar. E todos ficam me cobrando: “Você não é como Fulano! Você devia ser como Beltrano! Sicrano, sim, é que é o tal.”

ANAMBÉ

Mas cada pessoa é diferente das outras. Toda pessoa é única no mundo!

DIACUÍ

Sei, sei, mas esse voo é cheio de perigos. Quase todos desistem, no meio do caminho.

ANAMBÉ

Eu confio em você. Vamos, continue. O importante é chegar lá. Chegar!

DIACUÍ

Puxa, como é bom ganhar um estímulo como esse. Não vou perder nem mais um minuto. Vamos, Diacuí, vamos pra diante! *(Aperta as asas dele e parte)* Adeus, Anambé. Até qualquer dia!

ANAMBÉ

Tchau, vai firme! *(Para a platéia)* Ai, gente, eu preciso acompanhar esse campeonato bem de perto. A verdade é que eu... ah, eu preciso ver de novo essa pombinha! *(Canta e dança, em uma bela coreografia de voo)*

MÚSICA

ANAMBÉ

Por todos os céus do mundo / eu vou, eu vou, avoejando
pra ver o céu, com o meu amor / que pelo mundo está voando

Eu vou, eu vou, avoejando / para te encontrar
eu vou, eu vou, abrir as asas / para te abraçar

Voa, voa, meu amor / voa pelo espaço além /
minhas asas te procuram / pra dizer: te quero bem

Eu vou, eu vou, avoejando / Para te encontrar... etc. *(Sai)*

CENA 4

SEGUNDO POUSO - O SERTÃO.

(Sugestões de caatinga. Num mandacaru, vê-se o símbolo do campeonato e “Pouso nº 2”. Paloma está enganchada em um cacto, suspensa pelo casaco de peles.)

PALOMA

Pobre Paloma, que grande azar! Mim chegar primeiro, aqui, mas non pode sair de cima deste cacto malvada... *(Bate no cacto, machuca-se e choraminga, cheia de charme).* Socuerro! S.O.S.! Não tem ninguém pra me tirar daqui?!

(Aparece o Bumba-meu-boi, com os seus folclóricos aparatos. Dá uma volta por trás de Lulu e lhe dá uma chifrada, libertando-a do cacto.)

PALOMA

Oh, mi Díos! Mas o que é isto?!

MÚSICA

CORO

Não é búfalo nem touro / Não diz olé, nem diz oi / Ele tem a cara preta / filho de vaca ele foi / O Boi Bumbá, ele é bamba / ele é o bumba-meu-boi *(BIS)*

(O Boi faz evoluções e persegue Paloma, que tenta afastá-lo com o seu imenso boá.)

PALOMA

Socuerro, socuerrito, este mostra quer me matar! *(Chega El Palomito)* Palomito de mi corazón, que bom que você chega agora, que bom!

PALOMITO

Sí, sí, me voy mui rápido te salvar, Lulu Paloma!

PALOMA

Ai que rico, Palomito!

PALOMITO

Pues entonces... que vengan los toros!

(Estende o seu lenço vermelho e, ao som da música do Boi, alternada com castanholas e "olés", põe-se a tourear com toda a galhardia. Chegam Lourival e Rosinha, em um jegue. Em um alazão, vem Columbus com apetrechos de caubói. Chega também Diacuí e acompanha os demais, nos "olés". Columbus se prepara para laçar o Boi, quando El Palomito...)

PALOMITO

Non, non, para, para esta torada! Non me gusta matar los toros. Además, esto non es un toro, es un boi... y un boi que non es boi...

CORO 1 / CORO 2

Boi que não é boi?! / Esse boi é uma vaca?!

CORONÉ

(Saindo da carcaça) Oxente! Nem vaca, nem boi! Carma, Zebedeu, que este boi sou eu!

OS DEMAIS

Coroné Pompeu!!!

(Risos, cumprimentos, saudações, etc., enquanto apreciam a carcaça do Boi.)

ROSINHA

(Para Diacuí) Sim senhor, quer dizer que, mais uma vez, é a Paloma que chega primeiro?!

PALOMA

(De ouvido apurado) Yo me orgulho de ser sempre la primeira!

LOURIVAL

Senhores petelecoespetadores, estamos transmitindo diretamente dos sertões do Cariri...

CORONÉ

“Ai, eu só deixo o meu Cariri, no último pau-de-arara. Enquanto a minha

vaquinha...”

LOURIVAL

Tru tru. Senhoras e senhores, aqui, nesta caatinga, estamos terminando a segunda etapa deste sensacional campeonato

ROSINHA

Mas ainda teremos pela frente muitos perigos e aventuras!

CORONÉ

E o pior de tudo, minha gente, é aquele bicho medonho e danado de guloso... o ca... ca... ca... *(Aponta para o céu)* Carcará!!!

(Todos olham para cima e começam a correr, para as coxias, gritando socorro em várias línguas. Diacuí acaba ficando à mercê do Carcará.)

CARCARÁ

Apo apo apo / esta menina está no papo! / Oço oço oço / eu já tenho o meu almoço!

(Põe o lenço vermelho de El Palomito no pescoço, como um guardanapo e se arma de colher e garfo, enormes. Nesse instante volta Columbus, com a sua cartucheira de caubói.)

COLUMBUS

“Oh Suzana, don’t cry for me / I came from Alabama” ... Oh my God: o Carcaurá!!!

CARCARÁ

“Carcará! Pega, mata e come!” / Ha, ha, ha! / Vai ser meu jantar!

COLUMBUS

(Columbus tenta duelar com o Carcará, mas seu revólver não funciona). Oh, nou, nou nou! Meu bang bang non faz pô pô pou! Meu bang bang foi sabotado!

(Carcará prende Diacuí com a colher e Columbus com o garfo. Reaparece Anambé.)

CARCARÁ

Esa esa esa / viva a sobremesa!

(Parte contra Anambé, mas este, ora dando muitas voltas, ora se desviando, consegue levar Carcará ao cansaço. Quando aquele vai libertar Diacuí, entra Lulu, com um chapéu de safári e a espingarda do Coroné, e dá uma coronhada no pombo do mato, que sai de cena meio zozinho. Paloma grita, com um pé em cima do Carcará:)

PALOMA

Pum! Pum! Pum! Carcará *non* es de nada! Carcará es só de *fritar bolitos*!

(Voltam os demais. Lourival tira fotos de Lulu, etc. Soltam Diacuí e Columbus.)

LOURIVAL

Bravo, Lulu Paloma, bravo! Como é que foi isso? Conta aqui para os nossos *tespequelepes*...

ROSINHA

Telespectadores! Um, dois, três... gravando!

PALOMA

Lulu Paloma *non* ter medo e lutar contra o Carcará! Carcará estar *muerto*!

CARCARÁ

(Sacode-se e derruba Lulu). Morto, não! Cansado.

(Carcará se ergue, apoiado no garfão e no colherão, e sai manquejando, vaiado pelos presentes. Enquanto outros erguem Lulu Paloma, Diacuí e Rosinha conversam:)

DIACUÍ

Não pude ver quem nos salvou, mas não foi ela, não, isto eu garanto!

ROSINHA

Pois é, estou muito desconfiada. Ela é sempre a primeira que chega, em todos os pousos.

DIACUÍ

Aí tem coisa, hem, Rosinha?

ROSINHA

E o que me deixa mais “com a pulga atrás da asa” é que ninguém conhece um campeonato sequer, em que ela tenha sido a vencedora.

DIACUÍ

Não se sabe, nem mesmo, qual é o país que ela está representando.

CORONÉ

Olha aí, pessoal! Pra comemorar o grande feito da famosa madame Lulu Paloma, a minha pessoa, Coroné Pardalino Jesuíno Virgolino Severino Pompeu, vai mandar tocar um forró bem arretado! Vamos lá, minha gente, quero ver todo mundo dançando, *inté o Sol raiá*!

MÚSICA

CORONÉ

Oi que a vida é bela / quando a guerra não se faz / salve a pombinha da Arca / salve a pombinha da Paz!

CORO

(Refrão) Oi bate a asa / oi bate o pé / leva amizade / pra quem quiser. *(BIS)*

CORONÉ Oi voa lá para o Sul // **CORO** Lá para o Sul!

CORONÉ Oi voa lá para o Norte // **CORO** Lá para o Norte!

CORONÉ Um ramo de samambaia // **CORO** De samambaia...

CORONÉ No bico segura forte // **CORO** Segura forte.

CORO & CORONÉ

(Refrão) Oi bate a asa / oi bate o pé / leva amizade / pra quem quiser. *(BIS)*

LOURIVAL

E assim, senhoras e senhores, foi-se mais uma etapa do Primeiro Campeonato Internacional de Pombos-correios!

ROSINHA

Muitos pombos já desistiram ou foram desclassificados. E os que continuam...

LOURIVAL

Vão enfrentar a última etapa desta competição: o altíssimo voo pelas montanhas!

ROSINHA

Até logo mais, pombinhos queridos! E vocês, caros telespectadores, fiquem ligados na sua...

ROSINHA & LOURIVAL

TV Ovo, Canal Zero!

CENA 5

TERCEIRO POUSO — AS MONTANHAS

(Pinheiros. Num deles, em uma placa, lê-se: “CAMPEONATO DOS POMBOS —

POUSO N.º3". Chegam DIACUÍ e COLUMBUS. Logo mais, surge PALOMA e se esconde atrás de uma árvore).

DIACUÍ

Como é lindo este lugar nas montanhas!

COLUMBUS

Tudo ser linda quando eu *estar* com Daiacouí. Columbus amar Daiacoui! Meu coração bate assim: puc, puc, puc! (*Ruídos ampliados pela sonoplastia*)

DIACUÍ

Não seja ridículo! Você acha que vou acreditar em você?

COLUMBUS

Columbus abandonar o *campeonata*, pra se casar com *Daiacoui*!

DIACUÍ

Você quer é me tapear, só pra me ver derrotada. Mas eu vou até o fim deste campeonato, ouviu? Nem que seja para mostrar, a mim mesma, que eu também sou capaz de chegar lá!

COLUMBUS

Estar bem, *tudou bem*. E *eo* te espera lá, com minha troféu de *campeon*. *Eo*, Columbus, vai ser o maior do *munda*!

PALOMA

(*Saindo do esconderijo*) Ho, ho, ho ... colega estar é sonhando. Quem chega sempre na frente? Lulu Paloma! Quem ganha este *campeonata*? Lulu Paloma ! Glu, glu, glu... ho, ho,ho...

COLUMBUS

Pois agora *eo* dizer a verdade: Lulu Paloma *non* ter vencido *Carcaurá*. *Carcaurá* ser derrotada por *aquele pomba* do mato!

PALOMA

Mas quem vai acreditar nisso?! Todo mundo só acredita em Lulu Paloma! Lulu Paloma ter muito cartaz. Glu, glu, glu...ho, ho, ho...

DIACUÍ

Ai que lindo! Quer dizer que Anambé é que foi o nosso herói?!

(*Surge Anambé. Diacuí estende as asas para ele, mas Columbus se interpõe entre os dois.*)

COLUMBUS

Mas *eo* ser muito *mais melhor* do que Anambé! Anambé *non* ser de nada! *Mim* convidar Anambé para briga.

ANAMBÉ

Que é isso, Columbus, que tolíce! Por que brigar assim, só pra se mostrar?

COLUMBUS

Anambé estar com medo! As penas de Anambé *eston* borradas de medo!

DIACUÍ

Com medo coisa nenhuma, seu convencido! Não foi ele que derrotou o Carcará?!

SONOPLASTIA – *Sons de berimbau.*

(Columbus dá uma rasteira inesperada em Anambé, mas este logo se levanta e, sem se tocarem, os dois realizam um balé estilizado, como nos movimentos de capoeira. Columbus acaba perdendo e fica estendido no chão, numa posição ridícula e humilhante. Paloma se coloca diante dele, como juíza de boxe, contando os pontos para o nocaute.)

PALOMA

Um, dois, três... Nocaute! *El* vencedor es... Anambé!

COLUMBUS

(Para Anambé, que o ajuda a se levantar) Tudou bem, você merece as *minhas cumprimentas*.

(Chegam Rosinha e Lourival, num aviãozinho onde se lê “Aéreos Pombos S.A.”)

LOURIVAL

Olá Diacuí, olá, Anambé, o tatu está na toca e no rio tem jacaré! Olá senhores, *telespac, telispec, telespoc...*

CORO

Telespectadores!

ROSINHA

Muito bem, gente! Vocês são demais! A turma toda já desistiu.

LOURIVAL

El Palomito, coitado, quase se perdeu numa caverna, com duas corujas muito loucas!

ROSINHA

Pois é: dois curiós, dois urubus, dois patos, duas corujas... Continuo achando que aí tem coisa!

LOURIVAL

Enfim, só restam vocês três!

PALOMA

Você disse três? *Non!* Glu, glu, glu! *Restar solamente yo! Vitória es minha! Y ahora me voy.* Fui!

COLUMBUS

Never, Milady! Nunca! *Vitorio* ser minha, *okay?!* E agora, mim também *non* perde tempo. *Time is money! Bye!*

ROSINHA

Senhoras e senhores, eu, Rosinha Maravilha, e Lourival Falassolta, vamos continuar nosso voo até à Metrópole dos Pombais...

LOURIVAL

Para aguardar o grande campeão.

ROSINHA

Ou campeã! Ânimo, meus amigos! A meta final se aproxima.

LOURIVAL

Tchau. *Bye. Au revoir. Adios. Sayonara!*

ROSINHA

Tchau, gente. Tchau, Anambé! Força, Diacuí!

DIACUÍ

Bem, eu... todos já se foram. Também devo ir.

ANAMBÉ

Sim, claro e esse voo é o mais difícil. Se eu pudesse voar com você...

DIACUÍ

Seria lindo, mas... tenho que ir sozinha. Chegar lá com as minhas próprias asas!

ANAMBÉ

Isso, lute pra “chegar lá”! Chegar. E, se possível, primeiro do que esses “penas de pavão”! Estarei lá, no Aeropouso da Metrópole, esperando você!

DIACUÍ

E então voltaremos a voar, lado a lado, no coração da floresta ...

ANAMBÉ

(Colhe alguns ramos silvestres) Tome, eles representam a Natureza e tudo o que é belo na vida. E diante da terra, da água e do vento, eu te recebo como a minha companheira, para voarmos juntos, nas horas de chuva e de sol!

DIACUÍ

Eu te recebo... eeu ... ah, estou tão emocionada!

MÚSICA

ANAMBÉ

Quando a gente tem um sonho / quer chegar em algum lugar / deve seguir o vento / sem ter medo de voar.

DIACUÍ

O Amor é um belo anjo / em cujas asas me abrigo / No mesmo céu em que voas / eu quero voar contigo.

ANAMBÉ

Voa, revoa, comigo / e vamos seguir o vento / pois quem voa com quem ama / Não tem pressa de chegar.

DIACUÍ

E vamos seguir o vento / Sem ter medo de plainar / voar juntos é um sonho / que voamos a sonhar!

(Os dois não percebem a chegada de Vampirinho e Vampirão, mais cômicos do que assustadores, e os quais, com suas negras capas e uma corda, rapidamente aprisionam os enamorados. Reaparece Lulu Paloma.)

PALOMA

Muito bem, Vampirinho! Muito bem, Vampirão! Um excelente serviço, meus capanginhas!

VAMPIRINHO

Nhem nhem nhem nhem nhem ninho / Pra brincar de ser mauzinho...

VAMPIRÃO

Nhã nhã nhã nhã nhã nhão / Pra brincar de ser mauzão...

VAMPIRINHO

Basta a bruxa nos chamar / gritando com o seu biquinho...

VAMPIRÃO

Basta a bruxona gritar / chamando com o seu bicão...

PALOMA

Bruxona, eu, é? Me aguardem! (*Para os prisioneiros*) E então, meus queridinhos?!
Glu glu. Glu glu. Vocês pensam que a Paloma dorme no ponto?!

DIACUÍ

Hei, Anambé, viu essa, agora? Ela está falando sem nenhum...

PALOMA

Nenhum sotaque, não é ? Porque não sou nenhuma gringa. E eu gosto mesmo é de uma ginga! (*Cantarola um samba bem conhecido e dá uns passos de sambista*).

VAMPIRÃO

Ho ho ho, ela nasceu lá no Cafundó dos Sapos...

VAMPIRINHO

Hi hi hi, e se criou na Cova das Graúnas!

DIACUÍ

Então você não é nenhuma campeã internacional...

ANAMBÉ

É tudo conversa pra pombo dormir, dessa velhaca, dessa bandida..

PALOMA

Eeeu, bandida?! (*Com deboche*) Eu sou uma grande dama, uma senhora de respeito.
E agora vou ser a única, a exclusiva, a Campeã Internacional dos Pombos-correios!

(*Canta e dança com os dois morcegos.*)

MÚSICA

PALOMA

Quem disse que eu sou bandida? // **VAMPIROS** Bandida!

PALOMA

Quem disse que eu sou velhaca? // **VAMPIROS** Velhaca!

PALOMA

Eu sou mesmo é da pesada / eu sou Lulu / Lulu Palo ma ma ma má.

PALOMA & VAMPIROS

Ai ai ai ai ai / não misturo sal com açúcar / ui ui ui ui ui / mas eu sou (mas ela é) / lelé da cuca cá cá cá... (BIS)

PALOMA

Sou Paloma das trapaças // **VAMPIROS** Trapaças!

PALOMA

Rainha da pilantragem // **VAMPIROS** Pilantra!

PALOMA

Sou Lulu, a falsa atleta // **VAMPIROS** Falsária!

PALOMA

Campeã da malandragem // **VAMPIROS** Malandra!

PALOMA & VAMPIROS

Ai ai ai ai ai / não misturo sal com açúcar... etc.

PALOMA

Adeus, pombinhos! Vocês agora vão voar juntinhos, que bonitinho... mas sabe pra onde? Para o céu dos bobos. Dos pombos bobos. Dos pombocas! (Sai, gargalhando).

VAMPIROS

Viva Lulu Paloma! Viva a campeã internacionaaaaaaal!

DIACUÍ

Por favor, seus morcegos, soltem a gente!

ANAMBÉ

Soltem! Nós vamos morrer de fome!

VAMPIRINHO

Mas Anambé ser forte, né, Vampirão?

VAMPIRÃO

Por que não quebra corda com o bico?

VAMPIROS

(Em volta de Anambé e Diacuí) Quebra corda com o bico! Quebra corda com o bico!
(Saem)

DIACUÍ

Anambé da minh'alma, olha só ali, no alto da montanha!

ANAMBÉ

Uma avalanche! Aquela pedra enorme! Ela está descendo pra cá...

DIACUÍ

É sim, e vem rolando na direção da gente! Ela vai nos esmagar!

ANAMBÉ

Temos que sair logo daqui! Vamos, rapidinho! Não podemos deixar Lulu ganhar este campeonato! *(Mesmo amarrados, ele e Diacuí correm para as coxias).*

CENA 6

A CHEGADA - METRÓPOLES DOS POMBAIS

(Edifício em forma de pombal, onde se lê, no alto — Aeropouso Metrópole dos Pombais. Todos olham para o céu, em grande expectativa. El Palomito segura a faixa de Campeão; Colombino, um buquê de flores; Rosinha, o troféu.)

LOURIVAL

Meus queridos *telescutadores*! Diretamente do Aeropouso da Metrópole dos Pombais, mais um programa O OVO REPÓRTER. Chegamos finalmente, afinal, ao ponto final do ...

ROSINHA

Primeiro Campeonato Internacional de Pombos-correios! Já se encontram, neste Aeropouso, quase todos os outros competidores...

LOURIVAL

Aqueles que não puderam vencer as dificuldades desse voo tão perigoso.

COLOMBINO

Eco! *Como noi potere campione, con tanta floresta, tanto sertone, tanto carcará?!*

LOURIVAL

Senhores *telespetetes*, estamos agora ansiosos, emocionados, aguardando aquele

– ou aquela – que será o grande campeão...

ROSINHA

Ou campeã. Ai minhas penas! Quem será que chega primeiro?

PALOMITO

Columbus. *Por supuesto que es Columbus el grande campeon !*

COLOMBINO

Non, non, io sono certíssimo que será la colombina, la bella Diacuí...

ROSINHA

Só a Paloma é que não! Pelo Pombinho do Espírito Santo!!!

PALOMITO

Mira, mira! En nel cielo! Acolá!

LOURIVAL

Ainda não consigo ver quem é. É o Columbus?

ROSINHA

Oh, não, olha só quem é! Olha só!

COLOMBINO

Adesso ha visto io. Ma che porca miseria!

EL PALOMITO

Oh, non ! Non es possible!

LOURIVAL

Senhores *telequetes*... Escapando das onças pintadas, derrotando o guloso Carcará, eis que a vitória coube a...(Entra Lulu, gloriosa) Lulu Paloma!!! Palmas para ela! (Os demais *vaiam*) A ela entregaremos a faixa de campeã e o troféu “Espiga de Ouro”! (Passa-lhe o *buquê* e a faixa, que Colombino reluta em entregar)

ROSINHA

Mas que mentira, Lourival! Todo mundo sabe que não foi ela que venceu o Carcará.

LOURIVAL

Mas afinal... ela é a campeã! E quem vai entregar este belo troféu à vencedora é a urubu-rainha Madame Fedora, digníssima representante da FEDOURES – Federação de Esportes dos Urubus-reis.

(Entra em cena uma urubu-rainha e todos se afastam, discretamente, tapando os bicos.)

FEDORA

Olá, senhoras e senhores! É com imenso fedor... quero dizer, é com imenso prazer que entrego este troféu à campeã. Mas por favor, afastem de mim essas flores. Odeio tudo que é cheiroso!

LOURIVAL

Palmas para Madame Fedora! Palmas para Lulu Paloma! Vamos aí, Rosinha, uma foto para a posteridade. *(Posa ao lado de Paloma e Fedora, mas com um lenço no bico).*

ROSINHA

(Sacudindo a campeã, para compor a foto) Eu queria tirar o teu retrato era numa gaiola! No xilindró!

PALOMA

(Sem desfazer a pose) Palomita é viva, minha filha. Palomita nunca voa na contra-mão, quando tem gavião por perto.

(De repente, porém, ela se mostra agitada e nervosa. Chega Anambé. Bate palmas de deboche.)

ANAMBÉ

Muito bem, Lulu Paloma! Que bela festa, não é? Mas que pena, essa dama não merece a vitória. Ela está enganando todos vocês!

OS DEMAIS

Aaaaah! Ooooooh!

PALOMA

Mas oh! Como ousa dizer isso de mim, senhor Anambé? De mim?!

ANAMBÉ

Primeiro: ela nunca participou de nenhum campeonato. Segundo, ela não é estrangeira, coisa nenhuma. Terceiro, nem mesmo pomba ela é. Querem ver só? Glu, glu... Glu, glu...

PALOMA

(Tenta se conter, mas, afinal, abre as asas) Glu glu! Glu glu! Glu glu! Glu glu.

OS DEMAIS

Aaaaah! Ooooooh! Uma perua!!!

ANAMBÉ

Isso mesmo, uma perua nanica. Só não consegui descobrir, ainda, como é que ela faz, pra chegar sempre na frente dos outros.

ROSINHA

Pois acho que eu sei! *(Paloma tenta escapar, mas, após um bate-penas com a repórter, esta mostra o que Lulu trazia debaixo das asas)* Era com este motorzinho que ela voava.

OS DEMAIS

Esta não! / Assim não vale! / Vigarista! / *Ladrona de campionati*, etc., etc.

PALOMA

Mas oh, como estou sendo insultada! Glu glu! Glu glu. Pois agora, eu é que não quero mais participar desse campeonato, com esse bando de plebeus, essa gentinha ordinária... Eu sou uma grande dama! Glu glu. Glu glu.

(El Palomito e Colombino retiram-lhe a faixa e o troféu e a perua se retira, indignada.)

ROSINHA

Hei, hei, olhem todos para o céu, vejam! Ali vem chegando o campeão. Ou campeã. Vejam.

PALOMITO

Columbus!!! É ele! Columbus, *el grande campione*!

COLOMBINO

Non, non, Palomito. Estás malato de la vista? É ela, la più bela! La Campioníssima!

PALOMITO

Es Columbus!

COLOMBINO

Non, non, abre bene tuoi occhi!! Vede!

(Todos correm até o ponto em que o(a) vitorioso(a) deve descer. Diacuí aparece batendo as asas, lentamente, demonstrando enorme fadiga. Cercam-na e lhe entregam a faixa e o troféu.)

OS DEMAIS

Diacuí! Viva a campeã! Viva Diacuí! Viva!!!

DIACUÍ

Oooh, muito obrigada. Foi duro demais esse voo, mas, felizmente...

ROSINHA

Felizmente você agora está aqui, e é a verdadeira campeã!

ANAMBÉ

Você mostrou que tem fibra, que é uma pombinha muito corajosa.

COLOMBINO

Ma gente, e Columbus, han?

OS DEMAIS

É mesmo e o Columbus?

COLUMBUS

(Chegando todo enfaixado, com uma asa na tipóia e trajes de “Hare Khrishna”)
Hello, meus amigas! *Eo* estar muito *trista*. Dois tucanas chamar Columbus de “gringa feia”. Columbus brigar com as tucanas. Esses bichas ter o bico assim e bicar as asas de Columbus. *Eo* estar muito humilhada e voltar para a terra minha. *Eo* agora ser de paz. *Bye (Põe-se a cantar e dançar)* “Hare Khrishna, Hare Khrishna, Khrishna, Khrishna , hare, hare... Hare Khrisna, Hare Khrishna... *(Sai de cena)*

ROSINHA

Então eram eles! Eram os dois morcegos da Paloma que ficavam sabotando o Campeonato! DOIS tucanos , DOIS curios, DOIS urubus, DOIS...

LOURIVAL

Tudo bem, tudo bem, vamos então erguer um brinde à campeoníssima...

(O brinde, porém, dá lugar a uma vaia geral. Lulu Paloma atravessa o palco com inúmeros baús, malas, valises, auxiliada por seus comparsas Vampirinho e Vampirão.)

PALOMA

Oh, não, isto é demais para mim! Glu glu! Por favor, eu só fiz aquilo tudo porque eu queria tanto, mas tanto, ganhar essa “Espiga de Ouro”! Glu glu. Mas não vou dar a minha asa a torcer, viu? Glu glu. Sabem pra onde estou indo? Para as próximas Olimpíadas na...

LOURIVAL

Na prisão!!! E aí, o que a gente faz com ela?

VAMPIRINHO

Nhu nhu nhu nhu nhuta / chamem ela de fajuta!

VAMPIRÃO

Nhon nhon nhon nhon nhona / chamem ela de cafona!

(Os ouriçados morcegos abrem as malas de Lulu e espalham roupas, chapéus, culotes, espartilhos, bugingangas etc., que a perua tenta recolher, aflita.)

ROSINHA

(Olhando para Anambé e Diacuí) E assim chegamos ao final desta sensacional novela de amor...

OS DEMAIS

LOURIVAL

Ela quer dizer: deste sensacional Campeonato Internacional de Pombos-correios! Portanto, Senhores *telispeques...* *(Os demais torcem para que ele acerte)* *telispiques...* *telispoques...* *telispuques...* *(Os demais desanimam)* Corrupaco Papaco! Por que é que nunca acerto dizer “telespectadores”?! Acertei! Acertei!!! Telespectadores! Telespectadores!

(Grita de alegria, entre as palmas do elenco. Todos cantam e dançam, em ritmo animado:)

MÚSICA

TODOS

Nós somos os pombos-correios / cuja história de glória se faz... etc.

(Ou, como sugestão, para final do espetáculo, a música “Pombo Correio”, de Moraes Moreira).

Fim

A DRAMATURGIA PARAENSE DE RAIMUNDO ALBERTO QUE REFLETE OS CONFINES DO BRASIL

Por Paulo Santana⁹

Geralmente, as obras literárias são classificadas segundo os gêneros, ou seja, de acordo com as particularidades estruturais compositivas e mesmo estilísticas que se distinguem entre si. Entre os gêneros literários tradicionais, destaca-se o dramático. Será dramática “toda obra dialogada em que atuarem os próprios personagens sem serem, em geral, apresentadas por um, narrador” (ROSENFELD, p.5, 1975,).

O drama sofreu importantes transformações históricas dando origem a diferentes modalidades como a tragédia, a comédia, o drama burguês e o teatro épico. O texto dramático não se imobiliza numa época, pois se atualiza sempre que encenado. Na encenação, as situações serão presentificadas proporcionando novas relações. A ação do drama é mimética: ora, imitar é do ser humano. O homem é o maior imitador dos viventes, é por imitação que eles aprendem e apreendem as primeiras noções da vida. No ato de imitar, o homem representa situações acontecidas a outro homem ou outro grupo social.

9 **PAULO ROBERTO SANTANA FURTADO (PAULO SANTANA)** – Lattes: ID Lattes: 4090281906746877. Doutor em Artes (Programa de Pós-Graduação em Artes – PPGARTES - Universidade Federal do Pará - 2023), Mestre em Artes (Programa de Pós-Graduação em Artes - Universidade Federal do Pará - 2015), Graduação em Tecnologia em Criação e Produção Publicitário (Instituto de Acesso à Educação Superior, IAES, Brasil – 2007). É docente em regime de dedicação exclusiva no Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT), da Escola de Teatro e Dança da UFPA - ETDUFPA. É docente e coordenador do Curso de Licenciatura em Teatro PARFOR/UFPA (Portaria nº 019/2018). É colaborador do Grupo de Pesquisa Memória da Dramaturgia Amazônica: construção do acervo dramático (PPGArtes/UFPA/CNPq). Coordenador do Projeto de Extensão: Dramáticas - Leitura de Poesia e Drama Contemporâneo (Portaria nº 58/2024 – ICA (11.31). Desenvolveu sua pesquisa de doutorado na investigação do processo de territorialização, (des)territorialização e (re)territorialização do movimento teatral contemporâneo de Belém do Pará, a partir da conexão e trânsito periferia-centro-periferia de artistas e grupos (1980 a 2000). A reflexão crítica sobre espaço-tempo e o movimento teatral na cidade de Belém – o teatro precisa do teatro?, pelo viés da geografia. É produtor, ator, cantor, encenador teatral, dramaturgo, cenógrafo, figurinista (DRT: Nº 006700/86), fundador do grupo de teatro Palha (06/09/1980).

O imitado é causa de prazer para o ser humano. Mesmo que o objeto imitado possa parecer grotesco ou repugnante, a curiosidade humana conduz o homem a essas imagens.

O texto dramático é escrito para ser representado, caso contrário, ele exercerá somente sua função literária. O texto, a parte literária do drama, é fixo, porém cada encenação pode trazer algo diferente, porque será representado por atores diferentes, com uma direção diferente e para um público diferente. Daí o seu caráter permanente, atual e vivo.

As adversidades do Teatro no Brasil, em especial o paraense, escrito por Raimundo Alberto, está intimamente ligada ao desenvolvimento específico da história do país e da região amazônica e, conseqüentemente, do país, e em suas mudanças e oscilações estão refletidas as situações periféricas da própria cultura brasileira Amazônida.

Como fonte viva de representação do homem no seu tempo e espaço, temos as dramaturgias do Paraense Raimundo Alberto Guedes Fernandes, que além de poeta, ator, diretor e autor teatral, também é bacharel em Literatura Brasileira e Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concluiu os estudos secundários em Belém, no Colégio Paes de Carvalho (1959), época em que participou de atividades culturais no grêmio estudantil e no Círculo Cultural dos 30. Foi dirigido pelo diretor Cláudio Barradas na peça “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna (1962). Em 1965 participou de algumas montagens da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará (UFPA) e, no ano seguinte, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde concluiu em 1968, o curso de Interpretação do Conservatório Nacional (atual Faculdade de Artes Dramáticas da UNI-RIO). Além de experiências como diretor e ator (atuou na premiada encenação de “A Construção”, de Amir Haddad, 1969), dedica-se à dramaturgia, com cerca de 40 peças escritas, várias delas encenadas e premiadas em concursos e festivais Brasileiros.

Mesmo distante de Belém há 59 anos, é sempre lembrado em montagens e leituras dramáticas de suas obras. Tal lembrança se consolida quando é homenageado no V *Seminário de Dramaturgia Amazônida*, pela UFPA, em maio de 2014, e agora com esta publicação, dando acesso aos artistas e encenadores paraenses aos seus textos teatrais.

Cabe aqui ressaltar a importância desta iniciativa, sobretudo, para futuras produções contemporâneas de grupos e ou coletivos, que apontará novas perspectivas quanto aos seus textos e quanto a sua forma de representação.

Lembro que conheci a obra do Raimundo no ano de 1977, quando assisti a montagem de “*Os Mansos da Terra*”, no auditório do Colégio Kennedy, realizada pelo grupo universitário formado pelos egressos do curso de formação de atores da UFPA, com direção de Cláudio Barradas. Em cena Homerval Thompson Texeira, José Moraes, Graça Ribeiro, Natal Silva e José Leal (Zecão); Carmem Eunice Barradas fazia a preparação vocal, cenário de Neder Charone e música de Waldemar Henrique. Lembro que o espetáculo tinha realizado temporada em Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. A cenografia era maravilhosa, toda feita em lona, que iniciava com a estrutura no chão e, aos poucos, no decorrer da encenação se erguia. Fiquei apaixonado pela escrita da peça e logo procurei conhecer suas obras.

No ano de 1980, com o grupo de teatro PALHA, faço a direção do texto infantil *O Campeonato dos Pombos*, obra premiada pelo Serviço Nacional de Teatro – SNT, em 1974. No elenco: Charles Serruya, Idanilda Góes, Vilson Nascimento, Otávio Rodrigues, Roseana Nogueira, Joseane do Socorro, Izan Seabra, Moiseys Moraes, Léo Nunes e Zeneide Charone; na Direção Musical José Luiz Maneschy; coreografia de Uriel Mello; Cenário de Paulo Santana; figurino de Roseana Simões; percussão de Zé Macedo, Ruy Baldes e Danilo Souza. Com o espetáculo realizamos uma circulação por Belém e pelo interior do Estado.

Neste mesmo ano, o grupo de teatro Experiência, sob a direção de Geraldo Salles, monta o texto “*Mãe D’água*”, de Raimundo Alberto, que contava a história de um jovem caboclo de um povoado Amazônico, em conflito para aceitar passivamente a condição ancestral de trabalhador escravo, ou ir à cidade fazer uma denúncia. Um verdadeiro mergulho ao imaginário Amazônico, com a presença da poderosa Mãe D’água. Geraldo nos transportava para a escura beira rio da imensidão da floresta Amazônica. Uma montagem lindíssima, com uma pegada política de denúncia sobre o trabalho escravo na região.

No ano de 2017, tive a honra de encenar com o grupo de Teatro PALHA, o “*Os Mansos da Terra*”, realizando cinco apresentações no Teatro Universitário Cláudio Barradas, como parte do *V Seminário de Dramaturgia Amazônida* da UFPA, que homenageava Raimundo Alberto, realizada também com alunos remanescentes da Escola de Teatro e Dança da UFPA. Em cena Luiz Girard, Camila Goes e Arnaldo Abreu.

Quando falamos de Raimundo Alberto, não podemos perder de vista que ele faz parte da história do Grupo de Teatro Palha e sua valorização na cena paraense. Um grupo que ronda uma geração de criadores cênicos, em atividade até os dias de hoje.

Será que o dramaturgo independente perdeu seu trono? É! No Brasil perdeu temporariamente, esse fenômeno aconteceu no período em que os grupos, companhias e diretores ganharam importância, além de verbas de Leis de fomento e editais públicos. Apostou-se na década de 1980 e 1990 e em grande medida, em textos criados em processos coletivos. E essa mesma figura, o autor de carreira solo, busca retomar seu lugar. A dramaturgia de gabinete precisa ser experimentada, e se não fossem os grupos, o que seria dos dramaturgos?

O desafio maior para quem trabalha com arte não está somente na produção de um cenário, figurino, mas também na dramaturgia, pois sabemos que tudo tem início nela e acreditamos que ela seja a base para qualquer produção. A dramaturgia especifica os elementos que vão compor a cena do início ao fim, estes elementos terão valor único, pois, serão eles os responsáveis por mostrar uma linguagem, estabelecendo assim o critério maior para a comunicação humana.

A importância de uma boa dramaturgia no século XXI, talvez garanta ao teatro uma boa visibilidade das artes cênicas, sem perder as raízes do bom e velho teatro. Aquele que o espectador se senta na plateia, saindo renovado mediante a mensagem que recebe, transformado, capaz de mudar a vida real. A dramaturgia não acaba no ator, ela tem que transcender por ele, chegando ao espectador, de forma a atingir os atores da vida social.

O projeto “Pesquisa *Memórias da Dramaturgia Amazônida: Construção de Acervo Dramatúrgico*”, criado em 2009, coordenado pela professora titular da UFPA, Bene Martins, nos faz perceber a importância da valorização da dramaturgia brasileira e regional para os grupos, artistas e autores, principalmente, em cidades fora do eixo sudeste, como Belém do Pará, conforme retrata Vicente Salles em seu livro, “alguns fatos novos, além dessa tentativa de criação de uma peça tipicamente nossa, parecem indicar o começo de novo período das artes cênicas no Grão-Pará” (SALLES, p. 502, 1994), ao citar alguns dos vários autores teatrais existentes em Belém: Paulo Castro, Edilberto Dumont, Carlos Campos, Mário Couto, Silvino Lopes, Edgard Proença e Nazareno Tourinho, firmes na escrita desta história de regionalismo e tradições culturais. Como diz Salles: “contudo, o teatro de inspiração folclórica, pastorinhas, pássaros e bumbás, sobreviviam nos subúrbios e até com pleno vigor. Ainda era ponto de trabalho para muitos artistas mais humildes”. (SALLES, p. 501, 1994).

Temos vários dramaturgos desta época que a cidade desconhece e de suma importância para a escrita da cultura no Estado, entre eles estão: Laércio Gomes, Bruno de Menezes, Lourival Ponte e Sousa, Iracema de Oliveira, Cirilo Silva, Elmano Queiroz,

Euclides Farias, Levi Hall de Moura, Antônio Tavernard, Fernando de Castro, Nazareno Tourinho, Ramon Stergmann, Raimundo Alberto e João de Jesus Paes Loureiro.

Retornando ao século XXI, os autores foram esquecidos e levados ao abandono pelos grupos locais e seus encenadores, principalmente, os mais novos dramaturgos, que têm suas obras e lhes faltam quem encenar, é uma questão de olhar para o “umbigo” e perceber que temos muito o que contar e apresentar aos mais novos, ou seja, uma escrita regional, que trata de nossos valores e de nossa gente.

O texto dramático é escrito para ser representado, caso contrário ele exercerá somente sua função literária. O texto, a parte literária do drama, é fixo, porém cada encenação pode trazer algo diferente, porque será representado por atores diferentes, com uma direção diferente e para um público diferente. Daí seu caráter permanente, atual e vivo.

O ato teatral enquanto encenação se esvai no momento dos aplausos finais. No entanto, acredito que o teatro continua existindo na memória coletiva dos que o fizeram, o assistiram e da sociedade que o cerca. Ele persiste no tempo através de rastros e sinais, documentos e fragmentos da memória, tomando como base nessa perspectiva: o resultado com a publicação das obras do querido Raimundo Alberto.

EVOÉ!

REFERÊNCIAS

FURTADO, Paulo Roberto Santana. **1960 Grupo de Teatro Palha: Trajetória e Identidade Teatral**/Paulo Roberto Santana Furtado – 2015 <https://repositorio.ufpa.br> 21/08/2025 às 14:34

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CACCIAGLIA, Mário. **Pequena história do teatro no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiróz/EDUSP, 1986.

COIMBRA, Oswaldo. **Cláudio Barradas, o lado invisível da cultura amazônica/Oswaldo Coimbra**. – Belém: CNPq, 2004

MAGALDI, Sábato. **Moderna Dramaturgia Brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

PRADO, Décio de Almeida. **O teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1988.

SALLES, Vicente. **Épocas do teatro no Grão-Pará: ou apresentação do teatro de época**. Belém: UFPA, 1994. t. 1 e 2.



A Coleção Teatro do Norte Brasileiro, criada por Márcio Souza e Bene Martins tem a finalidade de divulgar peças teatrais que constituem o acervo oriundo do projeto de pesquisa Memórias da Dramaturgia Amazônida: Construção de acervo dramático, 2009. A coleção comporta três linhas de publicação, a saber: 1) Obra reunida por autor, a exemplo da obra completa dos dramaturgos Nazareno Tourinho, 2014; Ramon Stergmann, v. 1 / 2020, v. 2 / 2021, v. 3 / 2022, v. 4 / 2023; Edgar Proença, Todas as peças / 2021; Levi Hall de Moura, 2022; 2) Coletânea com diversos autores, a exemplo da Coletânea Teatro do Pará, v. 1, 2015; Teatro do Maranhão, 2019; Jovens Dramaturgos (as) Amazônidas, v. 1, 2020, v. 2, 2021; v. 3, 2022; 3) Coletânea Teatro de Roraima, 2021; Peças Teatrais de Ricardo Torres: Cenas de Aprendiz, 2023. Nesta coleção, esperamos publicar ao menos uma coletânea de cada estado da região Norte, contando com a colaboração de pesquisadores (as) desses estados, com possibilidade de ampliar para a região Nordeste. A terceira linha de publicação e quarta fase do projeto, a partir da ampliação da pesquisa, é destinada aos estudos da dramaturgia em geral. Nesta última, trouxemos a público as publicações: Crítica teatral (In)convencional, 2022; Iconografia teatral/performativa Amazônida, 2023, ambas de autoria de Raphael Andrade, colaborador do projeto desde 2021 e mestre em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes (PPGARTES-UFPA). E, fechando o ano de 2023, reunimos mais peças do Ramon Stergmann, neste e-book, Peças Teatrais de Ramon Stergmann, v. 4/2023. Ramon v. 5/2024. E, no presente livro, v.1/2025, Peças teatrais de Raimundo Alberto.

Bene Martins

Projeto Memórias da Dramaturgia Amazônida:
construção de acervo dramático.

Idealizadora e coordenadora: Bene Martins

Coleção Teatro do Norte Brasileiro
Programa de Pós-Graduação em Artes

